

Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, S. J.. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574).

José Adriano de Freitas Carvalho
Universidade do Porto

*...una filologia senza fantasia è come l'arte senza intuizione*¹

I – Não será uma novidade – e muito menos um exagero – dizer que a pregação em Portugal no século XVI, mesmo a da segunda metade do século – apesar de aqui e então se ter escrito um dos mais influentes tratados destinados à formação do pregador: o *Ecclesiasticae Rhetoricae, sive de ratione concinandi libri VI* (Lisboa, Antonio Ribeiro, 1576) por Fr. Luis de Granada² –, mesmo contando alguns raros exemplos para que chamaram a atenção, desde pontos de vista diferentes, mas complementares, os trabalhos de João Francisco Marques e Federico Palomo³, é ainda uma quase tábua rasa à espera não de uma defesa, mas de uma ilustração⁴... Uma ilustração que terá de passar não só pela leitura e edição dos poucos sermões impressos que nos chegaram, mas também pela mole de muitos manuscritos que ainda conservamos e também por todo um minucioso trabalho de arqueologia que vá resgatando de crónicas, memórias, relatos

¹ Romeo DE MAIO, *Rinascimento lievemente narrato*, Napoli, 1993, 213.

² Alfonso MARTÍN JIMÉNEZ, *La retórica clásica al servicio de la predicación: “Los seis libros de la Retórica eclesiástica” de Fray Luis de Granada in Retóricas y poéticas españolas. Siglos XVI-XIX* (Coord. de Isabel Paraíso), Valladolid, 2000, 11-46.

³ João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*, Porto, 1986; Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, Lisboa, 2003 (Citaremos sempre esta última obra por *Fazer dos campos escolas excelentes*).

⁴ Francisco HENARES DÍAZ, *Fray Diego de Arce. La oratoria sagrada en el Siglo de Oro*, Murcia, 2001, 443, referindo-se à mesma questão no âmbito da investigação em Espanha, assinala que também só nestes últimos anos «estamos asistiendo al remedio de tanto olvido».

de festas, livros de espiritualidade, correspondência, livros de confrarias, etc., os fragmentos – às vezes, também peças acabadas – da actividade e da palavra dos pregadores desses dias. Recordemos alguns exemplos desse trabalho futuro. Na correspondência da Companhia de Jesus podem encontrar-se muitas alusões, por vezes extensas, a sermões que deram brado quer pelos seus fructos – muitos dos das chamadas «missões de interior» já foram muito bem explorados⁵ – quer pelos «trabalhos» que, mesmo se momentaneamente, acarretaram nas relações com as autoridades eclesiásticas. Seja o caso de um destes últimos, um sermão que o «popular» – e discutido – P. Luis Álvares⁶ pregou na capela real em dia de S. Tiago (25 de Julho) de 1586 e que foi, por alguns, malevolamente entendido como um ataque ao arcebispo de Lisboa e futuro vice-rei de Portugal, D. Miguel de Castro (1585-1625), em matéria relacionável com a residência episcopal, ponto em que próprio pregador, em relato de que se conserva o autógrafo, resume e esclarece as suas palavras e o seu sentido⁷... Por outras fontes conhecemos o único sermão impresso do pregador de que nos iremos ocupar – ele que tanto pregou –, pois aparece esquecido numa *Relação do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se leváram à igreja de S. Roque da Companhia de Jesus aos 25 de Janeiro de 1588* (Lisboa, Antonio Ribeiro, 1588). Outro tanto se pode dizer de um dos raríssimos sermões de um grande e devoto prelado desse tempo e admirador de Inácio Martins, Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra, que se encontra também numa outra *Relaçam do solenne recebimento das santas reliquias que foram levadas da see de Coimbra ao Real Mosteyro de Santa Cruz* (Coimbra, Em casa de Antonio Mariz, 1596),

⁵ Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...* aproveitou sabiamente alguns de Luis Álvares († 1590), Gaspar Afonso († 1618) e Gaspar Fernandes († 1640).

⁶ Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, II, 1, Porto 1939, 365-369 extracta o sermão de Luis Álvares proferido quando se conheceu em Lisboa a perda de D. Sebastião; João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*, ed. cit., 68-71 extracta e discute o célebre sermão que Luis Álvares teria pregado a Filipe II subordinado ao tema *Qui videt me, videt et Patrem meum* e Francisco CAEIRO, *O arquiduque Alberto de Áustria, vice-rei e inquisidor-mor de Portugal, cardeal legado do papa, governador e depois soberano dos Paíse Baixos. Historia e arte*, Lisboa, 1961, 522-531 publica um outro não menos célebre sermão de Luis Álvares «animando à defesa do Reino» pregado em Évora em 12.5.1580 de que Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, II, 1, Porto 1939, 438-440 tinha já oferecido alguns extractos.

⁷ ARSI, *Lus. 69 (1586)*, fl. 284r-286v: «Enformacion de lo que paso el P.e Luis Alvares com el Arçobispo de Lisboa, que el mismo padre escrivio a 27 de Agosto de 1586». No mesmo maço há uma carta de Pedro da Fonseca (12.9.1586) e outra do Provincial Sebastião de Morais (17.9.1586) sobre o mesmo assunto.[Em todas as transcrições documentais, para além de alguma adaptação técnica, desdobramos as abreviaturas e aproximamos do uso actual o emprego de maiúsculas e minúsculas].

obra que encerra um sermão do Cónego Regrante, D. Miguel dos Anjos⁸... A estes quatro exemplos de textos a recuperar, juntemos a celebração das vitórias de D. Luis de Ataíde, Vice-rei da Índia, que, perante a corte e o vice-rei regressado, celebrou o P. Inácio Martins num seu sermão em S. Domingos de Lisboa, em 25.7.1572, que incluiu, provavelmente por ordem régia, a leitura «verbo a verbo» de uma relação das mesmas façanhas⁹. Tal como estes exemplos de um tipo de trabalho que urge empreender, o caso que tentaremos apresentar também não será, infelizmente, um verdadeiro contributo para tornar menos rasa a tábua da história da parenética portuguesa da segunda metade do século XVI, pois o caso que procuraremos expor, por tão particular, serve sobretudo para ilustrar o contexto de alta pressão política e social em que foram pregados muitos sermões que hoje nos escapam e para sugerir algumas notas da evolução das sensibilidades sociais dentro da própria ordem religiosa, a Companhia de Jesus, a que pertencia o pregador. De passagem, poderemos tentar ilustrar um pouco melhor não só um pregador célebre para os seus contemporâneos – tão célebre que a sua

⁸ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa Cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia.*, in *Via Spiritus*, 8 (2001), 95-155, em que vem analisados os três sermões.

⁹ Pero Roiz SOARES, *Memorial* (Leitura e revisão de Manuel Lopes de Almeida), Coimbra, 1953, 64-66 que citamos adaptando, por motivos técnicos, um pouco, a grafia de algumas palavras); Diogo Barbosa MACHADO, *Memorias para a historia de Portugal que comprehendem o governo delrey D. Sebastião*, III, 2, 15, Lisboa, Regia Officina Sylvianna, 1747, 444-445 refere que «subio ao pulpito o Padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, onde para eterno monumento de tão grande Heroe, lhe erigio huma estatua de artilharia, que em tantos combates terrestres, e navaes, ganhara o seu incomparavel valor. Ornava-se o seu pedestal com diversos quadros, em que se admiravão dibuxadas as suas mayores façanhas». O Abade de Sever evoca depois esses «diversos quadros», mas não parece possível saber se está a tentar sugerir os comentários que o pregador foi fazendo a cada uma das «façanhas» ou se estas estavam efectivamente pintadas e o pregador as ia comentando. Terá Barbosa Machado conhecido o texto do que diz ter sido uma «elegantissima oração»? O mais provável é que, como diz José Pereira BAYÃO, *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do Senhor Rey D. Sebastião...*, Lisboa Occidental, Antonio de Sousa da Sylva, 1737, 2, 27, 258, o Padre Inácio Martins, pregando «com grande espirito, incitando a todos a dar graças a Deos por tantos favores, e mercês, e discoreo sobre aquella materia, referindo em sustancia todos os ditos successos...». De qualquer modo, este *modus* de sermão – a catalogar entre os pane-giricos? – em que se liam e comentavam as *gesta* que os motivaram e justificavam, talvez se possa aproximar do *modus* da parenese que já explicando os «passos» devotos (*gesta sacra*) expostos sobre que incidia o sermão, de que há exemplos, como chamaremos a atenção, nas pregações de Inácio Martins e em ilustrações da época. Teria havido sermões em que, além da sua leitura, se viam pintadas as *gesta* para melhor ilustrar as palavras do pregador? Não sabemos, mas sabemos que, mais tarde, muita emblemática terá cumprido essa função, como se vê em *Emblemas e Poesias com que se adornou a Casa Professa do Bom Jesus de Goa, quando nelle se celebrarão as Exequias do Illustris. e Excellentis. Senhor D. Luis de Menezes, Conde da Ericeira, Marquez do Louriçal, segunda vez Viso-Rey, e Capitão Geral do Estado da India* (s. a, s. 1., s. i.).

morte em 28.2.1598¹⁰ foi tida como um dos de castigos de Deus anunciados por um eclipse da lua em 20 de Fevereiro de 1598¹¹ a que se juntaram outras desgraças também prognosticadas por eclipses do sol a 7 de Março e outro da lua a 16 de Agosto¹²... –, mas também um jesuíta que em Portugal se dedica, com um afínco tal desde 1581 que os superiores se verão na necessidade de o moderar..., aos dois ministerios – a pregação e a catequese – que, dentre os seus *consueta ministeria*, a Companhia de Jesus tinha, desde sempre, privilegiado como defidores da sua vocação específica¹³

¹⁰ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 1, Porto, 1931 nota 3, recorda que «nos *Obituários... de São Roque*» se dá como falecido em 28.2.1598, mas que «no *Livro das sepulturas* do Colégio de Coimbra» se regista a sua morte em 8 desse mês de Fevereiro, certamente por lapso, pois o então reitor do colégio de Coimbra da Companhia, P. João CORREIA, «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» (Coimbra 27.3.1598) in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, (Reconstituição do texto e notas do ms. da BPMP, por José Pinto), Porto, 1942, 115 afirma que «ontem ultimo de Fevereiro a huma hora depois do meio dia levou Nosso Senhor pera si a alma do nosso bom Padre Ignacio Martins»; curiosamente, o mesmo erro passou para Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas, Tomo I*, Lisboa, Officina Craesbeekiana, 1652, 378-379, 382 em que, aliás, se faz a mais completa enumeração da bibliografia devota e catequética de Inácio Martins a que muito deverá Barbosa Machado (Citaremos sempre a obra de Jorge Cardoso abreviadamente por *Agiologio Lusitano*, seguindo a edição facsimile que dela ofereceu, acompanhada de um volume com excelente Introdução e magníficos Índices, Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, 2002).

¹¹ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 349 que certamente conheceu a carta em que o Padre João Correia narrou a morte de Inácio Martins, comenta: «primeiramente porque ficassemos mais as escuras sem um lampadairo da Igreja de Deos que neste tempo floresia em santidade que era hum padre da companhia de Jezus de sam Roque a que chamavaõ Mestre Inaço santo na vida santo na morte nolo levou Deos logo com o primeiro eclipse de Março da dita era fallessendo em Coimbra donde foy pregar a coresma o qual não avia poderenno enterrar com o grande consurso de gente que na tumba e no seu corpo pegava cortandolhe da vestidura tocando contas lenços capas chapéos sem no poderem enterrar sendo forçado tornalo a meter núa cassa ate o outro dia antemenhã que foy sepultado»; em Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Colegio da Companhia de Jesus de Coimbra em Portugal*, Evora, na Officina da Universidade, 1719, 418 pode igualmente colher-se este ângulo da visão que os contemporâneos tinham deste «santo vivo»: «Dizia a gente toda, que depois da destruiçam del-Rey Dom Sebastiam em África, Deos lhe deixara ao Padre Mestre Ignacio pera alivio, e refrigerio de seus trabalhos, e affliçoens, consolação de Lisboa, e de todo o Reyno». (Citaremos sempre, sem mais, a obra de A. Franco por *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*).

¹² Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 348.

¹³ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, Milano, 1999, 10, 23, 113, 127-139.

II – Deste homem¹⁴ «alto», «robusto de membros» e «moreno» – tão moreno que chegava a dizer-se «negro»¹⁵ – e «torto»¹⁶ – estrabismo que compar-tia com um Fr. Bartolomeu dos Mártires – que, em carta a Simão Rodrigues¹⁷, se autoretrata como «rebusto de membros, aspero na vos»¹⁸ – os superiores diziam-no «naturalmente bien dispuesto»¹⁹ e as crónicas de «boa graça»²⁰ – e que gos-tava de lembrar as suas humildes origens – «tenho rosto de pastor, meu pai era mui pobre, eramos muito pobres»²¹ – de uma aldeia de Gouveia, nas faldas da Serra da Estrela, pelo que, di-lo ele ainda, era «curtido de ares, serrano no gesto»²², irmão de um bispo de Angra, D. Manuel de Gouveia que só por morte (1596) não o foi de Portalegre, que não apreciava estas e outras humildades de Inácio Martins²³..., e cuja família acabou, ainda nos seus dias, por ter algum

¹⁴ Para a evocação biográfica de Inácio Martins aproveitamos, resumidamente, alguns dos dados que fornecem os antigos cronistas e alguma documentação do ARSI, pois o anónimo *Da vida e virtudes do santo varão Mestre Ignacio Martins* (BPE. Cod. CIX/2-13 n.º 7), além de a começar em 1555, apenas dá alguns pomenores de interesse e um resumo de duas cartas de Roma e de Alemanha que referiremos mais adiante.

¹⁵ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 428.

¹⁶ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 428, 434.

¹⁷ Seria interessante apurar algum dia a posição de Mestre Inácio Martins face aos graves conflitos que suscitou a figura de Simão Rodrigues na província portuguesa da Companhia. Dir-se-ia que, pelo menos, sempre o reverenciou, apesar de alinhar pelas bitolas de Luis Gonçalves da Câmara (Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 306-308, 310-311): em 1573, escrevendo de Barcelona aos irmãos de Coimbra recorda-lhes que no colégio de Alcalá «de todos fomos recebidos com muita alegria principalmente do P. Mestre Simão que ali reside: não sei encarecer quanto todos nos consolamos de o ver e tratar» (BPE., Cod. CVIII/2-2, fl. 351r) e em 23.4.1574, em carta para o Padre Miguel de Sousa lembra um milagre eucarístico em Pádua de que «he testemunha não soamente Pádua, Roma, e Veneza, mas o P. Mestre Simão que conta este milagre aos yrmãos deste collegio infinitas vezes, e affirma que o vio na mesma igreja, e ouvio pregar este milagre em Roma, e outras partes» (BPE. Cod. CX/1-17, fl. 17v).

¹⁸ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 434, 435.

¹⁹ ARSI, *Lus. 43 (1540-1579)*, fl. 97v: «Rol de los Padre y hermanos del Colegio de Evora: P. Maestro Inacio – es de 28 años ha 12 o 13 que esta en la Compañia estudio 9 o 10 años humanidad, oyó el curso de las Artes y 5 años de Theologia. Ha tres años que lee aquí el curso de las Artes, en todo lo qual está muy adelante tiene muy buen ingenio, empero no es de tanto juizio como tiene de ingenio, tiene talentos para predicar, naturalmente es bien dispuesto, aunque con el trabajo del mucho estudio se halla muy flaco, y es necessario assi para su tratamiento corporal como para supo-lir con el curso que lee proveer de los medios que conviene para lo llevar adelante s. darle sustituto dispensar con el en algunas reglas en el comer, y en el mas tratamiento diferente de los otros».

²⁰ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 421.

²¹ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 428.

²² Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 421, 128, 434, 435, fornece os elementos para a descrição que propomos.

²³ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 407.

relevo como cidadãos do Porto²⁴, passemos o seu *cursus academicus* – Mestre em Artes pela Universidade de Coimbra por força de decreto régio²⁵ e aí professor de Filosofia, disciplina que também ensinou em Évora onde se doutorou em Teologia (1570)²⁶ – e o seu *cursus honorum* – pregador real, dignidade de que,

²⁴ Cristóvão Alão de MORAES, *Pedatura Lusitana*, Porto, 1945, III, 2, 32-33, conhecedor da filiação de Inácio Martins por consulta do «livro de entradas dos Padres da Companhia», diz que Nuno Martins de Gouveia, irmão de Mestre Inácio, «foi cidadão do Porto» e que o filho deste, Manuel Gouveia de Faria, «era cidadão honrado do Porto». Alão de Moraes não regista um outro irmão de Mestre Inácio, de quem apenas sabemos que, porque «era sacerdote pobre» (Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 432), foi a Vila Viçosa «com pretexto de pedir ao Duque, e à Senhora Dona Catherina alguma igreja, ou remedio de vida», actuação que mereceu viva reprovação de Inácio Martins. Como o facto se deu depois da morte do Bispo de Angra, seu irmão, em 1596, poderá pensar-se que esse anónimo irmão viveria sob a sua protecção e que se viu na necessidade de procurar algum «remedio de vida». Ter-se-ia Inácio Martins recusado a proteger o irmão, ciente, como conta António Franco, de que «nos – deverá entender-se a sua família – nunca fizemos serviços ao Duque, por onde lhe mereçamos nada»? É uma hipótese, pois esse irmão, recorreu à valia do célebre Padre António da Conceição, mais conhecido por «Beato António», que, por essas datas (1596), «por amor do [«Padre Mestre Ignacio grande servo de Deos»], escreveu duas cartas – uma a D. Teotónio de Bragança e outra à duquesa D. Catarina – a recomendar esse «sacerdote mui virtuoso irmão do Padre Mestre Ignacio da Companhia de Jesus, e grande servo seu», conforme vêm em Fr. Luis de MERTOLA, *Extracto dos Processos que se tiraram por ordem dos Illustrissimos senhores ordinarios na forma do direito sobre a vida, e morte do Veneravel Padre Antonio da Conceição, Religioso da Congregação do Bemaventurado São João Evangelista deste Reino de Portugal*, Lisboa, Antonio Alvares, 1647, 93, 104. O mesmo genealogista, C. Alão de Moraes, também não lembra uma irmã (ou sobrinha?) de Inácio Martins, de nome Maria, casada com um F. Real, que foi mãe de Luis Real de Gouveia, autor de um interessante *Memorial* autobiográfico (datado de 10.7.1637, BPE. Cod. CXVI/1-18, fl. 51r-117v), dedicado a D. Manrique da Silva, marquês de Gouveia, de cujos filhos pretendia ser nomeado aio, em que revindica esse parentesco (fl. 54v): «Lembre que na Torre de Belem no anno de 1599, tempo de trabalho estando eu só com meu senhor [D. Juan de Silva, conde de Portalegre] por não aver outros criados mais que hum escrevente... Di M. Francesco Guicciardino gentil'huomo fiorentino, e ainda que eu não seja tão levantado, com tudo por sobrinho de Mestre Ynacio poderei tambem seguir seu bom exemplo e doutrina, e riquo de experiencia...».

²⁵ António José TEIXEIRA, *Documentos para a historia dos jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899, 217 publica ao texto da carta régia de 9.9.1556 «Para o reitor da Universidade de Coimbra dar o grau de mestres em Artes a certos padres da companhia de Jesus, sem se fazerem os autos, que manda nos estatutos» por «alguns justos respeitos, que a isto me movem, e pela boa informação que tenho das letras e sufficiencia dos padres, Marcos Jorge, Pero da Fonseca, Sebastião de Moraes, Pero Gomes, Jorge Serrão, Domingos Cardoso, e Ignacio Martins...»; Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, I, 1, ed. cit., 588-589 refere-se a este assunto que alguns «desgostos» acarretou à Universidade.

²⁶ João Pereira GOMES, *Os professores de Filosofia da Universidade de Évora*, Évora, 1960, 79-82; Friedrich STEGMÜLLER, *Filosofia e Teologia nas universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, Coimbra, 1959, 52; sobre a importância do magistério filosófico de Inácio Martins e suas possíveis relações com a obra de Luis de Molina, José María DíEZ-ALEGRÍA, *El conimbricense Ignacio Martins, S.J., y el concepto de Ley de las Lecturas de 1570 en la Universidad de Évora*

como gostava de lembrar, não tinha nem renda nem provimento²⁷, *doublé*, uma vez, de agente secreto para explorar, sob a capa de buscar relíquias, as possibilidades de casamento do rei Sebastião na Alemanha²⁸ – já que são aspectos muito bem documentados e conhecidos. Recordemos apenas que foi recebido na Companhia em 17.4.1547²⁹ por Simão Rodrigues que lhe mudou o nome de Vasco em Inácio³⁰, se formou em Sanfins onde foi, como o recordará um dia aos seus confrades de S. Roque, companheiro de outros grandes nomes da jovensíssima Companhia de Jesus – Inácio de Azevedo, Marçal Vaz, Gonçalo Álvares, Miguel de Barros³¹ – e que em 1558, estando como professor em Évora, os seus superiores, louvando o seu «buen ingenio», os seus avanços na Teologia, a sua aplicação ao trabalho, o seu «talento para predicar», também iam dizendo que «no es de tanto juizio como tiene de ingenio...»³² e algum aluno – «hum nosso», diz António Franco – tachava-o de «arrogante e soberbo»³³. De qualquer modo,

in *Actas do 1º Congresso Nacional de Filosofia*, Braga, 1955 [= *Revista Portuguesa de Filosofia*, 11,1955, 546-553]; J. S. da Silva DIAS, *O cânone filosófico conimbricense (1592-1606)*, Lisboa, 1985 [Separata de *Cultura - História e Filosofia*, IV], com as consabidas referências a Inácio Martins (9, 10) e importantes juízos sobre a valorização do magistério filosófico dos «conimbricenses».

²⁷ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, ed. cit., 432.

²⁸ Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, II, 2, ed. cit., 327.

²⁹ ARSI, *Lus. 43 (1540-1579)*, fl. 97v «Rol de los padres y hermanos del Colegio de Evora: nº 18: Ignacio Martins sacerdote recibido a 17 de abril de 1547».

³⁰ Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, I, 1, ed. cit., 408 onde se aponta que Simão Rodrigues procedeu de igual modo para com António Quadros, Jorge Serrão e Cristóvão Mendes aos quais, mudando-lhes o nome, chamou, respectivamente, Tibúrcio, Máximo e Valeriano. John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 378 não assinala estes casos que, ao parecer, se diriam estranhos. Será de ver neste gesto, pelo inusitado, um como que símbolo do temple monástico com que Mestre Simão interpretou, algumas vezes, a Companhia? Eduardo Javier ALONSO ROMO, *El legado escrito de Simão Rodrigues* neste mesmo volume, recapitula, criticamente, a bibliografia em torno da «questão Simão Rodrigues», personalidade que, como reconhece o mesmo autor, mereceria um cabal estudo monográfico que completasse a visão que dele oferecem Francisco Rodrigues, José Carlos Monteiro PACHECO, *Simão Rodrigues, iniciador da Companhia de Jesus em Portugal*, Braga - S. Paulo, 1987 e José Vaz de CARVALHO, *Simão Rodrigues: 1510-1579* in *AHSI*, 59 (1990), 295-313.

³¹ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 1, 577, 588 aponta alguns dos que se formaram em Sanfins, mas a sua perspectiva histórica não coincide – naturalmente – com as recordações de Inácio Martins.

³² ARSI, *Lus. 43 (1540-1579)*, fl.97v.

³³ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, ed. cit., 429. Esta opinião, conhecida de Mestre Inácio, levou-o a solicitar do reitor do colégio de Évora a sua dispensa como professor. Não sabemos se tal dispensa se verificou neste contexto, mas sabemos que «o Padre Ignacio Martins nam continuou as cadeiras, porque a obediencia se servio delle pera os pulpitos...» (Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, ed. cit., 403).

estes juízos de 1558 estariam bem superados em 1566 quando fez a «profissão de quatro votos»³⁴ e por ser, em 1572, um dos eleitos, com o agrado do «bando» dos rigoristas, para ir à congregação geral da Companhia que, por morte de Francisco de Borja, viria a eleger Everardo Mercuriano, se viu especialmente encarregado daquela missão secreta por parte do rei, o que sugere a confiança que nele – e no seu juízo... – se depositava³⁵... Dessa viagem, para além de muitas relíquias que trouxe³⁶ e de outras que desejou³⁷, deixou cinco cartas que sendo, antes de mais, um atento e edificante itinerário de *magnalia Dei* – relíquias e seus santuários, milagres e casos raros – a ler num contexto de enfrentamento de Reforma / Contra -Reforma, também fornecem preciosas observações

³⁴ ARSI, *Lus. 43 (1540-1579)*, fl.260 r: «Lista de los que estan en S. Roque: Lo que de nuevo se offerece informar despues de las informaciones que se embiaron en el año 1565: 1567 - El Pe. M. Ignacio Martinez hizo profession de quatro votos en las manos del Pe. Leon Henriquez Provincial en esta casa de S. Roque primero de Noviembre de 1566».

³⁵ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 403, indica que os eleitos foram os padres Miguel Torres, confessor de Catarina de Áustria; Luis Gonçalves da Câmara, confessor do rei, que por vontade de D. Sebastião acabou por não ir; o provincial Jorge Serrão que, por estar doente foi substituído por Leão Henriques, confessor do cardeal Henrique; Pedro da Fonseca e Inácio Martins. Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, 297, 307, 308 depois de historiar o enfrentamento entre os partidários do rigor e os partidários da suavidade ou brandura, inclui Inácio Martins entre os mais zelozos seguidores do «partido» que encabeçava o difícil, para não dizer terrível, Luis Gonçalves da Câmara que, devido à confiança que mereceu a Inácio de Loyola, sempre parece ter-se julgado o guardião em Portugal da fidelidade da Companhia às suas origens. O carácter secreto da missão de que se viu encarregado Mestre Inácio terá certamente aconselhado que fosse confiada a alguém cujas as relações com a corte fossem menos oficiais e mais discretas que a dos confessores da rainha e do cardeal, pelo que haverá que explicar a escolha de Inácio Martins, face a um Pedro da Fonseca que, pese a seus méritos, nem sempre será figura grata. No ARSI (*Epist. Lus. 72*, fl. 199-200), conserva-se uma bem significativa carta «de regressu Patris Fonseca in provinciam» em que, em 8.7.1594, o P. João Correia (provincial entre 1588 e 1592, segundo J. Vaz de CARVALHO *sub voce* «João Correia» in *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus – Biográfico-temático*, I, Roma – Comillas, 2001, 964) expõe algumas atitudes pouco edificantes de Pedro da Fonseca e dúvidas acerca conveniência da sua vinda para a província.

³⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 2, 327.

³⁷ Inácio MARTINS, Carta de Roma não datada (fins de Abril de 1573) aos «Muito Reverendos Padres e charissimos Irmãos» de Coimbra, BPE., Cod. CIX/2-13, nº 7, fl. 99r: «Em a igreja de S. Sebastião vi o altar em que o anjo apareceo a S. Gregorio estando celebrando e lhe prometeo que Deos merces, etcoet. Debaixo deste altar esta o corpo de S. Sebastião, não se mostra, mas vimos duas setas hũa inteira e da outra apenas o ferro somente, a qual desejei pedirse pera peçoã desse reino...». Seria uma destas a seta que, segundo Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas, Tomo I*, ed.cit., 204, Gregorio XIII ofereceu a Sebastião de Portugal? Que papel terá tido o desejo de Mestre Inácio Martins, pregador do rei nesta lembrança?

sobre paisagens, ruínas, costumes, festas, personagens, perigos, esperanças de recuperação da Alemanha para a fé católica por obra da Companhia e casas e colégios do seu instituto com que o viajante foi contactando, livros comprados e textos copiados, informações de velhos guizpucoanos que tinham conhecido Inácio de Loyola antes e depois da sua conversão, um todo que, com as limitações que quisermos, delas faz um singular documento da literatura de viagens pela Europa desses dias³⁸. Entre 1571 e 1578, à parte o ter embarcado na armada que se propunha combater a pirataria na costa portuguesa (1571)³⁹ e accompan-

³⁸ Sobre esta viagem deixou Inácio Martins cinco cartas escritas entre 23.2.1573 e 23.4.1574; o texto da 1ª (Barcelona, 23. 2.1573) existe na BPE: Cod. CVIII /2-2, fl. 350r-355r; o da 2ª (que, segundo notícia do P. Pedro da Fonseca que a enviou aos destinatários – «os Irmãos do Colegio da Companhia de Coimbra» – ficou escrita sem «data, nem sinal» quando, em fins de Abril de 1573, Inácio Martins partiu de Roma para a Alemanha) está também na mesma BPE: Cod. CIX/2-13, nº 7, fl. 102-105 da numeração moderna a lápis, e com erros de leitura e algumas curiosas supressões no Cod. CVIII/2-2, fl. 362v-368v, havendo ainda outro incompleto no Cod. CIX/1-15, fl. 1r-5r da referida BPE; o da 3ª (Anvers, 21.9.1573) conserva-se na BPE: Cod. CIX/2-13, nº7, fl 98-105 da numeração moderna a lápis; e na BGUC: ms. 584, fl. 195r-198v (excelente exemplar) e ms. 505, fl. 41-50; e na BPE: Cod. CX/1-17, nº 13 , fl. 5v-10v; o da 4ª, escrita ao P. Miguel de Sousa (Coimbra, 23.4.1574) conserva-se na BPE: Cod. CX/1-17, 12v-17v; o da 5ª, enviada aos Padres de S. Roque (Coimbra, 23.4.1574) encontra-se na mesma BPE: Cod. CVIII/2-2, fl. 393v-398r. Na BPE.: Cod. CVIII/2-2, fl 393 há ainda um breve extracto «De hũa carta do Padre Ignacio Martins... de Roma a 28 de Abril de 1573» cujo texto completo desconhecemos. O extracto refere-se à eleição do Propósito Geral Everardo Mercuriano «em dia de S. Jorge», isto é, 23.4.1573 e às visitas que «hoje» (24.4.1573) fizeram ao novo Geral «o cardeal de Sãs» (Sens) e o embaixador de França e ainda à «opinião» que o cardeal de Como, segundo o declarou a «hum padre antigo», tinha sobre a futura acção do novo eleito na «recuperação de França». O trecho coincide largamente com idêntica passagem na 2ª carta, mas contém algum pormenor (como estes relativos aos cardeais de Sens e de Como) e a ocultação do nome do «padre antigo» que na 2ª carta parece poder identificar-se com o «Padre Mirão». Tudo isto e alguns acontecimentos deste período que traz António Franco parece revelar que, além das cinco referidas, Inácio Martins, durante a sua viagem, escreveu outras cartas que ainda não conhecemos. Publicamos em apêndice as quatro primeiras cartas e, porque são largamente iguais, daremos em nota as variantes mais significativas que apresenta a enviada aos Padres de S. Roque (5ª) em relação à escrita ao Padre Miguel de Sousa (4ª). Deixando para outro lugar as questões sobre as possibilidades de algum desses exemplares acima inventariados ser o original e outros problemas que levanta a edição de este epistolário, optamos aqui, por razões de economia, por publicar os textos cujas lições são mais completas. Esperamos poder vir a dar uma edição destas mesmas cartas que tenha em conta as diversas lições textuais, pois representam um género em que não abunda a literatura portuguesa de viagens do século XVI e que, apesar da atenção dada pelo autor a tantos testemunhos de bispos, párocos e missionários viajeiros, não parece ter sido tida em conta na fascinante obra de Daniel ROCHE, *Humeurs vagabondes. De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, Paris, 2003.

³⁹ Em o anónimo *Da Vida e virtudes do Sancto Varão Mestre Ignacio Martins* (BPE Cod. CIX/2-13, nº 7, fl. 87 de numeração moderna a lápis) relata-se: «No anno de 72 saindo da barra de Lisboa hũa armada de vinte velhas de que era capitão mor Pero Furtado de Mendonça [este nome

hado Sebastião de Portugal na sua primeira ida ao norte de África (1574)⁴⁰ – talvez esta experiência tenha também contribuído para que, como «todos os prudentes», pregasse contra a segunda e fatal empresa africana do rei⁴¹ – pouco sabemos de positivamente documentado sobre alguém que nunca manifestou vocação de «governos» e até era tido, em Roma, por inepto para eles⁴². Com os antigos historiadores da Companhia – aproveitemos para, com Francisco Rodrigues, exaltar a fiabilidade do Padre António Franco⁴³ –, podemos, porém, aceitar que entre o seu regresso de Roma a Lisboa em 1573 e o seu retiro em Coimbra entre 1577 e 1581 decorre um período que nos atrevemos a definir de «conversão interior»⁴⁴ que se evidenciou em dois aspectos da sua actividade: no abandono

está riscado e substituído entre linhas por João de Mendonça] pera limpar o mar e correr a paragem das Ilhas dos Açores a fim de recolher e mais segurar as naos da Índia à petição do dito capitão mor se embarcou na mesma armada o Padre Ignacio Martins levando por seu companheiro o Irmão Fernão Cardim que hoje he professo de quatro votos e esta neste reino depois de vir de Roma onde foy eleito procurador da provincia do Brasil aonde há muitos annos trabalha. Mostrou nesta armada o Padre Ignacio Martins seu espirito e virtude por hũa parte no recolhimento e modestia com que exercitava na conversação dos soldados estando o mais do tempo em seu camarote, dizendo que temia desedificar a gente pello grande exemplo que esperão dos da Companhia, tambem para lhe não ser molesto nem deminuir o respeito, e auctoridade que conservava com este recolhimento quando a seus tempos saisse como saia a tratar com os soldados falandolhe de Deos, e inçitandoos a fazer obras de virtude. Não tratava de tirar aos fidalgos todo o genero de jogo por escusar ociosidade e outros vícios mais damnosos. Mas depois de terem jogado hum pedaço se hia ter com elles e com sua boa pratica e conversação lhe fazia logo dar de mão ao jogo e ouvir com attenção o que lhe lia de hum livro spiritual com que os consolava. E para evitar ociosidades tratou de ocupar e entreter os fidalgos e soldados com hũa lição da esfera, que cada dia a certa hora lhe declarava. Pregava na nao...»; António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 441e Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, II, 1, Porto, 1938, ed. cit., 507 referem o embarque, mas não estes pormenores. Preferimos, contudo, a data aceite por Francisco Rodrigues. Fernão Cardim, provincial do Brasil em 1607, foi, como se sabe, quem recebeu António Vieira na Companhia de Jesus em 1623 (J. Lucio d'AZEVEDO, *Historia de Antonio Vieira*, I, Lisboa, 1918, 12, 208).

⁴⁰ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 406.

⁴¹ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 406.

⁴² António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 422 refere-se ao «pequeno e único governo» que, em 1567, teve Inácio Martins dos jesuítas que acompanhavam a corte em Almeirim e Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 309-310 transcreve o juízo da cúria generalícia sobre as suas aptidões governativas.

⁴³ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistencia de Portugal*, I, 1, ed. cit., 644 di-lo «bom investigador» e, efectivamente, de um modo geral, as suas afirmações são quase sempre controláveis quer pelas fontes que cita quer por documentação de arquivo que pudemos, em muitos casos, consultar para estas notas sobre Inácio Martins.

⁴⁴ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 406: «Se antes era bem ouvido, daqui por diante o foi melhor, e o ouviam como a homem sancto, e que a todos queria fazer sanctos. A sua vida sendo ate alli de hum bom religiosos, dalli em diante foi de homem que mui de proposito tratava da perfeição».

não só o do seu antigo modo de pregar em que procurava «o aplauso dos ouvintes mais que o proveito das almas»⁴⁵, mas também do modo tradicional do ensino da doutrina. Como sinal da sua mudança de estilo na pregação queimou os seus «floridos» sermões – Inácio de Loyola, mesmo que não aprovasse o gesto, teria, se pensarmos nas suas conhecidas críticas às «galas» do estilo de Robert Clays-son⁴⁶, felicitado a mudança.... –, pelo que ao ensino da catequese diz respeito, «começou a por em outra solpha e modo o ensinar a Santa Doutrina»⁴⁷ – passa, com todas as consequências de modos e meios, o seu ensino das igrejas para as ruas e praças⁴⁸ –, o que, para além do plano simbólico, está a sugerir que Inácio Martins, livre de encargos docentes numa Companhia que, desenvolvendo a sua vertente universitária, contava já por esses anos com um corpo de teólogos que iam além dos seus primeiros esforços⁴⁹, a esses dois ministérios se dedicou

⁴⁵ Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu na provincia de Portugal, e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os religiosos, que na mesma provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, Primeira parte*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645, 216 (Citaremos sempre esta obra por *Chronica da Companhia de Jesu, Primeira parte...*); Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 406, 426; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas, Tomo I*, ed. cit., 378-379 referem a visita de Inácio Martins às relíquias de Santo António em Pádua como momento decisivo desta «conversão» traduzida depois na sua mudança nos «estilos de pregação». Na carta que, desde Anvers, escreveu, em 21.9.1573, o P. Inácio Martins, depois de recordar a sua visita a Assis onde «adorou» o corpo do beato S. Francisco e viu «o cilício das sedas de camelo que trazia feito a modo de escapulario» e «o breviário por que rezava o qual na 1ª rubrica dezia: Breviarium secundum usum romanae ecclesiae», além de outras relíquias do mesmo santo e de Santa Clara, recorda que «em Padua vimos e cheiramos a sepultura de S. Antonio, e he tam grande a flagrancia de seu corpo que cheirão os marmores a pastilhas. Disse missa no altar onde esta o santo, pedindolhe nos alcançasse boa viagem», mas nada deixa transparecer sobre a impressão que, por ventura, lhe tivesse especialmente causado a vista da língua «fresca e inteyra daquele pregador».

⁴⁶ Ignacio de LOYOLA, *Cartas* (nº 147: Al Padre Roberto Claysson, Roma, 13.3.1555) in *Obras Completas*, Madrid, 1963, 920-921: «... me resuelvo a amonestaros con claridad y sin paliativos por el estilo de vuestras cartas. Ciertamente que son bien doctas y están muy adornadas; pero en el mismo ornato y lima echamos de menos el estilo conveniente. Porque una es la eloquencia, atractivo y gala del lenguaje profano, y otra la del religioso...».

⁴⁷ Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 406.

⁴⁸ Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, Primeira parte...*, 218-223; Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 407-412; Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 460-467.

⁴⁹ As já citadas obras de Friedrich Stegmüller, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI* e de João Pereira Gomes, *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora*, bem como os estudos de José María Díez-Alegria referenciados in *El conimbricense Ignacio Martins, S.J. y el concepto de ley de las Lecturas de 1570 en la Universidad de Évora*, e os já também referidos de J. S. da Silva Dias, *O cânone filosófico Conimbricense...*, poderão documentá-lo para Portugal. Aproveitando as sugestões de François LAPLANCHE, *Réseaux intel-*

inteira e devotadamente desde 1581⁵⁰. E, embora tenhamos que o analisar desde outro ponto de vista, podemos desde já confirmar os cronistas garantindo que dos mais de trezentos sermões seus que hoje se conservam, contados serão os anteriores a 1573... Por outro lado, alguma da sua correspondência está dedicada às suas preocupações pelos frutos da catequese e dos meios para os fazer crescer⁵¹ e sempre nos perguntaremos se, também neste campo, não poderá ter pesado, como confronto de experiências, o que viu durante a sua viagem a Roma⁵². O seu apostolado como «padre de doutrina» não só ocupou a maior parte da atenção dos seus antigos biógrafos, mas também recebeu recentemente

lectuels et options confessionnelles entre 1550 et 1650 in Les jésuites à l'âge baroque -1540-1640 (sous la direction de Luce Giard et Louis de Vaucelles), Grenoble, 1996, 88-114, poderia sugerir-se que Inácio Martins (c.1520-1598) pertence a uma geração bem anterior à de um Juan de Maldonado (1534-1583), de um Roberto Bellarmino (1542-1627), de um Gregorio de Valencia (1549-1603) ou de um Francisco Suárez (1548-1617), que, estudando e ensinando, não só contribuiu, graças também à grande mobilidade dos membros da Companhia, para consolidar e desenvolver um instituto religioso, mas também assistiu, desde Portugal, à substituição da rede intelectual que se estava a formar entre a Universidade de Coimbra e outras universidades europeias – Bordeus, por exemplo – por uma rede de colégios (Colégio das Artes, Colégio Romano, Colégio Germânico, Colégio de Clermont, por exemplo) e universidades da ou favorecidas pela Companhia de Jesus (Évora, Dillingen por exemplo) e tudo isto numa zona cultural e profissional homogênea e onde, por isso ou também por isso, as grandes polémicas controversistas em que a Companhia se viu envolvida apenas – geralmente falando – quase não tiveram mais que ecos e, muitas vezes, consequências repressivas.

⁵⁰ A data apontada, que Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assis-tência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 460 também regista, deve-se não apenas à precisa informação de Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 403, mas ainda à declaração do mesmo P. Inácio Martins que, como se recorda na «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 118 «que quando cuidava nos 40 annos que tinha pregado temia que na outra vida fosse bem castigado, mas nos 17 que na trouxe na mão a cana da santa doutrina não achava senão de se consolar e confiar em Deos que por sua misericórdia lhe daria o ceo...». Por referência a 1598, os 17 anos remetem-nos precisamente para 1581.

⁵¹ ARSI, *Lus. 70* (1587-1589), fl. 230r-230v carta de Inácio Martins a Claudio Acquaviva em 14.8.1587 relatando amplidão, sistematização e frutos do seu apostolado da doutrina e, porque todos «suspiran por un agnosdei de Roma», «por donde numerando los agnosdei que son necessarios para esta obra seria gran caridad mandarnos V. P. mil agnosdei pues el numero de los a quien se han de dar es tan grande, y Roma tan lexos...». Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 258-259 já chamou a atenção para esta carta que bem demonstra o empenho de Inácio Martins no «trabalho de doutrinação».

⁵² Bernard DOMPNIER, *La Compagnie de Jésus et la mission de l'intérieur in Les jésuites à l'âge baroque...*, ed. cit., 155-179 (161) apontou os esforços de Cristóbal Rodríguez no ensino da doutrina no sul de Itália, desde 1563; aliás, as cartas de viagem documentam «muitos costumes sanctos» que admirou (por exemplo, os disciplinantes que viu em S. Remo na Semana Santa e entre os peregrinos de Loreto) e que nos podem ajudar a explicar notícias que os cronistas, especialmente António Franco, apontam sobre esses «muitos costumes sanctos» que introduziu em Portugal (Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 418).

uma atenção nova que, confirmando-os, soube enquadrar a prática desse *consuetum ministerium* no quadro mais vasto das preocupações da Companhia de Jesus pelos *pueri et rudes*, preocupações que em tempos de Claudio Acquaviva receberam um novo impulso⁵³, o que, a estar pelas observações de algum jesuíta como João Correia, seria bem necessário⁵⁴... Apesar de não nos irmos ocupar da acção de Inácio Martins como doutrineiro, recordaremos quer o que, de carácter devocional (ladainhas ao Santíssimo Sacramento e à Virgem Maria etc.), juntou à *Doutrina Christãa* do Padre Marcos Jorge⁵⁵ quer ainda, em 1592, o seu

⁵³ Bernardette MAJORANA, «*Schola affectus*». *Persona e personaggio nell'oratoria dei missionari popolari gesuiti in Il volto e gli affetti. Fisognomica ed espressione nelle arti del Rinascimento* (a cura di Alessandro Pontremoli), Firenze, 2003, 183-251 e Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 245-287; F. J. Burckley, «Catequesis» in *Diccionario Histórico da la Companhia de Jesus. Biográfico-Temático*, I, Roma - Comillas, 2001, 713-717.

⁵⁴ Na carta já citada a Claudio Acquaviva de 9.7.1594 (ARSI, *Epist. Lus.* 72, fl.199-200), o anterior provincial (1588-1592), P. João Correia, entre «algunas cosas dignas de reformación, ultra las que en la congregación general se notaron», «la 4 es que la doctrina christiana, siendo intima substancia de nuestro instituto jacet, aut salte valde languet in Hispania, et in Italia (exceptis in genuensi et turonensi collegiis) y assi como V. P. hizo una Letra en que exhortava los nuestros a la reformacion de espiritu, y otra a hazer los Exerçicios spirituales, assi parece que era bien hazer otra en que exhortase eficazmente a se despertar este exercicio en general y en especial en los professos, los quales no cumplen como conviene con la obligacion de los 40 dias de la doctrina christiana, quando los hazen professos, y lo mismo digo de los rectores...». Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra...*, 441 refere que de Inácio Martins «o seu desejo era que todos os Padres Reytores da Companhia se occupassem em fazer a sancta Doutrina, e a zelassem muito. Indo pera Roma o Padre Luis Brandam, lhe deu o Padre mestre Ignacio hum papel escrito de sua mam, no qual pedia ao Padre Assistente João Alvares, que na ocasiã da Congregaçam pedisse aos Padres Provinciaes, e mais Congregados, que nas suas provincias zelassem muito o exercicio de ensinar a Sancta Doutrina». Francisco Rodrigues não parece ter anotado estes dados que, conjugados, poderão dar uma ideia mais precisa das necessidades e falhas sentidas – apenas por preocupação de zelo? – no ensino da doutrina que parece iam destinadas à Vª Congregação Geral (Roma, 3.11.1593-18.1.1594).

⁵⁵ A história – da sua génese à sua edição e fortuna editorial – da *Doutrina Christãa* de Marcos Jorge está por fazer, mas, tendo em conta as licenças da edição da *Doutrina Christãa* de 1592, podemos constatar que já as adições de Inácio Martins possuem uma licença de 1587, o que pode indicar que nessa data teria havido uma edição da *Doutrina Christãa* em que já apareciam. E levando em conta que em 1586 terá começado Inácio Martins, mais sistematicamente, o ensino da doutrina por grupos de adultos (presos, gentes da Ribeira de Lisboa, etc.) a nossa proposta poderá ter alguma viabilidade. Por outro lado, seria interessante verificar prioridades e influências num contexto de uma Companhia de Jesus em que a mobilidade de pessoas e de informação é um traço bem seu (John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 22, 98-100, 127-139 et passim) Por exemplo: o que aproveitou Jerónimo Ripalda para a sua *Doctrina Christiana* (Burgos, Filipe de Junta, 1591) de uma obra que, pode ser que não desde 1566 como sugerem quase todos os repertórios bibliográficos, antes de 1571 – data da morte de seu autor – já circulava e que não teve uma carreira editorial inferior à da sua congénere castelhana? Para além da estrutura, algumas das canções devotas são as mesmas e muito do texto é quase o mesmo, ainda que, naturalmente..., em tradução e, muitas vezes,

empenho junto dos superiores da ordem em que promovessem uma antologia de milagres marianos que servisse de apoio ao ensino da doutrina⁵⁶... Lembrava-se, certamente, dos muitos milagres da Virgem Maria que durante a sua viagem por Europa, como testemunham as suas cartas, foi apontando..., como, por exemplo, que em 1573, traduzira «brevemente verbo verbum» a história da fundação da igreja de Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza⁵⁷..., do livro sobre Nossa Senhora de Monserrat que, juntamente «com a pintura da montanha» enviara desde Barcelona para Coimbra em 1573⁵⁸..., que no ano seguinte desejava em Loreto «hum livro dos milagres» desse santuário e que tivera que contentar-se com ver «hum [livro] escrito de mão que fes hum nosso padre que o Padre Geral [mandava] rever pera se imprimir»⁵⁹..., da «tavoa» donde, em 1574, traduzira a história da fundação de Santa Maria in Portico em Roma⁶⁰..., de que em Anvers comprara o

mais sintético. Para a fortuna editorial da obra de Ripalda, será sempre de ter presente Juan M. SÁNCHEZ, *Doctrina Cristiana del P. Jerónimo Ripalda é intento bibliográfico de la misma. Años 1591-1900*, Madrid, 1909 e, desde outra perspectiva, Enrique Miret Magdalena e Javier Sábada, *El catecismo de nuestros padres: Astete-Vilariño, Ripalda e socialista: los textos que sentaron los valores de varias generaciones*, Barcelona, 1998, em que vem editado (151-240) o *Nuevo Ripalda en la Nueva España enriquecido con varios Apéndices por otro padre de la Compañía de Jesús. Con censura eclesiástica*, Editorial «Jerez Gráfico», Antonio Vico, 27, Jerez, 1951; Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 256-257, que assinala o exemplar da edição de 1592, não parece ter notado a aproximação que propomos. Do raríssimo exemplar da edição da *Doctrina Christã* de 1592 (Lisboa, Miguel de Lyra) que se conserva na Biblioteca «Marqués de Valdecilla» (*Fondo Antiguo, 19646*) demos (Porto, C.I.U.H.E., 2004) uma edição fac-simile acompanhada de uma breve apresentação que compreende um elenco das edições conhecidas até Abril de 2004; como, felizmente, em estudos *de re bibliographica* tudo permanece, quase sempre, em aberto, entretanto pôde assinalar-se ainda uma edição de 1824 (Lisboa, Morandiana) e outra de 1839 (Lisboa, Antonio Luiz d'Oliveira), reveladas por Cardoso MARTHA, *Um alfabeto curioso e A propósito dum abecedário e dum jantar. Três cartas in Feira da Ladra*, 1 (1929), 65-67 e 110-112 (111). A edição de 1824 vem assinalada em carta a Cardoso Martha, director da deliciosa revista, por João Cabral do Nascimento. (Agradecemos ao Prof. Jacobo Sáenz Hermida o ter-nos chamado a atenção para a primeira destas edições).

⁵⁶ ARSI. *Epist. Lus.* 71, fl 21- 22: Carta de Inácio Martins a Claudio Acquaviva em 11.1.1592 em que lhe propõe que «V. P. dee favor y calor para que se ayunen las fundaciones y principios notables y de edificacion de las casa de N. Sra^a que estan por el mundo con uno o dos milagros de los mas celebres que se hallaren en cada una de las dichas casas de la Virgen porque se entiende que sera obra de notable provecho y consuelo universal, y en especial puedo ser testigo de lo que veyo ha muchos años en este exercicio de la sancta doctrina, en que suelo muy amenudo relatar algunos milagros de la Virgen con notable aplauso y consuelo del pueblo...».

⁵⁷ Inácio MARTINS, Carta de 23.2.1573 que «escreveo de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra» BPE. Cod. CVIII/2-2, 352v-353r.

⁵⁸ Inácio MARTINS, Carta de 23.2.1573 que «escreveo de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra» BPE. Cod. CVIII/2-2, 354v.

⁵⁹ Inácio MARTINS, Carta de 21.9.1573 aos «Mui Reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos» de Coimbra, BGUC., ms. 584, fol. 195v.

livro da obra de Santo Ildefonso sobre a virgindade de Maria e de que em Toledo vira a pedra em que a Virgem falara ao santo⁶¹.... *A Historia dos milagres do Rosario, e de muitas e diversas devoções que sanctos e pecadores fizeram à Sanctissima Virgem e a Jesus Christo, nosso Salvador* (Évora, Manuel de Lyra, 1602) e as *Adicções a Doutrina Christã do Padre Marcos Jorge, compostas em varia historia de exemplos espirituales* (Évora, Manuel de Lyra, 1603) do seu confrade Padre João Rebelo muito deverão a essas recordações e a esse empenho de Inácio Martins⁶², que os seus contemporâneos conheciam antonomasicamente por «padre da doutrina», e que toda uma tradição identificou como autor da obra de Marcos Jorge⁶³. Curiosamente, como já sugerimos, o pregador, apesar da fama, recebeu muito menos atenção por parte dos historiadores da Companhia. Bem significativamente, Baltazar Tellez na sua *Cronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal* quando se demora a recolher provas da santidade do Padre Inácio Martins na esperança de o ver canonizado⁶⁴ acentua o seu apostolado de catequista não só junto dos *pueri*⁶⁵, mas também dos *rudes* – marinheiros..., braceiros..., presos..., galeotes..., negros..., ciganos (estes com pouco

⁶⁰ Inácio MARTINS, Carta não datada de 1574 aos «Muito Reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos» de Coimbra, BPE. Cod. CIX/2-13, fl. 100r-100v (numeração moderna a lápis).

⁶¹ Inácio MARTINS, Carta de 23.4.1574 «para o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha» BPE, Cod. CX/1-17, fl. 17r.

⁶² Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 256 também anotou estas adições.

⁶³ Cristóvão Alão de MORAES, *Pedatura Lusitana*, III, 2, ed. cit., 32 refere-se a «o p.e Ignacio Martins da Comp^a que fez a Cartilha».

⁶⁴ Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, Segunda Parte*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647, 255: «Estas cousas bastem por agora acerca do Padre Mestre Ignacio Martins, do qual ao diante, no anno em que Deos o levou pera sy, se poderá fazer mais larga mençam; e principalmente quando Deos for servido de o vermos canonizado; que sem duvida se alcançara, se houver o devido cuydado em se negocear na Rôta»; Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 412 refere «as conferencias, que se fizeram das virtudes do Padre Mestre Ignacio...», o que indica que se chegou a pensar seriamente na possibilidade de avançar com um processo em vista da sua canonização. E não deixa de ser curioso, confirmando a aura de santidade que o envolveu em vida, que, como aponta, depois de lembrar alguns milagres obrados por meio de suas relíquias, Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 446 «ouve neste Reyno tanta opiniam deste sancto homem e seu nome foi tão conhecido, que quando sahio beatificado nosso glorioso Padre Sancto Ignacio, cuidava a gente que era o Padre Mestre Ignacio Martins».

⁶⁵ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 420, quase como confirmação de que os *pueri* eram para Inácio Martins «os meninos», «os seus meninos», conta como prova do «amor que teve aos seus meninos»: «Huma vez apertava o companheiro com os meninos, pera os ter quietos, disse-lhe o Padre: Irmam, de que vos agastais? Respondeo, Padre, nam se querem aquietar estes rapazes. Entam lhe disse: Nam me chameis rapazes aos meninos, que so com este nome de si mais amoroso os chamava, e queria que os chamassem». Em um sermão,

efeito, «evidente sinal, de quam mã fazenda seja esta casta de gente»⁶⁶) – a quem, desde 1586⁶⁷, não só procurava ensinar a doutrina, mas também, como actividade complementarmente intrínseca, pregava⁶⁸. Teremos ocasião de perceber em algum dos seus sermões algum eco desta sua prática das obras de misericórdia⁶⁹.

não datado, mas que poderia ser de 1595 (Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 6271, fl. 58v-60v) «In die jubilei por hũas guerras do turco», pondera «que a nao de S. Pedro se ve em grande tormenta» por muitas culpas de «maos christãos», mas, retomando uma ideia sua querida, proclama: «Ouvi! Não a fazem os mininos de Lisboa, antes eles sustentão a cidade. Dizia Deos a Jonas: Como queres que destrua a Ninive honde ha cento vinte mil mininos?». Inácio Martins não era o único a dedicar-se ao apostolado dos *pueri*, mas, sim, o que de forma mais sistemática e enquadrada por meios pedagógicos mais evidentes e, muitas vezes, consequente e coerentemente envolvidos numa certa espectacularidade, o levou a cabo; anotemos, por exemplo, a dedicação de um certo Fr. Afonso, franciscano, que, segundo Miguel de Moura, que o conheceu bem e a quem profetizou a fundação do mosteiro das clarissas de Sacavém, à volta de 1570, «sendo geralmente avido por alienado do juizo andava fora da ordem permitindolho assi os prelados [...] edificava o povo porque a sua doudice deu em tão verdadeiro siso que trazia meninos apos si a que ensinava a oração e falava quasi sempre do ceo, as mais das vezes com tanto concerto que com razão podia parecer aos homens christãos e prudentes que o era tanto aquelle frade que se fingia doudo, como se lé que já alguns sanctos fizeram. E dizem que quando morreo conheceo a morte» (Miguel de Moura, «Memoria de fundação do Mosteiro de Sacavém» in Francisco de Sales Mascarenhas LOUREIRO, *Miguel de Moura (1538-1599. Secretário de Estado e Governador de Portugal*, Lourenço Marques, 1974, 582).

⁶⁶ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 415-416: «... hũa grande magoa o acompanhou, e foi o nam achar modo, pera trazer os siganos a Doutrina; que na verdade he evidente sinal, de quam mã fazenda seja esta casta de gente, pois hum homem cuja paciencia, graça, e modo podia dobrar penhas, nam pode amolgar a dureza das consciencias dessa gente tam escusada na republica, pois nam sam mais que hum Seminario de malicia, e ladroice. E com tudo, quando os Principes os querem extinguir, nunca falta, quem acuda por elles, e os abrigue. Porque como disse o outro, nam há loucura sem padrinho».

⁶⁷ ARSI. *Epist. Lus.* 69, fl. 233v: Carta de Pedro da Fonseca a Claudio Acquaviva em 22.5.1586: «hase añadido nueva doctrina a los vagabundos y otra gente baxa de la plaça o ribera, la qual sera de gran fructo y luego en la primera que el [Inácio Martins] hizo uvo gran applauso y satisfacion del pueblo y aun alegria de los mismos. Hazese un dia en la semana a la tarde un poco antes que la gente de la plaça se comience a recoger...»; segundo Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, Primeira parte*, 223 a doutrina aos «negros e mais gente preta» começou, seguindo um plano acordado com os «principaes da naçoens», em 1587.

⁶⁸ John W. O' MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 105 assinala e permite perceber como concebiam os jesuitas a relação intrínseca entre estes dois ministérios.

⁶⁹ John W. O' MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 124; Gigliola FRAGNITO, *Gli ordini religiosi tra Riforma e Controriforma* in Mario ROSA, *Clero e società nell'Italia Moderna*, Bari, 1992, 115-205 (137) em que convém destacar a alusão ao contributo da Companhia, já no século XVI, «al miglioramento o alla formazione del clero secolare curato», orientação de que, talvez, se possa encontrar um eco no sermão de Inácio Martins «ad sacerdotes», proferido na igreja de Santa Catarina (Lisboa), em 1587 (Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3501, fl.272v).

III – Se o que vimos sugerindo puder aceitar-se, não é menos certo que, como ficou aludido, a sua actividade de pregador foi igualmente intensa, intensidade que compartia com muitos da sua geração⁷⁰, mas que Inácio Martins deverá ter altamente exponenciado – quase se diria ter tido o dom da ubiquidade para compaginar o ensino da doutrina com os seus compromissos de pregador em diferentes lugares de Lisboa no mesmo dia⁷¹... – a ponto de, em 1587, o Provincial, Sebastião de Moraes, antigo confessor de Maria de Avis, princesa de Parma e futuro bispo do Japão, ter de moderar o que poderia dizer-se o seu *furor predicandi* que António Franco deixa entrever⁷². Com efeito, escreve Sebastião de Moraes a Claudio Acquaviva: «El Pe. Inacio Martinez hace mucho fruto con sus sermones y doctrinas, pero son tantas las veces que predica, y ocupase tanto en estos ministerios que me pareció necesario moderarle algo el trabajo, ansi para poder durar en el, como para menos deshonor de la casa, aunque no dexa de sentirlo, por el deseo que tiene de ayudar las animas, y tambien por la inclinacion, y gusto natural y pero como es hombre de bien conformase com la obra»⁷³. António Franco, ainda que apontando-as como simples críticas – que, evidentemente, Inácio Martins não tinha em consideração –, parece fazer-se eco deste tipo de esforços dos superiores e dos conselhos de alguns padres por moderar a sua actividade de pregador⁷⁴. De qualquer modo, a confirmá-la, aí estão os 4 volumes de sermões seus que, conservados pela Companhia quase como relíquias suas⁷⁵, hoje guarda a Biblioteca Nacional de Lisboa⁷⁶. São

⁷⁰ John W. O' MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 102, 104; Bernard DOMPNIER, *La Compagnie de Jésus et la mission de l'intérieur in Les jésuites à l'âge baroque...*, ed. cit., 155-179 (157); Roberto RUSCONI, *Gli ordini religiosi maschili dalla Controriforma alle supressioni settecentesche. Cultura, predicazione, missioni* in Mario ROSA, *Clero e società nell'Italia Moderna*, ed. cit, 207-274..

⁷¹ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 440.

⁷² Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 421: «Seu grande espirito sô abafava com o pouco trabalho. Sendo mandado a Coimbra pregar o Advento, e Quaresma, disse, que nam avia ocupaçam bastante pera elle em Coimbra com pregar os Domingos, e alguns outros dias, e fazer doutrina conforme a ordem do Collegio, porque em Lisboa a fora pregar muito mais vezes, fazia a Doutrina aos Domingos, e dias sanctos pella cidade, às segundas feiras fazia no Castello, a que acodiam os soldados castelhanos, às quartas a fazia na Misericordia aos pobres; outro dia da semana ensinava os homens do mar, e moços de trabalho que servem na ribeira. Hia tambem a Alfama, e visitava as escolas de meninos...».

⁷³ ARSI, *Epist.Lus.70 (1587-1589)*, fl. 124v.

⁷⁴ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 438: «Por ser tão frequente no pregar, que às vezes o fazia na semana quatro, e sinco vezes alem das Doutrinas, lhe disse hum Padre que seria bom tomar algum alivio: respondeo, que julgava de si que podia com aquelle trabalho...».

⁷⁵ No rosto de todos os volumes vem aposta, com alguma variante de somenos, a seguinte nota que pode justificar o que afirmamos: «Ordenou o nosso Pe. Geral Claudio Aquaviva que o Pe.

cerca de 2000 folhas manuscritas e mais de 300 sermões – este número engloba textos anulados, outros substituídos e alguns duplicados e um não pregado⁷⁷ –, dos quais 196 estão acompanhados da indicação do ano e do lugar e de outras circunstâncias em que foram pronunciados e 7 apenas do ano⁷⁸. O autor dos índices dos respectivos volumes, certamente em homenagem aos futuros seus utilizadores como textos para outros sermões – ainda que sujeita a algumas ironias nos seus dias⁷⁹, era, e seguiu sendo, uma prática corrente essa reutilização de textos impressos e manuscritos⁸⁰, como previu Inácio Martins ao anotar, em muitos deles, as ocasiões e assuntos para que poderiam ser aprovei-

Provincial Christovão de Gouveia applicase este cartapacio com outros tres que forão do P. Ignacio Martinz que Deos tem a livraria do Collegio de Coimbra, prhoibindo que nenhum provincial Visitador, e superior os possa della tirar e alenar. Oje 9 de Agosto 98. Christovão de Gouvea». Assinale-se que o Padre Cristovão de Gouveia era filho de Henrique Nunes de Gouveia, grande cidadão do Porto, que ofereceu «as casas em que vivia para se fundar o Collegio da Companhia de Jesus» nessa cidade. Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, III, 2, ed. cit., 447, que conhece as crônicas da Companhia, refere ainda que Henrique Nunes de Gouveia «morreo no serviço dos apestados a 22 de Março de.... E sua mulher morreo dahi a dez anos no mesmo dia e quando se foi a enterrar se achou o corpo do marido incorrupto e cheiroso».

⁷⁶ BNL. Cod. 3501, 3502, 3503, 6271 *in folio* (e não «em oitavo» como, por lapso, traz Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, II, 1, ed. cit., 490).

⁷⁷ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL, Cod. 3501, fl.325r: «Ainda que não se pregou as...» (a nota está praticamente ilegível por falta de papel roído). O sermão estava subordinado ao tema «Clausula est janua».

⁷⁸ De alguns, que não contabilizamos, apenas se nos indica o lugar, mas não a data. Em apêndice publicamos um quadro que, mesmo se merecedor de outras perfeições (extremos da foliação, por exemplo), pode patentear muito do que sugerimos sobre datas, lugares, temas e festas em que foram proferidos esses 210 sermões em que, como anotaremos, haverá que distinguir o que o pregador tinha por sermão e o que classificou de *concio ad patres* ou *ad fratres*.

⁷⁹ *Ditos portugueses dignos de memória. História íntima do século XVI anotada e comentada por* José H. SARAIVA, Lisboa, s.a., 173: «Un clérigo que pregava na Misericórdia chamado João Freire, quando alguns dias santos não pregava, ia ouvir ao Doutor António Pinheiro, do qual tomava muitas cousas de que depois se aproveitava, por ser o doutor um grande retórico. E o Chiado, sentando-lhe esta melhoria, disse que ele apanhava os retalhos de António Pinheiro e fazia deles boas mantas que as vendia por de Alentejo».

⁸⁰ Francisco TERRONES DEL CAÑO, *Arte o instrucción de Predicadores* (II, 1) in *Obras completas* (Estudio y edición de Francisco Javier Fuente Fernández), Junta de Castilla y León, 2001, 181-182 previne da inutilidade de muitos dos cartapácios de sermões: «Después que se me avía agotado la vena, leía los libros que el tiempo me dava lugar cerca del misterio, evangelio o sermón, y algunas vezes leý cosas manuscriptas, y siempre eche de ver que, si no son de algún predicador muy excelente y muy recogidas por algún oyente que entienda lo que recoge como lo escribe, viene a ser mejor el más ruyñ libro que el mejor cartapacio, y me maravillo como se gasta tanto tiempo y dinero en mercadería tan inútil»; Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 314.

tados⁸¹ – sistematizou-os, como tradicionalmente, segundo o tempo (*Dominicae per annum*), e santos (*festas sanctorum*) e *De cousas extraordinarias*, sistematização a que é totalmente alheia a disposição dos sermões nos manuscritos. Efetivamente, há que dizê-lo desde já, esse imenso legado, em larga maioria, mais do que textos completos são notas do seu autor não para sermões a pregar, mas apontamentos dos que pregou, aproximando-se, assim, da *reportatio*... E é fácil perceber, através de algumas notas do próprio autor – «Comecei assi o sermão da resurreição que fica atras e tomei a graca com esta authoridade...»⁸², «Preguei dia de sancto Antonio e disse assi: No evangelho temos estes dous meos. Lembrança de morte...»⁸³, «Isto pertence ao sermão da segunda Dominga do advento [...] que fiz em Coimbra em 1597»⁸⁴... – e de alguma didascália atinente à sua reutilização, que essas notas dizem respeito a sermões já pregados e que serviram ou podiam servir para outras circunstâncias do próprio pregador ou de outros pregadores⁸⁵. A sua conservação na livreria do Colégio de Coimbra, para além de veneração, pode significar isto mesmo. Por outro lado, essas notas e a

⁸¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., cod. 6271, fl. 47v: «Sermão da amizade. Podesse pregar Dom. 8 post Pentecostem... Podese pregar sexta feira de Lazaro...»; fl. 180r: «Sermão quando o Sancto Sacramento estava fora por necessidades de Franca e do regno. S. Roque. 1593. Podese pregar em dia de Sam Philippe Santiago»; fl. 224r: «Dom. 18 post Pentecostem. Em santa Katherina. 1590. Podese pregar Domingo de pascoela»; fl.257: «Dia de cinza. Pulvis est...Podese pregar em dia de S. Antonio; S. Roque; 11 mil Virgens»; fl. 413r: «O nascimento da Virgem. Em Santos-o-Novo.1590. Podese fazer este sermão em dia da apresentação da Virgem»; fl. 433r: «Santa Synforosa. Em S. Roque. 1591. Podese pregar de um martir»; Cod. 3502, fl. 179r: «Das onze mil Virgens. Podese pregar Dom. 8º post Pentecostem»; *id.*,fl. 434r: «Concio ad patres post octavam Eucharistiae. S. Roque. 1592. Podese pregar Dom. 2º post Pentecostem», são exemplos de que no decurso da nossa exposição ainda apontaremos mais algum.

⁸² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., cod. 3502, fl. 212. A nota continua ainda com a citação de Micheae 7, 8: *Ne laeteris inimica mea quia cecedi, consurgam cum sedero in tenebris Domius lux mea est.*

⁸³ Inácio MARTINS, *Pregação* em «Dia de cinza: pulvis est», B.N.L., cod. 6271, fl. 257r, com a nota seguinte: «N. podese pregar em dia de S. Antonio, S. Roque, 11mil virgens». Da didascália deste texto parece perceber-se que começou sendo um sermão de Santo António depois aproveitado (e reelaborado?) para uma Quarta-feira de Cinzas.

⁸⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL, Cod. 6271, fl. 45v. A nota completa como se segue: « Isto pertence ao sermão [ao lado: que fiz em Coimbra 1597. Fez fructo. Laus Deo] da 2ª dominga do advento, fol. 38 na volta honde diz a demasiada affeição a Egipto. Seguese o seguinte.»; Cod. 6271, fl. 56r em nota de pé de página: «Ajuntese isto ao ponto que esta na pagina que segue...».

⁸⁵ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., cod. 3501, fl. 404v-406r ao sermão na «Domin infra octavam Ascensionis, em S. Roque, 1586», após até um aviso mais prático (fl. 405r): «Podese começar daqui o sermão»... Em algumas pregações foram introduzidas notas que apontam a matéria considerada importante e em outros, como, por exemplo, *Pregações*, cod. 6271, fl. 33r-42r («Dom. 4 post Pentecostem») para além das chamadas para textos a introduzir e que vêm em nota, aparece sublinhado no próprio texto: «Outro aviso aos ouvintes».

formação dos volumes que as conservam, levantam sérios problemas que, evidentemente, não poderemos resolver aqui. Com efeito, para além do caos cronológico verificável não só num mesmo volume, mas no conjunto dos quatro, e de tipos de letras – há três em caligrafia pulcríssima e elegantíssima⁸⁶ – que não são fáceis de explicar quando nos damos conta de que os códices estão formados por cadernos e não por folhas soltas⁸⁷, há notas que, numa primeira abordagem, é difícil pensar que sejam do próprio pregador. Com efeito, um autor que, como vimos, recorda, em primeira pessoa, directamente, alguns desses textos e as suas circunstâncias – «Comecei este sermão...», «Preguei este sermão...», «Sermão que fiz...» – recordaria outros, nomenado-se em terceira pessoa, como «Pregações que fez o Padre Ignacio Martinz as sextas feiras a tarde no anno de 1596 em Santa Justa...»?⁸⁸ Possível é e os santos, nem por o serem, deixam de ter caprichos insondáveis, mas confessemos que, neste caso e por agora, preferimos esperar por outra explicação... Iria Inácio Martins recopiando os seus apontamentos? Teria, como era uso, alguém que os ia copiando para que ele os revisse? Os saltos na transcrição de alguns textos..., a brevidade de quase todos⁸⁹ – alguns pouco mais do que um resumo em que, como veremos, algumas citações bíbli-

⁸⁶ São a *Pregação funebre nas exequias d'Elrey D. Sebastião. 18 de Setembro 1578* (BNL, Cod. 3502, fl. 555-557), texto incompleto e de dois tipos de letras – uma delas muito parecida com a de quem escreve alguma das cartas de Inácio Martins – do sermão feito na sé de Coimbra; o *Sermão dos nobres* e o *Sermão da amizade* (Cod. 6271, fls. 46r-47v e 48r-50r respectivamente).

⁸⁷ O que afirmamos não obsta que hoje, por razões que não pudemos apurar, haja, em alguns dos volumes (Cod. 3501, 6271), algumas folhas soltas e escritas de uma só face.

⁸⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3503, fl. 273r; a epígrafe completa reza assim: «Pregações que fez o Pe. Ignacio Martinz as sextas feiras a tarde no anno de 1596 em santa Justa todas em certos passos da paixão e mostravase o passo no fim do sermão na capela de Jesus; 1ª do horto; 2ª a prisão; 3ª a coluna; 4ª o coração; 5ª Ecce homo; 6ª quando o puserão na cruz». No mesmo Cod., fl. 249r vêm as «Pregações que fez as quartas feiras da quaresma a tarde, todas de Nossa Senhora na paixão de seu filho na Igreja de Nossa Senhora da Victoria em Lisboa, e no fim da pregação mostravase o passo no altar: 1ª quando se despedio da Virgem sua mãy em Bethania pera yr padecer; 2ª quando S. João lhe deo a nova; 3ª quando encontrou com seu filho com a cruz as costas; 4ª quando na cruz disse, Mulher ecce fillius tuum; 5ª quando lhe abrião o lado com a lanca; 6ª quando lho puserão nos bracos – anno D. 1596». Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 329 lembra a prática destes «passos» na sermonária dos da Companhia de Jesus, mas não parece ter chamado a atenção para estes exemplos.

⁸⁹ Naturalmente, através da extensão dos textos, nunca poderemos avaliar da verdadeira duração dos sermões correspondentes e, no caso presente, não poderemos saber da duração dos que, utilizando esses apontamentos, faria o próprio autor em outras circunstâncias, ou outros pregadores que, eventualmente, os aproveitassem. Mas estaríamos em dizer que Inácio Martins, bem de acordo com as recomendações de um Juan Polanco (John W. O' MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 102), propenderia para a brevidade e andaria longe, seguramente, daqueles sermões que chegavam a durar duas, três e até quatro horas quer fossem de jesuitas quer fossem de um Dr. António Pinheiro que

cas nem sempre estão correctamente referenciadas⁹⁰, outros apenas um simples rascunho⁹¹—, os cortes, com traço, em algumas páginas e em notas laterais de muitos..., as chamadas, com sinal (+), para o texto que, em apertada nota⁹², vai ao lado e que, muitas vezes, há que introduzir no corpo do sermão..., parecem, tudo sumado, estar a sugerir um esforço de revisão nessas notas de sermões que foram feitos e não precisamente apontamentos originais para sermões a fazer⁹³... Ao contrario dos sermões impressos – ou, mais correctamente, da maioria dos sermões impressos – que, obviamente, pela elaboração a que foram, geralmente, submetidos, sugerem o que o pregador gostaria de ter dito, estes sugerem o que o pregador quis dizer mais do que, propriamente, o que disse... Pensava Mestre Inácio Martins reescrever essas notas para publicação? É uma académica hipótese..., mas tanto a sua actividade de pregador como a de catequista – e ambas

«teve tão rara eloquência que não havia quem não folgasse de o ouvir pregar duas horas e mais» (*Ditos portugueses dignos de memória...*, ed. cit., 300). Francisco TERRONES DEL CAÑO, *Arte o instrucción de predicadores in Obras Completas*, ed. cit., 245, afirma que «en España no se predica más de una hora, Adviento y Quaresma y todo el invierno, pero de Pascua de Flores adelante algo menos», duração bem tradicional se tivermos em conta que já Fr. António de GUEVARA, *Letra para Don Iñigo de Velasco, Condestable de Castilla, en la cual el auctor toca la brevedad que tenían los antiguos en el escribir* (Valladolid, 8.10.1525) in *Libro primero de las epistolas familiares* (Edición y prólogo de José María de Cossío), Madrid, 1950, 78, pondera: «digo que en el hablar, ni en outra cosa alguna no se sufre ya tasa, sino es en el sermón, que no ha de pasar de una hora...». De qualquer maneira, a duração do sermão foi questão sempre tida em consideração, como sugere a ilustração da *Rhetorica Christiana* (Romae? Ou Perusiae, P. Petrucium, 1579?) de Fr. Diego Valades, OFM., em que, à direita da gravura, se pode ver atrás pregador no púlpito um outro frade, melancolicamente apoiando a mão na face, segurando a ampulheta (Agradecemos ao Prof. Fausto Martins o ter-nos chamado a atenção para esta ilustração que, aliás, documenta igualmente a explicação de «passos» como os referidos em nota anterior).

⁹⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3501, fl. 298v.

⁹¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3501, fl. 317r-318r (Quinquagesima) com parágrafos mais ou menos elaborados que não disfarçam o rascunho do texto; id., fl. 393v («Em Vila Visossa, em hum jubileo vindo os turcos contra Hungria 1595 sendo papa Clemente septimo») com cortes, notas complementares a introduzir no texto, etc., são dois exemplos possíveis.

⁹² Para essas notas o pregador aproveitou, ao máximo, as estreitas margens do papel, tornando-as, muitas vezes, tão compactas como ilegíveis, a que há que juntar os traços separadores e a passagem de muitas delas de uma página para outra. Alguns exemplos, além dos que teremos que ter em conta nos sermões que analisaremos: Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3501, fl. 52v-54v («S. Mamede, em S. Mamede, 1589»); fl. 55r-57v («Reis, em S. Luis»); 58r-61v («Domin. 5 post Pentecostem»); fl. 62r-64v («Dos Innocentes»); fl. 68v-69r («Pratica aos padres e irmãos»); fl. 404v-406r («Infra octavam Ascensionis, em S. Roque, 1586»); Cod. 6271, fl. 22r- 27r («Anun-ciação»); fl. 55r-57v («Dom. 23»).

⁹³ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, II, 1, ed. cit., 390 e Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 315 falam, mas não no mesmo sentido, da importância de «apontamentos» para o pregador.

cultivou intensamente – e o seu emprego em outros ministerios – confessor, por exemplo⁹⁴ – não lhe dariam pausas para esse seu desejo, se, por ventura, o teve... Parece preferível pensar que procurou formar uma vasta colecção de sermões que, ao ser reutilizada⁹⁵, recordasse – para o dizer quase com as palavras com que Alfonso Salmerón pedia a Diego Laínez uma cópia do seus sermões *de cognitione sui ipsius* – «como os pronunciou e não como os escreveria»⁹⁶... As abundantes didascálias sugerindo as diversas aplicações do mesmo texto como base para outros sermões, a inclusão de um sermão não pregado, as simples e apressadas notas de muitos e os cuidados índices dos quatro volumes⁹⁷ parecem estar a sugeri-lo e a propor as afinidades que o pregador ou os pregadores poderiam descobrir e explorar e que poderão ser uma causa quer de tanta falta de originalidade quer de tantas originalidades – audazes ou ridículas – que, uma e outras, incompreendidas as suas origens e as suas finalidades, ditaram, tantas vezes, o abandono do estudo sistemático da parenética dos séculos XVII e XVIII. E o provincial Cristovão de Gouveia parece que assim compreendeu o valor dessas relíquias que, se não recordavam a voz, documentavam a febril actividade do pregador e forneciam temas – a sempre desejada matéria predicável – ou textos a explorar ou a repetir por outros pregadores jesuítas que assim, juntamente com agostinhos..., franciscanos..., carmelitas..., cruzios... – todos pregavam no campo ou nas cidades e mais nas cidades que no campo⁹⁸ – iam contribuindo, de

⁹⁴ Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra*, 221, 441.

⁹⁵ Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 315-320 abordou, pertinentemente, esta importante questão que poderá ajudar a perceber um pouco melhor a falta de «originalidade» em tantos pregadores...

⁹⁶ M. SCADUTO, 2^o *General: Diego Laínez in Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús, Biográfico-temático*, II, ed. cit., 1603 lembra que Salmerón pediu a Laínez, antes de 1561, uma cópia desses sermões com a nota: «como los ha pronunciado, no como los ha escrito».

⁹⁷ Mesmo dando por descontado que um leitor ou um pregador contemporâneos poderiam manejar muito mais facilmente do que nós hoje um vasto e caótico *corpus* de sermões manuscritos como o de Inácio Martins, será sempre de crer que daria graças aos autores dos índices que enormemente lhe facilitavam a consulta. E uma superficial comparação com o volume que resta (o 2^o) dos sermões do P. Gaspar Fernandes (BNL., Cod. 3021) com os seus textos pulcramente copiados não fará mais, mesmo tendo em conta o mau estado do manuscrito, do que confirmar o que sugerimos das penas que passaria quem se propusesse servir-se das notas de Mestre Inácio Martins...

⁹⁸ Antonio MARTÍ, *La preceptiva retórica española en el Siglo de Oro*, Madrid, 1972, 153, comentando as recomendações de Alfonso García Matamoros († 1572) acerca da importância para os pregadores «entrar en las tabernas a oír los gañanes a hablar con su próprio vocabulario», anota que «sabemos por otros tratadistas de retórica que la mayoría de los predicadores procuraban por todos los medios posibles huir de los pueblecitos y marchar a las ciudades, donde había ya demasiados». Francisco TERRONES DEL CAÑO, *Arte o instrucción de Predicadores* (II, 1) in *Obras completas*, ed. cit., 217, a propósito das facilidades e condicionantes da reutilização dos sermões, descobre alguma razão dessa «fuga»: «esta ventaja tiene el que predica en la Corte y lugares gran-

mil modos – com a palavra, com os gestos, com as imagens – e em mil ocasiões, ao logo do ano e dos anos, para tornar mais espesso – e, por isso, mais opaco e difícil de renovar – o sermão como género literário.

Por outro lado, esses mesmos apontamentos oferecem-nos hoje um documento – a reconstruir delicadamente na sua quase totalidade – bem significativo, pelo que de imediatez conservam, de um estilo de pregar. Conservando inúmeras marcas de coloquialidade directa – «Estais bem»..., «Sois catholicos»..., «Que fazer, padre?»..., «Não he mao...» – e generosamente apoiado no texto bíblico⁹⁹ – as referências a autoridades profanas são mínimas – revela-se, quase sempre, uma breve explanação do evangelho do dia, ou do ponto da reflexão determinado para a *concio* aos seus confrades, ou ainda do texto bíblico que, como era de uso na Companhia, se explicava numa *lectio* ou numa série de *lectiones* em alguns momentos do ano litúrgico. Uma explanação breve servida ainda, se bem que parcamente, pelo recurso a alguns Padres (Jerónimo..., Agostinho..., Ambrósio) e autores deles considerados próximos (Dionísio Areopagita, por exemplo) e, efectivamente, isenta de «flores», se bem que, é preciso dizê-lo, as «galas» da oratória desses dias, a julgar pelos sermões de esta época ou mesmo ligeiramente mais tardios de um António Rozado..., de um António Feo..., de um Pedro Calvo..., de um João de Ceita..., de um Francisco de Mendonça..., apesar de tantas alusões merecerem – quase um tópicos de veneranda antiguidade¹⁰⁰ em biografias¹⁰¹,

des, que como ay de todo, todo es a propósito. Ay! del que predica en ruynes lugares, donde fuera de las materias comunes de pecado, muerte, infierno, etc., no se puede tocar sino en dos o tres especies de vicios familiares a la tierra, y aun luego señalan con el dedo a quien le toca!».

⁹⁹ Com esta alusão pretendemos apenas chamar a atenção não só para abundância da utilização da Bíblia como fundamentação do seu discurso oratório, mas também para a importância que parece revestir a técnica da citação nos sermões de Inácio Martins, técnica essa que vai da simples citação («intercalação», com diversas funções, de um texto no discurso do pregador) até à *inventio* de um outro texto bíblico por recurso a distintos textos do Livro Sagrado, o que representa – ou assim nos parece – uma dupla – e, por vezes, até múltipla –, «desintegração» do texto original, como nos ensina Maria Lucília Gonçalves PIRES, *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*, Lisboa, 1980, 141-152.

¹⁰⁰ Francisco TERRONES DEL CAÑO, *Arte o instrucción de predicadores in Obras Completas*, ed. cit., 199, 200 recorda as críticas de Crisóstomo e de Crisólogo aos sermões de «flores»... e Diego de ESTELLA, *Modo de predicar y Modus concinandi* (Estudio doctrinal y edición crítica de Pio Sagüés de Azcona), Madrid, 1951, II, 34-41 aponta interpretações violentas (a evitar) do sentido moral da Escritura que bem poderiam interpretar-se como «flores» e de que Pio Sagüés (I, 168-170) aponta tradições e exemplos.

¹⁰¹ Luís de SOUSA, OP., *A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (Introd. de Anibal Pinto de Castro. Fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Anibal Pinto de Castro), Lisboa, 1984, 73-74, entre outros muitos lugares em que repete quase a mesma ideia, assinala que, em Braga, «o estilo de pregar [do Arcebispo] era mui diferente do que usava na corte (o intento sempre nele foi o

crónicas¹⁰² e tratados de retórica¹⁰³ —, ainda nos escapam em muitas das suas dimensões e fórmulas concretas, sobretudo se nos quisermos orientar pelas definições que, então, delas se ofereciam¹⁰⁴. Por isso, lastimaremos sempre que Inácio Martins, ao queimar os seus sermões anteriores a 1573, nos tenha privado de um precioso termo de comparação para melhor compreender o alcance dessas «flores»¹⁰⁵ que, como uma crítica, apontava um António Franco, talvez agora por reacção aos estilos dos seus dias...

Para além do evidente interesse destes dados para a história da pregação em Portugal, os apontamentos das pregações de Inácio Martins, de quem conhecemos ainda alguma notícia sobre o modo como as preparava¹⁰⁶, porque,

mesmo), deixou flores de retórica, explicações agudas e conceitos levantados, que serviam lá para orelhas delicadas e entendimentos mimosos, pera os penetrar e fazer efeito a doutrina medicinal, a modo de bom guisado; e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara que servisse pera todos...».

¹⁰² Luis de SOUSA, *Primeira parte da Historia de S. Domingos particular do reino e Conquistas de Portugal*, Lisboa, 1866, III, 38, 433-434 referindo-se a Fr. António da Fonseca, Doutor parisiense, em tempos de D. João III, diz-nos que «este Padre foi o primeiro prégador, que introduziu neste Reino prégador o sentido literal da escritura apostilhando o Santo Evangelho: modo facil, e menos trabalhosos pera quem o segue, porque totalmente separado do estilo oratorio antigo, que se compoem de suas partes, com seus tropos, e figuras, e flores Rethoricas: e há mister estudo particular. He pera o povo mais apazivel, e mais claro o apostilhar...».

¹⁰³ Juan de GUZMÁN, *Arte de la Retorica...dividida en catorze combites*, Alcalá, 1589, III, 129r-129v: «lo principal que hacia [Amuso?] era abrir los doctores que tenia sobre aquel evangelio, y sacar los principales puntos que a el le parecian elegantes y engalanarlos de sentencias y palabras elegantes...», «cosa de niños».

¹⁰⁴ Tomé Pinheiro da VEIGA, *Fastigimia*, Porto, 1911, 55, por exemplo, copia um «discurso de equívocos» que, em 1605, ouviu a um pregador de corte durante uma pregação sobre S. Mateus, que hoje teríamos alguma dificuldade em rotular como tal.

¹⁰⁵ Se Antonio MARTÍ, *La preceptiva retórica española en el Siglo de Oro*, ed. cit., 125, 128, 153, 209 *et passim* insiste, sem apresentar qualquer exemplo preciso, em que «el estilo extravagante» de muitos pregadores «iba aprogresar hasta llegar al conceptismo del siglo XVII», que «el conceptismo en la oratoria comenzó mucho antes de lo que se suele creer» ou que «en tiempos de Terrones [† 1613] estaba el conceptismo del púlpito en plena floración», Francisco HENARES DÍAZ, *Fray Diego de Arce. La oratoria sacra en el Siglo de Oro*, ed. cit., 527, mesmo que se queira discutir se «estilo conceptista» será o mesmo que «estilo culterano», pondera, salvo melhor opinião, acertadamente, referindo-se à pregação destes tempos: «Será excepción hallar quien abogue ya en el púlpito por un estilo culterano que se abrirá paso después, si bien en ámbitos cultos más que en públicos populares. Está por ver qué venas de culteranismo se van introduciendo a finales del XVI. Una diacronía que necesita más puntuales investigaciones. Las mismas guerras literarias, ya en tiempos de Paravicino, como descripción de una parte de la sociedad, no parecen apreciables por ahora. Las críticas, que son muchas, se ceban en otros aspectos ridículos del predicador».

¹⁰⁶ Antonio FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado de Coimbra...*, 428: «Comunicavalhes [aos irmãos coadjutores] as pregaçoens, e se lhe diziam alguma cousa, que viesse ao proposito, a metia na pregação»; 432: «Andava rogando aos Irmaons, que lhe quizessem ouvir as pregações, antes de as pregar. Aconselhavase com elles, como diria, e se ficaria assim, ou assim bem. E

como outros¹⁰⁷, largamente datados e localizados (cidades e igrejas onde foram proferidos os sermões) e por outras didascálias que os acompanham, podem ser lidos num contexto preciso que diz tanto respeito à Companhia de Jesus como ao Portugal desses dias. E se, descontados um ou dois casos, os sermões que nos restam, foram proferidos entre 1576 e 1598, é igualmente possível verificar que, na sua larga maioria, o foram em igrejas e capelas de Lisboa. Coimbra ouviu-o muitas vezes – ouviu mesmo o seu último sermão¹⁰⁸ – e deixou apontamentos dos que pregou em Vila Viçosa e em Évora... E se muitas dessas pregações – conhecendo os limites, podemos, como os seus contemporâneos, chamá-las assim – tiveram lugar em momentos que diziam, especialmente, respeito a Lisboa e ao reino – exéquias reais..., festas na capela do paço..., do esplendoroso recebimento das relíquias oferecidas por Juan de Borja a S. Roque¹⁰⁹..., procissões da Misericórdia..., festas em muitas igrejas e algumas confrarias..., preocupações pela vitória da «Invencível»..., pelas «necessidades do reino de França» em 1593¹¹⁰ e pelos ataques dos ingleses em 1596..., visitas de bispos e arcebis-

dizia, que isto o ajudava muito»; 433: «pregando em casa lhe disse hum Irmam, que estivera seco, e desdanhou da pregação. Perguntoulhe entam o Padre como avia de dizer? Respondeo o Irmam: Ouvera vossa reverencia de dizer: O Irmãos, olhai que temos a nosso Senhor condenado à morte, e outras cousas semelhantes, porque a pregação era de Passos. A isto respodeo o humilde Padre: Irmam, tendes rezão, eu me emmendarei.»..., exemplos de Humildade que poderiam muito bem ser lidos como outros tantos momentos e consequências do treino que se recomendava aos pregadores, pois, como lembra John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti...*, ed. cit., 111, tal treino deveria «includere quanto si poteva imparare dai classici», e «anche ascoltare buoni sermone e analizzarli» e – que é o que aqui nos interessa destacar – «far pratica davanti ai confratelli, chiederne la critica e l'auto».

¹⁰⁷ Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 318 assinala o exemplo do Padre Gaspar Fernandes. Não será até possível perguntar se este cuidado pela datação e localização não deverá ser visto como um meio de evitar repetições do mesmo ou idêntico sermão em datas próximas e nos mesmos lugares pelo pregador ou por outros que dos seus textos se servissem.

¹⁰⁸ «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit. 116: «Adoeço sesta feira a primeira da Coresma mas não descubriu sua doença, e assi doente pregou o primeiro Domingo neste collegio, tendo tambem pregado aquella sesta feira na Capella da Universidade. Ao Domingo depois da pregação se descubriu majs o mal...»; Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, 442. Não parece que tenham guardado os apontamentos deste sermão, pois, entre os datados, os mais próximos da data do último (1º Domingo da Quaresma) que de Inácio Martins se conservam, são o de Domingo da Septuagésima e da Sexagésima de 1598 que se podem ler no Cod. 6271 da BNL.

¹⁰⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa Cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia.*, in *Via Spiritus*, 8 (2001), 95-155.

¹¹⁰ Carlos GÓMEZ-CENTURIÓN, *La Invencible y la empresa de Inglaterra*, Madrid, 1988, 128, pode ajudar a perceber o clima (polémico) que rodeou o empenho de Filipe II nessas «necessidades da França».

pos..., auto de fê em Coimbra... –, outras celebraram acontecimentos mais particulares – profissões religiosas..., baptismo de catecúmenos... – e outras ainda, muito frequentes, interessaram directamente os membros da sua Companhia, já que foram *conciones ad patres* ou *ad fratres* da casa professa de S. Roque e em que, ao mesmo tempo que apelava ao melhor cumprimento dos votos e da vida religiosa, podia criticar aspectos do quotidiano ou das sensibilidades sociais dos seus confrades. Muitos outros sermões resultaram da sua habitual actividade de pregador nos domingos ao longo do ano e nos momentos fortes do ciclo litúrgico – Advento e Quaresma – em que a pregação – fazê-la ou ouvi-la – se tornava uma quase obrigação. Algumas vezes, como nas tarde do Advento de 1591 em S. Roque, Inácio Martins foi-se dirigindo a públicos específicos – «aos casados»..., à «gente moça»..., aos «velhos»..., a «senhores e criados»... – o que é de muito interesse pelo que confirma das dimensões e adaptações sociais precisas de um apostolado –, alguma vez, num «Domingo 16º post Pentecostem»¹¹¹, infelizmente não datado, vemo-lo dirigir-se aos presos, esses presos a quem, como já sabemos, começou a ensinar a doutrina e a levar «quartas de água» e alimentos desde 1586 e que perpassam em outros sermões¹¹², o que é outro modo de confirmar essa dimensão social, mesmo que, sobretudo, de carácter espiritual, num campo das obras de misericórdia que os primeiros jesuítas fizeram seu¹¹³. Outras vezes, os seus sermões parecem ser, com as adaptações que se quiserem, essas *lectiones* que deu sobre o *Genesis* em 1592 em igreja não identificada, sobre dois capítulos do *Apocalipse* em S. Roque em 1591, sobre as «Sete palavras» Santa Justa em 1593, de novo sobre o *Genesis* (Patriarca Josefo) em S. Roque em 1594¹¹⁴, género literário em que Companhia se esmerou¹¹⁵. Curiosamente, e salvo alguma falta de atenção nossa, não conservou ou não copiou os textos referentes às missões no norte de África – porque pertenciam aos tempos anteriores a 1573/ 1574? – e de outras nos arredores de Lisboa em que participou¹¹⁶

¹¹¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 6271, fl. 184r - 185v: «Dom. 16 post Pentecostem. Aos presos, e podese fazer a religiosos e a pobres».

¹¹² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 515r - 518r, lembra, numa *concio ad fratres* em S. Roque em 1592, que, com um pouco mais de empenho, talvez pudessem dispor «os pregadores húa tarde na somana para presos para gales para o tronquo».

¹¹³ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 183, 189-193.

¹¹⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3503, fls. 130r, 155r, 189r, respectivamente.

¹¹⁵ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 115-122.

¹¹⁶ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 416, 417, 438, 439 assinala missões «pedâneas» até Cascais e outras «por várias terras». A Vila Viçosa, onde esteve algumas vezes, talvez não fosse propriamente em missão, pois parece que, uma vez pelo menos, lá terá ido como pregador por ocasião de umas festas dos duques de Bragança... Poderá, porém, pensar-se que a sua pregação em Elvas, a pedido do bispo, se integrava nesse espírito de missão (sobre estes dois últimos casos, Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 437).

e em que «trazia diante dos olhos por exemplar seu ao glorioso Sam Vicente Ferreira...»¹¹⁷.

IV – Dos seus sermões examinaremos os cinco que expressamente pregou entre Julho e Setembro de 1596 em Lisboa no momento em que, na moldura das estratégias e enfrentamentos de Filipe II e Isabel I sucessivos à «Invencível»,¹¹⁸ a cidade vivia sob pânico de uma invasão dos ingleses e, às notícias da sua aproximação, se despovoava... Não era a primeira vez que pregava contra os ingleses hereges, pois de 1588 deixou-nos um resumo do seu *Sermão na guerra justa contra os engreses hereges* em que, para além das suas tradições, o conceito de «guerra justa»¹¹⁹ pode ser lido como uma alusão à tese que um Pedro de Ribadeneira, exponenciando-a teoricamente nesse contexto, expunha na sua *Historia ecclesiastica del scisma del Reyno de Inglaterra* (Barcelona, Jayme Cendrat, 1588; Madrid, Pedro Madrigal, 1588)¹²⁰, também publicada em Lisboa nesse mesmo ano¹²¹. É um texto de difícilíssima decifração, mas que, pelo que dele se pode apreender, terá estado longe das bem conhecidas invectivas e ilusões que esse seu confrade sintetisa, como remate dessa célebre *Historia ecclesiastica del Scisma, na Exhortacion para los soldados y capitanes que van en esta jornada de Inglaterra, en nombre de su capitán general*¹²², que de tais ilusões

¹¹⁷ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 439; Bernardette MAJORANA, «Schola affectus». *Persona e personaggio nell'oratoria dei missionari popolari gesuiti in Il volto e gli affetti. Fisognomica ed espressione nelle arti del Rinascimento*, ed. cit., 189 e Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 309 chamaram a atenção para a importância do modelo de S. Vicente Ferrer para os pregadores jesuítas «missionarios do interior», modelo esse proposto pelo próprio Geral Claudio Acquaviva.

¹¹⁸ José ALCALÁ-ZAMORA Y QUEIPO DE LLANO, *La Empresa de Inglaterra (La Armada Invencible): fabulación y realidad*, Madrid, 2004, 67-70.

¹¹⁹ Carlos GÓMEZ-CENTURIÓN, *La Invencible y la empresa de Inglaterra*, ed. cit., 41, 67, 78, 171.

¹²⁰ José SIMÓN DÍAZ, *Jesuítas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*, Madrid, 1975, nº 1502-1517.

¹²¹ Cremos ainda está por estudar a recepção em Portugal da *Historia ecclesiastica del scisma del Reyno de Inglaterra*. Convirá lembrar que um dos primeiros exemplares que terá chegado a Lisboa foi o oferecido pelo seu autor a Fr. Luis de Granada que, depois de o ter passado «de tabla a tabla» e chorado «muchas lágrimas en algunos lugares», lho agradece, com elogios, na conhecida carta de 13.8.1588 (Fr. Luis de GRANADA, *Epistolario*, Recopilación y notas de Álvaro Hueriga, Córdoba, 1989, 129). De acordo com António Joaquim ANSELMO, *Bibliografía das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926 (nº 4, 34, 751) logo depois, em 10.10. 1588, Fr. Bartolomeu Ferreira dava a sua aprovação à publicação da primeira parte da obra (Lisboa, Antonio Alvarez, 1588) a que se seguiu uma reedição por Manoel de Lyra em 1589 (Lisboa) e a publicação da segunda parte em 1594, sempre em Lisboa pelo mesmo Manoel de Lyra.

¹²² José Ignacio Tellechea Idígoras publica esta *Exhortacion* como apêndice à sua edição de Pedro de RIVADENEIRA, *Tratado de la tribulación*, Madrid, 1988 (reprod. Fac-simil da edição de Madrid, 1878, cuidada por Miguel Mir, S.J.), 435-450.

bem se terá arrependido, arrependimento, porém, que nos valeu o seu bellissimo *Tratado de la tribulación* (Madrid, Pedro de Madrigal, 1589)¹²³, obra em que é fácil de descobrir, quase sempre apoiados nas mesmas autoridades e exemplos, muitos dos temas que encontraremos enunciados nos sermões do jesuíta português... Por outro lado, essas cinco pregações de Inácio Martins, um exemplo – suspeitamos que não haverá muitos mais – das inúmeras que, por ordem das autoridades civis do reino, se fizeram ouvir durante esses meses de pânico como registou, quase dia a dia, Pero Roiz Soares nas suas memórias, permitirão aludir, através da análise dos seus temas, aos conteúdos de uma vasta obra parenética que, para além de demonstrar esse «deseo que [tenía] de ayudar las animas y tambien la inclinacion y gusto natural» com que desculpava Sebastião de Morais a «desonra» de tanto pregar..., sugere bem, quando somada a outros testemunhos, a intensificação – quaisquer fossem as razões, e foram várias – da pregação nesses anos da Península Ibérica¹²⁴.

Deixemos o *Sermão na guerra justa contra os engreses hereges* estando o Senhor fora do sacrário que pregou em Santos-o-Velho, provavelmente nos começos de Maio em 1588¹²⁵ quando, numa Lisboa abarrotada de «soldadesca estrangeira que estava alouyada polas casas dos pobres donde faziam mil insultos cada dia»¹²⁶, depois de benzidas as bandeiras, «começarão logo a ayudarse todos dos sufragios devinos comesando a pedir misericórdia com devotas oraçõis e procisois» e pregações¹²⁷, isto é, as manifestações da piedade pública que «O Prudente» tinha recomendado¹²⁸. Além de ser, como dissemos, um texto de difícil decifração, não é mais que um breve resumo de um sermão de que nunca saberemos os contornos precisos. Sem cair em processos de intenção, poderemos sempre perguntar-nos se à hora de o resumir, não teria Inácio Martins, face ao desastre da «Invencível», mitigado as suas esperanças numa vitória dos que pareciam providencialmente destinados a vingar a religião católica e o reino

¹²³ José SIMÓN DÍAZ, *Jesuitas de los siglos XVI y XVII: escritos localizados*, Madrid, 1975, 346-347 (n.ºs 1518-1523), descreve e localiza as várias edições autónomas desta obra que, como assinala o mesmo autor (340, n.º 1494) foi também publicada em *Las obras del P. Pedro de Rivadeneyra agora de nuevo revistas y acrecentadas* (Madrid, Viuda de Pedro de Madrigal, 1595); Carlos GÓMEZ-CENTURIÓN, *La Invencible y la empresa de Inglaterra*, ed. cit., 78-82.

¹²⁴ José MARTÍNEZ MILLÁN, *En busca de la ortodoxia: el inquisidor general Diego de Espinosa* in José MARTÍNEZ MILLÁN (Dir.), *La corte de Felipe II*, Madrid, 1998 (2ª ed.), 189-228 (212-213).

¹²⁵ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3501, fl. 298v.

¹²⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 244.

¹²⁷ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 250-251.

¹²⁸ Carlos GÓMEZ-CENTURIÓN, *La Invencible y la empresa de Inglaterra*, ed. cit., 59-60.

de Filipe II das «injúrias» dos hereges ingleses¹²⁹ e assim apressar a chegada desses «tempos» em que, como escrevia em 1573, por meio da Companhia, se havia de dar a restauração do catolicismo em Inglaterra¹³⁰ ... Se comparada com a Pedro de Rivadeneira a sua moderação teria sido notável, pois, em lugar de pôr o acento num «providencialismo de via estrecha» – a classificação é de D. José Tellechea¹³¹ –, terá acentuado, desde a abertura do sermão, que *omnia in futurum reservatur incerta...* e que, conseqüente, porque já se viu que «muitos vencerão a muitos, e muitos a poucos, e poucos a muitos», «a victoria não está nas mãos dos reis da terra»... Para além disto, nada mais há que «pedir, merecer e agradecer»... O resto do sermão não passa de uma glosa de citações veterotestamentárias – nem sempre correctamente referidas quanto à sua localização no texto bíblico¹³² – destinadas a justificar esse aguardar da vontade de Deus e, entretanto, o cumprimento da sua lei, de acordo com o «contracto solemne que Deos fez com os catholicos desde o principio do mundo: Guardai minha ley, guardarvos eo a vos».

¹²⁹ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 234-251, desde uma perspectiva superlativada pela sua visão anti-castelhana e pelo acumular de sinais e profecias, traz um bom rol das «injúrias» – o termo aqui é de P. de Rivadeneira – que faziam os «hereges ingleses» que, pelo que a Portugal se refere, controlavam o movimento da barra de Lisboa e de grande parte da costa, o que, juntamente com o número de soldados que cada dia chegavam para a «jornada de Inglaterra», fazia subir enormemente os preços... Pelo menos, e não o custa a crer, assim o percebeu o memorialista.

¹³⁰ Inácio MARTINS, Carta (21.9.1573) aos «Mui reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos», BGUB., ms. 584, fl.195r-198v: «De modo que por bondade de Deos Nosso Senhor a Companhia em Alemanha he restauradora da fee, reformadora dos costumes, e ama das religiões e o mesmo prazendo a Nosso Senhor se pode esperar por tempos em Inglaterra. O Padre Eliseu ingres que com dous seus irmãos entrou na Companhia me disse que esta hum collegio em Inglaterra na Universidade de Oxonia cidade principal o qual collegio he nuy sumptuoso e bem dotado aonde se podem criar 200 da Companhia diz que ia tem o nome porque se chama Collegio de Christo e que parece que Nosso Senhor o ade entregar por tempo a Companhia».

¹³¹ José Ignacio TELLECHEA IDÍGORAS, «Pórtico a una reedición» in Pedro de RIVADENEIRA, *Tratado de la tribulación*, ed. cit., V.

¹³² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3501, fl. 298v: Como se poderá verificar na tentativa de leitura que propomos em apêndice, a citação *diligam te Domino fortitudo mea praecinxisti me virtute ad bellum* não pertence ao Ps. 19 que está correctamente citado antes, mas, sim, ao Ps. 17, 1, 33, 34 (com alguma variante, como ocorre muitas outras vezes: *ad bellum* por *ad praelium*, por exemplo); a citação *Deus auribus nostris audivimus et patres nostri annuntiaverunt nobis opus quod opertus es. Non in brachio suo possederunt terram sed dextera tua et illuminatio vultus tui quoniam complacuisti in eis* é uma «construção» que remete para o Ps. 43, 1, 4 e não para o Ps. 42., lapsos certamente devidos ao *transcriptor*. (Penhoradamente, agradecemos, uma vez mais, aos Profs. José Marques e Pedro Tavares a paciência, que só a sua mestria permite, com que nos ajudaram na decifração deste e de outros textos).

De qualquer modo, depois de 1588 os ataques ingleses, explorando, algumas vezes, o apoio concedido ao Prior do Crato, tornam-se mais frequentes e Pero Roiz Soares nas suas memórias, oferece, mesmo que descontemos alguma deformação própria de quem recorda, uma impressiva visão do que foi o adensar-se, ano a ano – com um momento crítico em 1589¹³³ –, do pânico aos ingleses até 9 de Julho de 1596, dia em que a Lisboa «veyo nova serto como fora a armada dos imigos dar a Cadis... a mais importante cousa que ellRey tem em Espanha»¹³⁴, o que, naturalmente, desencadeou todo um esforço defensivo – nem sempre bem conduzido, no juízo de Roiz Soares – na capital do reino, tanto que «aos 25 do do dito mês estava ya toda Lisboa trincheirada da banda do mar», pois todos «cuidavão e tinhão por serto virem os ingleses»¹³⁵. Compreende-se que se tivesse mandado «nestes dias desençerar o Santissimo Sacramento nos mosteiros e igreijas cada dia num por ordem onde avia pregassão yncitando o povo a defensão do Reino...»¹³⁶. Quando «a 28 do dito mês veyo nova como os ingleses entrarão em Faro e o saquearão deribando e queimando muita parte delle e ao derradeiro do dito mês vierão coreos como ficavão defronte de Lagos com detreminassão de o cometerem...»¹³⁷, Lisboa, a braços com falta de alimentos e, conseqüentemente, com a «grande carestia que nella hia»¹³⁸, presumindo,

¹³³ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 288-290 em que, com os ingleses já em Alvalade, recorda o «tumulto» da fuga de «os que se temião não hiam parar senão na Beira de feisam que o naofragio disto e o tumulto desta cidade he escusado escrevelo de todo porque não ha papell que avonde pois se escrevera da fogida dos fidalgos aqui vos digo que ouvera custura para hum anno [...] outros que com vergonha não podiam fazer o mesmo por acompanharem o cardeal [Alberto] tinhão seus cavalos e bargantins prestes a destra pera se acolherem para onde lhe melhor diçesse a ventura de maneira que o medo era tanto que fazia espanto em todos des do grande ate o pequeno e ver juntamente o despeio dos mosteiros das freiras doudivelias e santos e santa clara foy hum dos mores espectaculos do mundo para ver e aver doo...».

¹³⁴ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 327.

¹³⁵ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 329.

¹³⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 330.

¹³⁷ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 332; Alberto IRIA, *O Algarve sob o domínio dos Filipes in Congresso do Mundo Português*, VI (1940), 293-310 aponta (292-297) que, chegados a 23 de Julho, os ingleses, depois de saquearem e incendiarem a cidade, partiram a 27, o que, confirmando os dados do memorialista, sugere ainda a dificuldade das comunicações e a angústia colectiva que decorria de tal situação.

¹³⁸ A expressão pertence a Pero Roiz Soares, mas quer aos seus confrades quer a outros que o ouviam lembrava essa carestia e conseqüente fome Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fls. 498r-501v: «Reformemonos na pobreza, maxime neste anno que não ha pão e comemos no refectoreo o sangue dos pobres...»; id., «Dom.13 [post Pentecostem], fl. 329v-334v: «Irmãos, neste anno de tanta pobreza vos encomendo que que pregunteis na rua e freguesia se ha algum desemparrado...»; «...este anno de 1596 em Portugal: fome custou o centeo em certas partes de Portugal a quatrocentos e quarenta...».

à vista da armada inglesa no cabo de S. Vicente, que «com muita serteza que vinhão para esta çidade para o que se mandou logo botar bando», era quase uma cidade aberta tomada, outra vez, pelo pânico... E em 6 de Agosto, «foy o temor mor que nunca avendo entre todos os que têmão posses terem prestes suas postas para fogir asy por mar como por terra porque na verdade na defensam se podia ter muito pouca confiansa porque como era gente opremida e escandalizada e sem paga não se devia fazer muita conta dela pelo que cada hum procurava ter sua colheita serto e prestes com ordem serto para isso de remos e ferraduras»¹³⁹... Repetia-se a fuga de fidalgos e plebeus de 1589 que, como vimos, tão severamente criticou Roiz Soares¹⁴⁰... quem, agora, em face da retirada dos ingleses sem terem atacado a cidade, comenta ainda: «mas lembrouse Deus da sua Igreja e dos pobres que não tiverão com que se por em salvo ficando na çidade a mingoa de não terem com que...»¹⁴¹. Mas desde fins de Setembro de 1596, diante da chegada de novos contingentes de soldados castelhanos que se embarcavam para «sertos portos de França que senhoraços têmão vendido a ellRey» de Castela, pelo que o Francês «se ligou com Inglaterra fazendo logo grandes armadas contra Espanha», voltava o temor, pois «comesando de vir cartas e novas que o ano que vinha verião ca ter connosco grandes poderes e desta maneira andavamos ca dia com o olho sobre o hombro e com o fato as costas indo as novas cada dia em crescimento dos grandes aparelhos que nas ditas partes do norte se faziam e apersebião contra este reino...»¹⁴².

¹³⁹ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 333.

¹⁴⁰ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 290, 292.

¹⁴¹ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 333.

¹⁴² Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 336-337; nesta conjuntura de preparativos para a defesa de Lisboa e de temores desempenhou um papel de relevo na tranquilização da cidade e dos seus Governadores, especialmente de Miguel de Moura, o «Beato» António da Conceição, como chamamos a atenção em *Um «beato vivo»: o P. António da Conceição, C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II in Via Spiritus 5* (1998), 13-51. Note-se, tendo presente o que escrevemos em nota acima, que Miguel de Moura, grande amigo de Fr. António da Conceição, o era também, segundo Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviçado de Coimbra*, 414, de Inácio Martins, tendo-se empenhado em alcançar de Roma «certos jubileus para todos os que em certos dias vizitassem a capella da Senhora da Doutrina» em S. Roque, concessões que «vieram ja depois da morte o Padre Mestre Ignacio, e a sua publicação se fez no anno de 1599...». Todo um circulo de amizades e mútuas admirações espirituais a explorar nos finais do século XVI em Lisboa – Luis de Granada, Inácio Martins, «Beato» António da Conceição e até esse Miguel de Moura, amigo de profetas e ávido de relíquias, cuja mulher, D. Beatriz da Costa, que, a estarmos pelo que conta Fr. Bernardo da CRUZ (*Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, I, 37, Lisboa, 1903, 146-147) e repete José Pereira BAYÃO, *Portugal cuidadoso, e lastimado...*, ed. cit., 3, 26, 404, costumava fazer o presépio. Há, porém, que anotar que Miguel de Moura contraria neste ponto a versão que dá o cronista sobre o momento em que, pela explosão dos armazéns da pólvora à Pampulha, a derrocada das casas em

Ainda que dele poderemos vir a precisar algum dado relevante que nelas ecoe, é no contexto que acabamos de evocar que se inscrevem as cinco pregações de Inácio Martins e convem acentuar quanto nesse contexto pesaria, para o adensar e dramatizar, a conotação dos ingleses como agressores e hereges – desobedientes ao papa..., súbitos de uma rainha excomungada..., negadores dos sacramentos católicos..., profanadores de imagens e objectos do culto..., desafiadores do Rei Católico..., propagandeados vencedores de uma «armada invencível» que, precisamente, tinha largado dessa Lisboa que agora ameaçavam¹⁴³..., carregando a culpa da morte de uma rainha católica, Maria Stuart¹⁴⁴..., temas (e razões) que o Padre Rivadeneira, com «inegável oportunismo político e ideológico», largamente explorava na *Historia Ecclesiastica del Scisma del Reyno de Inglaterra*¹⁴⁵ – e, mais ainda, apoiantes armados de um pretendente ao trono português que, poucos portugueses¹⁴⁶, e nenhum dos grandes, qualquer fossem as razões, abertamente apoiavam¹⁴⁷.

Os cinco sermões, pertencentes todos ao mesmo códice, estão todos datados de 1596, mas não estão copiados pela ordem em que foram pregados, pelo que há que tentar estabelecer uma cronologia mais precisa que permita lê-los sequencialmente por referência ao contexto social que acabamos de evocar. O primeiro, uma *concio ad patres* em S. Roque, transcrito quase no fim do volume, está datado «1596 mense Julii quando os engreses tomarão Cales e se temia vie-

que se encontrava, surpreendeu, soterrando-a, D. Beatriz, pois, segundo o Escrivão da Pureza e Secretário de Estado, sua mulher estava vestindo uma imagem da Senhora da Conceição e não as figuras do presépio como apontam os dois cronistas referidos (Miguel de Moura, «Memoria de fundação do Mosteiro de Sacavém» in Francisco de Sales Mascarenhas LOUREIRO, *Miguel de Moura (1538-1599. Secretário de Estado e Governador de Portugal* ed. cit., 588). Aceitemos, contudo, que a versão de Fr. Bernardo da Cruz poderá indicar uma versão que corria em face de uma devoção conhecida dessa senhora que acabou os seus dias no mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de clarissas que, com seu marido, fundou em Sacavém e que, a ser assim, pode fornecer um dos mais antigos tesmunchos sobre o costume de fazer o presépio em Portugal.

¹⁴³ José ALCALÁ-ZAMORA Y QUEIPO DE LLANO, *La Empresa de Inglaterra (La Armada Invencible): fabulación y realidad*, ed. cit., 55, 61 expõe as razões por que, verdadeiramente, foram os holandeses, e não os ingleses, os triunfadores da «felicíssima armada».

¹⁴⁴ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 235.

¹⁴⁵ Carlos GÓMEZ-CENTURIÓN, *La Invencible y la empresa de Inglaterra*, ed. cit., 62.

¹⁴⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 2, 442, 443 assinala – e é justo reconhecê-lo – para estes tempos de 1595 e 1596 alguns jesuítas, alguns simples estudantes, que se declaravam contra Filipe II e a favor do Prior do Crato, o que, por razões óbvias como exigia o próprio rei, não podia passar sem castigo.

¹⁴⁷ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 293: «o que mais de verdade sentendeo depois [da partida dos ingleses em 1589] foy que alguns tinham escrito ao snõr Dom Antonio que tanto que elle viesse se deitariam muitos com elle e por essa causa desembarcou em Peniche e vendo que ninguem se hia a elle em todo este tempo desesperou e se foy».

sem a Lisboa»... O segundo, proferido em Santa Catarina, «estando o Senhor fora no ano de 1596 quando os engreses tomarão Caliz e Faro e se temia que viessem a Lisboa», deve poder datar-se dos fins desse mês de Julho ou dos primeiros dias de Agosto, pois, como vimos, ordenaram as autoridades «nestes dias desençerar o Santissimo Sacramento nos mosteiros e igrejas cada dia num por ordem onde avia pregassão yncitando o povo a defensão do Reino...». O terceiro, sem indicação de templo, foi também pregado «anno 1596 quando os engreses hereges derribarão as igrejas e despedacarão as imagens em Caliz e Faro», mas por uma referência do próprio pregador – «estamos infra octava Assumptionis» – poderá datar-se mais precisamente de entre 7 e 14 de Agosto desse ano. O quarto, igualmente sem indicação de templo, tudo indica que foi pregado na igreja em que, «o anno 1596 quando os engreses tomarão Caliz e Faro», se celebrava a festa de S. Bartolomeu a quem, com explicitas e exploradas referências à iconografia da sua imagem, está dedicado esse sermão. Será, por isso, possível propô-lo pregado em 24 de Agosto. O próprio final do sermão parece até indicar um certo «soulagement», pois o pregador alude a que o perigo de um ataque iminente, por então, já teria passado: «e para o anno se ca tornão, matai nelles...». Do quinto, o mais longo, apenas se nos garante que se pregou «no anno 1596 que os ingreses tomarão Caliz e Faro»¹⁴⁸ e pode dizer-se já uma recapitulação e aproveitamento das circunstâncias dos perigos das passadas ameaças – «Guerra, bem a viste, pusestevos todos em armas» – para pregar sobre as «ligações perigosas» da heresia e da moral. De qualquer modo, o simples enunciado das circunstâncias em que foram proferidos apostas pelo pregador aos seus primeiros textos é bem significativo desses dias em que pânico e ansiedade – «quando se temia»..., «quando se temia»... – andavam de mão com os esforços de cada qual em prever o melhor modo de defesa ou de fuga diante dos «herejes engreses» que tudo parecia indicar que iam mesmo avançar sobre Lisboa...

Em relação ao género que os define quer do ponto de vista do público a que se destinam quer das consequentes e específicas finalidades que se propõem, os cinco sermões dividem-se entre a *concio ad patres* e o vulgar sermão. Salvaguardada qualquer adaptação determinada pelas circunstâncias de tempos e lugares, em linhas gerais, a primeira, que em outras ocasiões vem registada como «prática aos padres seus irmãos» ou, sendo o caso, «prática aos padres e irmãos», deverá corresponder ou ao sermão que nas casas professas com elevado número de membros – e era o caso de S. Roque – tinha lugar depois do jantar ou à exortação que nas tardes de sextas-feiras ouviam os jesuítas sobre um

¹⁴⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fls. 498-501; 280-283; 324-329; 137-140; 329-334, respectivamente.

ponto da sua vocação¹⁴⁹ como poderia ser o caso da *concio* de Inácio Martins *ad fratres* proferida em S. Roque em 1592¹⁵⁰ em que comenta a famosa carta de Inácio de Loyola aos padres e irmãos de Portugal sobre a obediência¹⁵¹ ou de outra sua *Pratica de obediência*¹⁵² ou ainda uma *Pratica de silencio*¹⁵³. Embora nesta *concio* de fins de Julho de 1596 haja uma referência explicita ao refeitório, não é ela suficiente, ao contrario de outras¹⁵⁴, para nos dar garantir que foi esse o lugar em que foi proferida. Nela, como veremos, há, como em muitas outras, além do apelo ao aperfeiçoamento da vocação de cada qual e ao aprofundamento da unidade entre todos os membros, recordações de alguns companheiros ou gente de grande virtude já desaparecidos, ainda que lhe faltem, como em uma de de 1591¹⁵⁵ ou

¹⁴⁹ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 395. Será ainda interessante notar que entre as pregações de Inácio Martins vêm uma «Pratica da obediencia» (BNL., Cod. 3503, fl. 243v-248r) e uma «Pratica de silencio» (BNL. Cod. 3502, fl. 453r-455v) que deverão corresponder a outro género de exortação que, segundo John O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 389.

¹⁵⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fls. 515r-518r. (Apêndice II).

¹⁵¹ Ignacio de Loyola, «A los padres y hermanos de Portugal» (Roma, 26.3.1553) in *Obras Completas*, ed. cit., 806-816.

¹⁵² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3503, fl. 243v-248r.

¹⁵³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 453r-455. Creemos que tais «práticas» deverão corresponder a outro género de exortação que, segundo John O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 389, ouviam, uma vez por mês, os membros da Companhia, feita pelo superior ou, por delegação sua, por um padre da casa; Francisco HENARES DÍAZ, *Fray Diego de Arce. La oratoria sacra en el Siglo de Oro*, ed. cit., 454 para quem, com alguma razão, «la inmensa mayoría de esse océano predicable, en España, se desarrolla gracias a un subgénero de la oratoria sacra llamado homilía», nas páginas que lhe consagra, não pôde atender à especificidade desta manifestação oratória da Companhia, o que, por sua vez, permite lembrar as especificidades de géneros, subgéneros, temas, públicos, etc., que qualquer estudo de *re oratoria sacra* deverá ter presente.

¹⁵⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 6271, fl. 433r onde vem o sermão sobre Santa Sinforosa e os seus sete filhos feito «no refeitório em S. Roque 1591 em honra de hum braco seu que temos». A relíquia em causa que não foi das que ofereceu D. Juan de Borja à igreja da casa professa de S. Roque, talvez tenha sido uma das que Mestre Inácio Martins logrou na sua passagem por Treveris, «chamada santa não soo pelas muitas reliquias e lugares santos que nella há, mas principalmente porque toda aquella cidade *olim* foi martyrizada por Christo...», onde viu muitas, mas não as duas principais («hum grande e grosso cravo dos de Christo nosso Senhor e a tunica do mesmo Senhor sobre que se lancou sortes ao pe da cruz»), donde trouxe «para Portugal bom quinhão de reliquias», como lembra na sua carta aos Padres e Irmãos datada de Anvers, 21.9.1573, cujo o precioso autografo talvez seja o que se conserva na BGUC, ms. 584, donde citamos. Na mesma Biblioteca (Ms. 505), há, como lembramos, uma cópia (séc. XVIII?) da mesma carta, mas nem sempre muito fiel.

¹⁵⁵ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 415r-418v («Pregação aos irmãos. Vespora de São Pedro e São Paulo, em S. Roque, 1591») em que recorda a moderação da Regra que «Deos inventou e meteo na mão daquele beato padre Micer Inacio» que «quase não obriga nem a peccado nem a culpa» e a «charidade na obediencia no amor do desprezo» que unia «no principio

em outra 1592¹⁵⁶, evocações da história do Padre fundador e dos primeiros jesuitas..., dos seus companheiros em Sanfins... e até críticas a não só a abusos de certos objectos – os óculos, por exemplo... –, mas também a novidades que se iam introduzindo nas fórmulas de tratamento entre os membros da Companhia... Os segundos, destinados a um público menos específico, naturalmente exploram o contexto social para incitar quer à defesa contra os «agressores hereges» quer, através de um autêntico «agere contra» os pecados e impiedades dos «hereges ingleses» – desobediência..., falta de sacramentos, desrespeito a imagens e sacerdotes, etc. –, à prática mais perfeita das virtudes e piedade católicas. Curiosamente, também por eles perpassam tanto as recordações de Inácio Martins – relíquias que viu..., testemunhos de milagres que leu ou copiou no próprio lugar onde se deram..., notas que se diriam arrancadas das suas cartas – como as suas críticas a pecados públicos e privados..., sugestões de má administração da Justiça, ou ainda a exaltação das obras de misericórdia para com pobres e presos... Evidentemente, sob o favor do contexto, os hereges nas suas diversas modalidades antigas – sobretudo cristológicas e eucarísticas – e modernas..., a obrigação de evitar o contacto com os hereges..., os castigos que da «ira de Deus» se podem esperar – sem que lhes faltem alguns tons de apocaliptismo – e que anunciaram quer alguns membros da Companhia (Leão Henriques, Luis Gonçalves da Câmara) quer um Simão Gomes – o célebre «sapateiro santo» que refere explicitamente –, são temas que cruzam quer a *concio ad patres* quer os sermões propriamente ditos... Todos eles, porém, estão povoados de citações bíblicas – o contexto parece ter favorecido o seu apelo mais constante ao texto do Velho Testamento –, de S. Jerónimo... e, com muito menos relevo, de S. Tomás, de S. Boaventura, do Pseudo-Dionísio¹⁵⁷ ou das crónicas franciscanas..., sem que, aparentemente, a sua erudição se tenha preocupado muito com os níveis culturais dos seus ouvintes.... Se, a julgar pelo sermão que lhes pregou, os presos o ouviram discorrer pelos cinco actos de uma tragédia – correspondentes

[em que] começou com dez padres de varias nações» como se lê «na bula primeira de Paulo 3º anno Domini 1540» dirigida aos «dilecti filii Ignatius de Loiola, Petrus Faber, Jacobus Lainez, Claudius Jaius, Paschasius Broet, Fraciscus Xavier, Alphonsus Salmeron, Simon Rodericus, Johannes Coduri, Nicolaus de Bobadilla...».

¹⁵⁶ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 515r-518r (*Concio ad fratres*, em S. Roque, 1592), evocações que ainda viremos a utilizar.

¹⁵⁷ Inácio MARTINS, «Charta... pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha», Coimbra, 23.4.1574, BPE. Cod. CX/1-17, fl. 14v recorda: «Duas legoas de Paris em o mosteiro de Sam Dinis aonde se coroam e enterram os reis de França, vi a cabeça de Sam Dinis, e o calis com que celebrava, e a escrevaninha com que escrevia, e estaa ali tambem o livro de Coelesti hierarchia escrita de mão em greguo, o qual dizem que elle mesmo escreveu de propria mão...».

a outras tantas desordens do mundo – e pelos assassinatos de Salomão¹⁵⁸... Certo é que, a julgar pelas suas notas, não lhes citou textos em latim nem se referiu a Aristóteles... Gostaríamos de esperar que este quadro geral se viesse a revelar suficiente para nele poder ver inscrever-se uma análise mais pormenorizada de alguns temas organizada em forma de um discurso que, partindo da reacção, violenta, por vezes, aos hereges ingleses, se destina verdadeiramente a apelar à *conversio cordis* de cada qual.

Naturalmente, os hereges – e não apenas os ingleses – dos seus dias que, como resulta de cartas suas de 1573 e de 1574, tanto o impressionaram durante a sua passagem pela Alemanha¹⁵⁹ e por França¹⁶⁰ – e nem sempre tão negativa-

¹⁵⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 6271, fl. 184-186v : «estai attentos. E vereis aqui hũa tragedia de cinco actos das desordens do mundo...»; «Salamão mandou matar a Adonias»...

¹⁵⁹ Inácio MARTINS, «Carta aos mui reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos», Anvers, 21.9.1573, BGUC, ms. 584, fl. 196v: «E ao Conde Palatino não faltão amoestações do ceo. Contavão os padres que a 20 de julho deste anno de 73 aconteceu que estando o Conde com seus conselheiros em claustro pleno tratando do meio como os de sua secta não tratassem com catholicos porque não tornassem à fee catholica, subitamente entrou o demonio em hum dos principaes e ainda agora esta endemoninhado e daí a tres dias estando o mesmo Conde Palatino na sua igreja pera cantarem conforme a sua secta hum moço nobre começando a cantar subitamente caio morto de morte subinanea...»; fl. 197: «De Maguncia quisera ir a Colonia mas não pareceo aos Padres porque passão em redor de Colonia muito perigo os Hespanhoes...»; fl. 197v: «Em Espira aconteceu avera pouco mais de hum anno que hum grande pregador dos hereges de ler hum livro que hum dos nossos compos morreo. Porque como dia de Corpus Christi o hereje pregasse muitas blasfemias o Reitor da caza de Espira no mesmo dia em a see lhe refutou toda a pregação e encomendou ao povo que lesse confessionem Augustinianam contra Augustanana que aly virião por lugares de santo Augustinho refutados e condenados todos os erros que aquelle dia ouvira. O herege que presente estava pedio aquelle livro emprestado e vio nelle tam clara verdade da fee que logo desmaiou e de confusão e de tristeza logo adoeceo e nas oitavas da mesma festa bramindo como hum leão morreo. Indo hũa pessoa pedir o livro que avia emprestado disse a mulher do hereje tomae tomae: esse livro matou meu marido *os Jesuítas matarão meu marido*» [o sublinhado é nosso para assinalar que é de outra letra (mais recente?)]; John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 298-311 apresenta uma evocadora síntese das reacções e diversos tipos de apostolado que paulatinamente os jesuítas foram praticando em Colónia até à morte (1597) de Pedro Canisio e que pode fornecer elementos de comparação para a visão esperançadora que Inácio Martins alimenta na sua carta sobre a «recuperação» da Alemanha para a fé católica.

¹⁶⁰ Inácio MARTINS, «Charta... pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha», Coimbra, 23.4.1574, BPE. Cod. CX/1-17, fl. 15v recorda que, tendo conseguidos altar e paramentos para celebrar num lugar entre Poitiers e Bordeus, foi a missa não só ouvida pelo Duque de Medinaceli, em cuja companhia viajava, mas também de todos os que o acompanhavam e ainda: «tambem a gente do lugar concorreo espantandose de fazer tanto caso da missa. E tinha rezão de se espantar porque naquelle lugar he nos mais de Putiers tee Burdeus todas as igrejas estavam no chão...».

mente¹⁶¹ que o impedissem de ver na Alemanha o grande futuro da Companhia¹⁶² –, recebem em 1596 uma atenção especial. Partindo da reiterada certeza que se dirige a católicos que têm fé e estão dispostos a morrer por ela¹⁶³, Inácio Martins alerta não só para as impiedades desses «herejes de Inglaterra» que, «zombadores escarnecedores das cousas dos catholicos», sem falar de Cadix, em Faro «derribarão treze igrejas, espedacarão as imagens e dos retavulos mesa pera comer e dos ornamentos da igreja fizerão das estolas ligas das calças»¹⁶⁴ –, mas também para a subversão da ordem religiosa e social católica – «desprezam os reis catholicos, e papa e prelados»¹⁶⁵ –, sem esquecer os seus erros de fé – «blasfemão da magestade divina do Santissimo Sacramento»¹⁶⁶ –, dessa fé que, antes de mais, era o que pretendia tirar «o exercito do herege engres e outras nações que qua veio este anno»¹⁶⁷. No fundo, os ingleses não passavam de agentes do Demónio, que, por vários modos que o pregador vai cuidadosamente expondo – «tentações claras»..., «imaginações de blasfemia»..., «argumentos sutis de letrados»..., «tiranos»..., «o Antichristo e seus vassallos»¹⁶⁸ – não pretendia mais que «meter a heresia em Espanha», quer dizer, fazer-lhe perder a fé, já que, para além de fazer «confessar publicamente que Christo he verdadeiro Deos», «a fee faz honrrar a Deos propriamente, faz adorar a Deos e os sanctos, edificar igrejas,

¹⁶¹ Inácio MARTINS, «Carta aos mui reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos», Anvers, 21.9.1573, BGUC, ms. 584, fl. 196v: «Partindo de Spira passamos pelas terras do Conde Palatino e fesnos Nosso Senhor muitas merces que nenhum herege nem no caminho nem nas estalajes nos molestou com rezarmos nossas horas a vista de todos. Antes em todas as estalajes fomos mui bem recebidos com em todas nos conhecerem por catholicos e da Companhia. E não he para espantar porque ja estão enfadados de seus erros...».

¹⁶² Inácio MARTINS, Carta sem data (1574) escrita aos «Muito Reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos» de Coimbra (BPE., Cod. CIX/2-13, fl. 99r): «São os nossos padres de Germania de grande scientia, humildade, milagre dos tres que desejava o nosso Padre Ignacio na Companhia, e ia cuidei algúas vezes que quando a Companhia descair e retroceder em Espanha que se achará em Alemanha a sua perfeição...».

¹⁶³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 280r-283v: «Gracas a Nosso Senhor sois catholicos e tendes fee que confessareis te morrer por ella»; BNL. Cod. 3502, fl. 329v-334v: «Nesta materia [a resistência e falta de contactos com os hereges] sois catholicos, estais bem...».

¹⁶⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 280r-283v, visão que repete no sermão de S. Bartolomeu: «O de Calix deixo. Em Faro derribarão treze igrejas, espedacarão as imagens, profanarão os ornamentos e das estolas e manipolos fizerão ligas das calças» (BNL., Cod. 3502, fl. 137r-140r).

¹⁶⁵ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r; Cod. 3502, fl. 280r-283v: «trazem bandeira alevantada contra o Santissimo Sacramento, contra o papa, contra os sacerdotes e religiosos, contra as igrejas, contra as imagens».

¹⁶⁶ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 280r-283v.

¹⁶⁷ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r.

¹⁶⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 280r-283v.

arvorar cruzes, ornar altares, venerar o papa e sacerdotes»¹⁶⁹ ... Aliás, mesmo que se nos depare um «hereje que não nega a Deos, mas que tem hum erro contra o que diz a Escritura ou contra os concílios, v.g. confessa a Christo e o Santo Sacramento, mas diz que non se hão de honrrar as imagens dos sanctos... », há que tê-lo – a negação de Deus é o *peccatum maximum*¹⁷⁰ – «por moor peccador que Caim e Lucifer, porque faz do Spirito sancto mentiroso». Não é «o Spirito Sancto que reside nos concílios» que, como em Nicea e em Trento, decretaram a veneração das imagens? Não foi «o Spirito Sancto o que fez a Escritura» onde igualmente se as manda honrar?¹⁷¹ Logo, o hereje faz Deus mentiroso e, como tal, «injuria a Deos na pessoa», quer dizer no seu própria essência. Por tudo isto, há não só que evitar todo o contágio com herejes¹⁷² – «os pessimos são os deste tempo» –, mas combater «varonilmente» – um adjectivo que, como veremos, vai mais além da força de ânimo... – esses «herejes engreses» que «são as fezes de toda a maldade»¹⁷³. Ainda que, sob o ponto de vista teológico¹⁷⁴, Inácio Martins desenvolva um pouco mais o conceito de heresia e as suas implicações, é nesta moldura que tentaremos uma breve análise de alguns aspectos destes sermões contra os «engreses herejes», procurando perceber não só a funcionalidade de alguns temas que elaborou para esse combate, mas também, concomitantemente, as implicações de que os revestiu para a *renovatio cordis* de todos e cada um dos seus ouvintes.

Dirigindo-se a católicos de quem louva a «fee invencível», o pregador, naturalmente, não se assume como controversista – embora utilize algum argumento que alguns controversistas da Companhia, seus contemporâneos, utilizaram¹⁷⁵ –, mas, com os matizes de apologetica ditados pelas circunstâncias¹⁷⁶,

¹⁶⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r.

¹⁷⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 329v-334v.

¹⁷¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 329v-334v.

¹⁷² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r: «Este apartamento de maos nos ensina a Sacratissima Virgem N. Senhora (estamos infra octavam Assumptionis) da qual diz S. Hieron: *ascendente Domino cum quibus vacat Maria? Semper cum apostolis fuit quosque dispergunt? Cum senatoribus coeli in magisterio Spiritus Sancti*».

¹⁷³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 280r-283v.

¹⁷⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r estabelece como «o caracter baptismal he hũa marca divina hum sinal das ovelhas de Christo que o Spirito Sancto imprime no entendimento do baptizado e he hũa participação no sacerdocio de Christo com que hum homem fica habilitado para receber os sacramentos da igreja e distinto e separado dos infieis, de sorte que o caracter baptismal diz distincão de maos e applicação ao culto divino».

¹⁷⁵ François LAPLANCHE, *Réseaux intellectuels et options confessionnelles entre 1550 et 1620* in *Les jésuites à l'âge baroque*, ed. cit. 88-114 (95-114).

¹⁷⁶ Roberto RUSCONI, *Gli ordini religiosi maschili dalla Contrroriforma alle supressioni setecentesche. Cultura, predicazione, missioni* in Mario ROSA, *Clero e società nell'Italia Moderna*, ed. cit., 220-221.

como expositor, pela positiva – bem de acordo com recomendações de Inácio de Loyola, nem sempre facilmente exequíveis¹⁷⁷, como era o caso agora – da doutrina católica sobre a Eucaristia e a veneração das imagens. Dois aspectos doutrinários em que, glosando Mestre Inácio, se levantavam bandeiras contrárias e que, por isso, se prestavam a uma exposição dramatizante e palpável no «horror» das próprias consequências devastadoras que o pregador patenteava ao lembrar que esses «herejes crueis» só «em Faro derribarão treze igrejas, espedecarão as imagens, profanarão os ornamentos e das estolas e manipolos fizerão ligas das calças»¹⁷⁸... A cada um desses dois pontos dedicou um sermão.

Compreende-se que o primeiro, sob tema *Caro mea est cibus*, fosse dedicado à Eucaristia, mistério em que «os infieis se enleam» por «a hostia consagrada parecer hũa cousa e ser outra». «Profetizado» na Lei Velha pelo sacrificio de Melchisedech e «pintado» no maná no deserto, instituído por Cristo, o Santíssimo Sacramento é «manjar de imortalidade». E se o *Deus juravit et non poenibit eum tu es sacerdos in aeternum secundum ordeinem Melchisedech* (Ps. 109) é, segundo «um doutor», «prophesia» que basta para convencer qualquer entendimento, «no estado da Lei da Graça apontou já Deos este mysterio e o testeficou abundantemente por apóstolos e evangelistas, polos concilios, polos martires, polos doctores gregos e latinos, polos fundadores das religiões, por milagres que Deos fez em Italia, em Frandes, em França, em Castela, em Por-

¹⁷⁷ John. W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 106, 119.

¹⁷⁸ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 312-313 recorda que «em Agosto de .95 veyo nova sarta de Roma que yndo a proçissam do Corpo de Deos de hum mosteiro levando hum cardeal o Santissimo Sacramento em hũa custodia, hum luterano ingres de nassão remetera com a custodia e a quebrou e deribou no chão em pedaços; foy prezo e levado a tromentos confessou que tres luteranos ingresses erão saídos de Inglaterra a reseber martirio pola negra çeita e que a elle coubera ir aly e que o dia em que fizerão o primeiro Corpo de Deos onde o Santo Padre levava o Santissimo Sacramento remetera para fazer o mesmo ao santo Padre e não pudera romper a guarda e que por isso o não fizera então e do que agora fizera se não arependia; foy condenado que num carro fosse pela cidade vivo a queimar com tochas açezas no qual tromento nunca se trosseou nem fes esguar nem cousa que demonstrasse doerlhe o tromento antes comesara de cantar te Deum laudamus e lhe botarão logo hũa mordassa a cabo do qual tromento o queimarão e mandarão botar toda sua cinza ao rio por elle dizer no tromento que guardassem toda sua çinza muito bem que lha verião comprar de Ynglaterra por grande preço e assy se foy caminho dos Infernos», noticia importante que, pela sua origem (Roma)..., pelas circunstâncias do sacrilégio que, concretamente, revela – durante uma procissão..., a custódia solenemente transportada por um cardeal feita pedaços no chão... –, pelo número de «mártires» envolvidos..., pelos pormenores da execução da sentença, pela «obstinação» dos «mártires» luteranos – mais precisamente, dos ingleses luteranos – ajuda a avaliar quanto um tal género de notícias contribuiria, ao serem divulgadas e metamorfoseadas, para avolumar o «horror» e o temor à «negra çeita» dos «agressores» que, pelas mesmas datas, todos viam que se preparavam para atacar Lisboa.

tugal»¹⁷⁹. Apelando não só a leituras, mas também a recordações da sua viagem por Itália e por Alemanha – «Eu a vy e adorei [a hóstia, em Hefel] e tem a imagem do crucifixo»¹⁸⁰; «Eu contei em hũa [hóstia, em Bruxelas] sete facadas»¹⁸¹; «a historia eu a ly escrita nos livros da capela» [de Daroca]¹⁸² –, demora-se a narrar, como dados da tradição – um argumento de relevo na defesa do catolicismo face à crítica reformada – uma comovedora série de milagres eucarísticos, «narrativas históricas» que os jesuítas utilizaram abundantemente e incorporaram, como, desde outro prisma, ficou aludido, no ensino do catecismo¹⁸³. São milagres que provam – a palavra é sua – a felicidade dos que crêm no Santís-

¹⁷⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 280r-283v, ideia que repete logo depois: «Poos Deos milagres do Sanctissimo Sacramento em todas as partes notaveis porque quis abundar na prova deste Mysterio».

¹⁸⁰ Inácio MARTINS, «Carta aos mui reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos», Anvers, 21.9.1573, BGUC, ms. 584, fl. 196r-196v conta, quase pelas mesmas palavras, este milagre: «Mas pouco he isto para o milagre que vimos dahi a 3 legoas em hum lugar por nome Zephel e que na era de 1388 annos o senhor do lugar querendo comungar em a festa da pascoa aporfiou com o cura que não lhe desse ostia pequena como aos outros mas lhe consagrassse hũa ostia grande como a do sacerdote. O cura constrangido e atemorizado o fez assi e como Deos resiste aos soberbos e aos humildes da graça chegado o tempo em que avia de comungar indo o sacerdote para lhe meter o sacramento na boca a terra se furtou dos pes ao que comungava e começando a o comer e tragar appegouse ao altar e pedio misericordia humilhandose debaixo da mão poderosa do Senhor ouve nosso Senhor misericordia delle e sosteveo a terra o tirarão da cova e fiquarão e estão inda agora os dedos impressos no altar, a que se appegou, porque tambem a pedra se abria e entrava a mão por ella e sobre a cova esta hũa grande grade de ferro. Eu medi a cova e tem a altura de dous palmos e meo e a ostia com aver cento e oitenta e cinco annos que isto aconteceu esta inteira em hũa igreja muy sumptuosa e de muita devação e ahi forão as irmãs do emperador a pé desde Eriponte que são 3 milhas germanicas, que são 4 legoas em Portugal». Será de algum interesse lembrar que esta alusão de Inácio Martins condenando os que queriam comungar uma forma grande, como a dos sacerdotes, poderá estar em relação com a critica aos que defendiam – e nesse número entravam alguns cultos sacerdotes – que supunham que «a partícula grande era mais sacramental que a pequena», erro que se encontra muitas vezes denunciado na Inquisição, como assinala José S. da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, Coimbra, 1960, I, 621.

¹⁸¹ Inácio MARTINS, «Charta... pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha», Coimbra, 23.4.1574, BPE. Cod. CX/1-17, fl. 13r-14r lembra, como «hum dos mais insignes milagres que [viu] em todo o caminho», o sacrilégio cometido por judeus em Angia que, tendo roubado uma custodia, «com facas e punhaes» feriram e trespassarão as hóstias sacramentadas de que logo correu sangue. E remata: «estão aynda agora as 3 hostias alvas inteyras e incorruptas com as facadas que os judeus lhe derão e eu as vi tão de perto que não se metia hũa mão travessa entre mim e as hostias e contei em hũa hostia sete aberturas das punhaladas que lhe derão...».

¹⁸² Desta história, contrariamente ao que seria de esperar, não há referência na carta (1ª) que, em 21.2.1573, escreveu desde Barcelona em que conta a sua passagem por Aragão.

¹⁸³ François LAPLANCHE, *Réseaux intellectuels et options confessionnelles entre 1550 et 1620 in Les jésuites à l'âge baroque...*, ed. cit., 100-101.

simo Sacramento e, conseqüentemente, «a infelicidade, a maldade dos que lhe fazem guerra» que «à letra são os herejes de Inglaterra», que, além de «crueis», são «fraudulentos argumentadores contra a fee com que enganão a gente simple». Não sabemos se, nesse «Domingo 11 post Pentecostem», os seu ouvintes eram só ou principalmente «gente simple» – «o povo» iletrado que havemos de encontrar no sermão sobre S. Bartolomeu – dos bairros pobres de Lisboa por onde doutrinava, mas sabemos que, retoricamente, lhes perguntou: «Que aveis de fazer, irmãos»? Se, dado o contexto do momento e o discurso do pregador, a resposta era fácil de descobrir – «Pelejar varonilmente contra estes herejes como verdadeiros catholicos, tendes por vos a Deos e os sanctos e os anjos» – a prova desta convocação e desta protecção deveria ser também facilmente compreensível por gente para quem a conquista era, desde há séculos, um combate contra os infiéis. Se S. Paulo se fazia garante da protecção dos anjos, todos sabiam que S. Tiago era padroeiro de Espanha e que, em circunstâncias que o relato do pregador aproxima das que se viviam em Lisboa nesses dias – «tendo poucos consigo e mouros infinitos» – tinha prometido, no ano 800, a Ramiro a vitória dos seus cristãos. «Que aveis de fazer, irmãos?»: «Irmãos, confessai-vos e comungai: aqui está o ponto: vencer os peccados e antão os imigos e antão day nos engreses invocando a Deos e a Santiago», vingando «a injúria que fizerão a outra vez que qua vierão: derão a imagem de Nossa Senhora da Guia em Cascais vinte e cinco feridas». Se, avivada, por exemplo, pelos números e adjectivos da *Historia Ecclesiastica do Scisma do Reyno de Inglaterra*, esta sua recordação das «vinte e cinco feridas» da imagem da Senhora da Guia nos leva a actos de iconoclastia perpetrados pelas tropas inglesas em 1587/1589¹⁸⁴ – um momento de maior violência e pânico que o de 1596 –, a evocação e os conselhos centrados na protecção de S. Tiago talvez possam, para além desse seu

¹⁸⁴ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 238-239 e 290-291 lembra o que se temia que passasse e o que realmente se passou nos arredores de Lisboa, nomeadamente em Cascais, respectivamente, em 1587 e 1589, mas, a propósito da carta que, em 1587, F. Drake terá escrito ao marquês de Santa Cruz «de muitas fofarrias e atrevimentos alem dos que tinha feitos e mostrados por obra por cuja causa se não fallava em todo Portugal e Espanha senão no Draques», não aponta qualquer acto de iconoclastia, antes sublinhando que, em 1589, «os ingleses em mosteiro nenhum dos muros afora não tocarão nem bolirão em valia de húa aresta nem em igreja nem em casa nenhũa chegando elles aos muros de Lixboa e sendo senhores de todos os arabaldes...»; Agostinho de SANTA MARIA, *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora*, II, Lisboa, Antonio Pedrozo Galrão, 1707, 30-34 ocupa-se desta capela e da sua confraria, mas nada refere sobre o assunto; A. Pinho LEAL, «Cascaes» in *Portugal antigo e moderno*, II, Lisboa, 1874, 156 não aponta qualquer acto de iconoclastia durante o assalto de Cascais em 1589, assinalando apenas que da fortaleza os ingleses «roubaram o que lhes pareceu e saquearam a villa». Mestre Inácio Martins é, assim, a única referência que encontramos a tal desacato.

horizonte tradicional de cruzada que, quase mecanicamente, reaparece ao longo do século XVI, ver-se, desse modo, inscrita nos apelos da política papal *pro extirpatione haeresum* que, desde Paulo III, com oscilações e alianças diversas, se tentava levar a cabo¹⁸⁵, sem, por outro lado, esquecer, neste mesmo quadro, a acção missionária de «resistência» levada a cabo pela Companhia de Jesus na Inglaterra desses anos com o apoio – nem sempre convenientemente discreto, é certo – de gente como essa extraordinária senhora que foi D. Luisa de Carvajal y Mendoza¹⁸⁶.

Se os «herejes engreses» em Faro «despedaçarão as imagens», «dos retavulos fizerão mesa pera comer» e «das estolas ligas das calças», é natural que, em um sermão de 25 de Agosto dedicado a S. Bartolomeu, tivesse o Padre Inácio Martins exaltado não só a veneração das imagens sagradas, mas também das igrejas e dos ornamentos do culto, «tres cousas utilissimas as almas»¹⁸⁷. E não será ilegítimo imaginar que da moldura da própria solenidade da festa em que pregava – «hũa missa em pontifical representa a gloria do ceo e a fermosura da igreja e a castidade e sanctidade que devem ter os ministros» – tenha passado, em resumo, é certo, a abordar a tradicional simbologia dos ornamentos e paramentos do sacerdote para demonstrar quanto são «proveitosissimos», ocupando-se logo com mais demora do «proveito das imagens, já que estas são «livros pera gente que não sabe ler». Não sabemos em quem pensava exactamente Inácio Martins – «a gente simple» que ele diz ser facilmente enganada pela argumentação «fraudenta» dos herejes? –, mas sabemos que são «o povo» que «ve nelas as merces de Deos, os mysterios da fee». E como se de uma lição de catecismo se tratasse, passa a explicar, recorrendo ao texto do concílio tridentino¹⁸⁸, como, através da iconografia, se lêem os *beneficia ad eo (?) collata* – «Num painel do nascimento vé a merce incomparavel que Deos fez em se fazer homem e nacer minino de hũa virgem. Descorrei polas pinturas da vida de Christo grande fructo

¹⁸⁵ Giampiero BRUNELLI, *L'opzione militare nella cultura politica romana: le relazioni papato-impero (1530-1522) in L'Italia di Carlo V. Guerra, religione e politica nel primo cinquecento* (a cura di Francesca CANTÙ e Maria Antonietta VISCEGLIA), Roma, 2003, 522-544 apresenta, sob nova luz, a retrocena dessa política.

¹⁸⁶ Camilo Maria ABAD, *Una misionera española en la Inglaterra del siglo XVII : Doña Luisa de Carvajal y Mendoza (1566-1614)*, Comillas, 1966, continua sendo a sua mais bem documentada biografia.

¹⁸⁷ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 137r-140r.

¹⁸⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 137r-140r, glosa, com alguma adaptação, quer o texto «De invocatione, veneratione et reliquiis sanctorum et de sacris imaginibus» da *Sessio XXV* (3-4 Dec. 1563) do Concilio de Trento, quer a decisão do 2º Concílio de Niceia «De sacris imaginibus anathematismi» (*Conciliorum oecumenicorum decreta*, Bologna, 1973, 137 e 775, respectivamente).

converterse as almas a vista de hũa pintura de Christo crucificado. S. Francisco se converteo estando diante de hũa imagem do crucifixo. Sancta Maria Egipciaca a vista de hũa imagem da Virgem N. Senhora» –, os *sanctorum miracula* – «hum Sancto Antonio pregando aos peixes, hũa Sancta Clara com a custodia do Sancto Sacramento quando fez fugir os mouros» – e os *exempla oculis fidelium subiiciuntur* – «hum S. Hieronimo com hũas disciplinas nas mãos e hũa pedra batendo nos peitos. Move esta imagem penitencia. Pintamnos hum Joseph em Egipto que deixa a capa nas mãos da senhor, move a castidade». E, como adverte, «diante da sagrada imagem do apóstolo São Bertolameo» «pintada» – um quadro ou uma escultura? – «com o evangelho e fauca na mão e com o demonio debaixo dos pees», propõe-se explicar que assim se pode ver como, milagrosamente, ele e os outros apóstolos, pregando o Evangelho, destruíram os ídolos e venceram os demónios. A faca, símbolo importante no contexto desses dias de 1596, indica, historicamente, que «foy esfolado pola fee» e, tropologicamente, o «cortar por sy», «o cortar pola carne», a «penitência» que cada qual, à sua imitação, deve fazer... Um «cortar por sy» que pode significar não apenas «sofrer as injúrias» do próximo..., não «cortar pola fama alhea quando dizem mal de sy», mas também «cortar com a disciplina, com cilicio, com o jejum», obras, como se sabe, «desprezadas» por esses hereges... Mas, «cortar por sy» – e o pregador assinala-o – significa também «vencer» não só a si mesmo, mas ainda a outros vingando, não as injúrias particulares, mas as «injúrias» feitas a Deus... Precisamente contra esses herejes, «blasfemadores», «zombadores», há que aplicar a faca de S. Bartolomeu cortando-lhes a língua «no anno seguinte se qua tornão»... Verdadeiramente, como se sabe, apesar das ameaças que corriam, não tornaram e, por isso, continuaram a ter língua...

Um outro aspecto muito interessante destes, como de outros, sermões de Mestre Inácio Martins é a sua atenção à pregação das obras de misericórdia que não há que ler em estreita relação – o que não quer dizer que não a possa ter – com a desvalorização das «obras» por parte da teologia reformada. Por esses textos, especialmente no último sermão que datou do «anno de 1596 quando os ingresos tomarão Calix e Faro», perpassam apelos veementes à prática das obras de caridade que releva não da vista «de peccados nem de curiosidades», mas da «vista divina», quer dizer, «de necessidades», mais precisamente, de «pobres», pois *in oculi eius pauperes respiciunt*¹⁸⁹. Por isso, «consolando»¹⁹⁰ os que «visitais os presos e os ajudais a soltar e lhes mandais esmolos e os que

¹⁸⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 329v-334v.

¹⁹⁰ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 24-25 *et passim* tratou com pertinência da importância de «consolação» no quadro dos ministérios da Companhia.

lhe levais as quartas de agoa» – referência explícita a práticas de caridade em que o pregador que empenhara, junto com a catequese, desde 1586 e que tanta ressonância tiveram¹⁹¹ – e os que «visitão os doentes nos hospitaes e em suas casas» – lembrando-se certamente de que de Cristo «os mais dos milagres erão nos enfermos» tentou que se escrevesse uma obra sobre este apostolado¹⁹² –, Inácio Martins encomenda ainda que «este anno de tanta pobreza que pregunteis na rua e freguesia vossa se há algum desemparrado», pois «há muitas casas que perecem a fome». E exige didacticamente um pouco mais: «Não vos contenteis dar a quem vos pede a porta, senão inquiri»... É uma recomendação que não só faz aos seus ouvintes dessa imprecisada igreja de Lisboa, mas ainda, recordando que «em Augusta era hum anno de fome e comião os padres pão centeo no refectorio»¹⁹³, um dos pontos da «reformação» que propõe aos seus companheiros da casa professa de S. Roque, lembrando-lhes também que «neste anno que non há pão e comemos no refectoreo o sangue dos pobres, muita gente o tira da boca para nolo dar»¹⁹⁴. Seria interessante poder apurar se com esta referência o pregador iria mais além de um apelo à reformação no voto de pobreza, pois, em alguma ocasião, como numa *concio ad fratres* em 1592 em S. Roque, não deixou de tecer alguma crítica ao que lhe pareciam cedências da Companhia, ao parecer por influência da «soberba» de Espanha – «dizia hum prudente espanhois vale de

¹⁹¹ ARSI, Lus. 70 (1587-1589), fl. 230r, Carta de Inácio Martins a Claudio Acquaviva de 14.8.1587 referindo os diversos locais onde doutrinava em Lisboa: «... outro dia nelas galeras o carcele de la ciudad que son muy poblados y le llevamos algunas veces dos o tres anegas de pan y carne, y pesse, y regalos para enfermos de limosna de personas devotas que la dan, y acabado de repartirselo van muchos hombres con nos a traer agua a los presos con notable edificacion...»; apoiado seguramente em esta carta ou em alguma de conteúdo semelhante, Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 409-410, comenta: «Não experimentaram menor proveito assim os prezos do Limoeiro, como do Tronco, a quem alem de consolar com a Sancta Doutrina, levava grossas esmolos de pam, carne e peyxe, e agoa; isto se levava em procissam com a bandeira da Sancta Doutrina arvorada, e com musicas extremadas. So de quartas de agoa passavam ordinariamente de duzentas. Acodia muita gente grave nam so a ver, mas tambem a ter parte em tam sancta obra. Outras vezes hia levar agoa aos prezos seguindoo trezentos, e quatrocentos homens com quartas, e delles nobres, e alguns se deciam dos cavalos, e hiam buscar agoa...», apontando ainda não só o interesse do Arquiduque Alberto por esse apostolado, mas também alguma reacção negativa de estrangeiros que o estranhavam.

¹⁹² Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 438-439: «Dizia, que desejava muito, sahisse algum livro, que tratasse do trabalhar servindo aos enfermos...».

¹⁹³ Inácio MARTINS, «Carta aos mui reverendos em Christo Padres e charissimos Irmãos», Anvers, 21.9.1573, BGUC, ms. 584, fl. 196v: «...e assi nos collegios dos padres communmente comesse pão centeo no refeitorio. A nos por hospedes punhãonos hum pedaço de alvo, e espantaraõse quando lhe disse que em Portugal comião todos os nossos no refeitorio pão alvo», notícia que aproveita Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 424.

¹⁹⁴ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498-501v.

miseria, mole de soberba» –, em «fantasias» de «pontos de honra» que estavam a ditar mudanças nas fórmulas de tratamento entre os padres e os irmãos – «eu vejo que oje vai em 40 annos no curso que ouvimos em Sanfins avia homens Ignacio de Azevedo, Marcal Vaz, Goncalo Alvares, Miguel de Barros; eu era moco. Todos eramos irmãos, nenhum era sacerdote. Não me lembra que nenhum falasse por reverencia aos outros. Lembrame que eu falava a Ignacio de Azevedo por vos, era linguagem daquele tempo. Agora alguns irmãos estudantes e coadjutores falamse por reverencia¹⁹⁵. Isto he descaimento claro na humildade dos irmãos. O vos não recebem bem, alguns padres agasalham a paternidade quando lha dão fora. Ha pontos de honra no pregar e confessar e leer.» – ou até em «distracções» – «polas ruas olhos mais alevantados...» – ou em usos novos – «hum os dias passados levava oculos pola rua. Valhame Deos! Oculos pera ler, sy, mas pera ver non edifica. Tiremse os oculos a mancebos e dense aos barbeiros velhos desta cidade que non há remedio pera quererem oculos e acontecerão já desatres nas sangrias: sangrarem na arteria e morrerem algũas pessoas»¹⁹⁶.

O que acabamos de dizer pode ser ainda completado por algumas, embora fugazes, alusões quer a outras obras de misericórdia – o dever de perdoar injúrias e de contribuir para a reconciliação da sociedade¹⁹⁷, uma questão em que os jesuítas se empenharam com afinco e não só em tempos de «missão de interior»¹⁹⁸ – quer a certos costumes, como a escolha gente moça para padrinhos de

¹⁹⁵ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 378-379 aborda esta questão assinalando a diferença entre as perspectivas de Inácio de Loyola e as de J. Nadal que «promosse l'adozione di stili formali per i rapporti tra le persone all'interno dell a Compagnia», o que nos leva a perguntar se as críticas de Inácio Martins deverão ser vistas à luz da fidelidade aos ensinamentos do Fundador ou à do avanço das formalidades promovidas por Nadal, mais do que consequências, como poderia parecer à primeira vista, das preocupações pela cortesia e suas fórmulas que já foram olhadas no quadro do chamado «disciplinamento» (Dilwyn KNOX: *Disciplina: le origini monastiche e clericali del buon comportamento nell' Europa cattolica del Cinquecento e del primo Seicento*; Nestore PIRILLO, *Ragione, usanze, costumi. Dai «precetti della legge cristiana» ai precetti del «vivere nel mondo». Per uno studio su Giovanni Della Casa*; Karl HÄRTER, *Disciplinamento sociale e ordinanze di polizia nella prima età moderna* in AA.VV., *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra medioevo ed età moderna*, a cura di Paolo Prodi, Bologna, 1994, 63-100; 539-582; 635-658, respectivamente) em que se teriam empenhado os tempos post-tridentinos. Naturalmente, será sempre possível tentar ver dentro deste quadro mais amplo a promoção dessas formalidades de comportamento promovidas por J. Nadal.

¹⁹⁶ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad fratres*, BNL., Cod. 3502, fl. 515r-518r.

¹⁹⁷ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

¹⁹⁸ Federico PALOMO, *Fazer dos campos escolas excelentes...*, ed. cit., 416-419. Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 6271, 47v-50r copiou ou copiaram um seu «Sermão da Amizade» que, como viu Federico Palomo na sua obra tantas vezes já citada (p. 418-419), não se integra propriamente no esquema desses sermões para «fazer a amizade» entre desavindos, sendo antes um discurso de tom humanístico, de corte ciceroniano, sobre a Amizade, que, aliás, Inácio Martins

baptismo, ou às tafularias e liberdades gisadas pelas alcoviteiras de Lisboa¹⁹⁹... Poderíamos ainda aludir, se não fosse uma banalidade, ao seu misogénismo latente – «mulheres hão mister [ser] governadas por outrem» – que, por sua vez, como exige o contexto, poderia relacionar-se com essa «cantiga bem escusada [que] ellas inventarão e cantarão» a Saúl e introduzir, com alguma violência, é certo, ao empenho de Inácio Martins em desterrar não só as comédias – «foi seu inimigo capital»²⁰⁰ –, mas também as cantigas profanas, empenho que teve ecos quer em algumas acções levadas a cabo com a participação da «infantaria» dos «meninos da doutrina» contra alguma «dança de si lasciva, e desenvolta»²⁰¹, quer no seu ensino do catecismo, nomeadamente no fazer esquecer uma canção «que começava *Arrenego de palpamaire* que, dizia elle, parecia ser feita por algum Judeu em desprezo do Papa»²⁰²... E devia acertar, se não na origem, seguramente na matriz reformada da canção, o que é um dado interessante a considerar no contexto da difusão, nem sempre consciente, e consequente repressão das marcas literárias reformadas no Portugal dos seus dias.

Como era de esperar pelas alusões que já ficaram feitas, a situação política e social desses dias de 1596 mereceu-lhe alguns comentários e avisos, perspectivados pela relação estreita que estabelece, especialmente no último sermão, entre a heresia e o «peccado da carne», os dois pecados a que Deus mais do que «ódio» – esse tem-no a todo o pecado – «tem asco». E, se quanto à heresia – *peccatum maximum* – e contágio com os hereges a firmeza da fé dos seus ouvintes é indiscutível – «nesta materia sois catholicos, estais bem» –, no que diz respeito ao «peccado da carne» a situação é muito diversa e nada tranquilizadora: «Sabeis muito bem que vai em grande crescimento...»²⁰³. Por isso, como

poderia facilmente ter lido, não só em latim, mas na tradução portuguesa de Duarte de Resende (Marco Tullio Cicerom de *Amicicia, Paradoxas e Sonho de Scipião. Tirado em ligoagem Portuguesa per Duarte de Resende, Cavaleiro Fidalguo da Casa del Rey nosso Senhor*, Lisboa, Germão Galhardo, 1531) que reeditou a sempre lembrada Maria Lenor Carvalhão Buescu (Lisboa, 1982).

¹⁹⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²⁰⁰ Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, Primeira Parte*, 220-221; Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 408-409; João CORREIA, «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 117: «Derãolhe neste tempo novas de que mandavão tirar de Portugal as comedias e que vinhão muitos estudantes a tomar disciplina ao collegio como elle tinha encommendado na capella da Universidade na derradeira pregação que la fez, levantou as mãos ao ceo dando gracias a Deos por lhe ter cumprido sua petição que sempre lhe fizera, e era»; de igual severidade contra as comédias participava Pedro de RIVADENEIRA, *Tratado de la tribulación*, ed. cit., 91-107.

²⁰¹ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 409.

²⁰² Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 415.

²⁰³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

o declara, ele que chamou a atenção dos padres seus irmãos para o papel dos pregadores como «prophetas neste tempo»²⁰⁴, bem o «folgava de pregar a toda Espanha, porque nesta parte está cega» e desculpa esse pecado com um «são fraquezas dos homens». Enforcam-se os ladrões e perdoam-se os adúlteros e «se a justicia quer enforcar hũa adultera tem trezentos adherentes e os da misericordia vem com hum crucifixo pedir ao marido que perdoe e lhe dão dinheiro ou officio pera que venha nisso». Mas, como prova por fartas citações, se no Antigo Testamento se podem ler rapinas e homicídios, nele também consta que o «peccado da carne» foi o único por que Deus se arrependeu de ter criado o homem..., pois perturba a ordem da criação²⁰⁵, tal como a heresia subverte a ordem social. Tendo em conta toda uma tradição que estabelecia a relação, quase de causa e consequência, entre culpa moral e heresia²⁰⁶, tradição que os jesuítas, naturalmente, também aceitaram²⁰⁷, – como reiteradamente expõe Rivadeneira na *Historia Ecclesiastica del Scisma del Reyno de Inglaterra* e pontualiza no *Tratado de la tribulación*²⁰⁸ –, compreende-se que, se «o peccado da carne publico como agora está a terra enjoa mais a Deos que os outros peccados», não duvide o pregador em proclamar que «o peccado da carne», porque, segundo S. Tomás, «põe no entendimento cegueira, na vontade odio de Deos»²⁰⁹, «despõe e leva o

²⁰⁴ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

²⁰⁵ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r: «Fazer Deos mencão da criação, recorrer aos alicerces, dizer pesame de aver criado o homem, isto nunca o Deos disse senão aqui. A causa parece que he porque o peccado da carne perturba a ordem da criação. Deos fez qua em baixo quatro graos de criaturas pedras, plantas, brutos, homens. O deshonesto desanda toda esta ordem. Homem dece a besta, *computierunt jumenta in stercore suo*. Ambros. *Homo per luxuriam versus est in pecudem*. Dece a planta, pois non trata mais que parece bem com varias cores, hum ramo para qua, outro para colá. Dece a pedra, porque quer mal a quem o põe na visitação, he marmore duro, non sofre correição fraterna...». (Os sublinhados são do original).

²⁰⁶ Alonso CABRERA, *Consideraciones del Sábado despues de la Ceniza in Sermones* (Con un discurso preliminar de Dom Miguel Mir), Madrid, 1930, 67: «No es salvarse empresa de holgazanes, como los herejes pretenden, que todo lo asientan á cuenta de la Pasión y trabajos de Cristo, y ellos quieren holgarse y largar la rienda a sus apetitos, yéndose al amor del agua de sus perversas inclinaciones...», é apenas un exemplo mais, que, apenas porque de um grande pregador – dominicano, neste caso – contemporâneo de Inácio Martins, apontamos aqui.

²⁰⁷ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 80.

²⁰⁸ Pedro de RIVADENEIRA, *Tratado de la tribulación*, ed. cit., 311: «Y así comunmente vemos que los hombres perdidos y desalmados facilmente se hacen herejes y buscan errores en la doctrina para autorizar y defender los desconciertos de su mala vida. Y si esto en los tiempos pasados fué verdad, no lo es menos en los presentes, por ser las herejías de nuestros tiempos más peligrosas, blandas y sensuales, y fundadas en deleites y carnalidades, y enemigas de toda aspereza y penitencia».

²⁰⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r: «Santo Thomas 22 q.153. 5º diz que põe este peccado no entendimento cegueira, na vontade odio de Deos emquanto

homem a ser hereje que he o peccado que dissemos sobre todos enfada a Deos». E, se «o demonio da heresia quer entrar e tem qua o demonio da fornicacão para lhe abrir as portas», bem de ver que o «peccado da carne vai despondo Espanha para a heresia». Não há, então, porque estranhar que interrogue os seus ouvintes: «Que cuidais vos que são estes herejes engreses que já duas vezes cometerão Espanha? He o inferno que pretende meter a heresia em Espanha»²¹⁰.

É este – tempo de heresias e de «pecado da carne» – «o tempo em que estamos» e, assim sendo, em «este anno de 1596», sentiram os portugueses, especialmente pelo «peccado da carne», «cinco castigos notorios»: fome – «custou o centeo em certas partes de Portugal a quatrocentos e quarenta», esse pão de pobres que, contrariamente aos de S. Roque, comiam habitualmente os jesuítas de Augusta –, doenças – «despejãoosse alguns lugares da Beira por aver tabardilhos como ramo de peste» –, guerra – «bem a viste, pusestevos todos em armas»²¹¹ – perdas do mar – «soo hũa nao veio, não há novas das outras» –, medo – «antigamente poucos portugueses não temião a muitos. Lede as chronicas. Agora trocouse este negocio, muitos aveis medo a poucos»²¹². Somados estes

lhe prohibe amor deste mundo horror do outro non quer que lhe falem em outro mundo, tem qua o seu paraíso *caecitas mentis odium Dei quatenus prohibet delectationem comcipientem affectum praesentis a seculo. horror futuri*».

²¹⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL. Cod. 3502, fl. 324r-329r tinha já comentado: «Farei hũa pouca detença que releva assi que cuidais pretendeo o demonio com o exercito do hereje engres e outras nacões que qua veio este anno? Quer meter a heresia em Espanha». Das «outras nacões», segundo Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 332, «os senhores que vinhão nesta armada ingreza erão os seguintes o Condestabre mor de França o almirante de inglaterra o principe de Orange o de Dina Marca com Dom Christovão filho do Senhor Dom Antonio o conde de Leste ingres o conde Ruberto Antonio Peres afora outros muitos de titulo...».

²¹¹ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 327 referindo-se à defesa de Lisboa em 1596 recorda: «Estando as cousas neste estado que atras ouvistes com todo Portugal se não revolver senão em armas em especial nesta cidade de Lixboa não se podendo ouvir com tambores...».

²¹² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 6271, fl.36v-37r («Dom. 4 post Pentecostem»), depois de expor as «honras de S. Pedro», o pregador tece algumas considerações sobre as «pescarias» do Apóstolo, para concluir que se «as melhores pescarias» são as dos religiosos, pois medeia a obediência, embora também as haja de «pescadores» seculares, como, por exemplo, David..., Constantino..., tal como, quando os portugueses eram poucos, foi «gloriosa pescaria a do rei dom Afonso Anriques quando pelejou com cinco reis mouros, avia para cada portugues cem mouros porque não tinha mais que dez mil de pe e mil de cavallo; fez hũa fala aos seus grande meros nos fez Deos chegarmos a hum dia tam glorioso, se matarmos, ganhamos terra, se morreremos, ganhamos ceo; e que muito há que mouramos todos per aquele Senhor que deu o sangue por nos? Ele pelejou na + por nos e nos cobardes não pelejaremos por ele? O portugueses bons cavaleiros (nome que já não mereceis porque andais quasi todos em machinhos), o portugueses!, amanhã prazendo a Nosso Senhor acabareis de confirmar pera sempre o bom nome, que os portugueses de saberem aguardar bem seu Senhor em as pres[s]as e perigos porque com a ajuda de Nosso Senhor

«notorios castigos» que muitos dos seus contemporâneos queriam atribuir à «natureza» e não a «effectos da divina justica» – «vem fome? Dizem não choveo. Vem peste? Dizem apegouse de mercadoria de hũa nao»²¹³ – com as ameaças dos herejes ingleses – outros os olhariam até com uma certa displicência: «Tomarão Cales? Dizem pouco ha tomarão os espanhois Chalês»²¹⁴ – que «são a letra», do Anti-Cristo «os seus vassalos proprios» e precursores, é bem de temer que seja chegado o seu tempo e, com ele, como «disserão – não diz profetizaram... – alguns grandes servos de Deos Simão Gomes, Leão Henriques, o Padre Luis Goncalves algum grande castigo a Espanha»²¹⁵, dessa Espanha que já em 1592

eu espero de tomar tal lugar na peleja onde me serão necessarias vossas mãos e ajuda. Meia hora ante manhã saye fora da tenda para acometer os mouros; apareçoelhe Nosso Senhor Jesu Christo na +, adorou posto de giolhos com muitas lagrimas e alegria e esforço e disse Senhor aos hereges aos hereges faz mingua [*por cima*: mister] appareceres, mas eu Senhor nenhũa duvida creio e espero em ti firmemente. Deu nos mouros e venceos gloriosamente. Depois tomou Lisboa e mandoulhe Deos socorro cento e oyntenta velas de estrangeiros que agora vos tomão vossos navios. Que fizestes portugueses que assi se troquou tudo? Grandes são vossos peccados. Os estrangeiros alemães franceses engleses então unidos com seus navios para vos ajudar, agora unemse para vos saquear, que vos tem tomado navios sem conta. Deos vos alumeie e reforme...».

²¹³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 6271, fl. 68v-60v («In die jubilei por hũas guerras do turquo») desenvolve a mesma ideia: «He tempo de inquirir *quare malum sit nobis*, esta tormenta presente que nos ameaça. Erro he dalguns christãos attribuir os effectos da divina justica a causas naturaes, que tambem tiverão os filhos de Israel. Ier. 5 clama o profeta contra os taes [...] Não entendereis ora que he justica divina por vossos peccados. Non digais que he curso de natureza. Se não ouvera peccados não ouvera estes trabalhos. Amos 4 se queixa o mesmo Deos de attribuirem os castigos a natureza e não a justica ...». Também Pedro de RIVADENEIRA, *Tratado de la tribulación*, ed. cit., 318 pondera: «Los filósofos más groseros atribuyen los acacimientos y varios sucesos que vem á las causas naturales; los historiadores á las morales; los astrólogos á las estrellas. Los teólogos y sabios cristianos los refieren á la divina Providencia, como á fuente y primer principio de todas las cosas; la cual algunas veces las dispone de manera, y con tal suavidad ordena los consejos y circunstancias que entrevienen en ellas, que parece que fué acaso lo que se hizo, y que si se perdió la jornada, fué, ó por culpa del capitán, ó por la poca obediencia de los soldados, ó por la falta de municiones y de bastimentos, ó porque el enemigo tuvo en la batalla en su favor el sol ó el viento, ó por otras causas semejantes, siendo verdad que la causa principal fué la voluntad del Señor, aunque se sirvió de las otras causas particulares para obrar con más suavidad. Y los que solamente miran á lo de fuera echan la culpa á lo que de fuera se ve...».

²¹⁴ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

²¹⁵ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v. Manuel da VEIGA, *Tratado da vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomez Portuguez, vulgarmente chamado o çapateiro Santo*, Lisboa, Officina de Francisco Villela, 1673, I, 15, 86 refere precisamente a ameaça desse «grande castigo» profetizado por Simão Gomes que seria depois da peste e fome de 1569 «hum trabalho mayor de guerra, e a gente nobre, e poderosa, a quem nem a peste nem a fome abrangeo, nem alcançou, por se lhe acolherem, acharseá colhida em hũa rede de que nam escape»... Simão Gomes, além de referir esse «grande castigo», também preveniu sobre um «cruel castigo», «trabalhos» em que hoje seríamos imediatamente levados a ver uma alusão a Alcácer Quibir, mas, talvez, o P. Inácio Martins, atualizando a profecia, poderia esperá-los no contexto da guerra de 1596 e de suas consequências.

tinha chegado «ao cabo de toda a maldade e ao cabo de toda a miseria»²¹⁶. Se nada sabíamos da fama de profetas dos célebres padres Leão Henriques e Luis Gonçalves da Câmara, percebemos bem a referência a essa incontornável figura de «profeta de corte» que foi Simão Gomes, o «sapateiro santo»²¹⁷, tão estimado e ouvido por Inácio Martins e seu incondicional apoiante no apostolado do ensino da doutrina²¹⁸ – morava, aliás, junto de S. Roque – e comentador dos *Trenos* de Jeremias²¹⁹, obra a que o pregador recorre também – quase parece estar a citar

²¹⁶ Inácio MARTINS, *Pregações – Concio ad fratres*, BNL. Cod. 3502, fl. 515r-518r.

²¹⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, 1973, 233-260.

²¹⁸ Manuel da VEIGA, *Tratado da vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomez Portuguez, vulgarmente chamado o çapateiro Santo*, ed. cit., I, 14, 80-81: «Ao Padre Ignacio Martins da Companhia de Jesu, que naquelle tempo era pregador de El-Rey, e dos mais afamados, e accitos, profetizou, que antes de acabar a vida faria grande fruto nas almas, e reformaçam nos costumes com a santa doutrina que avia de ensinar pelas praças, e lugares publicos, o que se vio cumprido [...] E eu que isto escrevo, lhe ouvi dizer antes de espirar, que dos annos que foi prègador, temia de dar conta a Deos, e nam dos que ensinara a santa doutrina, que estes o consolavam muyto naquella derradeira hora, e he de crer que o Padre Ignacio Martinz por ser devotissimo amigo de Simão Gomez, tomou esta profecia, como por conselho seu, porque muytas vezes lhe ouvio dizer, e assi o deixou escrito...»; o anónimo autor *Da vida e virtudes do Santo Varão Mestre Ignacio Martins* (BPE, Cod. CIX/2-13, fl. 86r-86v), fazendo-se eco desta referência, escreve: «E dado que sempre proçeedo em espirito tendo por diante a gloria de Deos, a salvação das almas, o bem da sua religiam. Contudo notavelmente se aventajou e se venceu a si mesmo nos derradeiros 17 annos de sua vida que toda foy hum continuo exercicio de oração, humildade e doutrina espirital do proximo. Assy lho tinha prophetizado hum homem santo alumiado por Deos no conhecimento das cousas que estavam por vir que Deos deo a Portugal neste seculo passado por nome Simam Gomes, çapateiro no officio, mas mui alto no mereçimento diante de Deos, do qual mais abaixo daremos mais clara noticia e como he proprio de hum santo entenderse com outro santo, o Padre Ignacio Martins já do tempo em que em Evora era lente de philosophia tinha grande trato e familiaridade com este servo de Deos; e no tempo em que pregava na corte a Elrey D. Sebastian o buscava e ouvia suas palavras com grande respeito e veneraçam como de pessoa humilde e simples a quem Deos (como he proprio seu) falava e descobria grandes misterios...»; e, naturalmente, também assevera esta tradição Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 407: «neste sancto ministerio o confirmou muito Simam Gomes, o sapateiro sancto, o qual lhe disse: Padre Mestre Ignacio, a Companhia tem tomado huma empreza mui proveitoza, que he ensinar os meninos pelas ruas com a cana da Sancta Doutrina, mas como esta occupação não he honroza, e de tanta estima, como o pregar, ler, e outros exercicios, pello discurso do tempo, os Pregadores, e Padres de autoridade a ham de vir a desestimar, se vossa Reverencia, que he conhecido por letrado, e tem autoridade na Corte, nam lançar mam desta empreza mais proveitoza que o pregar...»; José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 240, 250, 252. Curiosamente, Baltasar Telles nada parece referir sobre as relações de Simão Gomes com Inácio Martins.

²¹⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 246.

pelos apontamentos que sobre Simão Gomes foi tomando²²⁰ – para expor o seu temor sobre a provável iminência desse «grande castigo». A própria perda do rei Sebastião poderia inscrever-se nesse «tempo», pois – e bem sabemos como Simão Gomes profetizou a «desgraça»²²¹ – «aconteceu por nossos peccados»²²², mesmo se a vinda do rei de Castela foi, nesse contexto, uma das «merces de Deos» – leia-se: o menor dos males... –, já que, como o lembra aos padres de S. Roque, «podera ocupar o regno o xarife, o engres, o frances tão esforçado»²²³... Ignoramos, porque o seu comentário aos *Trenos* se perdeu e algumas das suas «respostas» não o afirmam explicitamente²²⁴, se Simão Gomes, chorando sobre os pecados de Lisboa e sobre as ameaças de destruição que sobre ela pairavam²²⁵, propunha, para afastar esse «grande castigo», o «remédio» de «lançar fora» «os amancebados publicos» e outros seguidores do «demónio da fornicção» quer seculares quer eclesiásticos, mas Inácio Martins aponta-o como uma exigência – «remedio efficacissimo» – para evitar o «contágio» – a palavra também é sua – dos sãos por estes «leprosos» que se não são «leprosos de fee», como os here-

²²⁰ Manuel da VEIGA, *Tratado da vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomez Portuguez, vulgarmente chamado o çapateiro Santo*, ed. cit., «Prologo», s. p., garante-nos que a sua principal fonte sobre Simão Gomes foram uns apontamentos que Inácio Martins deixou sobre o profeta: «A ocasião deste meu zelo, e desejo foy hir dar como a caso em huns papeis que o P. Ignacio Martins doutor Theologo da Companhia de Jesus, bem conhecido neste reyno, e cidade, por sua santa vida, e doutrina, escreveo assi do que sabia, como do que ouvia a este servo do Senhor, com que teve familiar trato, e estreita amisade, procurando sempre que se offerecia ocasião tirar, e saber delle o que servisse para exemplo, e edificação nossa». (conf. ainda, *Tratado...*, ed. cit., 112). E sem querer sermos exaustivo, não deixará de ser interessante que Simão Gomes perguntado «porque causa N. Senhor não fazia oje os milagres que antigamente fez, especialmente no santissimo Sacramento como os milagres dos corpaoraes de Daroca em Hespanha, ó de Santarem tão celebre em Portugal, o de Bruxelas em Flandes, e outros muytos. Disse, que a geração mã, e encredula não se dava milagres...», o que nos remete exactamente para os milagres que Inácio Martins recorda, como vimos, quer nas suas cartas quer nos seus sermões...

²²¹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 248-250.

²²² Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

²²³ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

²²⁴ Manuel da VEIGA, *Tratado da vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomez Portuguez, vulgarmente chamado o çapateiro Santo*, II, 14 («Como discursava sobre os peccados, e castigos deste Reyno»), ed. cit., 178-184, ainda que «dizia que era lastima grande ver, e considerar, como tinham os peccados ganhado a terra toda em quantidade, calidade, e authoridade» e que a «já a infame doença a que chamamos males (pelo mal do peccado que os causa)» era «um «mal honrado», não avança com as soluções de exclusão que propõe o seu «devotissimo amigo».

²²⁵ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 246.

jes, para lá caminham. Efectivamente, se, «como diz hum doutor», *sublata fide aperitur janua omni vitio sine resistencia*²²⁶...., facilmente se conclui que «hum deshonesto caminha para todas as heresias»²²⁷. Ambos os tipos de «leprosos» – e é interessante que o pregador estabeleça a sua argumentação sobre esse conceito de enfermidade, então incurável, que levava à exclusão –, merecem que as justiças do reino deles se ocupem, e, neste tempo, como profilaxia mais à mão, em primeiro lugar dos «amancebados publicos» para que, «por inteira justiça», «deles se purifique a terra», purificação em que, segundo o pregador, «dormem» alguns dos ministros do rei²²⁸.

Mas se é obrigação das justiças combater os pecados públicos, os herejes têm de ser combatidos aqui e agora com as armas na mão e, como já se terá percebido, o pregador não foi parco em convocar os seus ouvintes a essa luta, como, aliás, estava determinado pelas autoridades do Reino, para «vingar» «injúrias» dos herejes. E deste modo, geralmente no fim dos sermões, procedia a essa incitação que também era uma excitação que comungava com todos ou grande parte dos seus ouvintes, sobretudo enquanto não fugiam: «day neles, invocando a Deos e a Santiago»²²⁹...., «E para o anno que vem fazernos preste se qua tornarem vendei as mulas e compraí cavalos e se qua tornarem para derribar as igrejas, derribaí vos a lancadas e se algum devos morrer tem a gloria do paraíso, a porta vos hão os anjos de vir buscar...»²³⁰, «Irmãos, o anno seguinte, se qua tornão matai neles o ceo sera por vos. São Paulo vos mandara a espada. São Jorge a lanca e São Bertholameo a faqua para que tambem lhe corteis as lingoas se for necessario...»²³¹, incitamentos que, independentemente do que neles possa ecoar de outros idênticos da *Exhortacion para los soldados y capitanes que van en esta jornada de Inglaterra...* de Rivadeneira²³², bem poderiam fazer de Inácio

²²⁶ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²²⁷ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²²⁸ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v, se bem que, nessa página, Inácio Martins não afirme explicitamente o que concluímos, o texto em que alude aos «sacerdotes amancebados» que transportavam a arca e a referência declarada a que alguns dos ministros do rei «dormem», permite, parece-nos, sem qualquer violência, a conclusão.

²²⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 280r-283v.

²³⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²³¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 137r-140r.

²³² Comparem-se os incitamentos da conclusão do sermão do Domingo 11 *post Pentecostem* dos começos de Agosto de 1596: «Que aveis de fazer, irmãos? Pelejar varonilmente contra estes hereges como verdadeiros catholicos tendes por vos a Deos com os sanctos e anjos. Os seus anjos custodios são por vos [...] Tendes por vos Santiago padroeiro de Espanha [...] Tendelo por vos, tendes por vos a sacrossanta Rainha dos Anjos. Vingailhe a injuria que fizeram os ingleses a outra vez que qua vierão...» e os do sermão de S. Bartolomeu de 24.8.1596 que citamos, com os da conclusão da *Exhortacion* de Pedro de Ribadeneira: «Vamos a destruir una morada de víboras, una cueva de

Martins um bom exemplo do que já se chamou «a paixão militante» que, comum a católicos e protestantes²³³, também contaminou a literatura – e não apenas a de controvérsia teológica – e teria sido bem corrente nesses dias portugueses²³⁴.

Mas o seu combate à heresia pelo apelo à ordem na moral – uma ordem que aqui o pregador vê perturbada, sobretudo, pelo «demónio da fornicação» – não é uma lição que Inácio Martins pregue apenas aos outros no contexto do aproveitamento das circunstâncias de descompressão das ameaças dos ataques dos ingleses, pois já nos fins de Julho, na *concio ad patres* de S. Roque tinha, citando S. Bernardo, chamado a atenção para o perigoso contrassenso de *erigere muros, negligere mores...*, uma situação que, porque a julgava vigente, o levou a exclamar: «Triste de ti, Espanha, Deos te valha!».

Na verdade, e há que dizê-lo se quisermos calibrar justamente estes seus cinco sermões «militantes», esse apelo à reforma dos costumes, à necessidade de «purificar a terra», não é uma questão que, como em muita literatura de crítica de costumes, apenas diga respeito aos ministros da Justiça e à sociedade em geral, mas, sim, a cada um dos seus ouvintes.

Diz respeito, antes de mais, aos membros da Companhia de Jesus seus companheiros. Por algo, lhes dirigiu a primeira das pregações em torno da luta contra «os herejes ingleses» em que, depois do que hoje vemos que é uma síntese de muitos dos temas que pregou aos «outros», apela à «melhora» – «melhoremonos» é a fórmula com que introduz as suas chamadas à perfeição – na

ladrones, una piscina y una balsa de garrulaciones y vapores pestíferos, una cátedra y escuela de pestilencia; a cortar la cabeza de una mujer que se hace cabeza de la Iglesia [...] Los santos del cielo irán en nuestra compañía, y particularmente los patronos de España y los santos protectores de la misma Inglaterra, que son perseguidos por los herejes ingleses, y desean y piden a Dios su venganza, nos saldrán al camino y nos recibirán y nos favorecerán [...] Más podrá Dios que el diablo, más los santos y ángeles del cielo que todo el poderío del infierno, más el ánimo invencible y brazo robusto español, que los ánimos caídos y cuerpos helados y flojos de los herejes...» (*Exhortación...*, ed. cit., 448-449).

²³³ François LAPLANCHE, *Réseaux intellectuels et options confessionnelles entre 1550 et 1620 in Les jésuites à l'âge baroque...*, ed. cit., 94

²³⁴ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 323, ainda que considerando-as fanfarrices de castelhanos em Lisboa, não deixa de anotar que, ao presumir-se que a armada inglesa passava em direcção a Cadiz, «os castelhanos deziem que se elles a Cales hião que Cales damargura avia de ser para elles e outras roncarias muitas que sobre isto deziem escrevendo de la de Cales que dinheiro darião porque elles la fossem o que prouvera a Deos não foram pois tam grandes ficarão os ymigos na vitoria e sacco e os castelhanos tam anixilados...». Ao nível da produção poética desses tempos, bem sintomático desta «paixão militante» é o soneto que André Falcão de Resende, cantor de D. Álvaro de Bazán e de sua mulher, dirige, por ocasião da «Invencível», a Isabel I de Inglaterra, «Miserá filha vã de Babylonia // d'apostata pae, e da diabolica / Seita ah!, filha...» in (André Falcão de RESENDE, *Obras*, Coimbra, s. a., 137)

obediência, esse ponto que, em seus dias, era já uma das chaves da autorepresentação que os jesuítas faziam de si mesmo²³⁵ – «acabado o superior de mandar *fiat fiat*» que ilustra com um *exemplum* do Prado *espiritual* e uma citação da vida de S. Francisco –, na pobreza – «maxime neste anno que non há pão e comemos no refectoreo o sangue dos pobres...» –, na caridade que deve significar, de acordo com a larga citação da *Epistola* de S. Paulo ao Colossenses (3, 10-13) uma vida nova de virtude e santidade, na oração – em que, é importante notar, há que pedir a Deus «homens amigos de reformation dos costumes de Espanha» – na castidade – «que a propria mulher que se confessou a hum de nos diga: castiga, mas confessome a hum anjo» – e ainda que «não nos escusemos facilmente dos ministerios»²³⁶ – na pregação, no ouvir confissões... – trazendo aqui o testemunho de um «padre antigo muito prudente e virtuoso» que se arrependera «das vezes que se escusara de confissões cuidando que erão trabalhos sendo na verdade preciosos trabalhos e alvitres do ceo». Mas se todas estas razões são importantes para mover à melhora de todos e de cada qual, há ainda, segundo o pregador, uma «outra rezão de reforma que mais força deve ter com nos e deve compellir a sermos sanctos e he que espera Deos de nos esta sanctidade quando faltasse fora na falta da Companhia...»²³⁷, o que é um bom ponto de vista para perceber um pouco melhor essa autocompreensão da Companhia de Jesus desses dias²³⁸.

Aos «outros», quer dizer, aos que o ouviam em S. Roque, em Santa Catarina, em Santos-o-Velho, etc., exigia, de modo prático, mais oração. Certamente, não que se ajoelhassem «cem vezes de noyte e cem de dia», como S. Bartolomeu, mas que, imitando-o no modo possível, tomassem essa lição e «a noyte ageolhaivos antes de vos deitar por certo espaço orai»²³⁹... Esta oração devia incluir um exame de consciência – «orai. Cuidai em vos e na familia, se ides para o ceo se para o inferno... E onde haveis de yr? Que fim será o vosso?»²⁴⁰ – que devia conduzir ao arrependimento – «E cada dia quando vos deitais dizeis: Senhor, pesame muito de meus peccados peçovos, Senhor, polo desemparo de vosso filho na + e pola misericordia que ele pedio aos peccadores me queirais emparar com a vossa graça e me queirais perdoar meus peccados e dar-me graça

²³⁵ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 367, 374-375, 387, 388 *et passim*.

²³⁶ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, 438: «Notouse nelle, que nunca afroxou no trabalho. Por isso nunca sabia estar ociozo, ou avia de pregar, ou fazer Doutrina, ou estudar, ou ter oraçam [...] Em faltando à vespóra algum pregador, era certo occuparemno, e nunca se escusou...».

²³⁷ Inácio MARTINS, *Pregações - Concio ad patres*, BNL., Cod. 3502, fl. 498r-501v.

²³⁸ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 74-75.

²³⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 329v-334v.

²⁴⁰ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 329v-334v.

que nunca mais vos offenda e isto por intercessão da Virgem N. Senhora...»²⁴¹ – em que não parece difícil sugerir um tom que vai dos *Exercícios* inicianos às orações da *Doctrina Christã*. Depois dos apelos à oração, há-os também à penitência, pois, no fundo, praticamente, tudo se resume, como se vê do exemplo de S. Bartolomeu, a «duas cousas muy importantes: orar e cortar por sy», pois o exâme de de cada dia – «vos incertos [da salvação] não vos examinais e emendais cada dia»²⁴² – tem de levar à penitência – «Começai hoje cada dia a noite chorai» –, penitência que não é de um dia, mas de «toda a vida», pois é a única maneira, de quem não é inocente como os «meninos baptizados», entrar no céu: «os sanctos entrão no ceo com as lágrimas nos olhos»²⁴³. As práticas penitenciais recomendadas não vão além de apelos genéricos quer a «cortar pola carne com a disciplina, com o cilicio, com o jejum» à imitação da alta perfeição dos santos²⁴⁴ quer à prática, apresentada apenas como «bom conselho», da confissão sacramental semanal, seguida de comunhão – «he bom conselho confessar e comungar cada oito dias» –, de acordo com uma norma recomendável na Companhia²⁴⁵. Independentemente dos conselhos à confissão e comunhão para os tomavam armas naquele momento e que se materializam através dos exemplos do rei Ramiro e de Jaime de Aragão quando tomou Valencia, o que, aproveitando esse contexto de luta contra os «herejes engreses», fomenta o pregador é um «agere contra» que, usando dos mesmos processos e intenções que propunha Diego Laínez (+19.1.1565), em Roma²⁴⁶, intensifique a devoção dos

²⁴¹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²⁴² Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 329v-334v.

²⁴³ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²⁴⁴ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 137r-140r.

²⁴⁵ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 168-172 (169).

²⁴⁶ John W. O'MALLEY, *I primi gesuiti*, ed. cit., 304-305 recorda uma passagem de uma das lições de D. Laínez *De oratione* de 1557 (O' Malley traz, por erro tipográfico, 1577) em que, tal como Inácio Martins, propunha aos católicos romanos, como meio de curar a divisão religiosa, a prática de uma vida mais devota baseada no princípio de que «i contrari si curano con i contrari» como ressalta do seu «dialogo immaginario con un luterano: [...] tu non reciti il rosario, e io lo reciterò più spesso e con maggiore devozione; tu condanni le indulgenze, io le stimerò più che mai; tu metti in ridicolo le preghiere e le messe per i defunti, e io raddoppierrò il loro numero; tu condanni la confessione, e io confesserò i miei peccati ancora più de frequente...». Dadas a qualidade de quem tal pregava e a difusão que se fomentava entre os membros da Companhia de escritos e acontecimentos relevantes, não é impossível que em Portugal tivessem conhecimento destas lições *De Oratione*, pois, como se sabe, os escritos do segundo Prepósito Geral corriam de mão em mão em cópias manuscritas. Salmerón, em 1561, pedia-lhe uma cópia das suas homilias dominicais e Jerónimo Doménech, provincial de Sicília, fez, como muitos outros, copiar os sermões de Laínez *De regno Dei, De oratione, De tribulatione* (M. SCADUTO, 2º *General: Diego Laínez in Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús, Biográfico-temático*, II, ed. cit., 1603). De qualquer modo, a

seus ouvintes: «Agora vos esmerai no contrario do que os herejes fazem. Elles derribam as igrejas, vos agora frequentai mais as igrejas, agora há ca fidalgo que tinha oratorio, vir a igreja publicamente se confessar e comungar. Isto pede o tempo e a honrra de Deos. Espedação as imagens, agora tendes imagens em vossas casas em lugar decente²⁴⁷. Matam sacerdotes e religiosos agora estimai e reverenciai mais os ecclesiasticos que nunca. Eles não se confessão e são imigos do Sanctissimo Sacramento agora frequentai os sacramentos todos»²⁴⁸.

Mas este «esmerar» «na ley e amor de Deos» traduz-se ainda, como em síntese, no apelo final do derradeiro sermão contra os ingleses, a que os seus ouvintes percorram «tres caminhos»: « o primeiro a Jesu pedindolhe misericordia; o 2º aos sacerdotes confessandose com muitas lagrimas; o 3º outra vez a Jesu comungado e dandolhe muitas graças e non tornar a lepra, conservaremse na limpeza».

V – No fim desta longa análise, a melhor das lições do pregador, e que pode resumir todas as suas páginas, brota ainda do seu sermão da Eucaristia pregado logo nos começos daqueles tempos dramáticos – no pleno sentido da palavra – e de pânico: «vencer os peccados e antão os imigos»²⁴⁹.

Terá sido essa lição que organizou os sermões de outros pregadores nesses dias? Ainda que alguns actos penitenciais públicos que recorda Pero Roiz Soares possam sugerir-lo, como não conhecemos outros sermões pregados nesse preciso contexto, estes de Mestre Inácio Martins serão sempre um precioso testemunho quer dessa lição – todo um itinerário espiritual – que emoldura e autoriza muitos dos seus apelos ao combate – e à violência – contra os ingleses que,

aproximação que estabelecemos, para além dessa hipótese que poderá não ser tão académica como parece, pode ainda sugerir o interesse de prestar atenção a processos e orientações parenéticas que, de algum modo, contribuiriam também e tão bem para esse «ar de família» que distinguia «os nossos» dos «outros».

²⁴⁷ Antonio FRANCO, *Imagem da virtude no noviciado de Coimbra*, 425: «Estranhava muito, quando entrando em alguma caza nam via nella Crus, ou Imagem de algum sancto, dizendo que não podia por os olhos em caza, onde não via alguns sinais de Christandade»; e neste sentido é bem reveladora a cena que traz o mesmo Padre António Franco na citada obra (424): «Gostava muito que ouvesse nas cazas Imagens sanctas, e contra as outras se indignava. Entrando na caza de hum homem noble vio, que tinha nas paredes retratos seus, e de seus filhos, e agastado lhe disse: Senhor, isto deshona as Imagens. Assustouse o homem, entam disse o Padre: diga vossa merce se eu trouxesse hum mariola e o assentasse nesse banco, onde vossa merce está assentado, nam seria deshona de vossa merce? Pois que outra coisa sam estas imagens senam em lugar de um Crucifixo, e de nossa Senhora, por hum mariola. Hei de escrever isto a elRey».

²⁴⁸ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 324r-329r.

²⁴⁹ Inácio MARTINS, *Pregações*, BNL., Cod. 3502, fl. 280r-283v.

além de invasores, eram herejes – dupla qualificação que os tornava particularmente perigosos e merecedores de toda a violência, não só em Lisboa por esses dias, mas na Europa das «guerras de religião» que, tal como as controvérsias, brotando por toda a parte, faziam desse «Outono do Renascimento», a juízo dos contemporâneos, «la peor de las épocas»²⁵⁰ –, quer de algumas dimensões literárias – apreciáveis, apesar dos limites do estado do texto que nos chegou – na sua «engenhosa» técnica de citação e de erudita reorganização do texto bíblico em contraste – aparentemente, pelo menos – com o estilo directo e didáctico de muitas das suas páginas que as aproxima de outras tantas lições de «doutrina».

Mas é preciso dizer como o pregador: *Finis...! Fiat colloquium...*

²⁵⁰ William J. BOUWSMA, *El Otoño del Renacimiento. 1550 – 1640*, Barcelona, 2001, 155-176, 232-233, *et passim*.

Apêndices

Pregações e Cartas de Viagem

APÊNDICE I

PREGAÇÕES DE INÁCIO MARTINS

Critérios de edição:

Tendo presente que as pregações de Inácio Martins – e, em muito menor grau, também as suas cartas – no estado de escrita em que as deixou, não podem ser oferecidas senão a um leitor especializado, pois qualquer tentativa de actualização exigiria um demorado e delicado trabalho filológico, optamos decisivamente por oferecer a sua transcrição quase diplomática. No entanto,

- Desenvolvemos todas as abreviaturas;
- Modernizamos o uso de maiúsculas e minúsculas;
- Respeitando os sublinhados do autor, destacamos em itálico as citações bíblicas e de outras obras em latim;
- Sempre que possível, identificamos ou completamos, em nota, essas citações;
- Assinalamos com (?) as faltas de texto cuja leitura não foi possível ou é duvidosa e pusemos entre [] eventuais faltas de palavra ou texto do original;
- Embora reduzindo ao mínimo a nossa intervenção, introduzimos alguma pontuação em casos em que, se assim não procedessemos, o texto ficaria incompreensível.

I – Sermão na guerra justa contra os engreses herejes. Estava o Senhor fora do sacrário.

Em Sanctos-o-Velho 1588

[B. N. L cod. 3501 fol. 298v]

Offereceoseme o que disse Salamão *omnia in futurum reservantur incerta*¹. A vida a honra a fazenda. A vida consta. *Nescitur diem nec horam*. Estava Balthasar ceando com as mancebas appareceo a mão escreveo na parede esta noite acabas². Nenhum de nos sabe de manhã *stulte hac nocte* (?) Honrra

¹ *Ecclesiastes*, 9, 2. (Todas as referências do texto bíblico estão tomadas de *Biblia Sacra Vulgatae Editionis, Sixti V et Clementis VIII, Editio Nova, versiculus distincta*, Parisiis, Typis Jacob Vincent, 1741, conservando, porém, no texto, a lição oferecida por Inácio Martins, nem sempre exactamente coincidente com o da versão que seguimos).

² *Dan.* 5, 1;2; 30.

podemos levantar hum testemunho ou descobrir o peccado. o errar tão honrrado. Saboto descaio. Fazenda non sei se meu herdeiro tera siso. *Thesaurizat ignorat cui*³. *relinquent* a leais e as vezes a imigos. *Quod teste (?) est extromentum malum*. A victoria he a cousa mais incerta porque non se sabe que exercito vencerá. Isto aconteceo já muitos vencerão a muitos, e muitos a poucos e poucos a muitos. Ouvi! Victoria não esta na mão dos reis da terra. Dilo David de si *non in arcu meo sperabo et gladio meo non salvabit me*⁴ que eu vos prometo que quando se ve espada em tão bom braco non salvara maos salvara a vossa e no Ps. 32 *Salvatur rex per multam virtutem et gigas fallax equus ad salutem*⁵. Direis e pois em que meo esta a victoria. Responde David esta somente na mão de Deus rei dos reis e sancto dos sanctos. He proposição de fee. 2 Para. Diz David *tua est potentia tua est victoria*⁶ e ps. 42 *Deus auribus nostris audivimus et patres nostri annuntiaverunt nobis opus quod operatus es. Non in brachio suo possederunt terram sed dextera tua et illuminatio vultus tui quoniam complacuiti in eis*⁷. Diz David que se criou nesta doutrina e tinha dous psalterios hum que dizia quando ya para a guerra 19 *Exaudiat te Dominus in die tribulationis et in equis nos autem in nomine dei nostri speravimus Dominus salvum faciat regum*⁸ e tinha outro quando vencia vindo da guerra Ps. 19 *diligam te Domine fortitudo mea praecinxisti me virtute ad bellum*⁹. O nosso Deus he querençoso desta mão e quer que todos saibão que a victoria he sua. Jud. 7 dise a Gedeon *multus est populus qui profundus formidolosus est*¹⁰. (?) vinte mil. *adhuc (?)* ficarão trezentos non mais. Senhor, porque? *Ne dicat Israel aliis viribus liberatus sum*¹¹ (?) 3 Reg. 20 venceo Acchab com muito poucos a muitos de Syria era Benadad com trinta e dous reis¹². Foi isto non (?). Disserão os syrios *Deus montium est*¹³ por isso lhes deo a victoria. pelejamos em campo raso vê Deos (?) *quia dixerunt Syri Deus montium est iste non vallium, dabo tibi omnem multitudinem hanc grandem*¹⁴. Saiba todo mundo que a victoria he minha nos montes e vales tinha

³ Ps. 38, 7?; Lucam, 12, 20? (Pedro de Rivadeneira, *Tratado de la tribulación*, Madrid, 1988, I, 8, 65-66 parece também fundir, em ampla glosa, as mesmas duas fontes bíblicas num único texto).

⁴ Ps. 43, 7.

⁵ Ps. 32, 16; 17.

⁶ I Paralipom., 29, 11.

⁷ Ps. 43, 1; 4.

⁸ Ps. 19, 1.

⁹ Ps. 17,1; 33; 34.

¹⁰ Lib. Judicum, 7, 2; 3.

¹¹ Lib. Judicum, 7, 2.

¹² 3Regum, 20, 16

¹³ 3Regum, 20, 28.

¹⁴ 3Regum, 20, 28.

Achab muito poucos mas vencerão e fizerão fugir os muitos e morrerão dos seus cento e vinte e sete mil. (?) *Ego Dominus qui conturbo mare Dominus exercitum nomen meum*¹⁵. Des aca que pos na mão dos reis a gente e ao mar e artes mas a victoria reservou para sy para que se entenda que ele soo he o rei reale e poderoso *Tu solus Dominus tu solus altissimus Iesu Christe*¹⁶. Quer Deos rafrear os reis. Ps. 31 *Non salvatur rex per multam virtutem timeat Dominum omnis terra*¹⁷. Ps. *Nunc reges intelligite servite Dominum in timore*¹⁸. Direis padre, que faremos? Tres cousas pedir merecer agradecer de boca. Na primeira cousa estais bem. *Laus Deo*. Fazeis procições pedindo. Na 2ª cousa não. he mau. Guardai o contrato solemne que Deos fez com os catholicos desde o principio do mundo. Guardai minha ley guardarvos eo a vos. Este fez com Abrahão pai dos crentes *ambula coram [me] et esto perfectus*¹⁹ *et ego ero protector tuus et merces tua magna nimis*²⁰. Aly todos os catholicos filhos de Abrahão se contractarão. Hum Deos tão querencoso deste contracto que na ley velha chamou *tabernaculum federis arca foederis sanguis foederis*. Na ley nova o sancto sacramento tambem he *sanguis foederis*. Levit. 26 *ponam tabernaculum meum in medio vestri respiciam vos crescere vos faciam*²¹. Guardai o contracto. Quando has de suponer deshonesto se na (?) o não es? *Scrutemur vias nostras et quaera[mus] Dominum*²². *Voca me adversus in temporum (?) consola (?)*. Temos a (?) ano.

II – Concio ad patres

Dixit vir ad collegam suum mittamos sortes et sciamos hoc malum sit nobis Jonae 1⁰²³

1596 mense julii quando os engreses tomarão Cales e se temia viessem a Lisboa.

[BNL Cod. 3502, fol 498r - 501v]

Contase no livro de Jonas que mandando Deos pregar a Niniva cidade muito populosa e chea de peccados que a avia de destruir Jonas fugio por respeito do povo de Israel e seu. S. Hieronimo diz que como corria entre os pro-

¹⁵ Isaías, 51, 15.

¹⁶ Rito romano da missa – *Gloria*

¹⁷ Ps. 32, 16; 14; 15.

¹⁸ Ps. 2, 11.

¹⁹ Gen., 17, 1.

²⁰ Gen., 15, 1.

²¹ Lev., 26, 11, 9.

²² Jeremiae, *Threni*, 3, 40.

phetas que quando se convertessem os gentios acabariam os judeos e aquela cidade era tão grande e de gentios. Convertendose parece que se acabavam os judeos. Jonas por esta causa não quis yr pregar. Mas a causa que o texto aponta he que Jonas ouve que o Senhor não avia de destruir aquela cidade porque era muito misericordioso e assi pregando que avia de destruir ficava tido por propheta mintiroso. Como quer que fosse ele fugio a todo correr. Chegou a nao tão cansado que logo buscou o fundo da nao e adormeceu. No tempo do somno seu se levantou tormenta extraordinaria. Os marinheiros quiserão arribar. Não puderão, tambem de la era a tormenta. Entenderão a tormenta ser extraordinaria lancarão sortes divinatorias (as quaes são defesas, as consultorias não são defesas) e Deos concorreo com elas e surprehenderão a Jonas, o qual estava dormindo. São Hieronimo diz *sopore gravi nara rauca* diz que roncava. De sorte que acharão que a causa total da tormenta era peccar e sobre isso roncar. Reprehenderão com modestia a Jonas: homem, de que nação es? Que fizeste que tão grande tormenta causaste? Andou muito bem e confessou publicamente seu peccado. E logo aly se converteo e disse que o lancassem ao mar que logo cessaria a tormenta. Antes quis morrer que morrerem os da nao. Deos logo lhe perdou, mas quislhe mostrar o que ele merecia era o inferno pera sempre. Veo hũa balea e tragoouo vivo e nisto virão abaixo (?) ao fundo do mar entre hũas serras e meteose em hũa gruta e veveo aly tres dias e tres noytes que lhe parecerão trezentos annos. Jonas 3 *ad extrema montium discendi, vectes terres concluderunt me in aeternum*²⁴. Applicando. Vimos tormenta extrordinaria em Espanha, ira de Deos manifesta. Comecou por Portugal, finouse o rey e o regno. Amos 4 *Auferam reges in indignatione mea*²⁵. Job *dissolvi baltheum regnum*²⁶. Descompõe Deos hum rey tiralhe o talabarte e o sceptro da mão. Assi fez ao rey de Portugal por nossos peccados e passou o sceptro ao rey catholico Filippe no que nos fez muitas merces, porque podera occupar o regno o xarife, o engres, o frances tão esforcado ficou. Agora anda a ira de Deos em Castela. Tomarão os engreses a Cales sem perder homem e encheremse de fazenda. Threni 1 *facti sunt inimici eius in capite hostes eius locupletati sunt propter multitudinem iniquitatum eius*²⁷. Diz abaixo *mandavit Dominus adversum Jacob*²⁸. Aly reprova Jeremias os que attribuiam iso a natureza. Erão o comum dos peccadores. Isto attribuirem os effectos da divina justica a natureza. Vem fome dizem não cho-

²³ Jonas, I, 7.

²⁴ Jonas, 2, 7.

²⁵ Osee, 13, 11.

²⁶ Job, 12, 18.

²⁷ Jeremiae, *Threni*, 1, 5.

²⁸ Jeremiae, *Threni*, 1, 17.

veo. Vem peste, dizem apegouse de mercadoria de hũa nao. Tomarão Cales dizem pouquo ha tomarão os espanhois a Chalês. Grita Jeremias c. 3 *Qui est iste qui dixit ut fieret Domino non jubente? Nos inique egimus et ad iracundiam provocavimus*²⁹. Deos he senhor universal e particular da sua igreja, assi como lemos do povo de Israel no deserto *castigo quos amo arguo et castigo*³⁰. Amos 3 *vos tamen cognovi ex omnibus cognationibus terrae; id circo visitabo super vos omnes iniquitates vestras*³¹. E pode ser que he chegado o tempo que disserão alguns grandes servos de Deos Simão Gomes, Leão Anriquez, o Padre Luis Goncalves que avia de vir algum grande castigo a Espanha. Pode muy bem ser que he este tempo chegado. *Videamos quare hoc malum sit nobis*³². Digo que em summa a causa he peccar e sobre iso roncar. Jonas era catholico e propheta e roncava no tempo da tormenta. Representa as duas sortes de homens que causão as tormentas com peccar e dormir. Dormem os seculares 1 Reg 26 se le como dormindo Saul e a corte no campo veo David de noyte e tomou a lanca de Saul e o copo por onde bebia e antão foyse a hum alto *nonne respondebis Abner? Et respondens Abner ait quis es tu qui clamas et inquietas regem? Et ait David numquid non vir tu es? Et quis alius similis tui in Israel? Quare ergo non custodisti dominum tuum regem? Ingressus est unus vide ubi sit hasta regis et cyphus aquae qui erat ad caput eius vivit Dominus quoniam filii mortis estis vos!*³³ Podese isto applicar ex parte. Temos hum rey, mas pode ser que alguns dos seus dormem. Nosso Senhor nos valha. Dormem sobre terem muitos peccados muitos ecclesiasticos ; esta he a 2ª causa e principal da ira de Deos em Espanha. Assi foy na lei velha peccados dos sacerdotes com descuido comecarão a destruir Hierusalem quando o philisteos tomarão a arca hya em hombros de sacerdotes amancebados. Depois os babilonios a destruíram diz Hieremias Threni 4 *Propter peccata prophetarum eius et iniquitates sacerdotum eius*³⁴ diz que toda aquela tormenta causarão principalmente os peccados e sono dos prophetas. Eis aqui temos Jonas que peccou e sobre isso roncava. Isto faz temer e aqui farei detenca porque somos sacerdotes. Se nos sacerdotes de Espanha e prophetas (os pregadores são os prophetas neste tempo) dormem estamos mui mal. *Quid tu vides, Hieremiae 1 virgam vigilantem ego video*³⁵: vejo hũa vara esbrugada em mão de homem que esta esperto a levantará para acoytar. Sabeis, irmãos, quando

²⁹ Jeremiae, Threni, 3, 37; 42.

³⁰ Apocalypsis, 3, 19.

³¹ Amos, 3, 2.

³² Jonas, 1, 7.

³³ I Regum, 14; 15; 16.

³⁴ Jeremiae, Threni, 4, 11.

³⁵ Jeremiae, 1, 11

a vara he vigilante? quando ha dormientes principalmente ecclesiasticos. Simon, dormis! Dizia Christo no horto e bem, e tempo he este para dormir! Irmãos, os outros la se o ajão, nos vegiemos e cada hum se determine e reforme. Imitemos nisso a Jonas que no ventre da balea disse Sus!, non ser mais parvo! Como he parvo o que não obecesse (?) que *custodiunt vanitatem frustra. ipsi sibi misericordiam suam derelinquunt Dominem qui volui reddam tibi*. Assi cada hum de nos (Amos?) da balea pouquos escapam e tormão qua depois que a balea infernal os tragou. Determinados nos melhoremos nos tres votos. A castidade angelica: que a propria molher que se confessou a hum de nos diga castiga, mas mas confessome com hum anjo. Sap. 4 *Oh quam pulchra est generatio casta cum claritate immortalis est enim memoria illius quoniam et apud Deum nota est et apud homines*³⁶. Ha virtudes que se hão defender: esmola, (?), cilicio, e outras se hão mostrar. Modestia nota sit. *Castitas, Justitia, etc.. Haec castitas societatis nostrae*.

Melhoremos na obediencia *etiam in minimis generibus*. Acabado de o superior mandar *fiat fiat*³⁷. Hum exemplo: os dias passados no Prado Spiritual, hum asno obediente por molagre ordinario ya buscar tres milhas ortalica pera o mosteiro, tinha o mosteiro a quinta tres milhas, tocava com a mão na porta da horta, carregavãono da ortalica, caminhava soo sem se deter nos caminhos nos prados com outros animães. Applicarei este exemplo a mim, não trato dos outros. Senhor, porque fizeste milagre de obediencia no asno? Non bastaria os exemplos de obediencia no leão que servia no mosteiro de São Hieronimo e o exemplo do fogo e senão no asno? A reposta he para que me chamasse de asno quando non obedeco a algũa cousa. Pior que asno. São Francisco dizia ser asno, nos muito maes. Lembro tambem que nos não escusemos facilmente dos ministerios. Lembrame de hum padre antigo muito prudente e virtuoso que me disse hũa vez estando doente que se achava muy arrependido de algũas vezes que se escusara. Dizia ele que sofrera na doenca grandes trabalhos e que podia com tudo e que estava espantado com quanto podia a natureza quando ela queria, mas quando não quer diz que não pode. Que estava muy arrependido das vezes que se escusara de confissões cuidando que erão trabalhos sendo na verdade preciosos trabalhos e alvires do ceo.

Reformemonos na pobreza maxime neste anno que non ha pão e comemos no refectoreo o sangue dos pobres muita gente o tira da boca para nolo dar. Non he pão de mimo. Accomodemonos. Em Augusta era hum anno de fome e comião os padres pão centeo no refectorio.

³⁶ *Lib. Sapient.*, 4, 1.

³⁷ *Ps.* 40, 14; *Ps.* 71, 19; *Ps.* 105, 48.

Reformemnos na charidade *Advenam non contristabis*³⁸. Colos. 3 *non est servus nec liber, barbarus et scythia, gentilis et judeos, sed omnia et in omnibus Christus induite vos sicut electi Dei sancti et dilecti viscera misericordiae, benignitatem, humilitatem, modestiam supportantes invicem et donantes vobis metipsis si quis adversus aliquem habet querelam sicut Dominus donavit vobis ita vobis*³⁹.

Reformemonos na oração. *Indui me sacco obsecrationis*⁴⁰. Aug. *Alis elemosinae et jejunii celeriter ascendit oratio et exauditur* e pecamos a Deos *provideat Dominus sibi viros homens amigos de reformação dos costumes de Espanha. Vamos prover de armas. Esta bem, mas diz São Bernardo erigere muros negligere mores non basta* e Sancto Aug. diz 5 de Civita. *Importante est durare rem publicam stantibus raeribus ruentibus moribus*. Triste de ti Espanha, Deos te valha. Nos reformemos a nos, não nos alcance a ira Ezech 21 *Occidam in te justum et impium*⁴¹. Em que caso mata Deos boôs e maos? Quando a maldade he fina e a virtude fria, quando os maos muitos e os boôs poucos e pouco boôs. Hũa herdade chea de erva, espigas raras metemlhe os boys, hũa vinha toda mortorio quatro cachos labruscos. Descontasse. Nesta casa nos encetou a ira de Deos no tempo que se saqueou Lixboa. Aqui chegou o sacco. Mas ha outra rezão de reforma que mais forca deve ter com nos e deve complellir a sermos sanctos e he que espera Deos de nos esta sanctidade quando faltasse fora na falta da Companhia de Jesu. Osee 4 *si fornicaris tu Israel, non delinquat saltum Juda et Domini dixit numquid et vos vultis abire?*⁴² Respondeo São Pedro: *Domine quo ibimos verba vitae aeternae habes*⁴³.

III – *Caro mea vere est cibus, etc.*

Em Santa Catherina estando o Senhor fora no anno 1596 quando os engreses tomarão Caliz e Faro e se temia viessem a Lisboa.

Podese pregar na festa da Eucharistia

[BNL, Cod. 3502, fol. 280r - 283v]

Tres passos Deo dante tratarei: 1º, a certeza do mysterio do Sanctissimo Sacramento; 2º, a felicidade dos que o creem e lograão; 3º a infelicidade e mal-

³⁸ *Exodus*, 22, 21.

³⁹ *Ad Coloss.*, 3, 10; 11; 12; 13.

⁴⁰ Baruch, 4, 20.

⁴¹ Ezechielis, 21, 3.

⁴² Osee, 4, 15.

⁴³ Joannem, 6, 69.

dade dos que lhe fazem guerra. Quanto a primeira parte da certeza diz Christo *caro mea vere est cibus* S. Cirillo diz *nullus relinquit ambigendi locus a quot-quot hominem debent*. Credes quanto diz passa isto na verdade. Chegar Christo a dizer *vere* que aja quem duvida? Tem ese inferno aberto. Mas Deos não se contenta com o dizer mas de longe figurou este divinissimo mysterio para que quando viesse com ele todos o cressem. Quatro estados teve o mundo: estado da innocencia, estado da ley da natureza que durou só desde Adão pecador até Abrahão e Moyses; estado da ley velha que durou de Moyses até Christo; estado da ley da graça que dura de Christo ategora e durará te fim do mundo. Em todos estes estados do mundo, Deos figurou e apontou neste mysterio. No estado da innocencia o legno da vida, legno da immortalidade foy figura do Sanctissimo Sacramento, manjar de immortalidade. *Quis manducat hunc panem vivet in aeternum*⁴⁴ *et secundum dies ligni vitae erunt dies a populo mei*⁴⁵. E a igreja diz *summant Christum qui renovat juventutem meam*. No estado da ley da natureza ha mais clara pintura de hũa missa que o sacrificio de Melchisedech. ofereceo pão e vinho e lancou a bencão a Abrahão. Mas entendi que he pintura. A pintura não tem a substancia da cousa, hum homem pintado não tem carne e ossos. Assi o sacrificio de Melchisedech foi como pintura da missa. era pão e vinho mas qua esta a carne de Christo e sangue. Direis: e quem disse que fora pintura do sacrificio da missa no tempo do messias? *Deus juravit et non poenibit eum tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech*⁴⁶. Diz hum doctor que basta esta prophecia para convencer qualquer entendimento. No estado da ley velha o maná clarissima figura no titulo, suavidade, tempo, e em parecer hũa cousa e ja outra: chamase pão do ceo, *panem coeli dedit eis omnem suavitatem in se habentem*. *Hic est panis qui de coelo descendit specialis dulcedo in proprio fonte degustata* lhe chama S. Chrisoh. Opus 37 e sancto lhe chama *dulcissimum convivium* e São Boaventura *refectio animarum sanctorum*. No tempo durou o maná todo o tempo do deserto te entrarem na terra da promissão. Assi o Santo Sacramento he viatico neste deserto te entrarmos na gloria.. O maná finalmente parecia hũa cousa e tinha outra. Este he o principal ponto. A fee deste mysterio quis Deos hum milagre semelhante: o maná parecia semen coliadri grão de coentro e tinha substancia de carne diz Salamão *ad quid quisque convertebat* este ponto que he o que os infieis se enleam, a hostia consagrada parece hũa cousa e ser outra. Parecer pão e ter em sy o corpo verdadeiro de Christo: *caro mea vere est cibus*. Figurou Deos tambem no bolo de Helias que lhe deo o anjo

⁴⁴ Joannem, 6, 59.

⁴⁵ Iasais, 65, 22.

⁴⁶ Ps., 109, 4.

a comer; parecia que não tinha mais em sy que hum almoço, parecia que não tinha mais sustentação que para hũa manhã e realmente tinha em sy encerrada sotentação para 40 dias andando sempre: *ambulavit in fortitudine cibi illius 40 diebus et 40 noctibus*⁴⁷. Hũa cousa parecia e outra era. Assi qua. No estado da ley da graça apontou já Deos este mysterio e o testificou abundantemente por apostolos e evangelistas, pelos concilios, pelos martires, pelos doctores gregos e latinos, pelos fundadores das religiões, por milagres que Deos fez em Italia, em Alemanha, em Frandes, em França, em Castela, em Portugal. Poos Deos milagres do Sanctissimo Sacramento em todas as partes notaveis porque quis abundar na prova deste mysterio. Referirei alguns para consolação vossa. Em Roma esta hum altar na igreja de Sancta Potenciana e esta sem frontal para que todo mundo o veja. Estava hum sacerdote celebrando acabando de consagrar, duvidou se estava aly o Senhor, enfraqueceo na fee, se não quando se lhe sae de diante o sancto sacramento e foy ao lado do altar dereito e deu no canto era de marmore mostroulhe Deos ao sacerdote que merecia logo ser queimado, mas o Senhor que he misericordioso não quis queimar a ele: queimou a pedra. Nisto torna aly onde estava o sacerdote e dece ante o altar e os pees do sacerdote e queima a lagia. A quantidade da hostia esta hũa rexa de ferro, em memoria, em baixo. Tornouse a hostia ao altar, chorou o cura do seu peccado amargosamente. No anno de 1572 annos em Ferrara tambem he Italia. Estando celebrando hum sacerdote depois de consagrar em alevantando o Senhor duvidou. Nosso Senhor o quis convencer não castigandoo como ele merecia, mas usando com ele de sua misericordia fez hum milagre gloriosissimo e foy que em alevantando a hostia saio grande copia de sangue e esguichou e saltou para cima e orvalhou toda a bobada da capela e esta hoje em dia o sangue tam fresco como se ontem o derramaram. E fesse depois hum mosteiro de frades de S. Agostinho que tem agora esta capela na igreja do mosteiro para consolação dos fieis. Outro em Italia em Viterbo e Assis de Sancta Clara, mas estes bastão. Em a Alta Alemanha em Hefel, lugar que esta tres milhas germanicas (cada hũa he hũa grande legoa) de Eriponte. O senhor deste lugar Hosbaldus nomine em dia de paschoa a constranger ao parcho que consagrarse hũa hostia grande como a do sacerdote para ele comungar. Disselhe o cura: Senhor, comungai como os outros, tanto tem a hostia pequenina como a grande. Não quis. Vindo este homem para comungar sóo estavam os criados de hũa parte e outra. Acabado o *domine, non sum dignus*, indo o sacerdote para lhe meter o Senhor na boca começa a terra a abrirse sempre para baixo e ele a decer como do Dathã e Abiron estendeo ele o braco ao quanto do altar, não lhe valeo sendo de marmore entrava por ele a mão como se

⁴⁷ 3 Regum, 19, 8.

fora de lãa. Quando aquilo vio pedio misericordia e os criados todos e o clerigo que faria aquele Senhor que tem o lado aberto para os peccadores arrependidos. Abrandou a sua yra e parouse a terra. A este homem o tirarão, davalhe já a terra de cima pelos peitos. Tirarão antão. Fiquou a hostia em memoria com hũa rexa de ferro por cima e os dedos assinalados no quanto da altar que entrarão pola pedra. Lese isto que aconteceu mais de duzentos annos porque aconteceu no anno de mil e quatro centos y oytenta annos. Fezse ay hũa igreja grande como hũa see e esta ainda oje a hostia inteira como se ontem consagrarão. Eu a vy e adorei e tem imagem de crucifixo. Faz o Senhor aly muitos milagres. As irmãas do emperador vierão aly em romaria descancar com suas damas de companhia que são grandes tres legoas de qua, porque são tres milhas germanicas e cada ha germanica tem cinco milhas de Italia. Em Frandes: em Bruxelas estão hũas tres hostias em hũa custodia. O caso foy que huns judeos na somana sancta peitarão a hũa pessoa e ouvierão de hũa igreja a custodia do Sancto Sacramento as maãos e na esnoga a despejarão ser hũa mesa e os judeos derredor com punhaes e facas começarão a ferir as hostias. Acudio Deos com hum milagre amoroso: encheose a mesa de sangue que corria das hostias. Fiquarão pasmados e cheos de medo, ho manifestarão. Estão hoje em dia as hostias. Eu contei em hũa sete facadas.

Em Franca temos o milagre que fez Santo Antonio em Tolosa quando a mula deixou a cevada e veio ageolharse diante do Sanctissimo Sacramento.

Em Castela temos os sanctos corporaes de darouca. Ora notai que he milagre illustre e da grande consolacão. Bem sabeis que Espanha por peccados da carne foy entregue a mouros no anno de setecentos e quatorze e esteve em poder de mouro ate era de mil e duzentos e treze que são quinhentos annos de sorte que peccados da carne esteve Espanha em poder de mouros quinhentos annos, que ha de ser de vos gente carnal? Estar aqui alguns? Em que vos fundais? E quereis que Deos vos soffra? Começarão a reparar Espanha homens christianissimos e castissimos entre os quaes foy Dom Jaime rei de Aragão que tomou Valenca aos mouros. Hum seu capitão estando em hum alto monte para dahy conquistar hum castelo dos mouros chamado (Chio) deu o castelo sinal aos mouros concorreo infinidade de pee e de cavallo. Coalhavão os campos e cercão os christãos os quaes não chegavão a mil homens e não tinhão no monte torre nem muro nem remedio senão o de Deos. O capitão geral castissimo e christianissimo disse ao exercito: Irmãos bem vedes que não tendes outro remedio senão o do ceo. Confessemonos todos e comunguemos. Tinhão hum sóo sacerdote virtuoso. Confessarão seis, não ouve tempo para mais. O capitão e seis os mais honrrados. Ora sus, oucamos missa todos. Consumio o sacerdote e estando para dar o Senhor aos sete, o demonio imigo da christandade que sabia muito bem que da missa e comunhão lhe podia nacer a victoria determinou de estorvar e perturbar . Incitou que toda aquela mourisma em comecando a missa que viesse marchando de

todas as partes para o monte e querendo comungar declarãose com tão grande grita alaridos e algazares que non ouvia mais espaço que o capitão com todos sairãose sem comungar. Que faria aquele Senhor que ficuava no altar? Ajuntou os christãos de maneira que em breve espacio puserão os mouros em fugida e foy tão grande o estrago que fizerão nos mouros que quando tornarão estava o chão alastrado de mortos. Tornãose ao altar para comungar. Disse o sacerdote: Senhores, eu deivos por mortos a todos e avendo medo dos mouros no desacatassem ao Sancto Sacramento levei os corporaes com as seis hostias e pulos debaixo de hũa lousa em lugar secreto e escondido, vamos com tochas buscalo. Vão em procissão com tochas acesas, descobre os corporaes, acha as seis hostias todas cheas de sangue e nos mesmos corporaes sangue e na pala sangue. Milagre espantoso. Não hum, mas seis porque todas as hostias lancarão sangue. Quislhe nosso Senhor mostrar que aquela victoria não fora por hũa valentia mas polo divino sacrificio da missa (onde esta o mesmo Senhor que no monte do Calvario venceu os demonios). Essa lhes deu victoria contra os mouros. Não pararão aqui as maravilhas do Senhor: aterrarão os corporaes qual levaria para sua cidade os sanctos corporaes com as ostias e sangue. Assentarão que os pusessem em hũa caixa sobre hũa mula e a deixasse tomar o caminho que Deos fosse servido, eles de tras com tochas. Caminhou este animal cessenta legoas, concorreu o mundo com tochas, a mulinha comia brevemente e caminhava agasalhada em certas vilas, a cidades nunca quis aly parar. Conclusão, chega a Darouca, cuidaríeis todos que avia de yr para a see; a mulinha no arraial da cidade toma para hũa rua para onde estava hum hospital de peregrinos. O meu Deos! Amigo de peregrinos e pobres, assi o fez a Virgem em Belem no lugar dos peregrinos se agasalhou e pario o seu menino. Consolaivos gente pobre. Mas aconteceu que a mula se agolhou como se dissera ja fiz o que Deos me mandou, tiremme o sancto milagre. Acabado de lhe tyrares a caixa deitouse de todo no chão e morreo. Não quis Deos que aquele animal servisse a mais ninguem. Esta historia eu a ly escripta nos livros da capela e oje se mostrão os sanctos corporaes de Arouca e concorrem então a velos toda Espanha. O

Em Portugal o milagre de Santarem e todos o sabeis. Etc.

A felicidade dos que o crem

Temos os catholicos tres benaventuranças. Somos benaventurados porque cremos, disseo Christo: *benedictus qui non videtur et crederunt*. Mais benaventurados quando o recebemos Joh. *In me manet et ego in eo*. Cyril *super Esaiam accubantes mensae Domini panem vitae comedentes benedictio vestra semper perfruuntur*. Muito mais benaventurados quando resuscitarmos gloriosos. *Quis manducat meam carnem, ego resussitabo eum in novissimo die*⁴⁸.

⁴⁸ Joannem, 6, 55.

A infelicidade, a maldade dos que lhe fazem a guerra. A esses a letra são os hereges de Inglaterra. Imigos declarados do Sanctissimo Sacramento. Estes são as fezes de toda a maldade. Aveis de entender que de todos os peccadores os hereges são os moores e por taes no dia do juizo serão condenados a moores tormentos. Assi o diz S. Pedro em *Epist. 2 novit Dominus iniquos in diem judicii reservare cruciandos magis autem eos qui sectas non metuunt introducere*⁴⁹. Destes hereges, os pessimos são os deste tempo. trazem bandeira alevantada contra o Santissimo Sacramento, contra o papa, contra os sacerdotes e religiosos, contra as igrejas, contra as imagens. *Tribulatio*, diz Santo Augustinho, *ecclesiae triplex violenta faudulenta, violenta et fraudulenta simil*. A *violenta* he dos tyranos Declotiano, Nero. *Fraudulenta* he dos hereges dos tempos passados speculaculativos sophistas, argumentavão contra a fee. *Violenta e fraudulenta simil* he deste hereges crueis contra as igrejas e clero e tambem fraudulentos argumentadores contra a fee com que enganão a gente simple. Que aveis de fazer, irmãos? Pelejar varonilmente contra estes hereges como verdadeiros catholicos tendes por vos a Deos e os sanctos e anjos. Os seus anjos custudios são por vos, dilo S. Paulo: *omnes sunt administratorii spiritus Christi eos qui quos hereditatem capiunt salutis*⁵⁰. Tendes por vos Santiago padroeiro de Espanha. Bem sabeis ou deveis saber como Elrei Dom Ramiro no anno 800 avendo de dar batalha aos mouros tendo muy poucos consigo e os mouros infinitos lhe appareceo de noyte o glorioso apostolo e lhe disse : eu sou o apostolo Santiago. Nosso Senhor Jesu Christo me ha feito padroeiro e protector de Espanha. Nisto estendeo a mão o apostolo e disse: tem animo que amanhã venceras toda esta mourama. Faze o que te digo, confessaivos todos e comungai e ouvi missa pola manhã ⊕⁵¹ eu na batalha serei em vosso socorro e vermeis vos e os mouros em hum cavalo branco no exercito. Assi o fizerão. Chamou logo Elrei Dom Ramiro os bispos e sacerdotes (que este chamara e trouxera consigo não para pelejar senão para os encomendarem a Deos quando pelessem, como Moyses e Josue contra os amalecitas). Contase com muitas lagrimas o que Sanctiagio lhe dissera. Confessamse todos com muita contrição e lagrimas, diz a historia. Deram nos mouros, matarão perto de sessenta mil. Viouse o apostolo num cavalo pombo embarcando e ferindo os mouros. Irmãos, confessaivos e comungai: aqui esta o ponto: vencer os peccados e antão os imigos: e antão day nos engreses invocando a Deos e a Santiago. Tendelo por vos, tendes por vos a Sacrossanta Rainha dos Anjos. Vingailhe a injuria que fizerão os engreses a outra vez que qua vierão: derão a imagem de Nossa Senhora da Guia em Cascaes vinte e cinco feridas. A Virgem vos ajudará. *Fiat colloquium*.

⁴⁹ 2E. Petri, 2, 4.

⁵⁰ E. Pauli, *Ad Heb.*, 1, 14.

⁵¹ Ao lado: ⊕ e quando derdes a batalha dizei: Deus ajudaime, Santiago ajudaime eu na batalha etc.

IV – Domin. 11*Ephetah quod est adaperire* - Marc. 7⁵²

Anno 1596 quando os engreses hereges derribarão as igrejas e espedacarão as imagens em Calix e Faro

[BNL Cod. 3502, fol. 324r - 329r]

Lembrarãome as palavras de Ezech 39. *Habitari vos faciam sicut a principio bonisque donabo majoribus quam habuistes ab initio*⁵³. Deste evangelho foram tiradas as sanctas cerimonias do baptismo *per salivam et tactum sacerdotis agitur* e também nos dizem *Ephetah quod est adaperire*. Esta em rezão que nos renovemos como no principio quando nos baptizarão. Aqui neste evangelho ouve separação, gemidos e louvor de Christo, este homem *loquebat recte*. Falou louvores de Christo que era verdadeiro Deos. Assi notai, irmãos, tres cousas aveis de ter para vos salvardes: separação, penitencia, confissão de fee de Christo [interlin.: fee invincível]. Assi como hum religioso na sua profissão promette tres cousas perpetuas te morte: obediencia, pobreza, castidade, assi o christão tres cousas ha de ter perpetuas te morte: separação de maos aeterna, penitencia toda vida, fee invencível. Primeiramente o que pretende morar no ceo para sempre deve aqui apartarse de maos. Esta foy a primeira pregação de São Pedro na primeira menhã que em Hierusalem baptizou tres mil. Dizia a todos *salvamini a generatione ista prava*⁵⁴. Isto prega São Paulo *si quis nominatur ut frater maledictus est aut fornicator cum eis nec cibum sumere*⁵⁵. Isto grita Sancto Augustinho: *Invenisti panem coeli adjunge te illi curre cum illo*. A rezão esta clara: caminho eu paro o ceo? Pois devo ajuntarme ao bom. O mao vai para o inferno. Mas outra rezão forca mais. Os do ceo benaventurados nenhũa conversação tem com os damnados. Benaventurados e damnados tem aeterna separação. Esta he a reposta que deu Abrahão ao rico avarento que pedio *mitte Lazarum ut instingat digito linguam meam*⁵⁶. Mandai qua a Lazaro por certo espaço quero falar com ele, querome consolar por hum pouco e tambem refrigerarme esta lingua. Respondeo Abrahão he decreto divino assento aeterno que damnados e justos não se converseem nem deca de qua lá algum justo. *Magnum clamor interpositum est*. Suma distancia quis Deos que ouvesse aeternamente quis Deos por ley que estemos apartados e em grande distancia. Digo assi que

⁵² Marcum, 7, 34.

⁵³ Ezech., 36, 11.

⁵⁴ *Actus*, 2, 40.

⁵⁵ *E. Pauli, 1 Cor.*, 5, 11.

⁵⁶ *Lucam*, 16, 24.

pois na outra hão de estar apartados que ja aqui hão de começar. Como diz São Paulo *cum eis nec cibum sumere*. Mais: a igreja isto prega a seus filhos em lhes dar padrinhos no baptismo. Como nota Dionis. *c7 Eccle. Hierarchia visum est ut uni ex fidelibus tradant puerum preclaro divinarum vero magistro sub quo puer sit quasi sub patre divino*⁵⁷. Este sancto costume trabalha o demonio anichilar com dar a gente moça certos padrinhos e madrinhas de sua mão. A hũa donzela la lhe busca hũa alcoviteira hũa velha diabolica que assella a hum mancebo hum conselheiro calaceiro lhe aconselha liberdades e tafularias. Ha em Lisboa gente virtuosa muita. Ha outra diabolica. Cada hum olhe por sy e guardese dos maos. Mais o caracter baptismal que he hũa marca divina hum sinal das ovelhas de Christo que o Spirito Sancto imprime no intendimento do baptizado e he hũa participação no sacerdocio de Christo com que hum homem fica habilitado para receber os sacramentos da igreja e distinto e separado dos infieis, de sorte que o caracter baptismal diz distincão de maos e applicação ao culto divino. E he aeterno o caracter, para que entendemos que aeternamente os bõos nos avemos de apartar dos maos. Conclusão este apartamento de maos nos insina a Sacratissima Virgem N. Senhora (estamos infra octavam Assumptionis) da qual diz S. Hieron. *ascendente Domino cum quibus vacat Maria? Semper cum apostolis fuit quousque dispergunt? Cum senatoribus coeli in magisterio Spiritus Sancti*. David diz que he sinal de predestinação buscar bõos e com dextreza e primor apartarse de maos. *Domine quis habitabit in tabernaculo tuo! et ingreditur sine macula*⁵⁸. Diz abaixo *Ad nichilum deductus est in conspectu eius maligus timente autem Dominum glorificat*⁵⁹.

Poenitencia toda a vida olhos no ceo e chorar neste vale de lagrimas. Aug. *universa chistiani vita crux est et paenitentia*. Dous titulos temos para entrar no ceo innocencia paenitentia. Não ha mais. Iremos de qua bateremos a porta do ceo *Domine Domine aperi nobis*. Sois innocentes, entrai. Não o somos. São innocentes os meninos baptizados (falando em rigor de innocencia sóo a Virgem he innocente). Ficanos sóo o titulo de poenitentes para entrarmos. Hieron. *Paenitentia tabula post naufragium inhere ei usque ad litos*. Os adultos sabemos que peccamos, não sabemos se estamos perdoados diz Hieron. *inhere ei usque ad litos*. por isso he bom conselho confessar e comungar cada oito dias. E cada

⁵⁷ Dionysii Areopagitae, *De ecclesiastica hierarchia*, 7 in S. Dionysii Areopagitae Martyris inclyti... *De ecclesiastica hierarchia*, 7 Opera translatio nova Ambrosii florentini, philosophi, rhetoris et theologi luculentissimi, Abbatisque generalis ordinis camaldulensis, Venetiis, Ad signum spei, 1546, 60.

⁵⁸ *Ps.*, 14, 1.

⁵⁹ *Ps.*, 14, 4.

dia quando vos deitais dizei: Senhor, pesame muito de meus peccados pecovos, Senhor, polo desemparo de vosso filho na + e pola misericordia que ele pedio aos peccadores me queirais emparar com a vossa graca e me queirais perdoar meus peccados e dar-me graca que nunca mais vos offenda e isto por intercessão da Virgem N. Senhora... Os sanctos entrão no ceo com as lagrimas nos olhos. *absterget Deus omnem lachrymam sanctorum et non amplius erit luctus*⁶⁰.

Confessar a fee de Christo te morte. Iso diz aqui S. Hieronimo que significa este homem mudo que Christo curou e tiroulhe o impedimento da lingua e falava bem. Significa o catholico que confessa a fee de Christo publicamente sem medo te morrer morrer por ela. Fee invencivel. Hir. *Dominus solvit linguam, ut dicat credo in Deum patrem omnipotentem et in Iesum Christum filium eius unicum. Solvit linguam Dominus ut eructet verbum bonum quod non possunt nec nova nec vethera cohibere.* Graças a Nosso Senhor sois catholicos e tendes fee que confessareis te morrer por ela. A que peço atenção irmãos meos. Farei hũa pouca detenca que releva assi que cuidais pretendeo o demonio com o exercito do herege engres e outras nações que qua veio este anno? Quer meter a heresia em Espanha. Entendei irmãos: o intento do demonio he tirar a fee aos catholicos. Não se contenta o demonio fazer hum christão que seja ladrão ou homicida ou adultero. Pretende fazelo herege e que perca a fee. Provo isto claramente no psalmo 136 *exinanite exinanite usque ad fundamentum in ea*⁶¹. Derribailhe as paredes e arrançailhe os alicece. Declaram os doctores que são vozes dos demonios que se exhortão huns aos outros a destruição total das almas, não somente as virtudes que são as paredes, mas a fee que he o alicece lhe tiremos. Mais quando tentou a nossa May Eva não somente lhe disse que comesse, mas logo a encaminhou para a idolatria *eritis sicut dei*. Não disse *sicut Deus*, senão *dei*. Ao mesmo Christo quando o tentou disselhe que comesse, depois que se lancasse do pinaculo, na terceira o tentou claramente de idolatria *cadens adora me*. Pretende tirar a fee. O mesmo se ve por expriencia cada dia nos christãos pretende tirarlhes a fee por tentações claras. Diz a hum fazete judeo, a outro fazete mouro e fazemse alguns como os elches de Africa. A outro fazete luterano. Por imaginações de blasfemia importunas como acontece a pessoas que estão nas igrejas rezando e o diabo trازلhe diabolicas e torpes representações contra o Sancto Sacramento e contra a nossa fee e contra os sanctos. Por argumentos sotis a leterados. He conselho de sanctos não disputar com o demonio em cousas de fee. Por casos que acontecerão. Contarei so hum que contão esses antigos e tralo Surio. Theophilo conego de hũa see tirarão a conesia, teve tanta

⁶⁰ *Apocalypis*, 21, 4.

⁶¹ *Ps.*, 136, 7.

magoa que buscou hum feiticeiro judeo, logo se encheo a casa de demonios e hum em hũa cadeira e Theophilo diante dele que lhe fizesse aver a conesia. Sou contente disse o demonio, mas hasde fazer o que te mandar. Farei tudo. Diz o principe das trevas: nega a Christo crucificado. Deixo o mais da historia. Vedes como o demonio pretende por sy e polos seus tirar a fee. A causa de conquistar a fee he porque tem grande odio a fee. O demonio he soberbo, a charidade propriamente faz servir a Deos *quis diligit me sermonem meum servabit*⁶² *quis mandata mea custodit ille est qui diligit me*⁶³. A fee faz honrrar a Deos propriamente, faz adorar a Deos e os sanctos, edificar igrejas, arvorar cruces, ornar altares, venerar o papa e sacerdotes. Todo o culto divino he obra da fee. Mais a fee faz confessar publicamente que Christo he verdadeiro Deos *Christus vincet Christus regnat Christus imperat*. A fee derribou o demonio dos altares honde estava adorado e o pos debaixo dos pees. Temlhe grande odio como soberbo. Temlhe tambem odio como guerreiro e tentador das almas. O demonio pretende vencer hũa alma e levala ao inferno e segurar este negocio. Em quanto hum peccador tem fee ainda que anda em peccado não tem o demonio victoria consumada, ainda aquela alma tem a bandeira alevantada, ainda aquela fortaleza ainda que entrada do demonio todavia ainda esta por Christo. Na guerra em quanto se não toma a bandeira a hum exercito não he victoria consumada. Temlhe finalmente odio como principe das trevas: a fee he lux dalma *lucerna lucens in loco caliginoso*⁶⁴ quela o demonio apagar e assi faz guerra a fee por sy como esta dito e pelos seus como logo vereis. Notai: por cinco sortes de pessoas conquistou o demonio a fee da igreja catholica: por judeos, por feiticeiros, por tiranos, por hereges do tempo passado, polo Antichristo e seus vassallos. Por judeos dilo São Paulo Thesalon.2 *Judei dominum occiderunt Iesum et prophetas et nos persecuti sunt omnibus hominibus adversantur prohibentes nos gentibus loqui ut salvi fiant ut impleant peccata sua semper pervenit enim ira Dei super illos usque in finem*⁶⁵. Por feiticeiros. Simão Mago porque o demonio aventou que São Pedro queria por a cadeira da fee em Roma foy diante e e trazia todo Roma apos sy com milagres apparentes e os mais dos apostolos tiverão com feiticeiros. Oje em dia feiticeiros e bruxas fazem muito dano a fee com adivinhações do futuro e outros enganos e feitiços. Por tiranos lede a historia ecclesiastica. Esses cesares de Roma punhão os christãos a tormento por negarem a fee de Christo crucificado. Adorai os deuses. A São Lourenço na grelha e a Santa Catherina na roda das navalhas.

⁶² Joannem, 14, 23.

⁶³ Joannem, 14, 21.

⁶⁴ Joannem, 5, 35; *I Petri*, 1, 19.

⁶⁵ *E. Pauli, Ad Thess.*, 2, 14-15.

Por hereges do tempo passado por arrianos, euthectianos, nestorianos, manicheos, mas erão heresias comumente speculativas: se Christo era Deos e se a Virgem lhe convinha este titulo *Mater dei* e se a encarnação ouvera confusão das naturezas, etc. . Assaz mal fizeram.

Pelo Antichristo e seus vassalos. Esta he a mais forte batalha contra a fee e esta nos vinha buscar este anno. Ouvi. A pessoa do Antichristo quando hade vir Deos o sabe. Mas os seus vassalos proprios e o tempo seu he chegado. He necessario entender os tempos. Eu tenho este ponto bem ponderado por sem duvida o tempo do Antichristo he chegado não digo da pessoa mas dos vassalos que ja vem diante. São os hereges deste tempo à letra. Lede Sancto Hypolito que foy vizinho aos apostolos e Sancto Augustinho e Sancto Thomas dizem que o Antichristo e os seus vassalos hão derribar as igrejas, espedacar as imagens, matar os sacerdotes e religiosos catholicos, tirar as missas. Preguntou que menos disto fizeram os hereges engreses em sua terra? E o mesmo fizeram este anno de 1596 no mês de Julho em Calix de Castella e em Faro em Portugal. Em Faro derribarão treze igrejas, espedacarão as imagens e dos retavulos mesa pera comer e dos ornamentos da igreja fizeram das estolas ligas das calcas. Não temos que duvidar, entendido esta o negocio. He chegado o tempo dos vassalos do Antichristo. Que aveis de fazer os catholicos? O que ensina São Thadeo irmão de Sanctiago menor na sua epistola à letra falou deste tempo *memores estote verborum quae praedicta sunt ab apostolis Domini nostri Iesu Christi qui dicebant vobis in novissimis temporibus venient illusores*⁶⁶. Fala a letra dos hereges deste tempo zombadores escarnecedores das cousas dos catholicos *ii sunt qui segregant semetipsos*⁶⁷ apartaõse do papa e catholicos diz acima *dominationem aspernunt magestatem autem blasphemar*⁶⁸, desprezão os reis catholicos e papa e prelados e blasffemão da magestade divina do Sancto Sacramento. Esta he a magestade propriamente lugar da residencia de Deos na igreja catholica. Aly esta a corte deste Senhor que realmente reside e mora nos altares. Deste blasffemão deste são imigos declarados publicos. Padre, que faremos? Dilo o mesmo apostolo e em breves palavras *vos autem charissimi superedificantes vos metipsos sanctissimae nostrae fidei in Spiritu Sancto orantes, vosmetisos in dilectione Dei servate expectantes misericordiam Domini nostri Iesu Christi in vitam aeternam*⁶⁹. Agora vos esmerai no contraio do que os hereges fazem. Elles derribam as igrejas, vos agora frequentai mais as igrejas, agora ha ca fidalgo que tinha

⁶⁶ E. Judae, 17-18.

⁶⁷ E. Judae, 19.

⁶⁸ E. Judae, 8.

⁶⁹ E. Judae, 20.

oratorio vir a igreja publicamente se confessar e comungar. Isto pede o tempo e a honra de Deos. Espedação as imagens, agora todos tende imagens em vossas casas em lugar decente. Matam sacerdotes e religiosos, agora estimai e reverenciai mais os ecclesiasticos que nunca. eles não se confessão e são imigos do Sanctissimo Sacramento, agora frequentai os sacramentos todos. Irmãos meus, olhai o que diz David *Tempus faciendi Domine dissipaverunt legem tuam ideo dillexi legem tuam super aurum et topazium et propterea ad omnia manda tua dirigebat omnem viam iniquam odio habui*⁷⁰. A maldade ajuntase toda crescem contra Deos, agora esmeras na ley e amor de Deos. Eccli. c. 49 *Memoria Josiae in compositionem odoris*⁷¹. *In diebus peccatorum corroboravit pietatem*⁷². O que cousa para lancardes mão todos. Que exemplo aos que vierem depois de vos. E para o anno que vem fazernos prestes se qua tornarem vendei as mulas, comprei cavalos e se qua tornarem para derribar as igrejas, derribaiois vos as as lancadas e se algum de vos morrer tem a gloria do paraíso a porta vos hão os anjos de vir buscar. *Ad quam nos perducat*.

V – S. Bartholomeo

Quos apostolos nominavit Luc 6⁷³

Anno 1596 quando os engreses tomarão Calix e Faro

[BNL, Cod. 3502, fol. 137r - 140r]

*Facies duos cherubim ex utraque parte oraculi inde loquar ad te*⁷⁴. Exod. 25. Tres cousas entre outras enventou Deus utilissimas as almas: igrejas, ornamentos, imagens sagradas. Igrejas: casa de oração. Deos a mandou fazer a Moyses. *Facies tabernaculam*⁷⁵ *et habitabo in medio filiorum Israel*⁷⁶. Assi como casas de tafularia, casas de abhomições o diabo as inventou e nelas mora (?) *ignorat quod sint gigantes ibi*⁷⁷ (?) *demones*. Assi casa de oração invenção do Ceo. *Ps. In templo eius omnes dicent gloriam*⁷⁸. *Adorabo ad templum sanctum*

⁷⁰ *Ps.*, 118, 126-128.

⁷¹ *Ecclesiasticus*, 49, 1.

⁷² *Ecclesiasticus*, 49, 4.

⁷³ *Lucam*, 6, 13.

⁷⁴ *Exodi.*, 25, 18.

⁷⁵ *Exodi.*, 26, 1

⁷⁶ *3 Regum*, 6, 13.

⁷⁷ *Prov.* 9, 18.

⁷⁸ *Ps.*, 28, 9.

*tuum*⁷⁹ *Pavete ad sanctuarium meum*⁸⁰. *His domus Dei est et porta coeli*⁸¹. *petite et accipietis*⁸².

Ornamentos: Exodo 28 *facies vestem sanctam Aaron in gloriam et decorem et filiis eius ut sacerdotio fungant michi*⁸³. São proveitosíssimos, porque hã missa em pontifical representa a gloria do ceo e a fermosura da igreja e a castidade e sanctidade que devem de ter os ministros. E como diz sancto Thomas 1.2.q. 102.6 *inducunt homines in reverentia domini cultum*. Os homens não estimão senão o que se distingue do comum: hum sacerdote revestido representa a Christo em sua paixão: o cordão manipolo: as cordas com foi liado; a alva o vestido branco que lhe vestirão em casa de Herodes, a casula a purpura. representa a Christo e he *mediator inter deum et populum* e o mesmo Deus o ouve como embaixador dos christãos para com Deus sera mau para sy, mas para nos he bom e val muito diante de Deos.

Inventou Deos as imagens sanctas e o sitio que he o altar. *Facies duos cherubim ex utraque parte oraculi inde me loquar ad te*. Deos mandou a moyses destruir os idolos e mandou fazer imagens e o concilio Niceno 2º diz *definitum imagines sanctorum venerandas et in templis collocandas*. Os proveitos das sagradas imagens são tres como insina o concilio tridentino sess. 25 *doceant episcopi ex omnibus sacris imaginibus magnum fructum percipi nam beneficia ad eo collata, sanctorum miracula et exempla oculis fidelium subiituntur*. Tres fructos: são as imagens livros para a gente que não sabe leer. Ve o povo nelas as merces de deos os mysterios da fee. Num painel do nacimiento vé a merce incomparavel que Deos fez em se fazer homem e nacer minino de hã virgem. Descorrei polas pinturas da vida de Christo grande fructo converterse as almas a vista de hã pintura de Christo crucificado. São Francisco se converteo estando diante de hã imagem do crucifixo. Sancta Maria Egipciaca a vista de hã imagem da Virgem N. Senhora. 2º fructo: pintamse os milagres dos sanctos: hum Sancto Antonio pregando aos peixes, hã Sancta Clara com a custodia do Sancto Sacramento quando fez fugir os mouros. 3º fructo: pintamse os exemplos dos sanctos: hum S. Hieronimo com hã disciplina nas mãos e hã pedra batendo nos peitos. Move esta imagem penitencia. Pintannos hum Joseph em Egipto que deixa a capa nas maos da senhora, move a castidade. Dezeis: Padre a que proposito trataste tegora dos fructos das imagens sagradas? Para vos propor diante

⁷⁹ *PS.*, 137, 2.

⁸⁰ *Levit.*, 26, 2.

⁸¹ *Genes.*, 28, 17.

⁸² *Joannem*, 16, 24.

⁸³ *Exodi.*, 28, 2.

da sagrada imagem do apóstolo São Bertholameo. Bem sabeis que se pinta com o evangelho e faqua na mão e com o demonio debaixo dos pees. Aqui tendes os tres fructos das sanctas imagens: merce de Deos, milagres que fez o sancto, exemplo do sancto. A merce representa o sancto com o evangelho na mão a que se contem o que ouviste na letra a elleicom que Deos fez de doze *quos apostolos nominavit* ellegeos Deos pera yrem pelo mundo pregar o evangelho *ire predicare evangelium omni creaturae*. Esta foy grande merce que Deos fez a São Bertholameo: ser hum dos doze. Tem o primeiro lugar na igreja militante e triunfante. Diz São Paulo *posuit quinde primo apostolos*⁸⁴. Foram os doze apóstolos ditosos na eleição, gloriosos na empresa, principes na igreja. *Ecclesiarum principes, belle triumphantes, duces coelestes, aulae milites et vera mundi lumina*.

O milagre do sancto. Representa tendo o demonio debaixo dos pees: quando os apóstolos forão polo mundo acharão os demonios nos altares. Nunca Moyses pode extinguir os idolos no povo de Israel. No deserto desfez o boy em trezentos pedaços, senão quando no tempo de Hereboão sae o povo com dous boys jugada. Inveja. Se hum rey tirava os idolos o que se seguia tornavaos a por nos altares. El rei David nunca adorou idolo Ps. *omnes dii gentium demonia*⁸⁵. Salamão seu filho edificoulhe igrejas. Ezechias rey destrui os idolos. Seu filho Manasses adorouos... 2 Paral. c 33 Manasses *instauravit excelsa quae demolitus fuerat pater eius, construxitque aras Baalim, aedificavit altaria in domo Domini et adoravit omniam militiam coeli*⁸⁶. Josias rey assolou todos os idolos. Seus filhos todos idolatras. Era isto no povo do Senhor entre gentios. Estavão os idolos dassento. Sem remedio algum. Quem fez desaparecer estes idolos? Quais foram os homens que fizerão este milagre espantoso, que tirarão os idolos do mundo e dos altares e os pisarão aos pees? Estes forão o glorioso São Bartholameo e os apóstolos e o apóstolo São Bertolameo foy mais eminente neste negocio e enfadou e pisou muitos demonios e por isso se pinta com ele debaixo dos pees. *Dedi vobis potestatem calcandi super serpentes*⁸⁷ *princeps huius mundi eijeciet fores*⁸⁸.

O exemplo do sancto. Tendes na faqua na mão. Foy esfolado pola fee. Irmãos, duas cousas teve este sancto muy importantes a salvação: orar a Deos e cortar por sy. Orar *Pernoctabat in oratione Dei*⁸⁹ como diz o evangelho. Cem

⁸⁴ E. Pauli, *I Cor.* 12, 28.

⁸⁵ Ps., 95, 5.

⁸⁶ *2Paralip.*, 33, 3-5.

⁸⁷ Lucam, 10, 6.

⁸⁸ Joannem., 12, 31.

⁸⁹ Lucam, 6, 22.

vezes se ageolhava de noyte e cento de dia. Irmão levai esta lição a noyte ageolhaivos antes de vos deitar por certo espaço oray. Cuidai em vos e na familia se ides para o ceo se para o inferno. Fazei isto *nomima vestra scripta sunt in coelis* cada dia se encomenda a Deos de proposito e vos incertos da salvação não vos examinai e emendai cada dia? São Bertholameo confirmado em graça ageolhase cem vezes cada noyte e alguns de vos passais as noytes de redor os demonios? Deos vos converta, Deos vos toque os corações. E onde aveis de yr? Que fim hade ser o vosso? Comecai oje cada dia a noyte chorai. Que não sabeis se chegareis a outro dia. – E confessaivos do peccado velho. Irmãos vida nova e chorai cada dia o peccado velho.

Cortar por sy: saber quando importa a salvação com hũa diferença que ha de maos e boões: he que os maos cortão polos outros os boões por sy. Os maos cortão pola fazenda alhea quando furtão, cortão pola honra alhea quando injuriam, cortão pola fama alhea quando murmurão, cortão pola carne alhea quando pelejão. Os boões cortão por sy. Cortão pola fazenda quando dão a esmola, quitão a divida, cortão pola honra sua quando sofrem a injuria, cortão pola fama sua quando dizem mal de sy, cortão pola carne sua com a disciplina com o cilicio, com o jejum. O cortar por sy he dos sanctos, assi o insina o minino Jesu na circuncisão. Diz S. Bern.: assi como tomou o nome de salvador cortando por sy na circuncisão *ita et nos oportet circumciti et hic nomen salutis accipere* cortando por nossa carne. Conclusão: todo este sermão de São Bertholameo consiste em tres palavras: orar, cortar, vencer. A orar e cortar se segue vencer o demonio, metelo debaixo dos pees. Sem estas duas cousas fiquarieis vencidos. O glorioso São Bertholameo como fostes eminente em estas duas cousas: orar a Deos e cortar por vos esfolado e degolado pola fee e por isso vencestes ao demonio, etc..

Isto, irmãos, quando ao sancto. Ouvi agora hum ponto que vos releva: ouvisteme dizer que inventara Deos tres cousas: igrejas, ornamentos, imagens sagradas e que todas tres erão proveitosissimas as almas. E todas estas tres cousas vos pretendeo tirar o demonio (com?) ferro polos ingresses este anno de 1596. E se não vede o que fizerão em em Calix e em Faro. O de Calix deixo. Em Faro derribarão treze igrejas, espedacarão as imagens, profanarão os ornamentos e das estolas e manipolos fizerão ligas das calcas. Que aveis de fazer os catholicos como todos sois? Aveis de vingar esta injuria. Ha tres sortes de injurias: injuria que se faz a vossa pessoa, injuria que se faz a vosso vizinho. Pelejarão dous vizinhos. Injuria que se faz a Deos e aos sanctos. A primeira vossa aveila de sofrer *supportantes invicem*. A dos proximos aveilos de reconciliar *beati pacifici*. A de Deos e sanctos aveila de vingar e Deos sera convosco como o foy com Judas Mahabeo. 2.Machab.ultimo vinha Nicanor com hum potentissimo exercito por derribar o templo de Hierusalem e profanar os vasos sagrados e ornamentos do sumo pontifice. Judas Machabeo lhe saio com os poucos que tinha a Deos

correo. Deos com ele que a noyte antes de dar a batalha lhe apareceu o propheta Jeremias com hũa espada luzente os cabos dourados e lhe disse da parte de Deos *accipe gladium sanctum munus a Deo in quo dejicies adversarios*⁹⁰. O esforçado capitão zelador da honrra de Deos mandase Deos dizer que pelejasse eis aqui a espada tens a victoria certa, o que aconteceu que ao outro dia: deu nos imigos e matou trinta e cinco mil e o Nicanor que tinha dito que avia de derribar o templo matou e cortoulhe a cabeça e a mão direita a qual estendera contra o templo e a lingoa blasfema feita em pedaços lancarão aos passaros. Irmãos, o anno seguinte se qua tornão matai neles o ceo sera por vos. São Paulo vos mandara a espada. São Jorge a sua lanca e São Bertholameo a faca para que tambem lhe corteis as lingoas se for necessario.

Finis.

VI – Dom. 13

Iesu praeceptor misere nostri Luc 17

No anno de 1596 que os ingreses tomarão Calix e Faro.

[BNL Cod. 3502, fol. 329v - 334v]

Temos no Evangelho historia e mysterio. Quanto a historia direi brevemente. Hum ponto. Aprendei de Christo esta vista compassiva. *Quos ut vidit dixit ite ostendite*⁹¹ vos. Ha tres vistas: diabolica, humana, divina. A diabolica he muito maa, a humana indifferente, a divina meritoria. A diabolica he a do ladrão que ve a fazenda alhea , a bolsa, lanca os olhos para furtrar. Vista de Acham, Josue 7 *Vidi pallium coccinum bonum et ducentos siclos argenti et regalam auream et concupiscens abstuli*⁹². He tambem vista diabolica a do invejoso. Tal foy a vista de Saul. 1 Reg. Cantarão as mulheres hũa cantiga que fora bem escusada. Elas a inventarão e a cantarão (molheres hão mister governadas por outrem) foi esta cantiga seminario de grandes males. Diz o texto 1 Reg. 18 *Cum reverteretur percusso philisteo David egressae sunt mulieres de universis urbibus Israel cantantes chorosque ducentes in occursum Saul regis in timpanis et tibiis ducentes*⁹³: *Percussit Salul mille et David decem millia*⁹⁴. Foy cantiga muy prejudicial diz o texto *iratus Saul autem, et displicuit eius sermo iste et dixit*

⁹⁰ 2 Machab.15, 16.

⁹¹ Lucam, 17, 14.

⁹² Josue, 7, 21.

⁹³ 1 Regum, 18, 6.

⁹⁴ 1 Regum, 18, 7.

*deterunt David decem millia et mille michi quid ei superest nisi solum regnum*⁹⁵. Diz o texto que a vista de Saul daquele dia por diante foy chea de odio e inveja. Vista diabolica. Livrenos Deos de tal vista, irmãos. *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David a die illo et deinceps*⁹⁶. A vista do carnal, diabolica. 2 Petri 2 *oculos habentes plenos adulterii et incessabilis delicti*. Tal foy a vista dos velhos de Babilonia para (Susana?) em casa do marido. Dan. 13 *videbant eam senes cotidie et exarserunt in concuspicentiam eius et declinaverunt oculos non viderent coelum*⁹⁷. O vista infernal! Tambem foy vista carnal a de Holofermes. Judith 10 *Cum intrasset Judith ante faciem Holofernus statim capta est in oculis suis*⁹⁸. Demos tambem exemplo de molher que teve vista infernal. No Egipto a senhora de Joseph Gen 39 *post multos itaque dies injecit domina sua oculos in Joseph*⁹⁹. Joseph casto e heroico mancebo abaixava os olhos a ela que por ser molher tinha menos licenca de os alevantar. *Injecit oculos*, pregou os olhos no mancebo, praza a Deos que non aja aqui algũa que assi prega os olhos. Non he esta vista de quem ha de ir ver a Deos. *Domine pater et Deus vitae meae extollentiam oculorum meorum ne dederis michi et animo irreverente et infronto ne tradas me Domine*¹⁰⁰. Ha vista humana curiosa com a qual hũa pessoa quer ver edificios, jardins, fontes, jogos licitos, festas, esta vista he indifferente. A terceira vista que todos devemos ter he de necessariades para as remediar. Non he de peccados nem de curiosidades, mas he de necessidades. Esta he vista divina, v.g. de pobres. *Ps. Oculi eius in pauperes respiciunt*¹⁰¹. De presos, *Ps. Dominus de coelo in terram aspexit ut audiret gemitus compeditorum*¹⁰². São Paulo encomenda muito os presos Hebr. 13 *memnotete victorum tanquam simul victi*¹⁰³. Hũa das rezões por que Deos diz que destruiu a Babilonia foy que non soltava os presos. Como hum entrava na cadea jazia aly. Es. 114 *vinctis non aperuit carcerem*¹⁰⁴, *perdam idcirco Babilonis nomen*¹⁰⁵. E o mesmo peccado reprehende em seu povo Es. 58 *dimitte eos qui contracti sunt liberos*¹⁰⁶ e no mesmo capitulo promete grandes

⁹⁵ *I Regum*, 18, 8.

⁹⁶ *I Regum*, 18, 9.

⁹⁷ Daniel, 13, 8-9.

⁹⁸ Judith, 10, 17.

⁹⁹ *Genesis*, 39, 7.

¹⁰⁰ *Ecclesiasticus*, 23, 5-6.

¹⁰¹ *Ps.*, 10, 5.

¹⁰² *Ps.*, 101, 20-21.

¹⁰³ *E. Pauli, Ad Heb.*, 13, 3.

¹⁰⁴ *Isaiae*, 14, 17.

¹⁰⁵ *Isaiae*, 14, 22.

¹⁰⁶ *Isaiae*, 58, 6.

merces aos que tiverem vista compassiva e acudirem aos presos e affligidos. *Si abstuleris de medio tui catenam et cum effederis esurienti animam tuam et animam afflictorum repleveris requiem dabit tibi Deus semper et implebit spendoribus animam tuam et eris quasi hortus irriguus*¹⁰⁷. Irmãos que visitais os presos e os ajudais a soltar e que lhes mandais esmolas e os que lhes levais as quartas de agoa. Consolaivos que Deos vos quer bem. Quando com vista amorosa vedes os pobres, os presos, os doentes Deos do ceo põe os olhos amorosos em vos. Consolemse tambem os que visitão os doentes nos hospitaes e em suas casas. Eccli. *7 non desis plorantibus nec te pingeat visitare infirmum*¹⁰⁸. Christo nosso Senhor os mais dos milagres erão nos enfermos. Marc. 3 *multos sanabat, ita ut irruerent in eum ut eum tangerent quotquot habebant plagas*¹⁰⁹. Não tinha asco deles, não teve asco do leproso que lhe disse *Domine si vis potes me mundare. Volo. Extendens manum tetigit lepram eius*¹¹⁰. Amorosamente os visitava nos leitos honde jaziam *eo veniam curabo eum*. A filha do principe e a sogra de São Pedro em suas casas as visitou e sarou. Conclusão. Diz São Lucas que se punha num campo rodeado de doentes que concorrião. Dizia o Senhor venham embora, venhão todos. *virtus de illo exibat et sanabat omnes*¹¹¹. Quando mandou a seus discipulos pregar disselhes *Infirmos curate*¹¹². Quando pregou o amor do proximo pintou em emprastos e levou o ferido a estalagem. Irmãos, este anno de tanta pobreza vos encomendo que pergunteis na rua e freguesia vossa se ha algum desemparado. Ha muitas casas que perecem a fome. Não vos contenteis dar a quem vos pede a porta, senão inquiri: isto he o que Deos encomenda Ps. *Benedictus qui intellegit super egenum*¹¹³. Grandes bens promete e na morte cama molle. Deos bate os colchões. Cama molle he o descanso que as almas tem com a lembranca desta intelligencia e socorro de pobres desamparados. O que isto não fezer (jará?) em rima de colchões que acha a cama dura e se quereis acabar de entender quanto Deos vos agradece este socorro de desamparados conta S. Gregorio Hom. 39 (o evangelho he de leprosos) notai topou hum religioso sancto com hum leproso em hum caminho o qual fazia. O religioso pos os olhos nele vista divina compassiva e perguntoulhe que fazia aly. Dise não posso yr para casa que esta alem do vosso mosteiro. O bom religioso tirou a capa e envolveo nela e tomao as costas, senão quando chegando a vista do mosteiro sae

¹⁰⁷ Isaiae, 58, 9, 11.

¹⁰⁸ *Ecclesiasticus*, 7, 38-39.

¹⁰⁹ Marcum, 3, 10.

¹¹⁰ Matth., 8, 2-3.

¹¹¹ Lucam, 6, 19.

¹¹² Matth., 10, 8; Lucam, 10, 9.

¹¹³ Ps. 40, 2.

o prior e frades todos: vinde ver o nosso irmão que traz a Christo Nosso Senhor as costas. Chega ao mosteiro. Os religiosos poemse todos em goelhos. Disse o religioso. que fazeis? Disserão: não sabeis quem he esse que trazeis? He o salvador do mundo. Deceo Christo, lancalhe hũa bencção a todos e a vista de todos sobio ao ceo. OOOO

Quanto ao mysterio. Diz Es. *Annunciate in populis ad inventiones eius*¹¹⁴ e David diz *Iudicia Dominus vera justificata in semetipsa*¹¹⁵. Os homens mandão muitas cousas que mal se poderão justificar, cousas sem rezão sem fundamento, conforme ao appetite. Deos não: tudo o que mandou e inventou o fez com grão fundamento. Temos no evangelho hũa invenção de Deos que foy Levit 13 et 14 mandar separar o leproso pelos sacerdotes. Não cometia este officio aos leigos governantes da terra nem a medicos, senão a sacerdotes, os quaes mandava que toda a lepra certa ou duvidosa logo fora de seu povo; grande facilidade em apartar e grande difficuldade em o tornar a recolher, e ao leproso lhe queimassem os vestidos e derribassem a casa. Pregunto que mysterio esta encerrado nesta cerimonia quem pretendeo Deos figurar, pois tudo foy *umbra futurorum*? Dirvosei do que collegi dos doctores sanctos. Quis Deos mostrar nesta lepra os dous peccados que mais o enjoam. Notai. Todo o peccado enfada a Deos *abominabilis in Deo impius*¹¹⁶ *et in pielago eius*. Deos he a mesma bondade, abomina toda a maldade e agasalha os bõos. No dia do juizo ha de dizer *ite* a todos os maos e *venite* [Interlinhado: os bons tende mão ha vos Deos de chamar] a todos os bons. Causa será de seu elemento. A todo peccado tem odio mas principal tem asco a dous peccados: heresia, peccado da carne. A heresia consta exod. 32 Deut. 9. Chamamos hereje aqui o que depois de circundado *olim* ou baptizado neste tempo se aparta da fee. Peccou aquele povo depois de chatolico, adorou o boy. Enfadouse Deos de maneira que disse a Moyses *descende hinc cito*¹¹⁷. *Peccavit populus tuus*¹¹⁸ e logo aly *dimitte me et deleam eos faciamque te in gentem magnam*¹¹⁹. Moyses de goelhos com as lagrimas tão soo sonsteve Deos por antão, mas Moyses entendeo que que ficuava irado para despois os destruir. Dece para appacar a Deos e mata vinte e tres mil e desfaz o boy em trezentos mil pedacos e diz ao povo *peccastis peccatum maximum* (notai a lingoajem *peccatum maximum*) *ascendam ad Dominum si quomodo quievero eum deprecati pro scelere*

¹¹⁴ Isaiae, 12, 4.

¹¹⁵ Ps., 18, 10.

¹¹⁶ Job, 15, 16? Job, 15, 20?

¹¹⁷ Deuteron., 9, 12.

¹¹⁸ Exodi., 32, 7.

¹¹⁹ Exodi., 32, 10.

*vestro*¹²⁰. Sobe, acha a Deos como de antes irado. Vem Moyses Senhor *aut dimitte eis hanc noxam aut dele me de libro tuo*¹²¹. Nem isto bastou. Vai e leva o povo. Eu não ei de yr com ele e mais *in die ultionis visitabo hoc peccatum eorum*¹²². Dece Moyses, cuidava o povo que traxia o perdão despois de tão grande castigo. Disselhes Moyses: Deos não esta satisfeito diz que lho aveis de pagar e mais não quer yr convosco. *Audiens populus hunc sermonem pessimum luxit et nullus ex more indutus est*¹²³. Posse num planto e vestiose de dóo. Nem isto bastou. Fez Moyses duas diligencias per applaquer a Deos: 1^a *Tollens tabernaculum tetendit extra castra procul*¹²⁴ para ver se quereria Deos yr aly afastado porque no meo honde ele mandou por o tabernaculo *habitabo in medio eorum* ja de enjoado entendeo Moyses que não moraria; a 2^a diligencia foy Deut. 9 sobe ao monte e deitase diante de Deos estendido no chão outra quaresma *proci di ante Dominum sicut prius 40 diebus et noctibus non comedens nec bibens per propria peccata vestra, timui enim indignationem illius qua delere vos voluit et exaudivi me Dominus* etc¹²⁵. A rezão por que Deos se enfadou deste peccado (Moyses lhe chamou *peccatum maximum*) mais que de outros foy que hũa cousa he desobedecer a Deos outra he negar a Deos. Em os outros peccados desobedece-se a Deos, mas na infidelidade e heresia negasse a Deos e em sua casa que he a moor injustica que se pode fazer a hum homem honrrado. Dizer na sala foão non he senhor desta casa. A mais grave offensa que se faz a hum rey he dizer algum em seu regno que el rey non he rey. E assi hum hereje que nega o Santissimo Sacramento ou hum judeo que nega a Christo he pior que Lucifer. Lucifer desobedeceo a Deos, mas não negou a Deos. Pior que Caim, desobedeceo a Deos, mas não negou a Deos. Direis, padre e se for hum hereje que não nega a Deos mas tem hum erro contra o que diz a Escritura ou contra os concilios, v. g. confessa a Christo e o Sancto Sacramento, mas diz que non se hão de honrrar as imagens dos sanctos, ainda que o concilio niceno 2^o e o concilio tridentino decretou o contrario, digo que o tal hereje tambem moor peccador que Caim e Lucifer, porque faz o Spirito Sancto mentiroso. Joh. in 1^a epist *qui non credit mendacem facit Deum quia non credit in testimonium quod testificatus est*¹²⁶. O Spirito Sancto he o que reside nos concilios, o Spirito Sancto he o que fez a Escritura Sagrada. Tudo o que cremos os catholicos cremos ser assi porque o

¹²⁰ *Exodi.*, 32, 30.

¹²¹ *Exodi.*, 32, 32.

¹²² *Exodi.*, 32, 34.

¹²³ *Exodi.*, 33, 4.

¹²⁴ *Exodi.*, 33, 7.

¹²⁵ *Deutern.*, 9, 18-19.

¹²⁶ *E. I Joannis*, 5, 10.

disse Deos. Quem não cre hum soo ponto da fee diz Deos mente, o que he gravissima injuria e peccado mais grave que todos os outros. Hũa cousa he errar a Deos no servico, outra cousa he injurialo na pessoa. O hereje injuria a Deos na pessoa, ou nega o que Deos he ou o que disse e por isso Deos se enfada mais do peccado da heresia que dos outros. O hereje he a Deos injurioso, he em sy todo perdido, he a igreja contagioso. A Deos injurioso já o dissemos. He em sy totalmente perdido porque mandão os demonios nele a vontade *sublata fide* diz hum doctor *aperitur janua omni vitio sine resistencia*. São Pedro diz *cui resistite fortes in fide*. Este não tem fee não tem resistencia, fara tudo o que o demonio quiser. Gregorio in illud Job *quasi rupto muro irruerunt super me murus iniquis rupitur cum fides dissipatur*. A igreja contagioso Sanctus Leo *super de passione 18 Domini viperea hereticorum vitate colloquia*¹²⁷. Nesta materia sois catholicos, estais bem, mas tratemos do peccado da carne. Folgava de pregar a todo Espanha, porque nesta parte esta cega. Dizem são fraquezas de homens. Estranhão furtos, estes castigão, poem na forqua o ladrão, e a adulteros não, e se a justica quer enforçar hũa adultera tem trezentos adherentes e os da misericordia vem com hum crucifixo pedir ao marido que perdoe e dälhe dinheiro ou officio para que venha nisso. Esta a terra perdida e chea de adulterios e outras abominações e não se entende. Notai o peccado da carne publico como agora esta a terra digo que enjoa mais a Deos que os outros peccados. Gen 6 *videns Deus quod multa malitia hominum esset in terra. Tactus dolore cordis intrinsecus delebo inquit hominem quem creavi*¹²⁸. Não se podia mais mostrar o asco e aborrecimento daquela malicia. O peccado que se declara como principal erão amancebados muitos *videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant*¹²⁹. A primeira era mulher, as outras fiquavão mancebas. Diz a grosa que avia outros peccados rapinas, homicidios. A prova esta clara, porque honde ha amancebados e adulteros ha ferimentos e homicidios e insultos e roubos. Mas declara o Spirito Sancto que o peccado que mais penetrou a Deos e o enfadou foy o peccado da carne *poenitet me fecisse hominem*¹³⁰. Em toda a Sagrada Scritura não achareis que Deos dissesse pesame porque criei homens, senão aqui polo peccado da carne. Achareis somente que disse Deos de Saul *poenitet me quod fecerem Saul regem*, mas non diz *hominem*. Fazer Deos menção da criacão, recorrer aos alicerces, dizer pesame de aver criado o homem, isto nunca o Deos disse senão aqui. A causa parece que he

¹²⁷ E. I Petri, 5, 9.

¹²⁸ Genesi, 6, 5-7.

¹²⁹ Genesi, 6, 2.

¹³⁰ Genesi, 6, 6.

porque o peccado da carne perturba a ordem da criação. Deos fez qua em baixo quatro graos de criaturas pedras, plantas, brutos, homens. O deshonesto sanda toda esta ordem. Homem dece a besta, *computruerunt iumenta in stercore suo*¹³¹. Ambros. *homo per luxuriam versus est in pecudem*. Dece a planta pois que non trata mais que parecer bem com varias cores, hum ramo para qua, outro para colá. Dece a pedra, porque quer mal a quem o põe na visitação, he marmore duro, non sofre correição fraterna. Mas outras circunstancias ouve em que Deos mostrou o enjoamento deste peccado. Tendo Deos dito que duraria o mundo cento e vinte annos c. *6 erunt dies illius centum viginti annorum*¹³², creço tanto o enfadamento e mau cheiro deste peccado da carne que veo Deos com o diluio day a cem annos e tirou os vinte annos. Notou São Hieron. *In quaestionibus hebraicis centum et viginti annos habebant ad agenda poenitentiam*. A poenitencia era o perfume *quia vero poenitentiam agere contempserunt. Nolluit Deus tempus expectare decretum sed viginti annorum spaciis amputatos induxit diluuium*. Mas ao tempo que entrou Noe na arca eram soos oytto pessoas. Nao grande. Ja sabeis que quando a embarquação he grande e vai despejada facilmente tomão hum homem. Comecado o diluio recorrerão muitos a arca as mulheres com os mininos nos bracos. Não quis Deos que se recolhesse algum. Fechou o mesmo Deos a porta *inclusit eum Dominus deforis*. Deos foi o porteiro, não fiou aquela porta de Noe ou filhos seus, porque por piedade receberão alguns. Direis, padre, ao menos os mininos! Tinha Deos asco e odio aqueles mininos filhos de ma gente. Apoc. *2 qui mechantur in tribulatione maxima erunt et filios eorum interficiam*¹³³. Mais: isto me espanta em parte mais e mostra o enfadamento de Deos do peccado da carne. Subirão as agoas quinze covados sobre os altos montes e esteve a agua naquele crescimento de vagar sem se diminuirem as agoas hum dedo, mas naquela altura cento e cincoenta dias Gen. c *8 coeperunt minui post centum quinquaginta dies*¹³⁴. Da a rezão São Chris. *Indigebat orbis purificatus voluit Deus quasi quantam reclementationem fieri et nullum vestigium malitiae relinqui*. Claro vedes que a húa respública o peccado da carne enjoa mais a Deos e lhe da pressa a destruir, mais pressa que outros peccados. E quereis ver outra prova brevissima que enfada mais este peccado a Deos, o mesmo Deos o disse Proverb. *6 non grandis est culpa cum quis furatus fuerit qui adulter est. opprobium illius non delebitur. Zelus et furor viri non parcat in die vindictae*¹³⁵. He

¹³¹ Joël, 1, 17.

¹³² *Genesis*, 6, 3.

¹³³ *Apocalypsis*, 2, 22-23.

¹³⁴ *Genesis*, 8, 3.

hum homem riquo, casado, dous maos homens o offenderão. Hum lhe roubou tantos mil cruzados, o outro olhou a molher. Qual destes peccou mais? Diz o mesmo Deos o ladrão grande culpa cometeo, merece logo enforcado. Mas o adultero mais peccou sem comparacão e no dia do juizo se vera honde o marido accusará e o varão que he Christo com grande furor e ira o condemnará. As rezões por que Deos assi se enfada do peccado da carne são tres: a 1ª a natureza ama a pureza sumamente assi aborrece e enjoa e se enfada de toda a imundicia; a 2ª rezão polo estrago que o peccado da carne faz em hũa alma. Santo Thomas 22 q. 153. 5º diz que põe este peccado no entendimento cegueira, na vontade odio de Deos enquanto lhe prohibe amor deste mundo horror do outro non quer que lhe falem em outro mundo, tem qua o seu paraiso *caecitas mentis odium Dei quatenus prohibet delectationem concupitam affectus praesentis a seculo. horror futuri*. As rezões por que a Deos enjoa este peccado he (esta he a principal) que despõe e leva o homem a ser hereje que he o peccado que dissemos sobre todos enfada a Deos. Dilo S. Paul. Gal. 5 *manifesta sunt opera carnis fornicatio immunditia*¹³⁶, *sectae* esta no grego *hereses*. Hum deshonesto caminha para todas as heresias. Ver Thim. 3 *erunt in novissimis temporibus homines voluptatis amatores magis quam Dei*¹³⁷. Diz logo abaixo *reprobi circa fidem*¹³⁸. Bem se vio em Salamão.

Todo este discurso vos fiz, irmãos, para entenderdes o tempo em que estamos. Cinco castigos notorios ouve este anno de 1596 em Portugal: fome custou o centeo em certas partes de Portugal a quatrocentos e quarenta. Doencas despejãosse alguns lugares da Beira por aver tabardilhos como ramo de peste. Guerra bem a vistes pusestevos todos em armas. Perdas do mar sóo hũa nao veio, não ha nova das outras. Medo que antigamente poucos portugueses não temião a muitos. Lede as chronicas. Agora trocouse este negocio, muitos aveis medo a poucos. Vedes vos todos estes castigos. A causa deles principal he o peccado da carne. Vos sabeis muito bem que vai em grande crescimento sem aver emenda nem a justica o remedear e o peccado da carne vai despondo a Hespanha para a heresia. Que cuidais vos que são estes herejes engreses que já duas vezes acometerão Espanha? He o inferno que pretende meter a heresia em Espanha. São dous demonios que se entendem: o demonio da heresia e o demonio da fornicacão. O demonio da heresia quer entrar e tem qua o demonio da fornicacão para lhe abrir as portas. Se vos este não lancais fora, por sem duvida tenho que ha de

¹³⁵ *Proverbi*, 6, 30-33.

¹³⁶ E. Pauli, *ad Galatas*, 5, 19-20.

¹³⁷ E. Pauli, *ad Thim.*, 3, 1-2, 4.

¹³⁸ E. Pauli, *ad Thim.*, 3, 8.

entrar a heresia. Deos vos alumie, Deos vos converta. Que remedio, padre? Sou contente. No evangelho o tendes.

Presuponho que vos quereis remedear e escapar da ira divina. Dous remedios conforme a letra: hum publico e o outro particular de cada pessoa. O publico he hũa inteira justica contra os amancebados publicos. Os prelados e officiaes do rei tomarem o proposito de apartar estes leprosos e purificar a terra. E que exemplo tão illustrissimo temos na Sagrada Scriptura 1 Esdrae c 9 Sabendo Esdras que estavam amancebados publicamente os filhos de Israel com grande sentimento e lagrimas acodio *Cum audissem inquit evelisse capillos mei et barbae*¹³⁹. AAA honrrado praelado. Vaise ao templo. *Curvavi genua, Domine confundor et erubasco, delicta nostra creverunt usque ad coelum. Non enim stari potest coram te super hoc*¹⁴⁰. Bem sei, Senhor, que não podemos durar desta maneira e que nos hade fulminar vossa ira. Movei , Senhor, os corações de todos e purifiquemos a cidade. Foy cousa maravilhosa, concorreram a ele todo o povo ao templo. C 10 *Flevit populus fletu magno* e disserão os principaes *Si est poenitentia in Israel percutiamos foedus cum Domino ut projiciamus universas alienigenas*¹⁴¹. Lançarão fora os leprosos. Este he o remedio efficacissimo, braco ecclesiastico e secular, deitar fora todos os leprosos publicos. Este he o primeiro remedio e em quanto se não faz, entretanto cada hum de vos se aparte do leproso, já que o leproso, o deshonesto não he apartado apartaivos vos dele. Isso he o que diz Christo *non beni mittere pacem sed gladium*¹⁴². Vem a separare. Em dous casos hade aver separação: em materia de fee e em materia de fornicção. *Si oculus tuus scandalizat te proiice abs te*¹⁴³. Dan 3 *non cessabant ministri regis succendere et flama effundebat super fornacem 46 cubitus et erupit et incendit quos reperit juxta fornacem. ergo fugire fornicationem fugire fornacem*¹⁴⁴. O 2º remedio particular he o que sabe de sy quem he leproso. São muitos, são mais que des, mais que duzentos mais que dez mil. Fazerem estes tres caminhos: o primeiro a Jesu pedindolhe misericordia; o 2º aos sacerdotes confessandose com muitas lagrimas; o 3º outra vez a Jesu comungado e dandolhe muitas gracas e non tornar a lepra, conservaremse na limpeza. *Fac colloquium Iesu preceptor miserere nostri*¹⁴⁵.

Finis

¹³⁹ 1 Esdrae, 9, 3.

¹⁴⁰ 1 Esdrae, 9, 5-6, 15.

¹⁴¹ 1 Esdrae, 10, 1; 10.

¹⁴² Matth., 10, 34.

¹⁴³ Matth., 18, 9.

¹⁴⁴ Daniellis, 3, 46-48.

¹⁴⁵ Lucam, 17, 3.

APÊNDICE II

Concio ad fratres

Em S. Roque. 1592

[BNL. Cod. 3502, fl. 515r-518r.]

Videte quomodo caute ambuletis; redimentes tempus quoniam dies mali sunt. Nollite fieri insipientes sed intelligentes quae sit voluntas Dei. Semper gratias agentes subjecti invicem in timore Christi. Epistola 5¹⁴⁶

S. Paulo encomenda duas cousas, e avisa e acautela de outra. As duas que encarecidamente encomenda são obediencia e oração. Da obediencia diz que obedecam cada hum a seu superior como a Deus. Notavel cousa he como insiste neste ponto *mulieres subdita sint viris sicut Domino*¹⁴⁷. *Filii obedite parentibus sicut Domino*¹⁴⁸. *Patres obedite dominis sicut Christo* e diz que esta he a vontade de Deos que obedeca cada hum a seu superior como a Deos. E diz que he insipiente o que isto não entende. E diz que temamos a Christo se isto não fazemos. *In timore Christi* que he o juiz que nos ha de pidir conta como obedeçemos. Da oração diz que *implemini Spiritu Sancto cantantes psalentes in cordibus vestris semper gratias agentes pro omnibus*¹⁴⁹. Irmãos meos, estas duas cousas avemos de procurar intensamente: obediencia oração. Nestas duas cousas consiste a composicão e perfeicão de hũa pessoa religiosa da Companhia. Provo assi que he hum collegio hũa casa de religiosos da Companhia, he hum jardim de Deos hum rosal de suas delicias orta de Christo *hortus conclusus* por honde Deos passeia. *Habitabo vobiscum*¹⁵⁰ *ambulabo inter vos*¹⁵¹. O mundo he chameca hũa mata. Em hũa mata ha leões porcos adibes. O leões são alguns soberbos. Os porcos são os deshonestos. Os adibes que seguem ao leão pera comer da carne que dele fica são os aduladores que seguem aos grandes por interesse. Assi que o mundo he mata. A Companhia he jardim. Venho ao ponto. Começemos pola

¹⁴⁶ E. Pauli, *Ad Ephes.*, 5, 15-21.

¹⁴⁷ E. Pauli, *Ad Coloss.*, 3, 18; *Ad Ephes.*, 5, 22.

¹⁴⁸ E. Pauli, *Ad Coloss.*, 3, 20.

¹⁴⁹ E. Pauli, *Ad Ephes.*, 5, 18-19.

¹⁵⁰ *Jeremiae*, 7, 7.

¹⁵¹ *Levitici.*, 26, 12.

carta do nosso Padre Ignacio. A obediencia e oração enxertam e regam este jardim. Gregorio: *obedientia sola virtus est qui caeteras virtutes inserit insertaque custodit*. Ora notai o singular descorso de São Gregorio. O mundo he mato bravo a religião jardim que faz hum religioso quando entra na ordem! Passasse da mata ao jardim transplantão como pereiro bravo infrutuoso tal viemos do mundo: Bravos e de meia condição e criação. Incultos criados *in tabernaculos peccatorum*. No que nos Deos fez altissima merce. Ora bem claro esta que não avemos de ficar assi; *alioquin* fora melhor ficar no mundo que na religião ficando a enxertia por fazer, ficando inmortificado inteiro secular cafare duro turbulento inquieto *Sathan inter filios Dei*. He logo necessario aver enxertia, he necessario cortar os ramos velhos bravos infrutuosos do mundo e enxertar garfos do ceo. Cortar por Adão velho e enxertar a Christo. Quem faz esta enxertia he a perfeita obediencia pela qual se sacrifica a vontade a Deos. A propria vontade he a may dos appetites esta sacrificada pola sancta obediencia, morrem os appetites e com a perfeita observancia das regras enxertamse as boas e solidas virtudes e assi fica a enxertia feita. A oração rega este jardim. Chrisostomo *In homil. Docet nos cum praecatione vitae cursu peragere, aque hac assidue mentem rigare siquidem hos omnes homines non minus opus habemus quam arbores aquaticus humore*. Ponderai a importancia da oração: da agoa que passa pola raiz toma a arvore alimento flor verdura fruta fermosura augmento. Com a arvore de regadio não entra o sol nem hũa folha lhe sequa. *Erit tanquam lignum quod plantatum est secus decursus aquarum quod fructum suum dabit in temporem suo et folium eius non defluet*¹⁵². Num estio em que tudo he seco e cayem as aves do ceo com a calma. Tudo seco. A arvore a quem corre agoa ao pee viceja verdeja. Assi o religioso que tem oração não somente he bõo, mas quando todos os que não tem oração faltassem ele edifica. Logo se deferença dos que não tem oração na lingoagem na modestia. Quando os outros murmurão ele cala, quando se queixão ele tem paciencia, quando se distraem ele recolhido he, que he hum convento de religiosos da Companhia pombal de Christo. Non he torre de gralhas mas pombal. A pomba geme. Convento he casa de poenitencia recolhimento ⊕⊕⊕¹⁵³. Os sanctos gerarão. Ps. *Laboravi in gemitu*

¹⁵² Ps., 1, 3.

¹⁵³ Ao lado, a toda a altura e largura da fl. 515v e ao alto da fl. 516r: «Isto pratico abaixo. Que he a Companhia? He hum pombal de Xhristo. *Estote simplices sicut columbes*, disse Christo aos seus quando os mandava converter, os da Companhia isto fazem. Vão seus filhos voando por esse mundo. Huns dão hum voo para Brasil, outros para Japão e de la dão verdadeiros voos para o ceo. Pois ignoro quaes? São as asas (?). Então se tem ambas o como voarão não a tomará o demonio a cosso a ave, zombando rafresco que (?) que he a Companhia hũa nao grossa. Olhai o que dygo: nao grossa, porque hade fazer grandes viagens. Hum religioso doutra religião sera mais virtuoso que nos, mas non [tem?] tanta necessidade de virtude como nos. Fasse hum barquo para yr a Santarem, basta piqueno, mas para yr a India ha mister outro ammadeiramento, mastro muy grosso, leme muy forte e seguro».

*meo*¹⁵⁴. Hebrós. 12 *gementes angustiati quibus dignus non erat mundus*¹⁵⁵. Christo nosso Senhor nos insinou a gemer. Assi o diz a grosa sobre São Marcos: *suscipiens in coelum ingemuit*¹⁵⁶. Diz *docuiste nos gemere*. E a Scriptura diz da molher sancta *ridebit in die novissimo*¹⁵⁷. E São Lucas diz *vae vobisque ridentes quod flebitis*. São Johão diz *plorabitis et flebitis vos mundus autem gaudebit*¹⁵⁸. Por todas estas rezões o religioso he pomba que hade gemer e não gralha que aja de gralhear. E venho ao ponto. As asas desta pomba são a obediencia e oração. Non basta hü asa pera tomar voo. Tem obediencia mas não tem devação não se alevanta da terra não voa. Tem oração mas não obedece, faltalhe hü asa. A que he hum convento da nossa Companhia he hüa nao que vai para a gloria. Os do mundo vão em taboas. Hieron. *Inepta aliud est integra nave et salvus mercibus portum intrare; aliud timidum herara tabulae et crebris soluctum recurversibus ad asperima saxa colledi*. Fez nos Deos esta incomparavel merce que nos passou das taboas a nao e deixou ficar tantos em taboas. Merce incomparavel. O leme desta nao he obediencia a vela he a oração. Não basta leme sem vela. Hüa pessoa obedediente indevota irá com trabalho. Sem vela não colhe vento do Spirito Sancto. Na oração colhe hüa alma alento para obedecer. Não basta vela sem leme, devação sem obediencia. Mas com leme e vela fara venturosa viagem e tomará o porto dabrigo como o tem tomado todos os verdadeiros filhos da Companhia te esta hora, que todos forão eminentes em obediencia e devação. Conclusão que he hum collegio ou casa da Companhia? He hum ceo ordenado lucido strelado. Cada religioso he hum planeta hüa estrela. *Vos estis lux mundi*. Os dous polos em que se revolve o ceo da religião são obediencia e oração. Diz S. Paulo *Filii subditi estote sicut Christo*¹⁵⁹. Eis hum polo. *Semper gratias agentes et psalentes in cordibus vestris*¹⁶⁰. Eis outro polo. ⊕¹⁶¹ e a mais

Ao lado, fl. 516r: «Porque recolhimento? Gregorius Sancti vero curas exteriores nequam appetitur».

Ao alto de toda a fl. 516r, junto da custura do caderno (o que torna esse texto ilegível) tem uma nota que continua no rodapé da mesma fl: «... tem oração e obediencia que viagens fará. Como se tera as tormentas. Que formosas naos forão mestre Francisco, mestre Gaspar, dom Goncalo. Como se houverão às tormentas, como enriquecerãonos para sermos de fructo e a Companhia de credito e spirito».

¹⁵⁴ Ps., 6, 7.

¹⁵⁵ E. Pauli, *Ad Heb.*, 11, 38.

¹⁵⁶ Marcum, 7, 34.

¹⁵⁷ Proverb., 31, 25.

¹⁵⁸ Joannem, 16, 20.

¹⁵⁹ E. Pauli, *I Ad Cor.*, 14-17 + *Ad Coloss.*, 3, 20? E. IPetri, 5, 5?

¹⁶⁰ E. Pauli, *Ad Epfes.*, 5, 19.

¹⁶¹ Ao alto e rodapé de toda a fl. 516v, passando com chamada para a fl. 517 ao lado: «Se não for obediente aborrece a Deos super modum Mich. de [Testorago?] *Super obedientiam*. Diz hum

frequente contemplação seja darmos graças por nos trazer a tal estado. Estado de religião, estado de liberdade. Os estados do mundo são estados de sujeição ainda que parece o contrario. A prova consta: *nos subditi voluntati uni, ordinatio superioris* que deixou o mundo e medita no que deve mandar. Os do mundo obedecem a não ter vontades dos officiaes do rey que são mundanos e praetendem mundo. Esperai!, outra sujeição são os do mundo subjectos a seus appetites. O grande cativo regidos por appetite por hum cego arremesado que se despenha. Na religião mortificãose os appetites. Estado que he sinal de predeterminação. Joh *non vos me elegistis sed ego elegeri vos ut fructum afferatur et fructus in maneat*¹⁶². O fructo dos do mundo não permanece communmente. Propoem de não murmurar, ao outro dia murmurão, de não jugar, jogão day a dous dias, de ser castos, raramente bem se emendão. *Fructus eorum inconsumato*. E assi passão. Risco de salvacão porque permanescente fructo ha de dar o que vida aeterna ha de merecer. O fructo do religioso communmente permanece. Propoem limpeza, esa tem por voto, devacão esa he ordinaria, emenda de vida, esa tem toda a vida. Estado ilustre. Çiprianus: *illustris portio Christi coelus continentur*. Os illustres na nobreza da christandade propriamente são os castos e puros religiosos que ja desde agora participão da gloria que esperamos. Ciprianus: *vos gloriam resurrectionis corporum, iam possidetis*. Estado spiritual. A differença que ha entre o rio Nilo que entra por sete bocas no mar eo Tejo que entra por hũa entra junto e assi comunicasselhe o mar copiosamente. Grossa mare. E so la entram os muito bõos casados e seculares e o religioso. Todos somos muito ricos todos imos ao mar do sumo bem, mas ha gram differença que os seculares estão divididos: *vir habens uxorem divisus est*, diz Saõ Paulo, *cogitat qui sunt mundi*¹⁶³. O bom religioso entra junto em Deos e Deos com piosa mare de graças se lhe comunica. Estado finalmente seguro primeiramente de occasiões, o grão bem! Comunmente não ha mais virtude do que da occasião.

autor *detestabilis erga inferiores detestabilis erga aequales detestabilis erga superiores ut Datham erga Moysem malum* (?). A oração encomendo a todos agora pola manhã. *Eccls.39* [6-7] *Justus cor suum tradet et aperiet os suum*. Todo o ceo esta atento quando se abre aquela boca e que pede. Mais o nosso anjo *orat nobiscum et pro nobis*. Diz S. Nilo discipulo de S. Chrisostomo diz mais que alegre o ceo a oração com attenção. Conta de hum religioso que no deserto passeando com oração attenta sempre yam dous anjos com ele com os quaes ele não falou palavra para se não distrahir. Falava com (grous?) polo (?) rio (*vehementer?*) *mundet demon orante omnes art* (?) *illius propositum cadet effectorum sunt demones gulae* (?) *injuriare caeterumque perturbationum ut illos* (?) *non possit orare oportet*. Diz mais (?).

Na mesma fl. 517r junto da costura do caderno – ilegível – sem qualquer sinal de chamada no texto e continuando em rodapé: «... fica deshonrrado quando lhe dão hũa bofetada e ele cala, quando anda roto, quando não tem com que agasalhar hum ospede».

¹⁶² Joannem, 15, 16.

¹⁶³ E. Pauli, *I Ad Cor.*, 7, 33.

Esa conversação (?) seguro de linguas. Ps. *Proteget eos a contradictione linguarum*¹⁶⁴. A obediencia toma sobre si todos os erros dos verdadeiros obedientes. 3º seguro de dar conta. Pregunto: de que pecados hade dar conta o verdadeiro religioso? Dos pecados que fez no mundo ou dos que fez na religião. Dos primeiros, não, porque lhe forão perdoados quando votou na religião. Dos da religião não tem que dar conta o verdadeiro obediente, o superior si. Hua soo cousa nos pode fazer dano: participar do mundo. Os seculares helhes bom participar da religião, mas a religião perdese quando participa do mundo. Aqui entra o terceiro ponto de São Paulo: *videte fratres quomodo caute ambuletis dies mali sunt*. Neste anno de 1592 podemos dizer que tem chegado Espanha ao cabo de toda a maldade e ao cabo de toda a miseria: *Peccatum miseris facit populos*¹⁶⁵. Grandes castigos no mar e na terra e os peccados em augmento e os que governão nenhum remedio poem por aplacar a Deos. Esta o tempo roim *dies mali sunt videte fratres quomodo caute ambuleris*. Olhemos não nos entrem qua os males do tempo. Tempo de soberba dizia hum prudente: espanhoes vale de miseria mole de soberba. Inundou a soberba. Vigiemos. Não nos entre qua hum esteiro da fantasia. Pontos de honra quando a mare enche chegão huns esteiros a Corrojos. Nesta parte pode ser que ha que emendar. Dizia hum prelado que a Companhia tinha *donum captitatis*. Non sei se temos *donum humilitatis*. Ja ouvi queixas disto fora, que se desejava mais humildade em alguns da Companhia e nos mesmos cuido que enxergamos huns nos outros pontos de honrra. Eu vejo que oje vae em 40 annos no curso que ouvimos em Sanfins avia homens Ignacio dAzevedo, Marcal Vaz, Goncalo Alvarez, Miguel de Barros. Eu era moco. De todos estes eramos irmãos, nenhum era sacerdote. Não me lembra que nenhum falasse por reverencia ao outro. Lembrame que eu falava a Ignacio dazevedo por vos. Era linguagem daquele tempo. Agora alguns irmãos estudantes e coadjutores falãose por reverencia. Isto he descaimento claro na humildade dos irmãos. O vos não recebem bem alguns padres agasalhão a paternidade quando lha dão de fora. Ha pontos de honrra no pregar e confessar e leer. ⊕¹⁶⁶ O tempo corre com

¹⁶⁴ Ps., 30, 21

¹⁶⁵ Proverb., 14, 34.

¹⁶⁶ Ao lado e a toda a altura da fl. 517v com continuação no rodapé da mesma página: «⊕ Podemonos revelar de soberba de entendimento somos tão confiados em nosso parecer e em cousas que não nos pertencem metemonos em tudo. Fasse hũa obra em casa ou pintesse hum retavolo yrão aly e alguns com oculos todos a trasacar. Encitão erros no official sejão traca do superior tambem hãode tachar. No mar fazemse pilotos entendem nos graos. ‘Disse eu hum dia a hum deixa faz o official’, ‘[rico?] sei mais que o official’. Outro na [poesia?] riu, altercou sobre a musica, disse o musico queixandose: o padre saberá da religião, mas da musica! sei eu que sou musico. Mestre Francisco na India deixou apontamento que os nossos se sujeitassem aos curas e se não que os despedissem. Assi ficao inteiros como se o seu entendimento fosse o concilio tridentino».

distracção dissolução grande. Dizia hum homem de fora: Padre, antigamente eramos peccadores mas embuçados, agora mores peccados e rosto descuberto. Non sei se nos entra qua non digo distracção como fora eles tem dissolução por sua vida em peccados. Nos qua algũa distracção não em peccados, louvado seja nosso Senhor, mas em alguns exercicio menos recolhidos alguns que antigamente. Polas ruas olhos mais alevantados: *oculos sublimes*¹⁶⁷ *extollentiam oculorum ne dederis michi*¹⁶⁸. Hum os dias passados levava oculos pola rua! Valhame Deos! Oculos para ler, sy, mas para ver non edifica. Tiremse os oculos a mancebos e demse aos barbeiros velhos desta cidade que non ha remedio para quererem oculos e acontecerão ja desastres nas sangrias. Sangrarem na arteria e morrerem algũas pessoas.

Tempo de ocio. Muita gente na cidade que come e non trabalha. He para ver se entrou a preguica em alguns de nos. Se pudemos fazer mais hum pouco. Os pregadores hũa tarde na somana para presos para gales para o tronquo.

Tempo de cubica interesse. He para saber como estamos na pobreza que cuidio que descaio a Companhia na pobreza. Esta em pe na castidade, laus Deo, mas dizem que não esta assi na pobreza. Nisto ha muito que dizer.

Tempo de vaidade mimo. Non sei se entra qua algum esteiro e cadeiras despaldar algum catere, canastra fechada almofadinha a cabeceira.

¹⁶⁷ *Proverb.*, 7, 17.

¹⁶⁸ *Ecclesiasticus*, 23, 5.

APÊNDICE III

CARTAS DE VIAGEM

Critérios de edição das cartas:

- Desenvolvemos todas as abreviaturas;
- Modernizamos o uso de maiúsculas e minúsculas;
- Respeitando os sublinhados do autor, destacamos em itálico as citações bíblicas e outras em latim;

– Em notas à carta escrita em Coimbra em 23.4.1574 conservada na BPE. Cod. CX/1-17 assinalamos com > < as faltas de texto; com < > os acrescentos e entre [] eventuais substituições de palavras que nos pareceram significativas em relação ao texto da carta da mesma data enviada aos Padres de S. Roque que se encontra no Cod. CVIII/2-2 da mesma biblioteca;

– Assinalamos com (?) as faltas de texto cuja leitura não foi possível ou é duvidosa;

– Embora reduzindo ao mínimo a nossa intervenção, introduzimos alguma pontuação em casos em que, se assim não procedessemos, o texto ficaria incompreensível ou menos compreensível.

I – Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra a 23 [de Fevereiro] de 1573.

[BPE Cod. CVIII/2-2, fl. 350r-355r]

Sintome tam obrigado a todos principalmente polas muitas merções que por suas oraçoens Nosso Senhor nos fez neste caminho que determinei brevemente neste darlhe conta de nossa viagem. Sabado dia de S. Babilas nos partimos de Évora¹⁶⁹. Em Madrid, aonde reside a corte de Phelippe nos começou logo Nosso Senhor mostrar que tomava este nosso caminho ha sua conta porque o embaixador de Portugal nos fez muitas caridades proveo de todo o gasto emquanto ali estivemos, negociou com o Senhor Marquo Antonio que pola posta viera a Madrid a tratar da liga que nos levasse na sua gale de Barcelona (donde escrevo esta) ate perto de Roma. El rey Felipe fez tambem muitos offercimentos ao Padre Leão Henriques quando o foy visitar. Em Alcalá aonde esta hum collegio o principal da provincia fomos recebidos de todos com muita alegria principalmente do P. Mestre Simão que ali reside. Não sei encarecer quanto todos nos consolamos de o ver e conversar. O que muito me edificou neste collegio foy que sabendo que eu hera procurador das Indias de Portugal vierãome falar muitos irmãos dandome conta cada hum em particular dos grandes e antigos desejos que tinhão de hir ha India e Japão pedindome que lhe ouvesse esta licença de Roma. Os mais destes irmãos herão artistas e theologos, huns que tinhão ja acabado outros que hião no meo de seus estudos. Todos tomei em rol pera propor ao Padre Geral. Levarãome pola cidade a ver as reliquias dos santos Justos e Pastor os quais herão meninos de dez annos pouco mais e forãose ao passo de Daciano offerecer ao martirio estão ainda enteiros e mostrasse em Alcalá do menino Pastor hua perna que esta separada com calsa branca e hũa alparea no pee. Esta tambem a pedra aonde os degolarão daqual manou azeite pera as alampadas duzentos annos. E porque hera muito azeite quiserãono arrendar, e não manou mais porque entrando a cobiça estancou o milagre. Daqui fui ao mosteiro de S. Francisco aonde esta Sam frei Diogo que ha çem annos persevera inteiro. O corpo não vi, a mão que esta separada pera se poder mostrar esa beije e cheirei. Afirmolhe irmãos carissimos que he tamanha a flagrancia que logo parece cousa sobre natural. Fizerãome os frades caridade de me dar o livro da vida e milagres deste santo; os milagres deixo porque são muitos, da vida o que em summa kolegi foy natural da Estremadura, muito dado a oração, austero consigo, humilde, zeloso das almas, quando ouvia dizer que algum proximo

¹⁶⁹ Ao lado: «24 de Janeiro».

morrera sem confissão chorava muitas lagrimas, servio dous officios na ordem o de enfermeiro e porteiro, em ambos era muito humilde e charitativo, na enfermaria com os doentes, na portaria com os pobres aos quaes muitas vezes dava sua propria porção, mas o que sobretudo me confundio deste santo foy que não sabia ler nem escrever, mas soubesse aproveitar e salvar para que entendamos charissimos em Christo irmãos que a verdadeira sabedoria consiste não em bem argumentar, ler, pregar, mas em hum se saber mortificar e humilhar, muitos sacerdotes e letrados, muitos pregadores e guardiães ouve em seu tempo mas de nenhum ficou reliquia nem memoria senão de frey Diogo idiota, *in memoria eterna erit iustus*, não diz *literatus*, não somente pera ser benaventurado na outra vida, mas ainda pera ter nome nesta he melhor partido ser humilde que letrado. Vi tãobem a a Universidade de Alcala e entrey em o geral de Theologia aonde disse o Padre que hia comigo que estarião quatro centos theologos, o que notey nesta Universidade foy a cortesia e chanesa dos estudantes com aver aly muita nobreza são todos momo iguaes, eu vi em hũa rua hum sobrinho de hum arcebispo hia só, e no andar, barrete, meneyo não se lhe via rasto de fantasia, por averiguado tenho que mostrão mais fantasia os que estudão gramatica em Coimbra que os theologos e artistas de Alcala.

No reyno de Aragão se edificarão muito os Padres de tres cousas, a primeira que em todos os lugares por onde passamos as igrejas erão muy grandes as casas piquenas, logo no primeiro lugar que se chama Honreal vimos as casas pequenas de barro e por cayar mas a igreja eras muy grande e sumptuosa, e toda de predraria; espantado eu e prepassando disse a huns sacerdotes que aonde aquilo avia, avia fee e christandade, responderãome que assi era, e que nunca em Aragão ouvera hereje, e que isto das igrejas grandes acharia em todo Aragão, e assi o experimentamos que tee nas aldeas a casa que ao longe mais avulta e se enxerga ha a igreja, cousa para verdairamente se pregar nos pulpitos de Portugal aonde os passos dos nobres são muy grandes as igrejas pequenas, aveço grande e desconcerto, barbarismo intoleravel; a segunda foy o grande respeito que se tem aos sacerdotes ao sair e entrar na igreja todos se lhe levantão, nos caminhos todos nos tiravão os barretes; a 3^a a muita esmola e charidade com os pobres principalmente no hospital de Saragoça que he cabeça de Aragão, na somana em que o fomos ver servia a Justiça Mor que he sobre a Justiça del rey Filippe e andava com sua toalha ao hombro servindo aos homens, e sua molher Dona Catherina servia as molheres. Ha neste hospital ordinarios quinhentos e sessenta doentes, e quatrocentos mininos engeitados, e com não ter mais que quatro mil crusados de renda gasta cada anno trinta mil crusados e tudo de esmolas; os leitos são todos dourados e muitos deles riquissimos e muitos nobres que mandarão fazer os taes leitos quando Deos os quer levar desta vida vãoosse lançar nelles e morrem em o hospital, tanta devação que lhe tem; he este hospital a melhor

governada casa que ha na Republica; tem cem homens de serviço, e tem tanta prudencia no governo que te dos doudos se servem, avendo no hospital trinta e seis doudos servem de alimpar as podridões e imundicias e outras cousas que os cesudos fazem de maa vontade.

Mas o principal que pretendo contar de Saragoça são as muitas e insignes reliquias com que Deos quis ennobrecer aquela cidade. E começo primeiramente pola casa de Nossa Senhora do Pilar que he a primeira e mais antiga casa de Nossa Senhora que ha em Hespanha, casa que a Virgem Nossa Senhora mandou edificar a S. Tiago sendo ainda viva e como desde Portugal traziamos no pensamento esta igreja loguo que chegamos fomos dizer missa nella com a mor consolação que tivemos neste caminho; beije o pilar por muitas vezes e o medi he de quatro palmos e meyo meus, he de marmore, a cor he varia e parecesse com beyjoim de boninas. E porque este milagre he muy autentico e antigo e os ha muito de consolar quis tresladar a historia brevenmente *verbo verbum*, e traduzila de latim em lingoagem, e he assequinte:

In nomine Patris et Filis et Spiritis Sancti quando os Apostolos se partirão de Judea a pregar o Evangelho per todo o mundo cada hum delles hia pedir a benção e licença a Virgem Santissima. S. Tiago enviado por Christo as Espanhas despedindosse da Virgem Maria e pedindolhe com muitas lagrimas sua benção a Virgem lhe disse estas palavras, ide, filho Jacobo e compri o mandamento de vosso Mestre por elle vos peço que em hũa das cidades de Espanha onde mor numero a sua santa fee converterdes edifiqueis alli hũa igreja em minha memoria no sitio que vos eu mostrar. Partido S. Tiago de Hierusalem polas Asturias veyo a Galiza e dahi a Castela, e de Castela a Saragoça aonde converteo (?) homens com os quaes costumava sair da cidade a borda do rio Ebro a fazer oração. Hũa noite as doze horas adormecidos os companheiros S. Tiago ovio cantares de anjos que dizião *Ave Maria gratia plena Dominus tecum* e alevantando os olhos vio sobre hum pilar de marmore a Virgem Nossa Senhora a qual estava entre dous choros de milhares de anjos os ques cantarão as matinas e as concluirão com *benedicamus Domino*, então a Virgem chamou S. Tiago e lhe disse filho meu eis aqui o lugar deputado pera minha honra no qual por tua industria sera edificada hũa igreja em minha memoria. Ves este pilar em que estou assentada meu filho teu Mestre o mandou por mãos de anjos; arredor dele assentaras o altar da capela, e neste lugar por minha entercessão e respeito a virtude do muy alto obraras sinaes e maravilhas aaqueles que em suas necessidades pedirem meu socorro. E este pilar estara neste lugar te fim do mundo, e nunqua nesta cidade faltarão catholicos. Ditas estas palavras aquela multidão de anjos restituirão a Virgem a Hierusalem, e depois que isto aconteceu virão a Virgem na hora da Encarnação pera que a guardassem e em todos os caminhos a acompanhassem. Começou loguo S. Tiago a edificar com os fieis a capela; esta

he a primeira igreja que a honra da Virgem se edificou; esta he a sala angelical aonde muitas vezes se ouvirão anjos a cantar as matinas, este he o lugar aonde os devotos desta Senhora alcançarão muitas merces do Senhor que vive e reyna *in secula seculorum, amen.*

Te aqui treslaadei por ser historia antiquissima aprovada e autentica. A esta imagem e pilar tem tanta devação a gente não digo somente estarngeira (que sempre foy infinita ainda que menos agora por causa das heresias) mas a natural que sempre se achão ali pessoas em oração, e silencio que parecem religiosos de modo que ha ali oração continua; e afirmarão os Padres que por mais festas e jogos que aja ate vespera de cinza em que a gente anda mais solta, e destarida esta aquella capella acompanhada de gente que a Virgem se encomenda. Na mesma cidade ha outra imagem de Nossa Senhora de grande concurso que se chama Nossa Senhora de Portilho. A suma do milagre foi, como collegi da tavaoa antiga e publica que esta fixada na parede que na era de mil e cento e dezasete dia dos Reis a noite estando os guardas e vigias de certa porta da cidade dormindo derão assalto os mouros e a quiserão por ali entrar, e eis que subitamente aparece no ar a Virgem Nossa Senhora com exercito de anjos os quaes por seu mandado defenderão a entrada e matarão muitos mouros, e os poserão em fugida, despertando os da cidade e lansados de si os mouros a Virgem desapareceo com seu exercito e ficou sobre o muro hũa imagem sua em lembrança da merce que fizera, a qual ali esta agora e fezse hũa igreja derredor. He tanta a devação e frequencia de gente principalmente dia da Anunciação que pregão aquelle dia em dous pulpitos. Na mesma cidade no mosteiro de São Jeronimo esta o corpo de Santa Engracia donzella portugueza nobilissima a qual sendo filha de hum rey de Portugal indo casar a França acompanhada de hum seu tio Dom Luprecio irmão de sua mãy com outros nobres portuguezes (erão por todos dezanove) passando por esta cidade e visitando a capella de Nossa Senhora do Pilar forão todos martirizados e a Santa Engracia lhe meterão hum prego pola cabeça. Vimos, e beijamos a cabeça de São Lupercio, e de Santa Engracia, e o grosso prego. Todas estas reliquias estão em ricas peças de prata, ouro, e pedraria, e com haver tantas reliquias a santa a que se tem mais devação, e que tomarão por padroeira da cidade depois de Nossa Senhora do Pilar he Santa Engracia. Comparava eu esta santa ao Tejo, e semelhantes rios que nascem em hum reino e enriquecem outro, assi Santa Engracia ennobreceo Aragão. Na mesma capella de Santa Engracia esta o corpo e cabeça de São Lamberto o qual sendo criado de hum lavrador lançado pregão so pena de morte que quem tivesse criado christão o matasse, o gentio se foi aonde Lamberto andava com os bois, e propondo lhe que ou se tornasse gentio, ou o mataria respondeo Lamberto que queria morrer polla fee, e pregando a aguilhada no chão reverdeceo em arvore, e posto em giolhos o amo lhe cortou a cabeça.

Aqui aconteceu outro milagre tão autentico como espantoso que tomou a cabeça nas mãos, e veio-se me-a legoa ate entrar na cidade e chegar ao lugar do degoladouro dos martires aonde estavam (afora os santos portuguezes) infinitos santos mortos e chegando os saudou dizendo *Exultabunt sancti in gloria*, responderão-lhe os ossos *Letabuntur in cubilibus suis*. Alli caio a cabeça e o corpo e se mesturou com os outros, os quaes erão tantos que hũa rua por onde eu passei dizem que corria por ella hum rio de sangue e era o tirano tão cruel que porque os christãos veneravão muito as reliquias dos santos mandou queimar muytos corpos, e juntamente alguns dos gentios delinquentes pera misturar a cinza para que assi os catolicos desistissem de venerar as reliquias, mas Nosso Senhor socorreo com vento e chuiva o qual espalhou a cinza gentilica, e a cinza dos santos ficou toda, e se reduzio em hũas bollas e quillouros que nos vimos, e adoramos no mesmo mosteiro.

Mas não de menor admiração he o que vimos na see, aonde nos mostrarão a cabeça de São Dominginhos, o qual foi hum menino de idade de dez annos, e costumavão pollas ruas cantar prosas de Nossa Senhora; os judeos que então havia muitos em Saragoça o reprenderão que não cantasse mais aquellas cousas, o menino não curou de suas ameaças e cantava como dantes. Então o degolarão, e lançarão em hum poço, o qual miraculosamente creceo ate cima; tomarão e lançarão em outra parte aonde forão sentidos dos christãos que recolherão o glorioso menino.

Na mesma see esta enterrado o primeiro inquisidor deste reino mestre Epila ao qual matarão os judeos estando fazendo oração junto a hum pilar do cruzeiro da see a mea noite (quando os conegos ainda agora dizem as amtinias) as espadas dos quatro judeos que forão principaes na morte estão dependuradas em os pilares, e estão ali 4 alampadas apagadas em memoria que os quatro judeus com os mais estão em trevas eternas. Finalmente vimos na mesma see tres dedos de 3 santos insignissimos hum de Santo Agostinho, outro de Santo Thomas de Aquino, o 3º de São Vicente martir e o que sobretudo nos alegrou foi ver hum espinho da coroa do Salvador do mundo; estava despontado porque a ponta lhe levou nos dentes hum romeiro, e ainda assi tinha de comprimento quasi hum dedo.

Isto quanto a Saragoça cabeça de Aragão. A sete legoas de Barcelona cabeça de Catalunha esta Nossa Senhora de Monserrate aonde fomos o Padre Pero da Fonseca e eu com assas perigo porque nos hião nas costas 25 bandoleiros cada hum com dous pedernaes, mas Nossa Senhora por sua mão, e pollas orações desse collegio nos livrou. Levavamos intento de dizer missa, e por essa causa andamos depressa e se andamos mais devagar não lhe escapamos; antes de entrar na capella de Nossa Senhora passamos por hũa grande casa cujo tecto e paredes estão cheas de muitas cadeas de cativos, de muletas de coxos,

de pelles de cocroditos, de navios, de mortalhas, de pernas, de braços, corpos de homens trespassados com lanças, espadas que alli offerecerão homens de diversas nações em reconhecimento do especial socorro que da Virgem Nossa Senhora em seus perigos tiverão; de todos esses milagres ha tavoas nas paredes com pinturas e enformação. Quisera tresladar muita cousa porque os tenho a todos por devotissimos de Nossa Senhora, mas deste trabalho me livreí com lhe mandar o livro dos milagres e a pintura da montanha. Vi as ermidas principaes e falei com os hermitãos e se os religiosos deste tempo fossem semelhantes aquelles cujas vidas se costumão a cantar nos responsos desse collegio, o lugar bem aparelhado he pera serem santos. Isto basta por agora; estamos pera nos embarcar, por amor de Nosso Senhor peço a todos que ainda que o eu não mereça continuem suas orações pera que Nosso Senhor continue as merces. De Barcelona a 23 de Fevereiro de 1573.

Filho indigno

+

Ignacio Martins

II – Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno de 1573

[BPE. Cod. CIX/ 2-13, nº 7]

Ja me parece que tardo em corresponder a muita obrigação em que estamos a esse sancto collegio por cuia intercessão tantas e tão manifestas merces, te esta ora do Senhor recebemos. E porque não queria gastar palavras em exordios, venho logo a narração, e prosiguiamento do nosso caminho. Em Barcelona nos embarcamos a 24 de Fevereiro na gale do Senhor Marco Antonio a qual parece que Deos mandou a Espanha a buscar padres da Companhia porque a sancta liga dos christãos contra os turcos ia antão era desfeita por parte dos venezeanos. Do Senhor Marco Antonio recebemos muitas charidades, porque alem do admitir na gale 10 padres da Companhia da provincia da Bethica, toletana e de Portugal, a todos mandou prover do necessario. Na converçassão e praticas que muitas vezes tinha com os padres mostrava em toda materia tanto zelo, e vertude, e entendimento, e prudencia que nos punha admiração; algüas cousas que lhe ouvi escrevi, e notei. Confessouse com o Padre Leão Anriquez, e em Roma se confessa com padres da Companhia. Andamos no mar hum mes por o tempo nos não favoresser, e como a gente era muita dormião os padres nas ballesterias com os galeotes, e padeçerão todos muito por rezão do ieium, e outras circuns-tancias da gale, mas muito mor trabalho passarão os que forão por terra, porque dos padres que se lançarão por França forão presos os da provincia de Castela a velha, dos quais ho Padre Cordeires morreo no carcere, e o provincial Gonçal-ves foi ferido ao fazer do preço do resgate que deu por si e seus companheiros. Passamos o Golfão de França com muito pouco periguo louvado Nosso Senhor, e dia de Ramos dissemos missa em Marselha cidade de França de catholicos aonde aportou aquella bem aventurada nao sem vela e sem remos que trazia a Sancta Maria Magdanela, S. Lazaro e outros sanctos. Vimos o lugar donde Sancta Maria Magdalena pregava aos de Marselha. A espelunca aonde estive 7 anos fazendo penitencia, a mesa em que comia, o jarro de barro por que bebia, o leito de pedra em que dormia. Isto vimos em hum mosteiro de Sancto Victor que esta a mea legoa de Marselha, o qual se edificou em memoria da sancta, e tem em si outras muitas reliquias, como he a + em que Sancto Andre padeceo, não he aspa, senão crux muito bem feita semelhante a de Christo Nosso Senhor e estão tambem as reliquias de S. Victor, S. Cassiano, S. Mauricio *cum socij suis*, e estão ali muitos cardeaes, e alguns papas enterrados do tempo que a see apostolica estive em Avinhão. Quinta feira da somana sancta tee dia de Pascoa estivemos em S. Remo porto da Senhoria de Genova; aqui vimos algüas cousas que nos edificarão, porque com ser hum lugar de mil e quinhentos vizinhos, somente ouve na noite sancta húa prosissão de quinhentos disciplinantes, e logo

a sexta feira ouve outra prosissão de cem disciplinantes mancebos, e moços muito feridos das disciplinas, e cantavão *stabat Mater dolorosa iuxta crucem lachrymosa*, etcoet.; a frequencia da confissão, e comunhão foy tanta que comungavão aquella somana obra de nove ou des mil peças. Dia de Paschoa todo se passou em louvor de Deos porque tee meio dia tres saçerдotes derão a comunhão, acabado de jantar tiverão seu sermão, depois vesporas, e completas, e sempre as igrejas cheas de gente com tanta quietação e devação quanta falta naquelle dia em outras partes. Em Geneova fizemos pouca detença, e assi não pudemos ver o S. Catino, mas soubemos de certo que era de hũa pedra desmeralda tão fina que abate na esmeraldas dos aneis porque cotejadas com esta fiquão tristes. Em Sena fomos mais consolados, porque fomos ao mosteiro de S. Domingos e vimos a cabeça de Sancta Catherina de Sena, e hum dedo polegar do meio para cima com carne e unha, e hum pedaço de scilicio que çingia, hũa cadea de ferro com que se disciplinava.

A 7 de Abril chegamos a Roma, a este tempo erão já chegados quasi todos os padres provinciaes e electores de suas provincias. Fomos recebidos de todos com grande charidade e alegria. Causounos esta vista de tantos e tão sanctos padres grande consolação, porque porque verdadeiramente obra de Deos he e não se pode negar em tempo em que o mundo esta tão dividido e discorde com guerras, tumultos e diferentes sectas *etiam* na mesma nação como se vee em França, ver neste tempo na Companhia padres de tão diferentes nações de Portugal, Castella, Bethica, Aragonia, Germania Superior, Austria, França, Aquitania, Flandria, Rheno tão unidos nas vontades, conformes no entendimento, inflamados de hum spirito. Verdadeiramente *digitus Dei est hic, et a Domino factum est illud et est mirabile in oculis nostris*.

Começousse a congregação, e logo em poucos dias foy eleito por Geral da Companhia o Rdo Padre Everardo, o qual era Assistente de França e Alemanha, framengo de nação. Foy esta eleição puramente de Deos e por esta foy julgada de todos os padres da Congregação e de todos os de casa e de fora. Todos a festejarão com grande applauso. Vierão o visitar muitos cardeaes, e outras peças nobres, tee o embaixador de França o veo visitar, o qual nunca entrara na casa dos padres senão aquella vez; disseme logo antão o Padre Mirão que por causa desta eleição avia de creçer muito a Companhia em França e Alemanha. O Sumo Pontifice levou muito contentamento desta elleição e disse por vezes ão feito os padres hũa boa elleição porque escolherão hum valente homem prudente e virtuoso e aiuntou hũas palavras de muita estima, e forão as seguintes: Nos estamos muito obrigados a esta Companhia porque da conservação desta Companhia depende o bem de toda a Igreja. Daí a poucos dias forão ellectos os quatro Assistentes: o Padre Oliverio da Alemanha, Benedito Palmio de Italia, Gil Gonçalves que foy preso em França Assistente de Castela, o Padre Pero da

Fonsequa Assistente de Portugal. A todas as elleições fizeram os nossos festa no Collegio Romano com muitos versos enigmas e pregações no refeitório em diversas linguas italiana, latina, grega, scholastica, grega vulgar, hebraica, germanica, frandica, arabiga, engresa, castelhana, portuguesa, japponica, esta fez o Padre Alexandre, todos pregarão em menos de hũa hora e enquanto jantavão os padres. Pareçia hũa primitiva Igreja porque todos *variis linguiis loquebantur in magnalia Dei*. Contamos as lingoas diversas e achamos que forão quinze e ainda faltarão tres.

Tornando a Congregação tres cousas acontecerão de grande edificação: a primeira foy a preciosa morte em o *conspectu* do Senhor do Padre Lamberto viç provincial do Rheno. Este padre adoeço logo no principio da Congregação, e morreo com grande quietação e consolação spiritual, e antes de morrer alguns dias estando elle em oração sentio hũa grande consolação e suavidade spiritual, e logo dali a pouquo vio a Virgem Nossa Senhora acompanhada de muitas virgens as quaes disse a Virgem *et hunc in societate nostra recipiemus*; desapareceo aquella visão e o padre ficou muito consolado, e contou tudo ao Padre Nadal e ao Padre Canisio que mo contarão a mim; depois deste aparecimento o aleviou a doença huns poucos de dias de modo que enterveo com seu suffragio na elleição do Geral e logo tornou a empeiorar e em poucos dias acabou sua peregrinação. Era o Padre Lamberto de idade de 38 annos, entrou na Companhia mancebo de 19 annos; disseme o Padre Canisio que o recebera na Companhia e que sempre fora *puer unius anni*, puro na consciencia, amado de todos os que o conversavão e que grande castigo dava Deos a Alemanha em morrer o Padre Lamberto, porque estava electo pera ir a Saxonia aonde a heresia tem maior força, e avia esperança de grande fructo. São os nossos padres de Germania de grande sciencia e humildade, milagre dos tres que desejava o nosso Padre Ignacio na Companhia. E ja cuidei algũas vezes que quando a Companhia descair e retroceder em Espanha que se achará em Alemanha a sua perfeição; tem em grande estima lerem a moços gramatica e dizem que esta he a mais importante occupação na Companhia que pregar, porque la avia pregações antes de aver Companhia e com tudo não se reduzia a Alemanha nem se reformava o mundo, mas como os padres começarão a ensinar a juventude letras e juntamente bons costumes, logo começou o mundo a entrar em caminho. Ha padre germanico na Congregação que leo na Companhia 23 annos e ordinariamente na Alemanha lem os nossos 10 12 annos Humanidade.

Tornado a meu proposito, a segunda cousa que a toda a Congregação muito edificou foy hũa carta que hum bispo escreveu a Congregação em que pede instantissimamente ser recebido na Companhia. He este bispo natural de Escoçia, de grande virtude e letras e sendo bispo em Escoçia os hereges o lançarão fora. Vindo a Roma o papa o proveo de um bispado em França.

Tomou os exercitios da Companhia duas vezes e a primeira durou hum mes, e he tão afeiçoado a Companhia que em sua casa sege o estilo e mo[do] de viver dos padres. Alevantasse elle primeiro, e da lume aos seus, e tem sua oração e conçerta elle a casa por suas mãos ao nosso modo; à noite fazem seu exame e dis as ladainhas com os seos, e costuma a dizer huas palavras dignas de memoria *ego mallem esse coqus in Societatem quam episcopus*, querem dizer em portu-guez antes queria ser cozinheiro na Companhia que bispo. Tudo isto me contou hum padre que o conhece. Os padres se consolarão summamente com a carta, mas não creio o receberão na Companhia por não privar a França de tão bom pastor. Ay lhes mando a carta; leõna porque lhes á de contentar muito.

A 3^a cousa que muito edificou e edifica he ver o fervor que ha nos padres da Congregação de ir a India, porque como o nosso Padre Geral nomeasse quatro padres espanhoes dos da Congregação pera as Indias despanha, servio isto de motivo pera todos quererem ir a India de Portugal, franceses, alemaes, e italianos, e espanhoes não somente dos da Congregação, mas de todas as casas em Roma e aconteceu no Collegio Romano que dizendo o reitor que todos os que desejavão ir a Jappão se disciplinassem no refeitório, tomarão disciplinas 60 peçoas.

No tempo da Congregação algum tempo que nos crecia fomos ver algüas reliquias em que notamos algüas circunstançias particulares que nos consolaraõ.

Em S. João de Latrão vimos a mesa em que Christo Nosso Senhor ceou com seus discipulos, he quadrada e cada lado tem quasi 7 palmos; tal a escolheo aquelle *qui eum dilexisset suos in finem dilexit eos*; todos lhe ficavão diante e perto e assi neste altar e mesa pequena e suficiente consagrou o Senhor, e comungou aos seos, e lhes pregou chamandolhe não servos mas amigos e filhos: *Iam non dicam vos servos* etcoet.. Em a igreja de Sancta Praxedes em hũa capela que se intitula de *Sancta Maria libera nos a penis inferni* vimos a coluna em que o Salvador do mundo foy açoutado; he de marmore e de veas verdes e brancas e de hũa soo peder e tem sua vasa e capitel, terá tres palmos de comprimento e asi à duvida se esta ali inteira se parte della somente e se he verdade o que alguns dizem que os romanos mandavão assentar em hũa coluna pequena aos que queriam açoutar; he muy provavel que a furia judaica mandasse assentar o Salvador do mundo em semelhante coluna pera que assi ficando todo descoberto nenhum açoute o errasse e todos os sinquo mil e tantos açoutes sem estorvo de coluna naquelle corpo virginal inteiramente se empregassem.

Em Sancta Cruz de Iherusalem vimos e adoramos o titulo da + com suas letras hebraicas, gregas e latinas, e todas estão escritas e se lem da direita pera a esquerda; as letras hebraicas estão muy gastadas, as gregas menos, as latinas estão mais inteiras. Parece que está mostrando o successo da fee, porque a ley

velha acabou, a grega igreja tambem descaio, a latina que he a romana esta permanece inteira e durará tee o fim do mundo. Tambem nos mostrarão hum grande pedaço de lenho da + e duas espinhas grossas e compridas semelhantes a que vimos na see de Saragoça, e o que nos consolou sobre tudo foy ver hum dos cravos com que Nosso Senhor foy encravado; he muy grosso e pesado e comprido, faltalhe hum pedaço da parte da ponta, e ainda assi tem comprimento de mais de meio palmo, porque he tão grande como o meu dedo indice começando da raiz do dedo polgar, a grossura será de hum dedo menor, o peso me disse hum padre que lhe parecia pesaria passante de seis onças. Finalmente vimos em hũa redoma leite da Virgem Nossa Senhora e a travessa da + do bom ladram, e o que summamente nos alegrou hum dedo de S. Thome, que toquou, entrou e penetrou pollas chagas e lado do Salvador do mundo.

Em a igreja de S. Sebastião vi o altar em que o anjo apareceo a S. Gregorio estando celebrando e lhe prometeo que Deos faria ali merces etcoet.; debaixo deste altar esta o corpo de S. Sebastião, não se mostra, mas vimos duas settas hũa inteira e da outra o ferro somente a qual desejei pedirse pera hũa peço de reino. Vi finalmente hũa grande e notavel reliquia .s. duas pisadas de Christo que ficarão impressas em hum marmore quando em figura de peregrino hũa milha de Roma apareceo a S. Pedro como que ia pera a cidade donde Pedro fugia o qual encontrando com o Senhor disse *Domine, quo vadis?* e assi lhe atalhou Christo e o fez tornar a cidade a padeçer martirio. Estão estas pisadas cavadas em hum marmore alvissimo e estão os sinquo dedos de cada pee mui claros, e tem o pee de comprimento hum palmo meu e quatro dedos largos; he pee comprido bem conforme a statura que esta em S. João de Latram.

Em S. Pedro ha grandes reliquias, direi hũa particualridade e he que a cadeira de S. Pedro he marchetada de marfim onde se pode notar quam grande diferença fazião os sanctos do culto divino ao tratamento proprio. S. Pedro assentavasse em tripeças, mas quis que a cadeira pontifical tivesse marchetes. A mesma consideração se pode ter em a Virgem Nossa Senhora, porque a casa em que morava era como hum cubiculo como se ve em Loreto, mas a igreja que mandou fazer, que agora se chama Sancta Maria Maior he como S. Domindos de Lisboa, assi que he regras dos sanctos, pera si tomarem o mais vil, pera Deos o melhor. Na mesma igreja vimos o vulto sancto, mas como o mostrarão com o veo cuberto, não ho pude bem distinguir; o que alcancei claramente e posso affirmar he ser hum rosto comprido, macilento, sumido, qual o levaria o Senhor quando com a cruz as costas iia caminho do monte Calvario.

Em S. Paulo entre outras reliquias vimos o crucifixo que falou a Sancta Brigida; he tão grande como o de Sancta Justa de Coimbra e estando com o rosto pera a porta principal da igreja, virou todo o rosto pera a mão direita e falou aa sancta que quasi detras estava em oração; ali a foy buscar dobrando pera aquella

parte o rosto e os olhos, e nesta postura ficou tee o dia doije, de modo que quem daquella parte se poem parece que lhe quer falar o crucifixo e que com os olhos e rosto lhe pede que seja sancto. He das mais devotas cousas, a meu juizo, que ha em Roma.

Em Sancta Sabina vi pendurado hum grande penedo com que o demonio tirou a São Domingos estando em oração encomendando a Deos a conservação da sua religião; acertoulhe na cabeça e não lhe fez dano, e caio sobre hũa lagea de marmore e fela em pedaços. Cotejem charissimos irmãos este exemplo com o precedente de Sancta Brigida e verão claramente que a cousa que Deos mais favoresse he a oração e a cousa que o demonio mais impede he a oração. E a este proposito faz o que logo direi que na igreja de S. Aleixo esta hũa imagem de Nossa Senhora a qual em a cidade Edessa aonde S. Alexo andava perigrino, como o sãochristão não deixasse estar ao sancto em oração diante da imagem quando queria falou a dita imagem ao sãochristão estas palavras deixa entrar o homem de Deos Alexo que esta assentado fora a porta porque he digno do regno dos ceos. E se querem outra confirmação, outra imagem de Nossa Senhora esta em hũa capela a qual falou a S. Gregorio estas palavras *quare amplius me non salutas qui sempre imaginem meam pretereundo visitare consueveras?*

Entre as maravilhas de Roma hũa das mais insignes a meu juizo he hũa imagem de Nossa Senhora que está em o templo de Sancta Maria in Portico a qual foy miraculosamente feita e ali trazida por mão de anjos e porque este milagre he mui autentico e antigo porque à mil e quarenta annos aconteçeo lhes quero refirir a historia à letra como a coligi de hũa grande tavao que está na igreja.

Em o tempo de Johane Pontifice primeiro deste nome e de Justino proprio filho de Justiniano Augusto, e de Theodorico rey dos Godos heretico que perseguia Italia foy em Roma hũa donzela por nome Gala filha de Symacho consule riqua, nobre e virtuosa. Tinha por costume dar no seu paço cada dia de comer a 12 pobres a honra de Nossa Senhora; hum dia estando os pobres gentando, e toda sua familia, appareço no apparador, lugar aonde estava a copa, hũa imagem de Nosa Senhora com o Menino no ar e com grande luz. O copeiro espantado de tão grande luz e resplendor, foi chamar Gala sua senhora, alevantouse logo ella da mesa, e vindo áquelle lugar, vio a luz grande, mas não viu a imagem. Chamou logo os parentes e nobres da vizinhança, e com todos se foy a S. João de Latrão, e com muita devação e lagrimas deu conta de tudo ao papa Johane primeiro, o qual logo com todo clero e povo romano se foy ao paço de Gala, e posto em oração entre aquella grande luz subitamente todos os sinos das igrejas da cidade se começarão a tanger por si, e juntamente o Sumo Ponrifice alevantando os olhos vé na mão de dous anjos no ar hũa imagem fermosissima de Nossa Senhora com seu filho, aa qual fez esta oração O Madre de Deos sanctissima, tende

por bem fazerme tamanha merce, que com minhas mãos possa tocar essa sanc-tissima imagem vossa. Feita esta oração os anjos do ar onde estavam lha puserão nos braços, e o Sumo Pontifice com muitas lagrimas e contentamento a mostrou a todo povo e naquelle ponto cessou logo hũa grande peste que avia em Roma 17 de Julho anno Domini 533 e Gala fez do paço igreja de Nossa Senhora in Porticu e à mesma igreja deixou toda sua fazenda e o papa Johane a consagrou e concedeo a quem a visitar indulgencia plenaria desde verpora tee o fim das oita-vas Não se mostra senão serto dia de Julho, mas sei que he fermosissima. Está impressa em hũa saphira e está Nossa Senhora toda vestida de ouro e o Menino o mesmo, de modo que os anjos a fizerão de ouro e da luz.; o campo he de azul escuro, a imagem de ouro e a saphira tera de comprimento hum palmo e tem Nosso Senhor polla devação que tem Roma a esta imagem feito muitas merces a cidade, porque em tempo de Gregorio primeiro cessou outra peste levando o papa em proçissão esta imagem ate S. Pedro e em tempo de Calixto terceiro levandoa tambem em proçissão cessou outra peste, mas tornãoa ao lugar aonde está, porque tem Nossa Senhora mostrado que quer morar no paço de Gala sua devota. Paulo segundo a mandou levar por hum bispo ao Sacro Palacio em S. Pedro, e indo ver polla manhã acharãoa no paço de Gala.

Tudo isto coligi da tavao antiga.

Quanto a Roma duas cousas notei na gente que desejei em Espanha, a primeira a cortesia e modestia na conversação huns com os outros, e daqui naçe que de ventura pelejão, porque como são cortezes, modestos, e rationaes de ventura se desconcertão em palavras.

A segunda a muita devação que tem ás cousas de Deos como se vé na continua visitação das estações e lugares sanctos, com aver tanta abundancia de reliquias não ha qua fastio. Na escada sancta que he a por onde deçeo Christo depois de sentenciado que está longe em S. João de Latrão todos os dias do mundo à anjos ascendentes que sobem por ella, e em certos dias, sextas, sabados, domingos, festas está ordinariamente acompanhada de cavalos e muitos coches de muita gente nobre e ecclesiasticos que sobem por ella; todos a sobem em giolhos e ninguem deçe por ella, sendo sobir de giolhos, com ser de marmore estão os 27 degraos gastados e deminuidos e com muitas concavidades, e o que mais espanta he que com muitas vezes se apinhoarem e concorrerem os ascendentes de modo que sobem juntamente homens, molheres, ecclesiasticos, seculares, nobres e baixos, moços, etcoet., jamais acontece escandalo, desordem, inquietação algũa; em todos que ali chegão entra o spiritu divino pera este effeito, que se tem todos por obrigados a a subir a escada sancta com devação e silencio. Sobre todo tem a gente de Italia special devação à Virgem Nossa Senhora; prova disto he que soo de Nossa Senhora ha em Roma 34 igrejas e todas estas estão acompanhadas de mãos, pees, braços, corpos de çera e de muitas tabuas peque-

nas com letreiro *ex voto* e pintura que declara a merce que por intercessão da Virgem receberão. Alem destas igrejas áá nas ruas, casas, caminhos comaros de vinhas muitas imagens de Nossa Senhora e muitas com suas alampadas diante que ao sabado a honra desta Senhora estão accesas. Não se contentão com isto, mas desde dia de Paschoa tee o nacimiento de São Johão vão as confrarias (que em Roma e Italia são infinitas) em romaria a Loreto, cada somana hũa, duas, tres confrarias; huas vão de 40, outras de 100 e outras de 150 legoas e com virem em grande multidão, he tanta a modestia e ordem que parecem religiosos; quando chegam a Loreto huns descalços outros disciplinandosse, outros de giolhos entrão em a igreja, ao outro dia se confessão muitos e comungão e se tornão pera suas casas. Soube de çerto que de Paschoa ate o Pentecoste comungavão cada anno quarenta e çinquo e sinquenta mil peças e todos pollas mãos¹⁷⁰ de nossos padres.

Quanto à cidade em si somente digo que justamente lhe chamão Roma a sancta porque alem de Deos a eleger e preferir a todo o mundo, he ella em si tão aventejada a todas as outras cidades dos christãos na diversidade de religiões, multidão e magnificência de templos, infinidade de reliquias e ossos sanctos que logo parece assento pera Deos escolhido da cadeira pontifical, metropoli da Igreja, coluna e aliçesse da verdade catholica. Logo na entrada ao passar o Tybre emçima da ponte estão duas grandes estatuas de pedra, hũa de S. Pedro com as chaves, outra de S. Paulo com a espada na mão. O Sacro Palacio que está perto he muy grande e amplo. Logo na escada superior e dentro tem pinturas sagradas e letreiros tresladados do Evangelho cheos de muita conçoção e esforço; em hũa parte *tibi dabo claves* em outra *modiçae fidei quare dubitasti*, em outra *ego rogavi pro te Patre ut non deficiat fides tua*. Quem ler estas promessas, penhores da confiança com que Deos se obrigou pasma da segurança, da magestade, grandeza, authoridade da See Apostolica – a fee domina tudo, e se apoderou de tudo, não somente das obras dos christãos, mas ainda dos templos dos gentios. Porque o templo de Vesta he de S. Lourenço, o templo de Fauno he de Sancto Estevão, o templo de Diana he de Sancta Sabina, o tempo de Romulo he de São Cosme e Damião, o templo da pudicitia he de Sancta Maria Egipciaca, o sepulcho de Nero, o templo de Minerva, o Pantheon são igrejas de Nossa Senhora. Que direi? Tee os edificios profanos que os gentios fizerão, em certo modo estão confirmando a fee christã, porque ver as termas de Diocleçiano, Colisseos, arcos triumphaes, septizonios, statuas tudo arruinado e feito em pedaços e ver

¹⁷⁰ As palavras destacadas por nós em tipo menor (“nossas mãos”) estão riscadas no texto e substituídas por uma expressão interlinhada ilegível, o que pode explicar que o copista do códices CVIII/ 2-2 e CX/1- 17 da BPE. tenham mantido esta lição.

por outra parte ossos e vestidos dos sanctos inteiros, conservados, venerados, entende hum homem que a verdade da fee prevalesse e durara tee o fim do mundo, entende o que dis S. Paulo *quod infirmum est Dei fortius est omnibus hominibus*, entende finalmente o que dis David *Dominus reprobat consilium populorum, consilium autem Domini manet in aeternum*. Pois se tratamos da perfidia judaica não quero mor argumento pera a refutar que o que Roma em si da, porque ver os judeos andar pollas ruas vendendo roupa velha (porque tão abatidos são que não podem tratar em outra cousa) e ver por outra parte que tudo o que elles desestimarão e reprovarão em Christo está em suprema veneração, o vulto do Senhor que elles afearão, a coluna em que o açoutarão, o cravo com que o encravarão, as espinhas com que o coroarão, a escada por onde deçeo, o lenho em que padeceo, tudo isto sublimado e adorado despanhoes, franceses, germães, italianos, de diversos estados e nações, verdadeiramente argumento sufficiente he este (a não terem sobre os olhos o veo de sua obstinação) pera se converterem.

Do Padre Inacio Martins¹⁷¹.

¹⁷¹ A carta não está datada e de acordo com uma nota Cod. CVIII/2-2, fl. 368v-369r da BPE também não devia estar assinada: « Esta carta ficou aqui ao Padre Ignacio sem data nem signal quando se partio para Alemnha a buscar reliquias. Pareceome que lhe faria boa obra em a mandar assi com esta mormente porque não sei se tornara, porque se ira de laa a Envers para fazer o caminho por mar. O Padre Leão Anriques e seus companheiros ainda não sabem se partirão de ca antes das primeiras agoas de Agosto ou Setembro por causa das calmas, eu fico ca para servir especialmente essa provincia, e por isso espero (ter cuidado?) desse collegio mui especialmente. O papa tem concedidos muitos *Agnus Dei* em muita abundancia para toda a Companhia e benzeo muitas contas e conçedeo grandes graças e ainda benefícios para a sustentação corporal, e não se lhe pede cousa que não conceda sendo conveniente, e ainda as que não tem apparencia de muita conveniencia, elle lhes anda buscando conveniencia. Espero de offereçer muita parte de minhas romarias por meos charissimos de Coimbra cuias virtudes, e bons desejos com minhas dividas proprias me não deixarão esquecer das merces que Nosso Senhor ahy faz. Nos santos sacrificios e orações de todos muito em o Senhor me encomendo. De Roma vespora de S. Pedro e S. Paulo de 1573. Servo de todos em (obrigação?)

Pero da Fonseca».

De resto, aquele «Do Padre Ignacio Martins» não é o sinal habitual do Mestre em cartas autografas conservadas no ARSI, o que parece indicar, contra as primeiras expectativas, que se trata de uma cópia e não do original.

III

[BGUC, Ms. 584, fl.195r-1]

Mui Reverendos em Christo Padres e Charissimos Irmãos

Pax Christi

De Roma lhes screvi hũa larga carta, não sei se lhe foy dada. Esta screvo de Anvers cidade de Frandes. Já creio saberão como ho nosso Padre Geral ordenou já que fora procurador da India na congregação o fosse tão bem tornando pera Portugal, e assi acabada a congregação fosse meu caminho, com os Padres de Alemanha pera que levasse reliqueas, pera o Brasil, e Indias e assi o fiz que foy pera mim viagem de maior consolação, que nunca tive porque alem de Nosso Senhor me fazer por todas as vias muitas merçes, vi e visitei muitos lugares sanctos, e de alguns alcansei muitas e muy autenticas reliqueas, que levo pera Portugal. Parti de Roma no fim de Junho em antes de entrar em Alemanha, vi em Italia as reliqueas seguintes. Em Montefalco em hum mosteiro de freiras visitei hũa reliquea de garnde admiracão. s. o corpo inteiro de Sancta Clara de Montefalco (chamasse assi pera distincção de Sancta Clara de Assis que converteo São Francisco) foy esta sancta filha de hũa forneira, e no mosteiro servio as freiras em officios baixos, a esta mulher baixa, e humilde se communicou Deos de tal maneira que depois de morta (por mandado seu antes de morrer) lhe abrião o coração, e acharão crucifixo impresso, e o misterio da columna tudo impresso, e figurado na carne viva no meo do coração. E no fel lhe acharão tres bolas grandes e duras que parece representão o misterio da Sanctissima Trindade, porque tanto peza hũa como outra, e cada hũa como duas. Tudo vi em hũa caixa grande, o corpo da sancta, o coração aberto, o crucifixo de carne que do coração lhe tirarão e hum azorrage, e não dous, o outro levarão a franca. Estava na mesma caixa hum dedo de Sancta Anna, que a sancta tinha quando vivia que lhe deu hum Cardial.

Em Assis adorei o corpo do Beato S. Francisco e vi o cilicio das sedas de camelo que trazia he feito a modo de escapulario e vi o breviario por que rezava o qual na primeira rubrica dezia: *Breviarium secundum usum romanae Ecclesiae*. E hũa cruz de bronzo pequena a qual o santo consigo trasia, tinha duas travessas, e no centro da de cima tinha o lenho da Cruz. Vi o seu habito e hum pouco do sangue que das chagas corria. Vi finalmente o veo e cilicio de Santa Clara de Assis. Fui a Loreto a sperar os Padres companheiros e celebrei 3 vezes naquella bemaventurada casa onde a Virgem Nossa Senhora viveo neste mundo e he pouco maor que hum cubicolo a medida e traca levo. Vi a chamine onde a Virgem fazia de comer ao Menino. Vi a pedra que o bom bispo de Coimbra

quis levar com licença de Pio V e a força da doença a restituiu, e logo sarou. Foi este milagre publico e autentico em Italia e pregouse publicamente e esta a pedra na parede cuberta de hũa rexa de ferro. He tanta a devação que todos sintem entrando nesta casa pelos muitos milagres e merces que Nossa Senhora a todos alcança, que com virem ali de França Alemanha, Hespanha, Italia todos em chegando ordinariamente se confessão, e se algum romeiro vem em peccado não ousa entrar na casa sem primeiro se confessar. Affirmarãome os padres que muitos que avia des annos que não se confessavão em assomando ao lugar subitamente se lhes trocava a vontade e se determinavão a confessar. E sam dentro da casa tantas as lagrimas e suspiros dos peregrinos que logo parece residir aly o Spirito Sancto. Poucos tempos ha que dozentos peregrinos de Lombardia entrãõ pela villa em giolhos com tochas acesas cantando a ladainha reentrarem na igreja, e muitos peregrinos pobres que não tem dinheiro com que se tornar pera suas casas deixão ali a despeza offerecendoa a Nossa Senhora. Muito desejei aver hum livro dos milagres pera lhes mandar mas não o avia impresso. Avia hum escrito de mão que fez hum nosso padre que o Padre Geral manda rever pera se imprimir.

Em Bolonha no mosteiro de S. Domingos visitamos o corpo do glorioso S. Domingos e mostrarãonos o natural retrato de S. Thomas de Aquino, que muito nos consolou. Em hum mosteiro de freiras de S. Bento vimos S. Catharina de Bolonha cuio corpo ha cento e des annos que esta inteiro assentado em hũa cadeira que parece vivo e em a igreja de S. Estevão vimos a capela que Santo Petronio antiquissimo sancto mandou aedificar a semelhança do sepulchro de Hierusalem lugar por certo que aos que entrão convida a meditação. La são derredor do sepulchro sancto o corpo de S. Juliana Virgem bolonhesa, e o corpo do mesmo Sancto Petronio e a cruz dos sanctos Vitalis ou Agricola, e nos degraos de hum altar estão as reliquias de alguns innocentes, os quaes degraos tem grandes concavidades, causadas dos antigos christãos que ali frequentemente se agoelhavão tanta era a devação antiga que gastava os marmores e metal, como se ve nas colunas de metal que vierão de Hierusalem e estão em S. João de Letram as quaes dos dedos dos christãos tem buracos e concavidades.

Em Padua vimos e cheiramos a sepultura de S. Antonio e he tam grande a flagrancia de seu corpo que cheirão os marmores a pastilhas. Disse missa onde esta o santo pedindolhe nos alcancasse boa viagem. E assi entramos em os Alpes e em poucos dias chegamos a Trento cidade onde se celebrou o Concilio Tridentino. Aqui vi hũa reliquia merecedora por certo que todo portugues viesse ver. Convem a saber: o menino Simeão a quem os judeus matarão, cujo corpo ha noventa e oito annos que esta inteiro foy martyrizado desta maneira segundo colligi da propria historia. Em Trento no anno de 1475 aos 23 de março Quinta feira da semana santa a tarde estando hum menino de dous annos e meo por

nome Simeon comendo hum pedaço de pão a porta de seu pai, veo hum judeu que se chamava Tobias e deu ao menino hũa moeda e enganado o levou pera certa casa onde estavão muitos judeus iuntos, e logo apertandolhe com hũa toalha a garganta que não podesse falar, o despirão e posto sobre hum alguidar grande pera que todo o sangue recolhesse iunto e não fosse sentido tamanho mal. Huns com alfinetes, outros com tenases, outros as faquadas o atanazarão, penetrarão ferirão e tirarão a vida, dizendo fazemos isto a ti e a todos os que crem em Christo, de modo que a total causa de tamanha cruesa era odio de Christo. Morto o menino trabalharão de o esconder pera que assi seu peccado fiquasse secreto. Mas Nosso Senhor o publicou, porque enterrandoo ao outro dia acharão sobre a terra, lancarão na agoa pera que o levasse o rio Atesis que passa por Trento, mas o corpo estava sobre a agoa sem se ir ao fundo e obedecer ao curso da agoa. Dous judeus espantados e atemorizados se forão ao bispo na primeira oitava e lhe declararão que o menino que a triste may andava buscando estava em certa casa e como os judeus tem odio da christandade o matarão. Emtão forão os christãos buscar o innocente martyr e com grande pompa o enterrarão, o qual sepultado começou logo a fazer milagres, e os judeus principaes autores do homicidio forão logo queimados e a casa onde o matarão he agora igreja, mas em outra maior igreja esta o corpo do sancto, o qual inda que foy tam pisado penetrado e ferido por onde parece a terra e o tempo o ouvera de gastar mais sedo, comtudo esta inteiro e incorrupto, ainda que todo crivado dos alfenetes. Tem sobre ouro pedras preciosas, aneis que a gente lhe offerece e esta na mesma caixa a faca torques, alfenetes com que o matarão e são tam grossos que as cabeças são de grossura de hum dedo e a igreja esta ornada de taboas e milagres que Nosso Senhor por elle obra.

De Trento viemos a Eriponte, e halla duas cidades onde estão dous collegios da Companhia. E o de Halla fundarão as irmãs do Emperador as quaes avera quatro annos que se recolherão aly e levarão consigo a Companhia. Onde fazem vida de grande edificação. Sinco cousas notey que me contarão os padres. A 1ª despedirão todos os officiaes e deixarão toda a pompa e passo. Somente retiverão moços de capela, e cantores por cousa dos officios divinos que em Alemanha he grande gloria de Deos fazeremse com toda a solemnidade. A 2ª offerecendolhe o Archiduque seu irmão o governo daquela cidade o não quiserão aceitar. A 3ª não ha ocio em sua casa tem o tempo repartido, com suas proprias mãos mondão e seguão o pão que tem na cerca e concertão a horta, estilão agoas e fazem conservas pera os pobres da cidade, fazem riquas peças pera os altares e tudo dão aos padres e assi tem os nossos em Halla a mais riqua sacristia, e mais reliquias que vi na Companhia. A 4ª ellas e toda a sua casa e todos os moços da capela e cantores se confessão na Companhia frequentemente e assi todos os seus parecem religiosos. E com o culto divino e exemplo tem

reduzida aquella cidade que antes de irem pera aly era toda haeretica. A 5ª que muito me edificou foy que sabendo de seu confessor que eu era da Companhia e procurava reliquias pera a India me derão algũas reliquias com pouco trabalho meu, porque nem as vi nem lhe faley.

Partidos de Eriponte hũa legoa pouco mais ou menos vimos no meo de hũa rocha talhada hum crucifixo que ali mandou por o Emperador Maximiliano avo de Carlos V em memoria da grande merce que Deos lhe fes em o livrar daquelle precipicio porque como andasse caçando seguindo hũa cabra montes se lhe foy meter em hũa caverna no alto da rocha; o Emperador com appetite da caça o seguio, sem muito perigo pelo lado da rocha. Entrou na caverna da qual se não podia sair, porque ha lugares em que a entrada he difficultosa, e saida impossivel. E o teve aly hum dia todo e chorava e toda a nobreza estava em baxo à vista sem lhe poder valer. Trouxerãolhe o Santo Sacramento pera que de longe o adorasse. Então inspirou o Nosso senhor em hum lavrador modo com que quasi miraculosamente saio bem escarmentado de outras veses se por em semelhantes perigos.

Mas pouco he isto pera o milagre que vimos dahi a 3 legoas em hum lugar por nome Zephel, e he que na era de 1388 annos o senhor do lugar querendo commungar em a festa da Paschoa aporfio com o cura que não lhe desse ostia pequena como aos outros mas lhe consagrasse hũa ostia tam grande como a do sacerdote. O cura constrangido e ate mortificado o fes assi e como Deos resiste aos soberbos e aos humildes da graça chagando o tempo em que avia de comungar indo o sacerdote pera lhe meter o sacramento na boca a terra se furtou dos pes ao que comungava e começandoo a comer e tragar apegouse ao altar e pedio misericordia humilhandose debaxo da mão poderosa do Senhor. Ouve Nosso Senhor misericordia delle e sosteveo a terra atirarão da cova e fiquarão e estão inda agora os dedos impressos no altar, a que se apegou porque tambem a pedra se abria e entrava a mão por ella e sobre a cova esta hũa grande grade de ferro. Eu medi a cova e tem de altura dous palmos e meo e a hostia com aver cento e oitenta e sinco annos que isto aconteceu esta enteira em hũa igreja muy sumptuosa e de muita devação e aly forão as irmãs do emperador que são 3 milhas germanicas, que são 4 leguas em Portugal.

Saindo dos Alpes a Monachio onde tambem esta collegio da Companhia. São os montes Alpes muy asperos e inaccessiveis nem se caminha senão pelos vales e de hũa parte e outra he tão grande a altura que me affirmou hum padre que vira *in iugis montium* fazer sol e logo em baxo avia nuvens e trovões. Tem infinidade de arvores aveleiras, pinheiros, alemos, fayas, platanos, e varios animaes, porcos monteses, usos, leopardos, he lobos tão crueis que em tempo que hão fome acometem e matão homens, muitos corços e veados em tanta abundancia que nas estalaies as escapolas ordinariamente são ossos de cervos e não

da a terra trigo nem cevada nem azeite nem ha vinhas ha centeo pera os homens e avea pera os animaes e assi nos collegios dos padres communmente comese pão centeo no refeitório. A nos por hospedes punhãoos hum pedaço de alvo e espantarãose quando lhe disse que em Portugal comião todos os nossos no refeitório pão alvo. He a terra muy fria por cuia causa amadurece tudo tarde. Dia de S. Pantaleão que foy a 21 de Julho e as duas noutes seguintes nevou no cume dos montes chovendo em baxo muita agoa, e disse hum padre em hum collegio que estivera pera mandar fazer fogo nas estufas. Ha nos Alpes muitas fontes e rios. Daly corre o rio Rhodano pera França, o Danubio e Rheno pera Germania, o Tetis e Borensta pera Italia. E como a agoa he muita servemse dela em tudo. Eu vi hum engenho dagoa de bater moeda, outro de serrar madeira e tudo fazia a agoa, sem concorrer mão de official.

De Monachio viemos a Augusta e dahi a Spira onde vi a imagem de Nossa Senhora que falou a S. Bernardo que trazia hũa embaixada ao Emperador e entrando na Igreja saudou de longe a Nossa Senhora dizendo: O clemens, indo diante no meo da igreja disse: o pia, chegando perto da imagem disse: o dulcis Virgo Maria. Respondeo a imagem: *Bene veniste, Bernarde*. Ambas estas cidades são imperiaes e em ambas ha casas da Companhia.

Partindo de Spira passamos pelas terras do Conde Palatino e fesnos Nosso Senhor muitas merces que nenhum herege nem no caminho nem nas estaies nos molestou com rezar nossas horas a vista de todos. Antes em todos as estalaies fomos muy bem recebidos com em todas nos conhecerem por catholicos e da Companhia e não he pera espantar porque ia estão enfadados de seus erros e ao Conde Palatino não faltão amoestacões do Ceo. Contavão os padres que a 20 de Julho deste anno de 73 aconteceu que estando o Conde com seus conselheiros em claustro pleno tratando do meo como os de sua secta não tratassem com catholicos porque não tornassem á fee catholica. Subitamente entrou o demonio em hum dos principais e ainda agora está endemoninhado e dahi a dous ou tres dias estando o mesmo Conde Palatino na sua Igreja pera cantarem conforme a sua secta hum moço nobre começando a cantar subitamente caio morto de morte subitanea cuidando que era accidente o levarão dahy e entendendo que era morto hum dos validos com o Conde com certo zello tornou logo a Igreja e em voz alta disse ao Conde não ves o que te Deos diz? Não entendes que assi como o Diabo levou este moço assi hade levar a ty e a quantos somos enquanto guardarmos esta maldita religião? Dizendo outras muitas palavras pera o mesmo proprio filho, o Conde o mandou levar daly dizendo que estava doudo.

Chegamos a Maguncia donde he senhor e arcebispo o principal eleitor do imperio, aqui fomos ver hum crucifixo do qual haverá 193 annos miraculosamente correo sangue. A causa foi, segundo tresladei da historia, que na era de 1383 annos hum homem de baixa sorte perdesse no iogo todo o dinheiro que

tinha começou logo a blasfemar e saindose da casa de iogo a noite passando hum terço de legoa da cidade por hũa capella aonde estavam 4 estaturas de pao .s. hum crucifixo, Nossa Senhora, S. João, a Madalena com diabolica furia e desesperação arrancou da espada contra as imagens e começando a ferir o crucifixo de hum golpe lhe levou a cabeça, depois ferio tambem as outras imagens das quaes imagens em as ferindo correo muito sangue como se forão de carne, que ainda agora nellas claramente se vee, e o taful desesperado querendose ir ficou invisivelmente preso e immovel com a espada na mão te amanhecer donde o dia seguinte foi levado a Maguncia e ahy o queimarão vivo. E o crucifixo e mais imagens estam em hum sumtuoso templo aonde fez e faz milagres. 2^{as} vezes o fomos visitar e esta o crucifixo de hũa parte soo e da outra parte estam todas as tres imagens iuntas. He tradição antigua aly entre os catholicos que ao tempo que o taful quis ferir a Virgem, Madalena que estava aos pees e S. João que estava da outra parte correrão onde estava Nossa Senhora como acudindolhe e emparandoa dos golpes e asi he como parece pola antigua composição e sitio das mesmas imagens. Mais milagres acontecerão que os que disse.

De Maguncia quisera ir a Colonia mas não pareceo aos Padres porque paixão ao redor de colonia muito perigo os hespanhoes e asi rodeamos pola santa cidade de Treveris chamada santa não soamente polas muitas reliquias e lugares santos que nella ha, mas principalmente porque toda aquella cidade *olim* foi martyrizada por Christo, e asi entrando nesta cidade vy e levo para Portugal bom quinhão de reliquias, mas não vy as duas principaes .s. hum grande e grosso cravo dos de Christo Nosso Senhor e a tunica do mesmo Senhor sobre que se lancou sortes ao pe da cruz. Ambas estas reliquias levou o Arcebispo para hũa fortaleza despois que o herege Alberto com seu exercito entrou em Treveris e pos fogo a alguns mosteyros e igregas; mostrase a tunica do Senhor de 7 em 7 annos e os que a vem sentem em sy hũa grande comoção e abalo e chorão muytas lagrimas.

Partidos de Treveris entramos em Flandes na qual tee agora não vy mais que em Lovanha em dia de Santa Margarita Virgem a qual foy martyr em defensão de sua pureza porque mandandoa seu pay ao sol posto a hum recado huns mançebos querendoa deshonnar a afogarão e morta a lancarão em o rio da cidade para que asy ficasse em segredo dahy a 3 dias estando a noyte hum cidadão a ianella vio hũa grande claridade subir pelo rio açima e indo ver achrão o corpo da santa virgem e martyr e então a trouxerão com grande devação. Eu o vy inteiro e ha 600 annos que aly está.

Isto he o que se me ofereceo quanto as reliquias. Quanto a gente germanica tem grande facilidade e inclinação ao bem, por são naturalmente esforçados, imigos de dilicias, ornão as casas com armas e não com panos de Frandez e crião seus filhos sem vaidade nem mimo ainda que seião muito nobres. São

muito amadores da pureza e asy entre catholicos quando morre algũa donzella costumão em algüas partes cobri-lhe a sepultura com flores e boninas do campo, coroas de rosas em significação e louvor da pureza e eu mesmo vy em hũa see a sepultura de donzella cuberta com hum pano de çeda branca, com coroas de flores por cima e pela mesma rezão os moços do choro em as festas costumão em as igrejas ter coroas de flores. São muito compassivos das almas do Purgatorio, porque nos semiterios quasi em cada sepultura ha hũa cruz de ferro ou de pedra e hũa taboa em que esta pintada toda a familia ou caza Py, may, filhos e filhas todos por sua ordem em numero. Os que são falecidos tem hũa cruz na cabessa e hũa vazilha com agoa benta pera que o vizinho e parente que passar por aly se lembre dos que morrerão vendo a taboa que pende, e lhe lance agoa benta e lhe reze. São muito reverentos aos saçerdotes e devotos do Santissimo Sacramento. Em Treveris me contarão os padres que era costume antigo em Alemanha iejuar o dia antes de comungar e que ainda este costume avia em Treveris.

Quanto a Companhia em Alemanha que sera a derradeira cousa que tratarei, são os padres e irmãos puros e simpliçes, humildes caritativos exemplares. E claramente se ve que Nosso senhor os levou a Alemanha para por elles a restituir a fee catholica porque com suas licões nas eschollas, pregacões nos pulpitos e livros que compoem doctissimos, e muy accommodados para estes tempos, vão minando e arrancando as heresias. Em Espira aconteceo avera pouco mais de hum anno que hum grande pregador dos hereges de ler hum livro que hum dos nossos compos, morreo, porque como dia de Corpus Christi o herege pregasse muitas blasfemias o reitor da caza de Espira no mesmo dia em a see lhe refutou toda a pregaçõ e encomendou ao povo que lesse Confessionem Augustinianam contra Augustana que aly virião por lugares de santo Agostinho refutados e condenados todos os erros que aquelle dia ouvirão. O herege que presente estava pediu aquelle livro emprestado e vio nelle tam clara a verdade da fee que loguo desmaiou e de confusão e tristeza logo adoeço e nas oitavas da mesma festa bramindo como leão morreo. Indo hũa pessoa pedir o livro que avia emprestado disse a molher do herege tomæ, tomæ, esse livro matou meu marido, os jesuitas matarão meu marido¹⁷².

Temse os catholicos persuadido que nos nossos esta boa parte do remedio de Alemanha porque não soamente os seculares lhes mandão seus filhos para que os doutrinem, mas ia religiões lhes entregão seus estudantes para que os criem e doutrinem.

Em Delinga avera çem collegiaes de que os nossos tem carregos como em Evora. Entre estes huns annos por outros ha 20 e tantos religiosos, de que os

¹⁷² A expressão que vai em letra de tipo menor é de outra mão. Mais recente?

nossos tem cuydado com pleno dominio e iuridicam dos proprios abbades de os emendar e penitenciar e despedir como parecer.

Em Duacio ha outro collegio da Companhia que fundou hum abade aonde ha 250 collegiaes e entre estes 40 religiosos agostinhos, bentos, conegos regrantes que as religiões entregarão aos nossos para que criados em bons costumes e letras possuão depois governar mosteiros.

Os padres de Treveris tratavão quando por aly passei de mandar empremir a Regra de S. Bento e perguntando eu a causa me disserão que a amandavão empremir para que avendo muitos livros os religiosos as lessem e melhor a guardassem.

Não soamente os fieis como disse tem em grande veneração a Companhia mas tambem os hereies lhe tem respeito, muitos lj tirão o barrete e tem os nossos por tam catholicos que chamão *fidem papisticam fidem jesuiticam*.

De Saxomia pedem a hum filho de hum duque e sacerdote (que se confessa na Companhia e tomou os Exercicios) para ser seu bispo e escrevemlhe que leve os jesuitas consigo. Que direy? Te as imagens das igreias fugindo da furia dos hereies aos nossos se acolhem. Em Espira vy em hũa capella do collegio muitas e varias imagens do Menino Jesu, Nossa Senhora e Sam Nicolao e S. Gregorio e outros santos. Perguntei a causa de tantas imagens responderão me os padres que as trouxerão pessoas devotas que as esconderão e livraão da furia do Conde Palatino. De modo que por bondade de Deos Nosso Senhor a Companhia em Alemanha he restauradora da fee reformadora dos costumes, e ama das religiões e o mesmo prazendo a Nosso Senhor se pode esparar por tempos em Inglaterra. O Padre Eliseu ingres que com dous seus irmãos entrou na Companhia me disse que esta hum collegio em Inglaterra na Universidade de Oxonia cidade principal o qual collegio he muy sumptuoso e bem dotado aonde se podem criar 200 da Companhia. Diz que ja tem o nome porque se chama Collegio de Christo e que parece que Nosso Senhor o ade entregar por tempo a Companhia.

Quando estas e outras semelhantes cousas vy e ouvuy dei muitas graças a Nosso Senhor por me trazer a Companhia e affirmolhe carissimos Irmãos que nunca tam afeyçoado me achey a Companhia desejei de por vida a troquo de todos sermos santos, porque vejo claramente que nos chamou Deos a todos para esta empresa de santos *Vos autem genus electum, regale sacerdotium, populus aequisationibus, ut annuntietis virtutes eius, qui de tenebris vos vocavit in admirabile lumen suum.*

Entendamos charissimos Irmãos o fim de nossa vocação e humilhemonos debaixo da poderosa mão de Nosso Senhor de nos fazer idoneos instrumentos de tão grande ministerio. Não sejamos ingratos a tamanha merce, porque o seremos com grande perda do proximo *ab irrendo enim quid mundabisti*. E muito maior perda nossa; não ha mayores obras que as que dão os que emprendem grandes cou-

zas¹⁷³ como claramente se ve em os anjos maos povo rachitico, e Judas Apostolo. Lembremonos todos os dias pela manhã daquellas divinas palavras do glorioso S. Francisco *parva promissimus, maiora promissa sunt nobis, servemus haec, aspiremus ad illa, brevis voluptas, paena infinita, modica passio, gloria perpetua, multorum vocatio, paucorum electio, omnium retributio*. São estas palavras tam proveytosas e comprehensíveis que ate os irmãos que não sabem latim as aviam de saber em lingoagem e lembrarse dellas cada dia porque acharão nisso grande consolação e proveyto.

Hüa cousa me esqueço referir aqui que muito me edificou e he que os padres de Alemanha levarão consigo hum coadiutor temporal que era latino e phelosopho e tinha muito bom engenho. Este irmão foi tão amator da humildade que pondolhe os padres em sua liberdade se queria ser sacerdote e proseguir seus estudos elle escolheo (?)¹⁷⁴.

Desejei de levar este irmão por companheiro para Portugal se o Padre Paulo Ofes me não reistira dizendo que antes me daria hum estudante e assi o tornou a levar consigo para a Provincia, o qual como o trabalho fosse grande e a calma muita porque alem de servir os padres elle por sua mão pensava as encavalgadas e o mais do caminho ia a pee, porque era mui fervido e diligente, adoeceo no caminho e deu a alma a Nosso Senhor em Ferrara vespera de S. Tiago santo do seu nome porque ele se chamava Jacobo e foi enterrado dia de S. Tiago pela manhã em hüa igreja de S. Tiago que a iuizo dos padres foi hum arezoado pernostico de sua salvação.

Ahy em Alemanha segundo depois vy muitos irmãos desta qualidade falão muito bem latim e são coadjutores temporaes sem lhes passar pela imaginação estudo ou serem sacerdotes. Quanto a minha desposição fico de saude louvado Nosso Senhor e ha 20 dias que estou em Anvers esperando boa conjunção para me partir porque segundo os padres portuguezes me dizem por mar e por terra ha muy notavel e manifesto perigo. E muitos começam a ser de parecer que posso muito bem ter em Flandes o inverno mas eu confio em Nosso Senhor por meio das orações desse santo collegio ser em Portugal muyto cedo. De Anvers dia do bemaventurado Apostolo : Matheus 21 de setembro de 1573.

Frater indignus
Ignatius Martinus
Restituase outra vez¹⁷⁵.

¹⁷³ O texto que vai em tipo menor, por mancha de água, está ilegível no original e é leitura da cópia da mesma carta que se guarda na BGUC., ms. 505, fl. 54.

¹⁷⁴ Ilegível no original e na cópia acima referida.

¹⁷⁵ Esta anotação é de outra mão.

IV – Charta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha etc.¹⁷⁶

[BPE Cod. CX/1-17, fl. 12v-17v]

Muito desejei acabar minha peregrinação nessa çidade a fim de me consolar *in Domino* com a vista dos reverendos padres e charissimos irmãos desa santa casa como tambem pera lhes contar algüas cousas de muita edificação que vi no caminho. Mas isto não pode ser, porque loguo que cheguei a Evora a obediencia me mandou a Coymbra pera pregar a Quaresma. Farei por carta o que não pude fazer em pessoa e porque¹⁷⁷ nas que escrevi de Barcelona, Roma e Frandes dei conta das reliquias e lugares santos que vi em Aragão, Catalunha, Alemanha, nesta somente refirirei os milagres e reliquias que visitei desde Frandes te Hespanha.

Sendo os padres de parecer eu envernasse em Anvers por no mar e terra aver manifesto perigo quis Nosso Senhor que aa entrada do inverno El rey Philippe mandasse vir de Frandes o Duque de Medinaçeli, ao qual os padres por ser mui devoto da Companhia me encomendarão, parti de Envers a 4 de Outubro 1573 pera Bruxelas aonde estava o Duque. E loguo nesta çidade vi hũa das mais insignes maravilhas que vi em todo caminho, que he hum milagre do Santissimo Sacramento que aconteceo averaa 205 annos, e por ser cousa de muy grande admiração contaloei em summ como collegi de authentica historia e he a seguinte:

No anno 1369 hum judeu morador na çidade de Angia que estaa cinco milhas de Bruxelas veio a esta çidade, e peytou a hum christão novo que avia pouco de judeu se fizera christão, sesenta¹⁷⁸ cruzados que lhe furtasse de algum sacrario a custodia com o Santo Sacramento. Avida a custodia, o judeu a levou a Angia, e em sua casa chamados muitos judeus despeiou a custodia em hũa mesa onde se disserão muytas blasphemias contra o Santissimo Sacramento, mas loguo de hi a poucos dias ouve o paguo, porque andando passeando em hum seu pomar foi saqueado de ladrões e morto. A mulher arreçiosa de lhe acontecer semelhante castigo, tomou a custodia com o Santo Sacramento e entregoua aos judeus de Bruxelas que vivião em hũa rua que ainda aguora se chama rua

¹⁷⁶ Ao lado: Esta he a 4ª charta que o Padre escreveu.

¹⁷⁷ Em «Carta que o Padre Ignacio Martinz escreveu de Coimbra aos padres de S. Roque em que refere o resto de seu caminho de Envers ate Espanha. Escrita a 23 de Abril de 1574» (BPE Cod. CVIII/2-2, fl. 394r-398r) que seria a 5ª carta e que citaremos sempre como «Carta... aos padres de S. Roque»: > Muyto desejei.... porque <.

¹⁷⁸ «Carta... aos padres de S. Roque» [6].

dos judeus, os quais em a synagoga sesta feira dendoenças, quando todos os christãos celebrão a amarguosa paixão do Senhor, despejarão a custodia e lançarão o Santo Sacramento na mesa. E todos derredor começarão a dizer muytas blasphemias de hũa parte e de outra e não contentes com isto crescendo em furia diabolica com facas e punhaes ferirão e trespassarão as sagradas hostias. Cousa maravilhosa, que em começando a ferir começou o sangue a correr, do qual milagre attonitos elles e prasmados cairão em terra como mortos; alevantados, dipois de largua deliberação, recolhidas as hostias ensanguentadas na custodia a entregarão a hũa christã nova que pouco avia que de judia se fizera christãa que a levasse a Colonia pera que não fossem descubertos e prometeramlhe 20 moedas de ouro. Mas a Divina Providencia ordenou que nem tamanho milagre ficasse em segredo nem tão grande peccado sem castigo. E a noyte seguinte foi esta molher amoestada por hum anjo que loguo entregasse a custodia ao cura, porque não era vontade divina que tamanho milagre que Deos obrara pera confirmação da fee christãa e confusão da perfidia judaica ficasse escondido. Loguo que amanheçeo, esta molher levou a custodia ao cura, o qual se não quis entregar dela tee não virem outros sacerdotes, e enformado do negoçio o bispo de Cambrai ordenou hũa solenissima proçissão aonde concorrerão o Duque Vinçelao, duque de Brabantia, e todos os demais senhores e nobres de Frandes e puserão a custodia na see de Bruxelas e os judeus que tão grande mal fizerão forão atazanados com suas molheres e queimados. Esta he a summa da historia e estão aynda agora as 3 hostias alvas inteyras e incorruptas com as facadas que os judeus lhe derão e eu as vi tão de perto que não se metia hũa mão travessa entre mim e as hostias, e¹⁷⁹ contei em hũa sete aberturas das punhaladas que lhe derão. O dia que nos partimos celebrei no altar do milagre com muita consolação e esperança que Deos nos fassa merce no caminho.

Passando por Nossa Senhora de Hao onde Nossa Senhora faz muitos milagres e aonde o Duque se confessou e comungou com algũa de sua gente viemos a Cambrai cidade imperial mui populosa, que estaa a entrada de França. Fazendo os hespanhoes aqui algũa detença porque esperavão por licença de Elrey de França pera passar, eu me fui a pee¹⁸⁰ com o padre ministro do nosso collegio ao collegio duacense que estaa dali a cinco legoas. E cuidando eu que fazia mais calidade indo a pee no meyo do caminho topey com o viçe provincial padre nosso Costero que vinha a pee, respondeome que isso era commum em toda a provincia irmãos, e padres mestres e superiores andar a pee por mais

¹⁷⁹ «Carta... aos padres de S. Roque»: > as vi tão de perto que não se metia hũa mão travessa entre mim e as hostias e <.

¹⁸⁰ «Carta... aos padres de S. Roque»: > a pee <.

longe que estee hum collegio do outro. E contoume mais hũa cousa de muyta edificação .s. que o nosso Padre Everardo Geral que agora hee sendo provincial da Companhia em duas provincias de Frandes e do Rheno que são amplas e muy distantes as visitava ambas a pee, de modo que andava da Alemanha alta a baxa e da baxa a alta tudo a pee, trazendo consigo hum irmão de boas forças que lhe levava alguns papeis necessarios, o que muito mme espantou polla diffculdade dos caminhos, porque naquella terra chove quasi todo anno¹⁸¹.

Chegando ao collegio duacense acheu peguado com elle hum collegio do qual os nossos tem cargo em que estaa hum seminario dos mais insignes que aa na igreja de Deos, sendo 250 collegiaes alemães, franceses, flamengos, escoçeses, hibernios e entre estes avia perto de 50 religiosos de diversas religiões que os abades entreguam aa Companhia pera que lhos crie em letras e costumes com os outros collegiaes. O edidicio estaa meyo feyto e vaise acabando a grande pressa e quando se acabar dizem que caberão nelle 600 collegiaes, que não serão pequeno socorro pera aquella terra em que da fee estaa tão debilitada e cayda. Este collegio fez hum abade que teraa de renda 20 tantos mil cruzados de renda ao qual nosso Padre Geral deu os Exercícios sendo provincial nesta terra e aly lhe deu Nosso Senhor vontade pera gastar esta renda neste seminario.

Torney a Cambray donde me parti com o Duque pera França, o qual levava em sua companhia hum gentilhomem camareiro de elrey de França que o mesmo rey lhe mandou pera que o acompanhasse tee Hespanha. Este era muyto bom homem, e catholico, porque allem de nos segurar o caminho, tomando gente onde era necessario, a mim me fez muita charidade, porque por sua boa industria me fez Nosso Senhor merce que por toda França disse cada dia missa que era grande consolação pera os hespanhoes e grande edificação pera a gente dos lugares por honde passamos.

Duas legoas de Paris em o mosteiro de Sam Dinis aonde se coroam e enterram os reis de França, vi a cabeça de Sam Dinis e o calis com que celebrava, e a escrevaninha em que escrevia e estaa ali tambem o livro da *Coelesti Hierarchia* escrita de mão em greguo o qual dizem qu'elle mesmo escreveo per sua mão. Vi hũa espada de S. Luis, e a cabeça e hum braço de Sam Bento. Vi mais hũa reliquia que muito me consolou .s. hum braço de S. Simeão o velho com o qual sustentou o Minino Jesus entoando aquelle divino cantico *Nunc dimittis servum tuum Domine*, etc.. E pera que a consolação nesta parte fosse inteyra fui a achar o outro braço na see de Paris. Assi que me fez Nosso Senhor tanta merce que tomey com meus indignos braços ambos os braços que receberão e sustentarão o Salvador do mundo. E o que sobre tudo me alegrou, foi

¹⁸¹ «Carta... aos padres de S. Roque»: > E cuidando eu ... quasi todo anno <.

o que direi. Estaa ali hum cravo dos da cruz de Christo nosso Redemptor mui grosso e comprido e avanteiado em algũa maneira ao de Roma, porque ho de Roma estaa despontado, mas este tem ponta e he como de espada largua e aguda de ambas as partes. Deste cravo me fizerão charidade tiralo da caxa onde estava e puserão no mas minhas mãos. E assi os espanhoes e eu o adoramos, beijamos e nelle tocamos nossas contas. Finalmente vi neste mosteiro outras cousas que mostram bem a devação dos reis de França .s. a capa que cobrem e a espada que cingem quando se coroão; hum corno de alicorne de grande preço e tem de comprimento des palmos e meyo meus; hũa lanterna de peças toda de christal e latam da qual usarão os judeus na noyte escura em que prederão o Salvador do mundo; hũa taça de ouro e pedras preciosas mui grandes por que bebia Salamão; hum escritorio de ouro e pedraria fulgentissimo de Carlo Magno.

Em Paris vi o collegio onde estudou e deo principio a Companhia o nosso bemaventurado Padre Ignacio aonde aa grande concurso de estudantes que ouvem dos nossos e alem disso tem os padres a sua conta çento e cinquenta collegiaes e os mais delles são nobres, que não hee pequeno seminario pera terra tão necessitada. E quanto ás reliquias ficamos maguados porque vindo muito desejosos de ver a coroa de espinhos com que Nosso Senhor foi coroado, e a espongia com que lhe derão vinagre na crus, as quais reliquias estão ambas na capella santa que estaa nos paços de Elrey, não as podemos ver, porque a chave tinha Elrey de França, o qual era partido pera Lorrenha acompanhar seu yrmão Elrey de Polonia.

Partidos de Paris, viemos a Putiers e Bordeos celebrando sempre como assima disse, ainda que os caliços communmente erão de estanho e os ornamentos tão pobres como os com que enterrão os nossos padres defuntos. E hum domingo nos fez Deos nesta parte merce porque domindo ao sabbado em hum lugar aonde a igreja estava derrubada e não se achou aparelho pera dizer missa, disse eu ao Duque querendose partir que a derradeira diligencia que ficava por fazer era ficar eu em iejum tee o meio dia, e que aprazendo a Nosso Senhor podia ser que no caminho achassemos algum altar pera celebrar. Parecolhe bem, dahi a duas legoas nos disse hũa francesa velha catholica que fossemos de pressa, que dali a hũa legoa achariamos hum altar. Adiantamonos entam o gertilhomem da camara de Elrey de França e eu e quis Nosso Senhor que na primeira casa que preguntamos aonde se acharião os ornamentos e hum sacerdote, era a propria aonde estava o saçerdote e os ornamentos. Erão ia as 11 e tres quartos, e eu que acabava de me revestir, o Duque chegua. O qual se apeou com toda sua gente e foi a missa de mais espanhoes ouvida que todas as que disse, porque nas outras faltavão alguns por occupação, nesta se acharão todos. E não soamente elles, mas tambem a gente do lugar concorreo espantandose fazer tanto caso da missa. E tinha rezão de se espantar porque naquelle lugar he nos mais de Putiers

tee Bordeos todas as igrejas estavam no chão, entre as quaes estava tambem no chão a sumptuosa igreja de Nossa Senhora de Clori, a qual Senhora fazia muitos milagres em França, assi como Nossa Senhora de Guadalupe em Castella. E era de tanto concurso e devação que atee os reis de França antigamente vinhão a pee de Blesa que sam seis legoas.

Antes de Bordeos, passando por hum lugar que estava perto de Rochella, que era o passo mais periguoso e onde se dizia que ae aparelhavão algúas çiladas ao Duque, quis Nosso Senhor que hum capitão de Elrey de França de 600 de cavallo lhes viesse fazer a pagua a mesma noyte que chegamos, e este capitão fez muyto gasalhado ao Duque e o acompanhou e segurou. Disseme dipois o Reitor de Bordeos que fora hũa grande merce de Deos *parabuntur enim insidia duci*. Aqui em Bordeos tiveram os hespanhoes hum grande alivio, assi por se verem fora do principal periguo do caminho de França, como porque nesta cidade de Bordeos acharem hum collegio da Companhia, o qual se parecia ia com os da Espanha, porque com correr pouco mais de hum anno que se começou, estaa ia quasi acabado o edificio e os estudantes são perto de 600 e tão aproveytados na fee e nos costumes, que donde no principio do collegio não querião ouvir missa nem soamente entrar na igreja, aguora ouvem suas missas cada dia , e se confissão frequentemente e comungão que parecem huns religiosos. Fizerão muitos epigramas ao Duque que vistou o collegio.

De Bordeos viemos a Bayona aynda com arcabuzeyros de guarda, mas com menos periguo; e de Bayona a Fonterabia , primeiro lugar de Espanha aonde o Duque com todos os seus foi reçebido com muyta alegria e charidade, porque alem de todas as torres tirarem muitos tiros a entrada lançava a gente das ianellas triguo e aguoa rosada sobre os espanhoes. Nesta fortaleza se alegrarão muyto os espanhoes, porque nos achamos gente não soamente catholica, mas a meu iuizo dos milhores christãos que aa na igreja de Deos, porque não somente Fonterabia, mas toda aquella provincia de Guipuzcoa por onde passamos me pasmou nesta parte; primeiramente tense grande reverencia aos saçerdotes: quando dizem missa nova lhe tirão ordinariamente em esmola cento e tantos cruzados, e o que tem ordens de Evangelho quando diz o primeiro evangelho lhe tirão esmola que valeraa 50 cruzados. A estima que la se tem os fidalgos se tem cá¹⁸² aos sacerdotes, porque o melhor da terra hee pera a missa¹⁸³ do sacerdote, se o elle quer; soo os sacerdotes tem Dom, os nobres nomeãose pollas casas, e os sacerdotes como

¹⁸² «Carta... aos padres de S. Roque»: «A estima em que [qua] se tem os fidalgos, se tem [la] os sacerdotes», o que, sendo a carta datada de Coimbra, é mais compreensível. Teria Inácio Martins utilizado apontamentos que escrevera à passagem de Guizpucoa?

¹⁸³ «Carta... aos padres de S. Roque»: [meza].

são tão estimados, são mui castos e exemplares. A charidade dos proximos hee tanta, que quando aa algum defunto, não soamente os parentes, mas todo o lugar no mortuorio e xequias offerece offertas e candeas por elle, as quais eu vi em S. Sebastião todas ao modo de sera e disserão que as offerecião por o defunto e a honra de S. Sebastião em figura de sera¹⁸⁴. As mulheres são castissimas, e isto assi de parte delas como de parte dos homens, que não a homem que oulhe pera molher casada ou donzella e os homens casados aynda que se ausentem por muytos annos nesta parte tem muyta confiança. Tem hum privilegio da rainha Dona Isabel, que nehüa pessoa com raça de judeu ou mouro possa viver naquella provincia. A qual comprirão tee aqui sem nunca discreparse com alguem e daqui naçe como elles me disserão que como são todos huns e naturaes tem tão grande esforço, que 1500 homens que estão na fortaleza de S. Sebastião affirmão que não tem nenhum medo a toda a França.

Desta catholica e limpa proviñcia de Guipuzcua hee natural o bemaventurado Padre Ignacio. Em Sam Sebastião que estaa a 4 legoas da casa de Loyola, tive a verdadeira e plena informação de sua geeração, vida e conversão¹⁸⁵. A mais nobre casa daquella provincia he a de Loyola, com aver outras familias muito principaes. Faley com dous velhos honrados que o conhecerão de vista, dizem que era muy esforçado de sua pessoa, que se tratava muito bem, e que na guerra de Pamplona pellejava num cavallo acubertado; e disse hum: eu o vi levar em húa liteyra dipois da bombardada¹⁸⁶, outro me disse: eu o vi pregar dipois que convertido aqui tornou¹⁸⁷ sacerdote e era mui efficaz e tinha grãa persuasiva pera converter almas a Deos, como de feito ouve grandes conversões e notaveis mudanças de vidas e me disse ainda alguns pontos que eu escrevi. Os mesmos conhecerão ao Padre Francisco Xavier, e dizem que tinha húa connezia em Pamplona que deixou quando entrou na Companhia.

De Guipuscoa passamos o porto de Santo Adrião em húa tarde sem neve, nem demasiado frio, o que naquelle mes raramente acontece, mas tudo isto causarão as orações dos reverendos padres e yrmãos de Portugal.

Em Burgos dipois de celebrar no altar do Santo Crucifixo me despedi do Duque pera tomar a via de Salamanca, por ser mais breve caminho, mas elle de nenhüa qualidade o consentio e dizendo que quanto ao escrupulo que eu tinha as tardança que elle escreveria ao Geral. Eu quando vi sua vontade, como lhe

¹⁸⁴ «Carta... aos padres de S. Roque»: > e disserão que as offerecião por o defunto e a honra de S. Sebastião em figura de sera <.

¹⁸⁵ «Carta... aos padres de S. Roque»: [conversação].

¹⁸⁶ «Carta... aos padres de S. Roque»: [pelourada].

¹⁸⁷ «Carta... aos padres de S. Roque»: > em trajos de <.

estava tão obrigado, porque por me trazer deixou hum capellão seu em Frandes, e todo o guasto me fez pollo caminho, pareceome pouca gratidão deixalo desaviado sem missa por poupar 4 dias de caminho, mas loguo que chegamos 4 legoas de Alcala, antes de irmos a Madrid, ali me despedi delle¹⁸⁸ e de sua gente com muiito sentimento deste apartamento, porque hee muito affeyçado a nossa Companhia e ia dipois que estou em Portugal recebi hũa sua em que me pede que o encomme de aos padres dos collegios. Assi que tive a festa do nascimento em Alcala e a festa da circuncisão em Toledo, onde vi e toquei a pedra onde Nossa Senhora se pos quando, como eu li na vida authentica de Sam Illefonso acompanhada de innumeraveis anjos e apóstolos, martyres, confessores e virgens em remuneração do serviço que este santo lhe tinha feyto confundindo e lançando de Hespanha os herejes que resuscitarão a heresia de Helvidio contra sua perpetua virgindade e pureza lhe deu hum ornamento e gloriosa vestidura, dizendo estas palavras: “porque com fee çerta e pura consciencia quardaste sempre limpeza virginal e com tanto zelo defendeste minha virgindade e pureza, toma esta vestidura dos thesouros de meu filho, pera que nesta vida sejas honrado com ella, e usarás della nas festas de meu filho e nas minhas”. A obra que este santo fez a honra da virgindade de Nossa Senhora achei impressa em Envers e compreya e a tenho aqui em Coymbra. Em Toledo tambem ouvi missa dos Moçárabes que muito me consolou assi por ser antiga, como principalmente por ser devotissima. A festa da Epiphania tive em Nossa Senhora de Guadalupe, e dia dos martyres de Marrochos entrei em Elvas sem embaraço algum nos portos e com saude louvado seja Nosso Senhor. Em Evora achey o padre provincial, o qual como arriba disse loguo me madou caminho de Coymbra pera preguar a Quaresma como preguei sempre com saude, ainda que aguora fico mal disposto. Isto he o que se me offereço escrever a V. R.¹⁸⁹ de meu caminho, e pera o fim desta quadre com o principio, quero acabar em outro milagre do Santissimo Sacramento, o qual aynda que soamente ouvi, he tão çerto e authentico como o que vi e hee o seguinte. Em o tempo do papa Paulo 3º tempo em que os herejes começaram a desfazer na veneração do Sactissimo Sacramento e havia muita frieza e descuido em o acompanhar, quando o levavão aos enfermos, nas terras de Veneza, cinco legoas de Padua¹⁹⁰ estava hũa parrochia rural¹⁹¹, e acontecendo

¹⁸⁸ «Carta... aos padres de S. Roque»: [Sua Excellencia].

¹⁸⁹ «Carta... aos padres de S. Roque»: [V.R. = Vossa Reverencia]. Esperaríamos que nessa carta Inácio Martins usasse o plural (Vossas Reverencias) já que se dirige aos padres e irmãos dessa comunidade lisboeta, mas ou ele ou quem lha escreveu usou o singular, o que parece confirmar que se trata de uma simples cópia da carta ao Padre Miguel de Sousa com algumas variantes.

¹⁹⁰ «Carta... aos padres de S. Roque»: > iunto a hũa herdade do collegio de Padua <.

¹⁹¹ «Carta... aos padres de S. Roque» [cural].

que levando o cura soo com hum moço o Santissimo Sacramento a hum doente fregues que estava em hum casal, passando por hũa parte do campo onde andavão a pascendo muytos asnos, loguo todos aquelles reconhecendo a seu criador deixarão a erva e o pasto e se vierão ao caminho e postos de gíolhos em duas ordens estiverão assi tee chegar o sacerdote, o qual assi como hia passando pollo meyo delles assi se hião levantado e seguindo detraz como em procissão na mesma ordem tee chegarem a casa onde o sacerdote deu o Santo Sacramento, e não se apartando dali tee que o sacerdote acabada a comunhão, e não ficando nenhum sacramento, lhes lançou a benção; e antão todos como que não esperavão outra cousa, fizerão festa¹⁹², e saltando se tornarão ao pasto. Deste milagre hee testemunha não soamente Padua, Roma, e Veneza, mas o Padre Mestre Symão que conta este milagre aos yrmãos deste collegio muytas vezes, e affirma que vio a mesma igreja , e ouviu preguar este milagre em Roma, e em outras partes. Em os santos sacrificios e orações de V. R.¹⁹³ muito me encomendo. De Coymbra hoje 23 de Abril de 1574.

De V. R. servo em Christo
Ignacio Martins.

¹⁹² «Carta... aos padres de S. Roque» > fizerão festa <.

¹⁹³ «Carta... aos padres de S. Roque»: Novamente o singular pelo plural esperável. Conf. nota 189.

APÊNDICE IV

Quadro Cronológico e Topográfico das Pregações do Padre Inácio Martins, S.J.

ANO	CIDADE	IGREJA	OCASIÃO LITÚRGICA OU TEMA DE SERMÃO	FONTE
1565	Lisboa	Capela Real	Anunciação da Virgem	Cod. 3501
1571	Lisboa	Graça	Jubiléu – Guerra contra os Turcos	P.R. Soares, <i>Memorial</i> , 55
1572	Lisboa	S. Domingos	Vitórias de D. Luis de Ataíde	P.R. Soares, <i>Memorial</i> , 64
1574	Lisboa	S. Roque	Dom. 7ª post Pentecostem	Cod. 3501
1576	Coimbra		Auto de fé.	Cod. 3502
1578 ¹	Coimbra	Sé	Exéquias D. Sebastião	Cod. 3502
1578	Lisboa	Santa Clara	Dom. infra octavam	Cod.6271
1580	Lisboa	Mosteiro da Trindade	Conceição da Virgem	Cod. 3501
1580	Lisboa	Santo-o-Velho	S. Miguel	Cod. 6271
1581	Lisboa	S. Roque	S. Simão e S. Judas	Cod. 3501
1581	Lisboa	Madalena	Santa Marta	Cod. 6271
1581	Lisboa	Santa Justa	S. Cosme e Damião	Cod. 6271
1583	Lisboa		Conceição da Virgem	Cod. 3502
1583	Lisboa	S. Tomé	S. Tomé	Cod. 3501
1584	Lisboa	«na própria igreja» (Mártires?)	De festa sanct.martyrorum	Cod. 3501
1584	Lisboa	Carnide	S. João Baptista	Cod. 3501
1584	Lisboa	Madalena	S. Miguel	Cod. 3501
1584	Lisboa	Misericórdia	Dom. 18ª post Pentecostem	Cod. 3501
1584	Lisboa	Misericórdia?	S. Tiago	Cod. 3501
1584	Lisboa	Paço		Cod. 3501
1584	Lisboa	Paço	SS. Sacramento	Cod. 3501

¹ «Em 18 de Setembro de 1578»

1584	Lisboa	S. Roque	Natividade	Cod. 3501
1584	Lisboa	S. Roque	S. Jerónimo	Cod. 3501
1584	Lisboa	S. Roque	Dom. 4 ^a post Epiphaniam	Cod. 3501
1584	Lisboa	S. Roque	Dom. 6 ^a post Pentecostem	Cod. 3501
1584	Lisboa	S. Roque	Dom. 13 ^a post Pentecostem	Cod. 3501
1584	Lisboa	Santa Marta	S. Francisco	Cod. 3501
1584	Lisboa	Santa Marta	Todos os Santos	Cod. 3501
1584	Lisboa	São Gião	Santo Elói	Cod. 3501
1584	Lisboa	São Gião	S. Tiago (2 ^o sermão)	Cod. 3501
1585	Lisboa	«Castelo na freguesia»	Invenção da Santa Cruz	Cod. 3501
1585	Lisboa	«freguesia de S. José»	S. José	Cod. 3501
1585	Lisboa	Colégio	Santo Antão	Cod. 3501
1585	Lisboa	Igreja Nova	Nascimento de N ^a S ^a	Cod. 3501
1585	Lisboa	Misericórdia	Festa S. Filipe, S. Sebastião, S. Vicente?	Cod. 3501
1585	Lisboa	N ^a S ^a Oliveira, «nova confraria»	In festis S. Ignatii	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Jorge	Santo Aleixo	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Jorge	Santíssimo Sacramento	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Roque	3 ^a Oitav. da Páscoa	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Roque	Dom. 3 ^o post Paschoam	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Roque	Dom. 12 ^o post Pentecostem	Cod. 3501
1585	Lisboa	S. Sebastião Mouraria	Santa Inês	Cod. 3501
1585	Lisboa	S ^a Consolação-Arroios	N ^a S ^a dos Prazeres	Cod. 3501
1585	Lisboa	Santa Catarina		Cod. 3501
1585	Lisboa	Santa Clara	Assunção de N ^o S ^a .	Cod. 3501
1586	Lisboa	«em casa de S. Roque»	Santo António	Cod. 3501
1586	Lisboa	«freguesia» (S. Jorge?)	S. Jorge	Cod. 3501
1586	Lisboa	«na própria igreja»	S. Filipe e S. Tiago	Cod. 3501
1586	Lisboa	Alfama	S. João Evangelista	Cod. 3501
1586	Lisboa	Chagas	N ^a S ^a dos Prazeres	Cod. 3501
1586	Lisboa	Loreto (Confraria)	Santo António- Sto Antão	Cod. 3501
1586	Lisboa	Misericórdia	S. Lourenço	Cod. 3501
1586	Lisboa	Misericórdia	Exaltação da S.ta Cruz	Cod. 3501

1586	Lisboa	Nª Sª do Monte	«própria festa da Corte»	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Gião	S. Gião	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	S. Pedro e S. Paulo	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	S. Lourenço	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	Oitav. S. Pedro e S. Paulo	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	«prática aos pp. s. irmãos»	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	In vigilia...	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	«Prática aos pp. s. irmãos»	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	Dom.4ª post Pentecostem	Cod. 3501
1586	Lisboa	Santa Ana	Degol. S. João Baptista	Cod. 3501
1586	Lisboa	Santos-o-Novo	Santo Agostinho	Cod. 3501
1586	Lisboa	Trindade	S. Lourenço – S. Vicente	Cod. 3501
1586	Lisboa	S. Roque	Dom. infra.... (ileg.)	Cod. 3502
1587	Lisboa	Chagas		Cod. 3501
1587	Lisboa	S. Roque	Circuncisão	Cod. 3501
1587	Lisboa	S. Roque	SS. Sacramento?	Cod. 3501
1587	Lisboa	S. Roque	«Prática aos pp. s. irmãos»	Cod. 3501
1587	Lisboa	S. Roque	Dom.11ª post Pentecostem	Cod. 3501
1587	Lisboa	Salvador	Visitação de Nª Sª.	Cod. 3501
1587	Lisboa	Santa Catarina	«ad sacerdotes»	Cod. 3501
1587	Lisboa	Santa Catarina	4º Dom. Advento	Cod. 3501
1587	Lisboa	Santa Clara	Santo André	Cod. 3501
1587	Lisboa	Santa Mónica	Santo Agostinho	Cod. 3501
1588	Santarém		S. Paulo	Cod. 3501
1588	Lisboa	Misericórdia	Epifania	Cod. 3501
1588	Lisboa	Nª Sª da Escada	Purificação de Nª Sª	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Cristovão	Natividade da Virgem	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Nicolau	Ilegível	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	S. João Evangelista	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	Ílegível	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	Oitav. Espírito Santo	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	Recebimento das relíquias	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	Santa Apolónia	Cod. 3501
1588	Lisboa	S. Roque	«Prática aos pp. s. irmãos»	Cod. 3501

1588	Lisboa	Salvador	Visitação de N ^o S ^a	Cod. 3501
1588	Lisboa	Santa Clara	N ^o S ^a dos Prazeres	Cod. 3501
1588	Lisboa	Santos-o-Velho	“Na guerra justa contra engreses hereges” ²	Cod. 3501
1588	Lisboa	Sé	Santo Aleixo	Cod. 3501
1588	Lisboa	Misericórdia	“Na procissão de...” (ileg.)	Cod. 6271
1589	Lisboa		S. Pedro e S. Paulo	Cod. 3501
1589	Lisboa	Convertidas	Dom. 15 ^a post Pentecostem	Cod. 3501
1589	Lisboa	Madalena	S. Nicolau	Cod. 3501
1589	Lisboa	Mártires	Feria 2 ^a hebdom.	Cod. 3501
1589	Évora	Misericórdia	Festa da Misericórdia	Cod. 3501
1589	Lisboa	Misericórdia	S. Nicolau Tolentino	Cod. 3501
1589	Lisboa	Misericórdia?	Dom. 5 ^a post Pascoam	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Dom. 2 ^a post Pentec.	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Purificação de N ^o S ^a	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	«Prática aos pp. s. irmãos»	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Inocentes	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Dom. infra Ascensione	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	1 ^o Oitav. post Pentecostem	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Prática aos pp. e irmãos	Cod. 3501
1589	Lisboa	S. Roque	Prática aos pp. s. irmãos	Cod. 3501
1589	Lisboa	Santa Catarina		Cod. 3501
1589	Lisboa	Santa Marta	Madalena	Cod. 3501
1590	Lisboa	S. Roque	Dom. 4 ^a post Epiphania	Cod. 6271
1590	Lisboa	«aos orfãos»	Doze mil virgens	Cod. 3501
1590	Lisboa?	Colégio	«Ascensus est in coelum»	Cod. 3501
1590	Lisboa	Misericórdia	Dom. infra Octav. Nativit.	Cod. 6271
1590	Lisboa	Misericórdia	Dom. 10 ^a (post Pentec.?)	Cod. 6271
1590	Lisboa	S. Luis	Reis	Cod. 3501
1590	Lisboa	S. Roque	Exéquias P. Jorge Serrão, S.J.	J. Card., <i>Agiol. Lusit.</i> , III, 192

² “Estava o Senhor fora do sacratio”.

1590	Lisboa	S. Roque	Sobre os votos aos Professos	Cod. 3502
1590	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres et frates	Cod. 3502
1590	Lisboa	S. Roque	Concio ad frates	Cod. 3502
1590	Lisboa	S. Roque	Concio ad frates <i>de silentio</i>	Cod. 3502
1590	Lisboa	S. Roque	<i>Facta sub nuptia</i> (Job 3)	Cod. 6271
1590	Lisboa	S. Roque	Dom. 4ª post Epiphania	Cod. 6271
1590	Lisboa	Santa Catarina	Dom. 18ª post Pentecostem	Cod. 6271
1590	Lisboa	Misericórdia	Dom. 10ª post Pentecostem	Cod. 6271
1590	Lisboa	Santa Justa	Ascensão	Cod. 3501
1590	Lisboa	Santos-o-Novo	Circuncisão	Cod. 3501
1590	Lisboa	Santos-o-Novo	Nascimento da Virgem	Cod. 6271
1590	Lisboa	S. Roque	Não tem	Cod. 6271
1590	Lisboa	Misericórdia	S. Boaventura	Cod. 6271
1590	Lisboa	Santa Justa	SS. Trindade	Cod. 6271
1590	Lisboa	S. Roque	S. Pedro e S. Paulo	Cod. 6271
1590	Lisboa	“Na festa em Lisboa”	Santo Aleixo	Cod. 6271
1590	Lisboa	Madalena	Santa Ana	Cod. 6271
1590	Lisboa	Misericórdia	“quando traziam os ossos”	Cod. 6271
1590	Lisboa	Paço	Santo André	Cod. 6271
1590	Lisboa	S. Tomé	SS. Sacramento	Cod. 6271
1591	Lisboa	S. Roque ³	Sancta Symphrodosa cum septem filiis	Cod. 6271
1591	Lisboa		Degolação de S. João Baptista	Cod. 6271
1591	Lisboa	S. Roque	Santíssimo Sacramento	Cod. 6271
1591	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3502
1591	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3502
1591	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3502
1591	Lisboa	S. Roque	Batismo de catecúmenos	Cod. 3502
1591	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3502
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde	Cod. 3503

³ «No refeitório em S. Roque 1591 em honra de hum braco que temos»

1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde – aos casados	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde – da gente moça	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde – aos velhos	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde – dos senhores e criados	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde sobre o Apocalipse	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde sobre os Apocalipse	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde sobre o Apocalipse	Cod. 3503
1591	Lisboa	S. Roque	Pregações no Advento à tarde sobre o Apocalipse	Cod. 3503
1591	Lisboa	Santa Marta	Santa Clara	Cod. 6271
1591	Lisboa	Misericórdia	Exaltação da Cruz	Cod. 6271
1591	Lisboa	S. Sebastião Mouraria	S. Vicente	Cod. 6271
1592	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Genesis 27	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Genesis 29	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Genesis 30	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Genesis 32	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Genesis 33	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Feria Sexta- <i>Diligite inimicos vestros</i>	Cod. 3503
1592	Lisboa	S. Roque	Post Octav. Eucharistiae	Cod. 3502
1592	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3501
1592	Lisboa	S. Roque	Dom. 3ª Octav. Páscoa	Cod. 6271
1592	Lisboa	S. Roque	Santo António	Cod. 6271
1592	Lisboa	S. Roque	S. Vicente	Cod. 6271
1592	Lisboa	S. Roque	Concio ad fratres	Cod. 3502
1593	Lisboa	S. Roque	Pregação aos catecúmenos	Cod. 3502

1593	Lisboa	S. Roque	Concio ad patres	Cod. 3502
1593	Lisboa	S. Roque	Sexta-feira da Quaresma	Cod. 3503
1593	Lisboa	S. Roque	Santissimo Sacramento (“pelas necessidades de França e do regno”)	Cod. 6271
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>1ª Pater ignosce illis...</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>2ª Amen dico vobis</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>3ª Mulier ecce filius tuus</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>4ª Deus meus, Deus meus.</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>Sitis</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>Consumatum est</i> »	Cod. 3503
1593	Lisboa	Santa Justa	Pregações na Quaresma à Sexta-feira à tarde sobre as sete palavras: « <i>Pater; in manus tuas comendo spiritum meum.</i> »	Cod. 3503
1594	Lisboa	S. Roque	S. Gregorio Taumaturgo	Cod. 3502
1594	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Patriarca Josephus – Gen. 31	Cod. 3503
1594	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Patriarca Josephus – Gen. 39	Cod. 3503
1594	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Patriarca Josephus – Gen. 40	Cod. 3503

1594	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Patriarca Josephus – Gen. 41	Cod.3503
1594	Lisboa	S. Roque	Pregações na Quaresma à tarde sobre o Patriarca Josephus – Gen. 47-48	Cod.3503
1594	Lisboa	Santos-o-Novo	Descimento da Cruz	Cod. 3502
1595	Vila Viçosa		Jubileu pela guerra contra os turcos ⁴	Cod. 3501
1595	Vila Viçosa		Jubileu pela guerra contra os turcos (“2º sermo”)	Cod. 3503
1595	Lisboa	S. Roque	Concio ad cathecumenos	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vitória	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa” ⁵	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vicoria	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa”	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vitoria	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa”	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vitória	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa”	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vitória	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa”	Cod. 3503
1596	Lisboa	Nª Sª da Vitória	Quarta-feira da Quaresma – “Mater Dolorosa”	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão ⁶	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão	Cod. 3503

⁴ «Em hum jubileu vindo os turcos contra Ungria 1595 sendo papa Clemente Septimo»

⁵ «Pregações que fez as quartas feiras da quaresma a tarde, todas de Nossa Senhora na paixão de seu filho na igreja de Nª Srª da Victoria em Lisboa, e no fim da pregação mostravase o passo no altar; a 1ª quando se despedio da Virgem sua mãe em Bethania pera ir padecer; 2ª quando S. João lhe deu a nova; 3ª quando se encontrou com seu filho com a cruz as costas; 4ª quando na cruz disse, Mulher ecce fillius tuus; 5ª quando lhe abrirão o lado com a lanca; 6ª quando lhe puserão nos braços. Anno Dm. 1596».

⁶ «Pregações que fez o Pe. Ignacio Martinz as sextas feiras a tarde anno 1596 em Santa Justa em certos passos da paixão e mostravase o passo no fim do sermão na capela de Jesus; 1ª do horto; 2ª a prisão; 3ª a columna; 4ª o coração; 5ª ecce hommo; 6ª quando o puserão na cruz».

1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Justa	Sexta-feira da Paixão	Cod. 3503
1596	Lisboa	Santa Marta	S. Franisco de Paula	Cod. 6271
1596 ⁷	Lisboa	S. Roque ⁸	Concio ad patres	Cod. 3502
1596	Lisboa	Santa Catarina ⁹	Santíssimo Sacramento	Cod. 3502
1596 ¹⁰	Lisboa		Dom. 11 ^a post Pentecostem	Cod. 3502
1596 ¹¹	Lisboa		S. Bartolomeu	Cod. 3502
1596 ¹²	Lisboa		Dom. 13 ^a post Pentecostem	Cod. 3502
1597	Lisboa	N ^a S ^a do Loreto	Nascimento da Virgem	Cod. 6271
1597	Coimbra		Dom. 2 do Advento	Cod. 6271
1598	Coimbra		Circuncisão	Cod. 3501
1598	Coimbra		Sexagesima	Cod. 6271
1598	Coimbra		Septuagésima	Cod. 6271

⁷ «Mense julii quando os engreses tomarão Calix e se temia viessem a Lixboa»

⁸ A identificação do tempo resulta das referências das últimas linhas desta *concio ad patres*.

⁹ «Em S. Catherina estando o Sr. fora, no anno 1596, quando os engreses tomarão Calix e Faro e se temia viessem a Lixboa».

¹⁰ «Anno 1596 quando os engleses herejes derribarão as igrejas e espadacarão as imagens em Calix e Faro» (Entre 16 / 22 de Agosto, já que no texto o pregador diz: “Estamos infra octavam Assumptionis”).

¹¹ «Anno 1596 quando os engreses tomarão Calix e Faro».

¹² «No anno de 1596 que os engleses tomarão Calix e Faro».